

DIEGO VILANOVA TITELLO

A ESCRITA COMO FENÔMENO SEMIOLÓGICO EM ÉMILE BENVENISTE

PORTO ALEGRE

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINHA DE PESQUISA: ANÁLISES TEXTUAIS, DISCURSIVAS E ENUNCIATIVAS

A ESCRITA COMO FENÔMENO SEMIOLÓGICO EM ÉMILE BENVENISTE

DIEGO VILANOVA TITELLO
ORIENTADORA: PROFA. DRA. CARMEM LUCI DA COSTA SILVA

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Vilanova Titello, Diego
A escrita como fenômeno semiológico em Émile
Benveniste / Diego Vilanova Titello. -- 2019.
198 f.
Orientadora: Carmem Luci da Costa Silva.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Escrita. 2. Semiologia da língua. 3. Émile
Benveniste. 4. Linguística. I. da Costa Silva, Carmem
Luci, orient. II. Título.

Diego Vilanova Titello

A ESCRITA COMO FENÔMENO SEMIOLÓGICO EM ÉMILE BENVENISTE

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 21 de outubro de 2019

Resultado: Aprovado.

BANCA EXAMINADORA:

Carolina Knack
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Claudia Stumpf Toldo Oudeste
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade de Passo Fundo (UPF)

Valdir do Nascimento Flores
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Ao meu pai, Abílio, incentivador contumaz dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

A minha família, em especial aos meus pais, Abílio e Clari, pelo amor e pelo exemplo.

Ao Thiago Wunder, que nunca permitiu que eu desistisse. Obrigado por estar aqui, mesmo quando fui ausência.

A todos os amigos, de perto e de longe, pela torcida afetuosa, por compreenderem a importância dos momentos de desabafo e de silêncio. Em especial, à Carine, por todo o incentivo e ajuda, seja na forma de saídas, cafés e viagens.

À minha eterna professora (*in memoriam*) Marlene Teixeira, cujas enunciações faladas e escritas iluminaram não só minhas leituras em enunciação, como também minhas leituras de mundo.

À minha orientadora, Profa. Dra. Carmem Luci da Costa Silva, por quem tenho muita admiração, carinho e respeito. Carmem, muito obrigado pela orientação cuidadosa desta pesquisa e por ter se apresentado como o *tu* que me interrogou e me fez crescer. Sou, de verdade, muito grato.

Ao professor Dr. Valdir do Nascimento Flores, por ter acompanhado todo o processo de construção deste trabalho, desde a banca de qualificação do projeto, passando pela avaliação do artigo e pela qualificação da tese, por sua leitura qualificada, pela interlocução produtiva e pelos apontamentos pertinentes. Agradeço ainda à professora Dra. Claudia Stumpf Toldo Oudeste, por ter participado da qualificação desta tese, pela leitura atenta e pelos comentários pertinentes.

Aos professores que compõem a banca examinadora, pela leitura atenta deste trabalho e por terem aceitado o convite.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelas oportunidades a mim dadas e por estes seis anos de formação acadêmica, em que sempre me senti respeitado e valorizado enquanto aluno e ser humano.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras, representado pelo quadro docente e pela equipe da secretaria, pela atenção contínua e pelos ensinamentos não só sobre Linguística, mas sobre a vida.

Por fim, à CAPES, pela concessão de bolsa que possibilitou a realização desta pesquisa.

*Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras
maiores perguntas.*

João Guimarães Rosa em Grande Sertão: Veredas

RESUMO

Esta tese versa sobre a problemática da escrita oriunda da reflexão de Benveniste presente nas *Últimas aulas*. Nesse sentido, é o Benveniste das *Últimas Aulas*, em relação com o dos *Problemas de linguística Geral*, que acompanha este trabalho na busca por uma proposição de um gesto interpretativo para o problema da escrita a partir da visada semiológica do linguista. Assim, considerando o objeto de pesquisa – a escrita em sua relação com a reflexão sobre a semiologia da língua de Benveniste –, o objetivo geral deste estudo consiste em verificar como o fenômeno da escrita se configura e se desdobra na reflexão semiológica de Émile Benveniste a partir da relação de interpretância da língua com ela mesma. Atrelados a esse objetivo geral, constituem-se duas questões imbricadas uma na outra: 1) Como a escrita se configura a partir da reflexão semiológica de Benveniste? e 2) Se a escrita se revela a partir da relação da língua com ela mesma, o que se produz como escrita dessa relação? Assim, de modo a responder a essas questões, empreende-se um estudo teórico de discussão e análise de diferentes textos dos dois volumes de seus *Problemas de Linguística Geral*, com especial atenção sobre o artigo “Semiologia da língua”, trazendo em contraponto à leitura de seus manuscritos organizados geneticamente por Fenoglio e Coquet na publicação *Últimas aulas*. O trabalho se apresenta em três capítulos, ao longo dos quais defendeu-se que a escrita, à luz da semiologia da língua, constitui-se a partir do retorno sobre a língua, considerando suas próprias unidades e mecanismos de organização e funcionamento. Nessa relação da língua com ela mesma, possibilitada pela interdependência língua-fala, encontra-se a propriedade metalinguística em que a língua reproduz unidades significantes a partir de sua dupla significância. As unidades e mecanismos da língua, na sua dupla significância (semiótico e semântico), reaparecem em outro modo de a língua se apresentar – a *escrita*. É por essa razão que se afirma que a escrita revela-se como a imagem da língua.

Palavras-chave: *Últimas aulas*; problema da escrita; semiologia da língua de Benveniste; *Problemas de linguística geral*; propriedade metalinguística; dupla significância.

ABSTRACT

This thesis deals with the problematic of writing from Benveniste's reflection present in *Last Lectures*. In this sense, it's the Benveniste from *Last Lectures*, in relation to that of *General linguistic problems*, who accompanies this work in the search for a proposition of an interpretative gesture for the problem of writing from the linguistic semiological point of view. Thus, considering the research object - writing in relation to the reflection on Benveniste's language semiology -, the general objective of this study is to verify how the phenomenon of writing configures and unfolds in Émile Benveniste's semiological reflection from the language's interpretive relationship with itself. Linked to this general objective, two questions are formed, related to each other: 1) How is writing configured from Benveniste's semiological reflection? and 2) If writing reveals itself from the relation of language to itself, what is produced as writing of this relationship? Thus, in order to answer these questions, we undertake a theoretical study of discussion and analysis of different texts of the two volumes of *General linguistic problems*, with special attention to the article "Semiology of language", bringing in counterpoint to reading of his manuscripts genetically organized by Fenoglio and Coquet in the publication *Last Lectures*. The work is presented in three chapters, during which it was argued that writing, in the light of language's semiology, is constituted from the return on language, considering its own units and mechanisms of organization and functioning. In this relation of language with itself, made possible by the interdependence of language-speech, is the metalinguistic property in which language reproduces significant units from its double meaning. The units and mechanisms of language, in their double meaning (semiotic and semantic), reappear in another way of presenting the language - writing. This is why it is claimed that writing reveals itself as the image of language.

Keywords: *Last Lectures*; writing problems; Benveniste's language semiology; *General language problems*; metalinguistic property; double significance.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: <i>corpus</i> teórico	63
Quadro 2: Língua e Escrita na Semiologia da Língua.....	181

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A SEMIOLOGIA E A ESCRITA: EFEITOS DA PUBLICAÇÃO DAS <i>ÚLTIMAS AULAS</i>.....	26
1.1 OS ESCRITOS SOBRE A ESCRITA.....	29
1.2 PONTUAÇÕES E REFLEXÕES SOBRE OS EFEITOS DA PUBLICAÇÃO DA OBRA <i>ÚLTIMAS AULAS</i>	52
2 DA CONCEPÇÃO DE LÍNGUA NA REFLEXÃO BENVENISTIANA.....	58
2.1 DA LINGUAGEM À LÍNGUA QUE SERVE PARA VIVER	66
2.2 A ORGANIZAÇÃO DA LÍNGUA: A DUPLA SEMIÓTICO-SEMÂNTICO	76
2.3 A LÍNGUA EM FUNCIONAMENTO NO EXERCÍCIO DO DISCURSO: O PAPEL DA ENUNCIÇÃO NA SEMIOLOGIA DA LÍNGUA	89
2.4 A ESPECIFICIDADE DA LÍNGUA EM RELAÇÃO AOS DEMAIS SISTEMAS DE SIGNOS: A NOÇÃO DE INTERPRETÂNCIA	100
2.5 PONTUAÇÕES E REFLEXÕES SOBRE A NOÇÃO DE LÍNGUA EM ÉMILE BENVENISTE	109
3 DA SEMIOLOGIA DA LÍNGUA À ESCRITA: A AUTOINTERPRETÂNCIA DA LÍNGUA	115
3.1 DIÁLOGO DE BENVENISTE COM PEIRCE E SAUSSURE: UMA ESCOLHA SEMIOLÓGICA NECESSÁRIA.....	116
3.2 A SEMIOLOGIA DA LÍNGUA DE BENVENISTE: CONDIÇÃO DE EXISTÊNCIA DA ESCRITA	125
3.3 AINDA O DIÁLOGO DE BENVENISTE COM SAUSSURE: A QUESTÃO DA ESCRITA	134
3.3.1 A perspectiva saussuriana: a representação da língua pela escrita.....	137
3.3.2 A visada benvenistiana sobre língua e escrita: um debate com Saussure	141
3.4 DO PONTO DE VISTA SEMIOLÓGICO: DE QUE ESCRITA TRATA BENVENISTE?	149
3.5 PONTUAÇÕES E REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA A PARTIR DA AUTOINTERPRETÂNCIA DA LÍNGUA.....	173
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	186
REFERÊNCIAS	191

INTRODUÇÃO

Esta tese, de caráter essencialmente intrateórico, é sobre escrita e semiologia, ou mais especificamente, sobre o lugar da escrita no escopo da reflexão de Benveniste sobre a semiologia da língua. Antes de iniciar a reflexão proposta para esta tese, julgo importante recuperar rapidamente o caminho percorrido por mim até esta etapa, de modo a contextualizar a problemática proposta para esta pesquisa. O ponto de partida para a escrita desse estudo está ancorado, desde os bancos da graduação, na prática de estudo e pesquisa sobre o funcionamento da língua/linguagem como espaço de incessantes buscas por *possíveis* respostas acerca dos infinitos problemas que a linguagem humana suscita. A escolha da palavra “possíveis” não foi fortuita, uma vez que o estudo da língua/linguagem, como qualquer outra investigação que se intitule científica, absolutamente não se contenta com respostas prontas. Émile Benveniste, autor cuja base teórica sustenta minha proposta, ensina-nos que o mundo das perguntas é sempre mais instigante e desafiador do que aquele das formulações prontas e imutáveis.

A respeito disso, Gérard Dessons observa muito bem que a reflexão de Benveniste é sempre resultado de um problema. Ora, não é por acaso que suas principais obras se solidificaram sob o título de *Problemas de Linguística Geral*¹ (doravante, *PLG*): “Em Benveniste, a arte de pensar é desde o início a arte do problema. O problema é um modo de pensar” (DESSONS; 2006, p. 10-11)². Nessa mesma linha de pensamento, Christian Puech (1997, p. 387-388) afirma que “se há estilos de pensamento, e se há um estilo de pensamento propriamente benvenistiano, é aquele da ‘problematização’”³. Desse modo, todo o discurso proferido na tentativa de mobilizar, explicar, ou ao menos de compreender a reflexão benvenistiana deve estar situado também sob essa “*art du problème*”, ou seja, de pensar a linguagem por meio de *problemas*. Sobre isso, Dessons (2006, p. 12, grifo do autor) acrescenta ainda que

O problema implica um sujeito ativo, que não está subjugado ao difícil, mas o “ataca” e, fazendo isso, transforma o desconhecido em conhecido. “Formular” pela primeira vez uma questão, e fazê-lo com “termos próprios”, é indissociar, na própria atividade de pensar, conceitualização e subjetivação. O pensamento, então, se identifica à escrita. E Benveniste *escreve*.

¹ Como citação, farei referência a Benveniste utilizando os volumes da edição brasileira *Problemas de Linguística Geral I* (2005) e *Problemas de Linguística Geral II* (2006), doravante *PLGI* e *PLGII*.

² Nas palavras de Dessons (2006, p. 10), “*chez Benveniste, l’art de penser, c’est d’abord l’art du problème*”. As traduções, salvo as que já se encontram em português, são de minha inteira responsabilidade.

³ Tradução minha. No original, lê-se: “s’il y a des styles de pensée, et s’il y a un style de pensée proprement benvenistien, c’est bien celui de la ‘problématisation’”.

Nesse sentido, para Benveniste, na construção de sua teorização, são as perguntas e a maneira como elas, a cada vez, são formuladas que importa. O antropólogo Darcy Ribeiro, em um texto que aparece em seu livro *Sobre o óbvio: ensaios insólitos* (RIBEIRO, 1979, p.3, grifo meu), afirma:

Acho mesmo que os cientistas trabalham é com o óbvio. O negócio deles – nosso negócio – é lidar com o óbvio. Aparentemente, Deus é muito treteiro, faz as coisas de forma tão recôndita e disfarçada que se precisa desta categoria de gente – os cientistas – para ir tirando os véus, desvendando, a fim de *revelar a obviedade do óbvio*. O ruim deste procedimento é que parece um jogo sem fim. De fato, só conseguimos desmascarar uma obviedade para descobrir outras, mais óbvias ainda. [...] É óbvio, por exemplo, que todo santo dia o sol nasce, se levanta, dá sua volta pelo céu e se põe. Sabemos hoje muito bem que isto não é verdade. Mas foi preciso muita astúcia e gana para mostrar que a aurora e o crepúsculo são tretas de Deus. Não é assim? Gerações de sábios passaram por sacrifícios, recortados por todos, porque disseram que Deus estava nos enganando com aquele espetáculo diário. Demonstrar que a coisa não era como parecia, além de muito difícil, foi penoso, todos sabemos.

Ora, esse modo de produzir ciência, caracterizado pelo fato de *pedir às evidências que se justifiquem*, sabemos, é marca registrada do pensamento benvenistiano, facilmente verificada na pergunta que Benveniste (2005a, p. 287) se faz no artigo “Da subjetividade na linguagem” (2005a): “É notável o fato – mas, familiar como é, quem pensa em notá-lo?” No prefácio de *PLGI*, o linguista destaca: “A linguística progride na razão direta da complexidade que reconhece nas coisas; as etapas do seu desenvolvimento são as dessa tomada de consciência” (*PLGI*, prefácio). Em seus escritos, o que vemos é sempre uma nova perspectiva tornando mais complexo aquilo que antes era visto de modo simplista. Ele reconhece, sim, que a linguagem serve para comunicar, mas que ela está longe de servir apenas para isso; reconhece que a língua é um sistema de signos, mas não é apenas isso; reconhece, sim, que a escrita pode ser compreendida como enunciação, como uso da língua, no entanto deixa ler que ela pode ser compreendida e explicada de outro modo. Dessa maneira, é imbuído desse espírito benvenistiano de problematizar o que é tido como óbvio, como evidente, que tenho o propósito de recolocar em questão a discussão semiológica sobre a relação entre língua e escrita, para analisar qual concepção de escrita Benveniste propõe nas *Últimas aulas* e o que se produz sobre escrita a partir dessa relação. A seguir, portanto, contextualizo o leitor acerca dos caminhos que me levaram a formular o *problema semiológico* da relação língua-escrita. Esse propósito levará à delimitação do objetivo na sequência desta introdução.

A história de minhas reflexões *no e com* o campo⁴ da Linguística da Enunciação de origem benvenistiana vem sendo delineada desde a época da iniciação científica, quando participei de projetos de pesquisa que procuravam analisar marcas/efeitos da (inter)subjetividade em atividades de trabalho, consolidando-se, desse modo, como uma pesquisa imbuída de forte comprometimento com o campo aplicado. Tais projetos foram desenvolvidos na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), sob a coordenação da professora Marlene Teixeira. A participação e o envolvimento neles me permitiu delinear a formação do que vem a ser uma postura de pesquisador: o fascínio pela descoberta. No meu caso, o fascínio pelo mundo da linguagem e das línguas, que abre portas para se descortinar o mundo do homem, uma vez que o homem é quem dá vida à linguagem, e é a linguagem quem dá vida ao homem, em uma relação constitutiva em seu nível mais primordial.

Essa história de enunciações, conforme expressão de Silva (2009), com o campo da Linguística da Enunciação de vertente benvenistiana, na graduação, resultou na produção do Trabalho de Conclusão de Curso, que teve por objetivo analisar, sob o ponto de vista da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, textos de redações de vestibular, no intuito de flagrar a singular relação entre forma e sentido (processo de sintagmatização-semantização) engendrada pelo aluno-vestibulando para a atualização de sentidos e referências do/no discurso. Desse modo, o interesse pelo estudo do texto, associado à teorização enunciativa benvenistiana, já constituía parte de minha trajetória enquanto pesquisador no campo da enunciação, pois o que me interessava, mais que dissecar a língua formalmente em seus diferentes níveis e unidades, era vê-la na boca/mão do locutor em sua relação de intersubjetividade com o interlocutor, ou seja, uma língua para além das puras formas, mas sim como junção de forma-sentido para revelar a proposição subjetiva do locutor no discurso. Foi para essa relação – sempre singular – entre forma-sentido no texto do vestibulando que voltei meu olhar atento e, naquela intensa e produtiva relação, descobri que queria mais.

Esse desejo pelo conhecimento me conduziu ao Mestrado, nesta Universidade, em *Estudos da Linguagem: Teorias do Texto e do Discurso*. Nesse percurso, deparei-me novamente com Benveniste e sua teoria enunciativa, a quem já havia sido apresentado no período da iniciação científica na UNISINOS. Esse reencontro, que, sabemos, nunca é marcado pela repetição, permitiu-me vislumbrar, na teorização de Benveniste, uma reflexão que comportasse a instância da cultura como constitutiva e constituinte *na e pela* linguagem, o que provocou em mim o interesse por investigar de que modo o enlace entre língua-homem-cultura

⁴ Estou definindo campo como uma dada esfera do conhecimento científico que, no conjunto dos saberes, apresenta uma especificidade tal que o individualiza do conjunto, conforme Silva (2009).

se materializava no texto, entendido como resultado de uma enunciação enquanto ato de apropriação da língua. Faltava ainda definir fatos de linguagem para análise, e isso se deu quando tive a oportunidade de cursar uma disciplina do Mestrado ministrada pela professora Lucia Rottava e nela conhecer o conceito de *retextualização*, ao qual me conduziu a formular, em termos enunciativos benvenistianos, o conceito de *ressementização*, para estudar o gênero resumo informativo como a conversão de um discurso-base em outro discurso, estando implicado nesse mecanismo de conversão o locutor-resumidor. A coleta do *corpus* de análise ocorreu quando realizei meu estágio de docência no Projeto de Língua Portuguesa: Leitura e Produção de Textos⁵, do Programa de Apoio à Graduação (PAG), promovido pela UFRGS e coordenado pela professora Dra. Carmem Luci da Costa Silva. Estava delimitado, assim, meu tema de pesquisa e o prisma sobre o qual olharia o objeto: estudar, por intermédio do texto do resumo, o ato de resumir, sob a perspectiva da Teoria da Enunciação de Benveniste. Assumimos como principal hipótese do estudo o fato de que, através do ato de resumir, o locutor-resumidor instancia a subjetividade/intersubjetividade no discurso, promovendo a sua compreensão do texto-base, por meio da escrita de sua leitura do texto-base.

Desse modo, como resultado dessa pesquisa, percebi um modo singular de o locutor-resumidor se instaurar como sujeito em seu resumo, inserindo-se na cultura acadêmica, que está impregnada de valores culturais relacionados aos modos de enunciação desse gênero discursivo – o resumo informativo. Analisei dois resumos na inter-relação entre os planos global e analítico, procurando demonstrar os mecanismos enunciativos de que se vale o aluno-resumidor para marcar o seu movimento de constituição na cultura acadêmica, pois, ao mesmo tempo em que ele – o aluno – apropria-se de mecanismos gerais dos modos de dizer dessa cultura, também se apropria singularmente do texto-base no ato enunciativo da leitura, *ressementizando* esse texto, por meio de um novo agenciamento de formas a partir daquelas presentes no texto-base.

Acredito que a reflexão empreendida sobre o ato de resumir na universidade, concebido a partir de uma abordagem antropológica da linguagem que deriva dos estudos de Benveniste, me autoriza, nesta tese, a propor uma *leitura semiológica da escrita* na perspectiva de linguagem de Benveniste que, por colocar o homem como indissociável da linguagem, tem sido lida e concebida, atualmente, como uma Antropologia da linguagem⁶ (DESSONS, 2006;

⁵ Este projeto, atualmente não mais em atividade, tinha o objetivo de auxiliar os estudantes no aprimoramento de suas habilidades de leitura e escrita no espaço da universidade, habilidades essas essenciais para o sucesso deles nas disciplinas que cursam em suas áreas de conhecimento específicas.

⁶ A presença do homem na língua/linguagem, princípio presente na reflexão de Benveniste, é o que possibilita sustentar uma dimensão antropológica na sua teorização sobre a linguagem. Essa dimensão transversal não só comparece em sua reflexão linguístico-enunciativa, mas também em sua reflexão semiológica, centrada na relação da língua com os outros sistemas semiológicos, com a sociedade e com ela mesma, caso desta tese.

TEIXEIRA, 2012; FLORES, 2013a; MALAMOUD, 2016). Pensar o fenômeno da escrita a partir da abordagem semiológica de Benveniste requer, incontornavelmente, considerar a sua relação com a língua, uma vez que, conforme diz Benveniste, a língua, na relação com ela mesma, produz um sistema à sua imagem, que é a escrita. É importante, aqui, esclarecer que concebo a dimensão antropológica como *transversal* ao pensamento sobre a linguagem em Benveniste, sendo, portanto, um pressuposto de sua teorização – *o homem está na linguagem, na língua e nas línguas* -, o que significa afirmar que as relações de interpretância da língua, base de sua proposta semiológica e dentre as quais situo a relação específica de interpretância da língua consigo mesma, estão contidas na tese central de sua teoria da linguagem, sintetizada na expressão que dá título à quinta parte dos *PLGs*, *O homem na língua*.⁷

Essa proposição de uma abordagem semiológica da escrita deriva da experiência de leitura das *Últimas aulas no Collège de France (1968-1969)*⁸, obra publicada em 2012 por Coquet e Fenoglio e traduzida em 2014 no Brasil, que consiste na reunião e reconstituição de notas de três de seus ouvintes – Jean-Claude Coquet, Jacqueline Authier-Revuz e Claudine Normand – e de manuscritos do próprio linguista, esses últimos que correspondem às aulas que ele preparava para o último curso no Collège de France entre os anos de 1968-1969. Devido à sua gênese particular, trata-se de um texto de caráter fortemente incompleto, devendo, portanto, ser lido a partir do ponto de vista do inacabamento do pensamento ali formulado, ou seja, é fundamental destacar que, embora esses manuscritos possibilitem uma importante retomada das ideias de Benveniste, o que permite leituras mais arejadas de sua reflexão, não se pode desconsiderar a sua condição de manuscritos, estabelecidos por Coquet e Fenoglio, e não textos publicados efetivamente por Benveniste. Além de pontuar essa questão de que o estatuto desses manuscritos não pode ser ignorado, também destaco que, ao utilizá-los como *corpus* textual de pesquisa, tomo o cuidado de citar a fonte daquele dizer, ou seja, se pertence aos manuscritos transcritos de Benveniste ou às notas transcritas dos seus alunos, de modo que as passagens atribuídas aos ouvintes das aulas de Benveniste são acompanhadas de uma notação específica entre colchetes, como segue: [nota de ouvinte].

⁷ É importante lembrar que a quinta parte dos *Problemas de linguística geral*, intitulada de “O homem na língua”, é, no Prefácio do *Problemas de linguística geral I*, nomeada de “O homem na linguagem”. Em concordância com Flores (2013a), penso que a importância da díade língua-linguagem é tanta para Benveniste que, muitas vezes, ele oscila entre o uso de um ou outro termo.

⁸ Dado seu estatuto editorial diferenciado, a obra será referida, aqui, conforme a edição brasileira e de acordo com o seguinte sistema: nome do responsável pela citação (Benveniste ou nota de ouvinte), nome abreviado da obra em português (*Últimas aulas*), ano e indicação da página. Daqui para frente, farei referência à obra como *Últimas aulas*.

É importante informar também que a leitura que faço da obra não possui o objetivo de apresentar todos os desdobramentos ali contidos, mas, considerando as condições em que foi organizada e o fato de ser constituída de notas manuscritas, de deixar-me interrogar pelas formulações do autor a fim de produzir um discurso sobre a natureza da relação semiológica entre a língua consigo mesma para a constituição da *escrita*. Com isso, procuro produzir novos dizeres para explicar a escrita a partir dessa perspectiva semiológica, alicerçando a reflexão em artigos dos *PLGs*, principalmente no texto axial desta tese, o artigo “Semiologia da língua” (BENVENISTE, 2006d). A intenção é propor uma reflexão que avance em relação ao que costumeiramente se afirma sobre o tema da escrita nas *Últimas aulas*: o fato de a noção ali apresentada não se equiparar à noção de enunciação escrita, servindo ao propósito de uma reflexão semiológica de Benveniste. Não discordo, é importante frisar, desse posicionamento, mas acredito que é possível produzir mais interpretações ou explicações sobre a escrita nas aulas, que possibilitam avançar o campo de estudos aberto pelo linguista em “Semiologia da língua”.

Nas *Últimas aulas*, presenciamos a reflexão problematizadora/ruminativa (FENOGLIO, 2009) de Benveniste sobre a relação semiológica entre língua e escrita. Na primeira parte das aulas, que aborda a semiologia em geral⁹ e com uma organização muito similar à que encontramos no início do artigo de 1969¹⁰, há dois objetivos intimamente associados: o de apresentar Saussure como o fundador da Semiologia, em detrimento de Charles Peirce, que não teria tratado a problemática do signo linguístico, e o de estabelecer os limites desse mesmo projeto semiológico enunciado no *Curso de linguística geral*¹¹ (2012), sugerindo avanços em relação à teoria saussuriana. É o que podemos verificar nas *Últimas aulas*, quando Benveniste (2014, p. 93) diz que: “Saussure [...] fundamentou toda a linguística sobre uma teoria do signo linguístico. [...]. Porém, ele não foi mais longe na reflexão sobre a noção geral de signo”. É necessário, portanto, “estender essa reflexão [da semiologia] para além do ponto indicado por Saussure” (BENVENISTE, 2014, p. 105, acréscimo meu). Semelhantemente à discussão empreendida em “Semiologia da língua” (2006d), artigo que será retomado a seguir, aqui Benveniste também discorre sobre a necessidade de ultrapassar a noção de signo de Saussure

⁹ Vale lembrar que, nas *Últimas aulas*, o primeiro capítulo é intitulado somente com o termo “Semiologia”.

¹⁰ Lembro que esta tese não tratará da Semiologia da Língua em Benveniste, mas da *escrita* pensada a partir da semiologia da língua.

¹¹ O *Curso de Linguística Geral* é o texto de Saussure mais referido nesta tese, e não os manuscritos saussurianos (tampouco o *Curso* é posto em relação com eles), não por falta de acesso ao conteúdo dos últimos, mas, sim, em virtude da importância que a obra tem na história da Linguística e também por constituir a fonte de referência de Benveniste em suas aulas no Collège de France. Doravante, as referências à edição do *Curso de Linguística Geral* serão indicadas por *Curso*.

como princípio único, advogando a favor da instauração de uma outra semiologia, que não seja fundada exclusivamente sobre o critério do signo linguístico, mas que comporte o universo do discurso. Ou seja, a semiologia de Benveniste implica o discurso, ao contrário da saussuriana, centrada exclusivamente na língua como sistema de signos.

Nesse sentido, Benveniste dialoga com a reflexão de Saussure na formulação dessa nova semiologia, mas dela se afasta ao propor algo próprio: a noção de *interpretância* como *propriedade exclusiva da língua*. Logo, a semiologia de Benveniste, que se funda a partir da propriedade da interpretância da língua, não equivale à semiologia proposta por Saussure. A partir desse ponto, é que posso afirmar a possibilidade de pensar a escrita a partir de uma perspectiva semiológica, objeto desta tese, como condicionado pela abertura promovida por Benveniste ao formular a tese original da dupla significância da língua (domínio do signo e do discurso) e, por consequência, sua propriedade de interpretância – de si, dos outros sistemas e da sociedade. A *propriedade da significância* possibilita à língua relações de interpretância. Encontram-se, assim, essas noções imbricadas no modo de funcionamento da língua, ou seja, elas dizem sobre a natureza semiológica da língua.

Das diferentes relações de interpretância projetadas pelo linguista, sempre intermediadas e possibilitadas pela língua, interessa-me, especialmente, a relação de interpretância da língua com ela mesma, pois ela, na relação consigo mesma, conforme propõe o linguista, forja o sistema de escrita, visto aqui de uma perspectiva essencialmente semiológica, não mais enunciativa, como costumávamos abordar, enquanto estudiosos da teoria da linguagem¹² de Benveniste.

Surprendemos, nesses manuscritos do autor, a recorrência do olhar do autor, que é sempre marcado pelo problema: *como a língua significa?* É justamente, sob a minha ótica, nesse contexto teórico-metodológico de questionar as evidências e produzir problematizações e explicações sobre a língua e sua propriedade (auto)interpretante que motivou Benveniste a se questionar sobre a escrita, tomando-a, aqui, não mais como um mero código subordinado à fala, nem como enunciação escrita, mas como um *sistema semiológico* que revela a capacidade de *autossemiotização* da língua, ou seja, a capacidade de esta se autointerpretar. Fato que conduz Rosário (2018) à interessante argumentação de a escrita constituir *um outro modo de ser língua*. Desse modo, o sistema de escrita coloca em cena a materialidade da língua, uma vez que, por ele, a língua toma como objeto a si mesma, descobrindo-se *significante* (e, em minha visão, *interpretante*), à maneira de uma metalinguagem, já que que é a própria forma da língua que

¹² Flores (2013a) pontua que as diversas abordagens de Benveniste sobre língua, enunciação e discurso apontam para a existência de uma *Teoria da Linguagem* se considerarmos o conjunto de sua obra.

está em jogo nesse sistema semiológico da escrita que, conforme entendo nesta tese, constitui uma outra forma de o homem significar, experienciando-se na linguagem de um modo novo, graças à propriedade constitutiva e exclusiva da língua de interpretar¹³ a ela mesma.

A publicação das *Últimas aulas* relança a discussão aberta, no *PLG II*, em “Semiologia da língua” (2006d). Nesse artigo, o autor, interessado na problemática da semiologia, reflete a respeito dos diferentes sistemas semiológicos, das relações existentes entre eles e, sobretudo, a respeito do papel da língua entre esses sistemas, apresentando, prospectivamente, as grandes linhas de um novo campo disciplinar – a *semiologia da língua*¹⁴. Essa nova disciplina teria a incumbência de analisar translinguisticamente textos e obras, tendo por base a semântica da enunciação. Essa análise, em suas palavras, resultaria na elaboração de uma *metassemântica*. Em “As perspectivas para o estudo das formas complexas do discurso: atualidades de Émile Benveniste” (2013b), Flores e Teixeira apontam que o artigo, publicado originalmente em 1969 na revista *Semiotica*, “é, de longe, o texto mais complexo de Benveniste”, visto que nele o teórico problematiza a concepção de signo em Peirce e Saussure, formula os princípios das relações entre sistemas semióticos, analisa as relações entre esses sistemas e aprofunda a discussão das noções de *semiótico* e *semântico* como os dois modos de significância da língua. Partindo de um problema, por meio de uma pergunta norteadora – “Qual é o lugar da língua entre os sistemas de signos?” –, o linguista ultrapassa o campo da linguística, como testemunham as palavras de Rosário (2016, p. 207): “[...] Benveniste formula, nesse texto de 1969, os princípios não de uma linguística, mas de uma semiologia. Ou seja, nesse artigo, Benveniste desloca-se de seu campo de estudos e adota uma abordagem semiológica do tema”. Por isso, segundo Flores (2013a, p. 146), “Semiologia da língua” “ocupa um lugar central na reflexão benvenistiana e tem, talvez, uma amplitude não vista nos demais [artigos], na medida em que

Semiótico e *semântico* servem, aqui, para argumentar em favor de uma semiologia diferente da aludida por Ferdinand de Saussure. A semiologia de Benveniste não se funda exclusivamente sobre a noção de signo, tal como em Saussure, mas, sim, sobre o discurso e, principalmente, sobre o aspecto próprio da língua de ser interpretante de si e dos outros sistemas semiológicos.

A *semiologia da língua* seria exatamente decorrente da propriedade que tem a língua de interpretar-se e interpretar os demais sistemas.

¹³ A noção de interpretância, condição para pensar semiologicamente a questão da escrita, será abordada detalhadamente no capítulo 3 desta tese.

¹⁴ Em concordância com as reflexões de Rosário (2016) e Flores (2013a), também assumo a ideia de que a semiologia da língua enquanto nova disciplina formulada por Benveniste ultrapassa o campo de saber da linguística, embora o inclua em seu escopo.

Eis a *ultrapassagem* em relação a Saussure e ela não se dá como uma negação da linguística saussuriana, mas como a fundação de um outro campo: o da semiologia da língua. (FLORES, 2013a, p. 158, grifos do autor)

Benveniste produz, assim, uma semiologia da língua, que se alicerça não somente no ponto de vista do signo, mas também no discurso, no fato de a língua articular semiótico e semântico. A reflexão semiológica sobre escrita nasce desse contexto teórico, uma vez que é a noção de interpretância que possibilita ao linguista chegar à conclusão de que a escrita constitui o instrumento de autosemiotização da língua. Por isso que, como ficará evidente em meu percurso teórico, não há como falar de escrita em Benveniste, dessa perspectiva que estou tomando, sem passar detalhadamente pela discussão dele sobre a noção de língua, sobre o que a faz ser um sistema interpretante por excelência, pois é justamente o entendimento aprofundado dessa noção e de suas implicações, no capítulo 2, que me possibilitará, em um movimento de um gesto interpretativo, analisar como isso repercute na questão da escrita na reflexão do autor, para além daquilo que seus intérpretes já disseram a respeito das aulas. Trata-se, assim, da tentativa de produzir conhecimento, inspirado, evidentemente, nas ideias propostas sobre escrita pelo linguista nas oito aulas dedicadas à temática.

Sendo assim, é desde o lugar de um estudioso da linguagem entendida, numa perspectiva antropológica, como indissociável do homem, que busco Benveniste para fundamentar este trabalho. É com um Benveniste interessado no projeto de uma ciência geral do homem (TEIXEIRA, 2012) que quero dialogar. É através de um Benveniste, sempre interessado no homem que está na linguagem e na língua, que me autorizo a olhar para o sistema semiológico da escrita, uma vez que esta tese tem, sim, como objetivo geral **verificar como o fenômeno da escrita se configura e se desdobra na reflexão semiológica do autor a partir da relação de interpretância da língua com ela mesma.**

Meu propósito é apresentar uma nova possibilidade interpretativa sobre o fenômeno da escrita no contexto da discussão semiológica de Benveniste, isto é, busco, neste trabalho, produzir um gesto interpretativo, que está atrelado à forma como eu atribuo sentido(s) à sua reflexão semiológica sobre a questão da escrita. Nesse sentido, encontrei a necessidade de verificar como a escrita vem sendo tratada a partir da publicação da obra *Últimas aulas*, ou seja, de olhar para os efeitos dessa publicação nos estudos benvenistianos, principalmente nos modos como a escrita passa a ser concebida a partir da publicização dessa obra em contexto francês e brasileiro. Esse percurso constitui o capítulo 1, quando também pontuarei as diferenças desta tese em relação a tais estudos, ou seja, quando assinalarei “a falta” constitutiva a todo processo de conhecimento, necessária para que novos estudos se constituam. O exame que farei nesses

estudos será o de verificar *se exploram e como exploram* a relação semiológica de interpretância da língua com ela mesma para a produção de um sistema a sua imagem, *a escrita*.

A escrita, conforme reflexão de Rosário (2018), representa um *outro modo de ser língua*, configurando-se como uma imagem dela, pois se constrói a partir da língua, a partir da semiologia da língua. Se ela se constitui a partir da semiologia da língua, fica evidente a ligação que há entre a noção de língua e a de escrita para Benveniste e a necessidade de se debruçar sobre a noção de língua, de maneira que, a despeito de o objetivo desta tese ser estudar a escrita nas aulas, a língua comparece como noção absolutamente imprescindível para isso. Por isso, no capítulo 2, perpasso pelas discussões e problematizações sobre língua presente nos *Problemas de lingüística geral I e II*, considerando a língua em sua organização formal e em seu funcionamento (manifestação), condições de a língua, conforme aponta Benveniste em “Semiologia da Língua” – em sua dupla significância (como signos organizados e como discurso atualizado via enunciação) – ser um sistema interpretante dos demais e autointerpretante de si para projetar a escrita.

Seguindo essa argumentação, defendo que a semiologia da língua de Benveniste, “que se fundamenta na propriedade de interpretância da língua e que envolve a relação de interpretância por ele proposta” (ROSÁRIO, 2018, p. 150), é condição *sine qua non* para ele produzir uma reflexão semiológica sobre o sistema de escrita, um sistema que é significado *na e pela* semiologia da língua, a partir da relação de interpretância da língua com ela mesma.

Concebendo a escrita por meio desse prisma semiológico e, portanto, a partir da perspectiva de que ela constitui esse outro modo de ser língua, o que essa relação semiológica entre a língua com ela mesma pode dizer sobre a escrita, ou seja, que sentido(s) ainda podem circular sobre o fenômeno da escrita em Benveniste, a partir do quadro da semiologia da língua? O que significa pensar a escrita como autossemiotização da língua?

Se, conforme diz Benveniste, a língua constitui um sistema semiológico em que, devido à propriedade da dupla significância, torna-se capaz de interpretar a sociedade, os outros sistemas e a si mesma, e a escrita é a prova de autossemiotização da língua, o que é que se produz como escrita dessa relação da língua com ela mesma? É interessante observar o que Benveniste, em suas aulas, diz sobre essa relação entre língua e escrita:

[...] o falante se detém sobre a língua em vez de se deter sobre as coisas enunciadas; ele leva em consideração a língua e a descobre significante; ele observa recorrências, identidades, diferenças parciais, e essas observações se fixam em representações gráficas que *objetivam a língua* e que suscitam, enquanto imagens, *a própria materialidade da língua*. (BENVENISTE, *Últimas aulas* 2014, p. 155, grifos meus).

Ora, se compreendi bem, o linguista, nessa passagem, destaca dois pontos que merecem atenção e que corroboram minha reflexão nesta introdução: 1º) *a escrita objetiva a língua* e 2º) *a escrita suscita a própria materialidade da língua*. Com esses dois princípios objetivamente estabelecidos por Benveniste, fica evidente que *pensar sobre o sistema de escrita implica necessariamente pensar o sistema da língua*, o que justifica, de antemão, o posicionamento metodológico que adoto nesta tese de tratar minuciosamente sobre a noção de língua na obra de Benveniste para pensar a escrita enquanto sistema semiológico.

Dessa maneira, o sistema de escrita implica *o pensar sobre a língua* de uma outra maneira, necessitando, tal como confirmam as palavras do autor, uma *objetificação da língua* envolvendo, portanto, uma reflexão por parte do falante¹⁵ sobre as unidades da língua para poder significar nesse novo sistema semiológico, nessa *língua visível*: o falante “deve ter consciência da língua como realidade distinta do uso que dela faz: isso já é uma operação muito trabalhosa – como bem sabem, por experiência, aqueles que ensinam os rudimentos da escrita às crianças” (BENVENISTE, 2014, p. 129). Assim, para conseguir aceder a esse novo modo de significar, o locutor deve se distanciar do uso habitualmente comunicativo/interacional da língua a fim de dirigir a atenção para suas propriedades linguísticas. Justamente, nesse ponto da reflexão de Benveniste em suas aulas, flagramos o autor recorrer à figura do falante (seja locutor, seja *scriptor*, seja inventor) em sua relação com a escrita. Por isso, considero o fato de que *a escrita enquanto sistema semiológico à imagem da língua tem como condição a atualização da língua, como enunciação*¹⁶. Defendo que a escrita, tomada a partir da semiologia da língua, constitui a possibilidade de se pensar, como desdobramento, na enunciação escrita. Essa ideia será melhor explorada na última seção do capítulo 3 deste trabalho.

Nessa perspectiva, uma vez que a figura do homem intervém no modo de Benveniste pensar a linguagem-língua, não podemos esquecer que, várias vezes, a Linguística procurou afastar o humano do centro de suas investigações a fim de atender a um ideal de cientificidade equivalente ao alcançado pelas ciências exatas e da natureza. Assim, durante boa parte do século XX, os linguistas concederam um privilégio maior à forma acabada em detrimento do processo de intervenção do homem naquilo que lhe é mais íntimo: a língua, e acrescentaria, sua face visível, a escrita. Acredito que cabe aos linguistas, e é desse ponto de vista que situo este estudo, empreenderem pesquisas que contemplem a língua e a escrita para além de sua forma, ou seja,

¹⁵ O termo é usado por Benveniste (*Últimas aulas*, 2014, p. 155), resguardando o fato de essa obra ser o resultado de uma organização, em forma de transcrição, das anotações das últimas aulas de Émile Benveniste no Collège de France.

¹⁶ Essa reflexão sobre a escrita em Benveniste será trazida e aprofundada no capítulo 3 desta tese.

estudar a língua e, no contexto deste trabalho, a escrita, é pôr em evidência que língua e homem são indissociáveis e, conseqüentemente, escrita e homem são interdependentes.

Ciente disso, o modo de fazer ciência não pode prescindir do radicalmente humano, que é a capacidade de produção de sentidos. Isso pelo simples fato de que não há um momento primeiro em que o homem tenha se encontrado com outro homem e, juntos, tenham decidido criar a linguagem ou mesmo uma situação em que a língua esteja dissociada do homem: como Benveniste (2005a) nos ensina que é sempre um homem falando (e escrevendo) com outro homem que encontramos no mundo, uma vez que “não há existência comum sem língua(gem). Conseqüentemente é impossível datar as origens da linguagem, não mais que as origens da sociedade” (BENVENISTE, 2006f, p. 23). É disto que se trata: a linguagem e as diferentes línguas com suas diferentes escritas, inventadas por homens nascidos em diferentes culturas, ensinam-nos o que é ser humano e estar no mundo de linguagem. Eis aí o pressuposto antropológico da linguagem que sustenta a realização deste estudo.

Foi justamente essa articulação entre homem e linguagem que provocou Gérard Dessons (2006) a argumentar que a obra de Émile Benveniste instaura uma antropologia da linguagem. Embora ainda hoje presenciemos o pensamento de Benveniste ser atrelado às marcas enunciativas de (inter)subjetividade (as categorias de pessoa, espaço e tempo), a relação constitutiva entre homem, linguagem/língua e cultura é transversal a sua abordagem sobre a linguagem, fazendo-se presente, portanto, em sua discussão semiológica.

Teixeira e Messa (2015), em “Émile Benveniste: uma semântica do homem que fala”, destacam a amplitude do *universo benvenistiano*¹⁷, que reflete “a espantosa diversidade de domínios, de línguas e de fenômenos estudados por ele” (2015, p. 103). Sobre o universo benvenistiano aludido pelas autoras, que comporta diferentes faces de sua reflexão (o comparatista, o linguista, o teórico da enunciação, o literário, o semiólogo etc.), Rosário (2018, p. 41) afirma que “esse universo [...] não objetiva absolutamente esgotar ou engessar o pensamento do linguista, mas, ao contrário, mostrar seus principais (ou, melhor dizendo, mais evidentes) eixos de interesse e, sobretudo, a pluralidade de sua reflexão”. Ou seja, ao meu ver, a ideia trazida por Teixeira e Messa (2015) de um *universo benvenistiano* é muito feliz, na medida em que permite identificar, no conjunto do pensamento do linguista, os diversos temas que foram por ele abordados, sem perder de vista que “a multiplicidade de interesses que nele encontramos tem seu ponto de convergência na questão da significação” (TEIXEIRA; MESSA, 2015, p. 100). Em meio a essa multiplicidade de interesses, escolho, como já deve ter ficado

¹⁷ Expressão formulada pelas autoras para se referirem ao conjunto do pensamento de Benveniste.

evidente ao longo desta introdução, a face do *Benveniste semiólogo*, interessando-me especificamente pela reflexão sobre a escrita, que está presente em suas últimas e derradeiras aulas no Collège de France, reflexão essa que está em total sintonia e articulação, como mostrarei ao longo deste trabalho, com a discussão apresentada no artigo “Semiologia da língua”. Nesse sentido, a discussão posta por Benveniste em suas aulas sobre a escrita está articulada à reflexão presente no artigo de 1969, visto que, conforme disse anteriormente, a teorização sobre a escrita enquanto sistema de autossemiotização da língua decorre da semiologia da língua, que, por sua vez, se funda a partir do modo único de a língua significar pelo semiótico e pelo semântico. Em outras palavras, esses dois textos – dotados, é bom ressaltar, de estatutos editoriais distintos - precisam ser colocados em contraponto, uma vez que, em ambos, o que está em foco é a língua enquanto sistema dotado da propriedade de interpretância e as relações de interpretância que decorrem dessa concepção; em suma, a semiologia da língua é tema central desses dois textos, estando, portanto, a escrita atrelada a essa reflexão.

Esta tese acompanha o chamado feito por Flores (2013a), no último capítulo de sua *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste* (2013), aos linguistas: “É tempo de reler Benveniste” (2013a, p. 191), visto que, segundo o autor, “muito há para ser entendido [...] a partir do que os manuscritos trazem se tomados em relação com o que se conhece dos *Problemas...*” (FLORES, 2013a, p. 192, grifo do autor); é justamente o que procuro empreender neste trabalho ao articular a discussão sobre semiologia e escrita presente nas *Últimas aulas*, com alguns textos selecionados dos *PLGs*, principalmente o artigo “Semiologia da língua”, no qual o linguista aprofunda a discussão sobre a dupla significância da língua que culmina no conceito-chave de sua semiologia, a noção de interpretância, que é condição para tratar das diferentes relações de interpretância que a língua estabelece com os outros sistemas semiológicos, inclusive com si mesma.

Portanto, é o Benveniste das *Últimas Aulas*, em relação com o dos *PLGs*, que me acompanhará na busca por uma possibilidade de interpretação para o sistema de escrita na reflexão semiológica de Benveniste. Nesse sentido, considerando o objeto de pesquisa – *a escrita em sua relação com a reflexão sobre a semiologia da língua de Benveniste* –, o objetivo geral deste trabalho consiste, conforme já enunciado, em **verificar como a questão da escrita se configura e se desdobra na reflexão semiológica de Émile Benveniste a partir da relação de interpretância da língua com ela mesma**. Articulados a esse objetivo geral, delimito meus dois problemas de pesquisa, quais sejam: 1) **Como a escrita se configura a partir da reflexão**

semiológica de Benveniste? e 2) Se a escrita se revela a partir da relação da língua com ela mesma, o que se produz como escrita dessa relação?

Assim, de modo a responder aos meus problemas de pesquisa, empreendo um estudo teórico de discussão e análise de diferentes textos dos dois volumes de seus *Problemas de Linguística Geral*, com especial atenção sobre o artigo “Semiologia da língua”, trazendo em contraponto à leitura de seus manuscritos organizados geneticamente por Fenoglio e Coquet na publicação *Últimas aulas*. Acredito que o estudo detalhado e a análise de diferentes textos de seus *PLGs* - em contraponto com os manuscritos de suas aulas no Collège de France - me permitirão discutir meus dois problemas de pesquisa acima apresentados.

Nesse sentido, de modo a atingir meus propósitos, o trabalho se organiza em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “A semiologia e a escrita: efeitos da publicação das *Últimas aulas*”, detenho-me no modo como a temática sobre a escrita tem comparecido nos estudos franceses e brasileiros após a publicação das *Últimas aulas*, com o propósito de verificar como a escrita é concebida nesses estudos e como a relação de interpretância da língua com ela mesma em sua projeção como *escrita* é desenvolvida/explicada.

O segundo capítulo, intitulado “Da concepção de língua na reflexão benvenistiana, tem como objetivo compreender em toda sua profundidade a concepção benvenistiana de língua, de modo a depreender o caminho teórico percorrido pelo linguista para formular o princípio de interpretância da língua e, por ele, fundar as bases de uma abordagem semiológica da escrita. Em outras palavras, o objetivo desse capítulo é percorrer a obra de Benveniste (mais especificamente, os *Problemas de Linguística Geral I e II*) para apresentar a reflexão que ele faz especialmente sobre a noção de língua, uma vez que ela é determinante para compreender o cerne de sua semiologia, a *Semiologia da língua*, que, por sua vez, é o que possibilita a Benveniste pensar a escrita não mais apenas como uso da língua, mas como outro modo de ser língua, que revela, sobretudo, a capacidade da língua de interpretar-se e autossemiotizar-se.

O terceiro e último capítulo, intitulado “Da semiologia da língua à escrita: a autointerpretância da língua”, tem como objetivo, inicialmente, apresentar a leitura que Benveniste fez das semiologias de Saussure e Peirce, tendo em vista que esses dois últimos são considerados pioneiros na reflexão sobre o signo e a semiologia e, conseqüentemente, autores com os quais Benveniste dialoga, tanto em “Semiologia da língua” quanto nas *Últimas aulas*. O linguista parte das formulações desses dois teóricos para argumentar em prol de uma semiologia própria, que seja fundada a partir da significância da língua, desdobrada em semiótico e semântico. Em um segundo momento, tratarei do diálogo que Benveniste estabelece com Saussure sobre a temática da escrita, a partir de pontos de aproximação e distanciamento

entre os dois. Essa discussão orienta e organiza, de certa maneira, minha discussão no último item do capítulo, cujo objetivo é verificar como a escrita se apresenta nas *Últimas aulas*, como essas presenças são problematizadas e como são relacionadas à língua. Com isso, busco, na seção, apresentar qual escrita, dentre as noções de escrita presentes na obra *Últimas aulas*, tem o estatuto teórico intimamente associado à língua, verificar se essas escritas se relacionam e como se relacionam e, ainda, explicar como se constitui ou se projeta a *escrita* a partir da relação semiológica da língua com ela mesma e as implicações ou desdobramentos dessa reflexão semiológica, que coloca em relevo a escrita como materialização da língua.

Por fim, traço alguns apontamentos nas **Considerações finais**, realizando, portanto, breve resgate do estudo e retomando o objetivo e os problemas de pesquisa para, por fim, projetar futuros desdobramentos da pesquisa.

1 A SEMIOLOGIA E A ESCRITA: EFEITOS DA PUBLICAÇÃO DAS *ÚLTIMAS AULAS*

Como nesta tese me proponho a realizar um estudo intrateórico da escrita à luz da reflexão semiológica de Émile Benveniste, problematização instanciada a partir da publicação de as *Últimas aulas*, neste primeiro capítulo, detenho-me, primeiramente, no modo como a temática sobre a escrita tem comparecido nos estudos franceses e brasileiros, após a publicação dessa obra para, em seguida, destacar se há, em cada pesquisa, explicação, a partir da reflexão semiológica de Benveniste, sobre como se produz *a escrita* a partir da relação da língua com ela mesma.

Suas *Últimas aulas*, como comentado na introdução desta tese, decorrem de manuscritos relativos às aulas de Benveniste no Collège de France ao longo do ano de 1968 e no início de 1969. Tais manuscritos são organizados e estabelecidos geneticamente por Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio, que também contam com as anotações de aula de três de seus ouvintes – Jacqueline Authier-Revuz, Claudine Normand e o próprio Coquet. Rosário (2018, p.156), a esse propósito, diz que, se a publicação dos *PLGs* constitui um momento chave para a divulgação dos estudos enunciativos em torno da teoria de Benveniste, “a publicação de suas *Últimas aulas*, por sua vez, faz ressurgir a discussão a respeito de sua reflexão semiológica”. Reflexão semiológica essa que é desenvolvida pelo autor durante os anos 60, especialmente em seu artigo cujo título é “Semiologia da língua”. Assim, é possível afirmar que a publicação dessa obra em 2012, na França, provoca uma reconfiguração dos estudos ligados a Benveniste, uma vez que até o lançamento desse livro havia, pelo menos no Brasil e na França, uma predominância em torno de pesquisas benvenistianas relativas à enunciação.

Nessa mesma direção argumentativa, Teixeira e Messa (2015), em estudo no qual utilizam a expressão “universo benvenistiano” para se referirem ao conjunto do pensamento de Benveniste, sublinham que a publicação do texto com os manuscritos de Benveniste sobre as aulas no Collège de France retoma a discussão de ordem semiológica introduzida em “Semiologia da língua”. Ou seja, as autoras observam que há uma relação de proximidade entre o artigo e as aulas no Collège de France: a despeito do estatuto editorial diferenciado, ambos tratam especificamente do tema da semiologia da língua, problemática que ocupou Benveniste no fim dos anos 60. Há, assim, segundo as autoras, paralelo a outras facetas do linguista (*o Benveniste comparatista, o Benveniste linguista, o Benveniste teórico da enunciação etc.*), o *Benveniste semiólogo*. E essa face, que, é bom frisar, não penso que está em relação de oposição

com as outras faces da reflexão do linguista, é a que me interessa nesta tese, cujo objetivo é estudar a escrita do ponto de vista da semiologia da língua de Benveniste.

Em “La place du poème dans la théorie du discours”, Dessons (2009, p.71, tradução minha), a propósito dos manuscritos que são reunidos, mais tarde, na obra *Baudelaire*, sublinha: “Esses manuscritos podem pretender ter o mesmo papel para a teoria de linguagem de Benveniste que Os escritos de linguística geral, publicados em 2002 por Rudolf Engler e Simon Bouquet, [tiveram] para a teoria de Saussure”¹⁸. Isto é, o teórico argumenta que o mesmo que houve em relação a Saussure pode ocorrer com Benveniste – devido ao surgimento e à divulgação de manuscritos desconhecidos do linguista, houve e há uma ampla retomada e releitura de suas ideias, provocando, assim, novas reflexões. Conforme se vê, Dessons se refere, na afirmação, somente aos manuscritos de Baudelaire, mas Sandrine Bédouret-Larraburu e Chloé Laplantine (2015, p.18, tradução minha) afirmam que esse pensamento pode ser estendido às *Últimas aulas*: “Os manuscritos sobre a linguagem poética, assim como o volume das *Últimas aulas*, relançaram a atualidade de Benveniste”¹⁹. Ora, creio que isso justifica por si só uma volta ao estudo do pensamento de Benveniste, principalmente após a publicação das *Últimas aulas*, para desvendar aquilo que ali há de potencialidade.

O chamado feito por Flores, mencionado na introdução deste trabalho, e que foi aceito por mim resume a metodologia que adoto neste trabalho: não busco estudar isoladamente os manuscritos que originaram as *Últimas aulas*, até porque, conforme já referido, trata-se de uma obra que não foi publicada por Benveniste, mas sim apresentar uma leitura (que é, portanto, como toda enunciação, individual) daquilo que há sobre o fenômeno da escrita nas aulas, dialogando com a reflexão que encontramos nos *PLGs*, principalmente no artigo “Semiologia da língua”, no qual presenciamos o desenvolvimento de sua reflexão semiológica.

Nesse mesmo capítulo, Flores (2013a, p.180) ainda afirma que, “se articulados ao conjunto da obra benvenistiana [...], [esses trabalhos] sinalizam a formulação de uma teoria da linguagem em sentido amplo, na qual a enunciação tem indubitável lugar de destaque, mas que a transcende”. Nesse sentido, o autor evidencia a preocupação de “não reduzir o pensamento sobre a linguagem elaborado por Benveniste à teoria da enunciação”, e é isso que busco realizar nesta tese: ao contrário de muitos trabalhos que circunscrevem a abordagem da escrita ao contexto da enunciação, ela não se reduz a esse contexto no teoria de Benveniste. Este, sim,

¹⁸ Ces manuscrits peuvent prétendre jouer le même rôle dans la théorie du langage de Benveniste que Les Écrits de linguistique générale, publiés en 2002 par Rudolf Engler et Simon Bouquet, avaient pour théorie de Saussure. (DESSONS, 2019, p.71).

¹⁹ Les manuscrits sur le langage poétique, ainsi que le volume des Dernières Leçons, relancé les nouvelles de Benveniste. (BÉDOURET-LARRABURU; LAPLANTINE, 2015, p.18).

refletiu sobre a escrita no contexto da enunciação, tanto é que ele emprega o termo “enunciação escrita” em seu último artigo publicado, “O aparelho formal da enunciação”, no entanto, o linguista, principalmente após suas aulas no Collège de France, deixa claro que a escrita pode ser compreendida e abordada de outro modo, a partir de um olhar semiológico, ou seja, a partir de uma reflexão sobre a língua e sua propriedade da interpretância. Em relação à escrita nas *Últimas aulas*, Flores (2018, p.407) afirma que o contexto em que a discussão sobre a escrita aparece “é muito diferente do contexto em que a expressão *enunciação escrita* aparece em ‘O aparelho formal da enunciação’”. E isso se deve, segundo o autor, porque, nas aulas, “a intenção de Benveniste é situar-se na discussão aberta por Saussure relativamente à ‘Semiologia’ e ao lugar da língua frente os demais sistemas semiológicos”. É nesse contexto epistemológico que deve ser referida a questão da escrita nas aulas, bem diferente, portanto, do contexto onde a expressão “enunciação escrita” aparece no artigo de 1970. Aliás, a respeito desse novo ponto de vista sobre a escrita, um ponto de vista semiológico, Coquet (2016, p.61, tradução minha) destaca: “No fundamento da reflexão sobre escrita, Benveniste coloca a relação semiológica de interpretância”²⁰. Tratar, assim, sobre a escrita sob essa nova perspectiva é considerar a relação semiológica de interpretância, que é sempre produzida pela língua.

Nesse sentido, conforme Ono (2007, p.16, tradução minha), um pensamento como o de Benveniste “não pode mais passar por unívoco nem sofrer redução”²¹; pelo contrário, suas ideias convocam “uma releitura crítica e aberta”, com o objetivo de desvendar aquilo que Barthes (2012) chama de “o implícito do texto benvenistiano”. É justamente isso que este trabalho propõe: buscar o implícito do texto benvenistiano, no que diz respeito ao que se produz como escrita a partir da relação de interpretância da língua com ela mesma, questão implicada na reflexão semiológica do linguista.

Antes de pontuar mais detalhadamente as especificidades deste estudo, retomando meus problemas de pesquisa, é importante referir os trabalhos sobre a escrita em Benveniste que foram produzidos no Brasil e na França após a publicação das *Últimas aulas*. Fazer essa retomada tem um propósito bem simples: pontuar no que esses trabalhos tocaram sobre escrita a partir da publicação das *Últimas aulas*, ou seja, que tipo de reflexão emergiu desses estudos, para, a partir do que neles possa “faltar”, meu estudo possa se presentificar e se justificar. Buscarei apontar se há nesses estudos a presença de uma abordagem que problematize a escrita e a considere a partir da semiologia da língua de Benveniste com a produção de explicações de

²⁰ Au fondement de la réflexion sur l’écriture, Benveniste place la relation sémiologique d’interprétance. (COQUET, 2016, p.61).

²¹ [...] ne peut plus rester univoque ou subir une réduction. (ONO, 2017, p.16).

como se produz a *escrita* a partir da relação da língua com ela mesma. Esses estudos franceses e brasileiros foram selecionados a partir do seguinte critério, assim formulado: eles deveriam tomar as *Últimas aulas* como base teórica em relação à reflexão sobre a semiologia da língua.

1.1 OS ESCRITOS SOBRE A ESCRITA

A grande questão que orienta este item é: *como a temática da escrita tem comparecido nos estudos após a publicação das Últimas aulas?*

Iniciarei essa retomada pelos estudos empreendidos em contexto francês para, posteriormente, referir os trabalhos produzidos por estudiosos brasileiros. Essa ordem não segue, de forma alguma, um critério de importância, mas considero relevante considerar, primeiro, os trabalhos de estudiosos do contexto onde a obra *Últimas aulas* foi originalmente publicada, para, depois, trazer os de pesquisadores do contexto onde nosso estudo se insere, o brasileiro.

Em contexto francês, inicio por retomar o artigo “Les dernières leçons d’Émile Benveniste au Collège de France. Nouveau regard sur l’écriture” (2013), redigido por Irène Fenoglio, linguista que se dedica ao estudo genético de manuscritos de Benveniste. Inicialmente, a autora trata brevemente sobre esse novo campo de investigação genética de textos de linguistas, assim como a complexidade particular que esse estudo implica. Destaca também que, com a publicação das aulas no Collège de France, os estudiosos do pensamento de Benveniste passam a conhecer uma faceta, que até então era menos conhecida do linguista, aquela do professor. Fenoglio afirma que, nas sete primeiras lições das *Últimas aulas*, encontramos o mesmo movimento de pensamento presenciado no artigo “Semiologia da língua”, demonstrando, assim, aquilo que já vem sendo apontado nesta tese, o fato de que há uma forte ligação temática e, inclusive, temporal entre as aulas e o artigo de 1969, em um período compreendido entre os anos de 1968-1969, marcado, conforme destaca Fenoglio, por uma atividade intensa²². Na seção que particularmente me interessa do seu artigo, intitulada “L’écriture et la langue selon Émile Benveniste”, a pesquisadora esclarece que o interesse de Benveniste nas aulas é compreender a relação estabelecida entre língua e escrita, sem a

²² Fenoglio (2013) lembra que as últimas aulas que ele ministra no Collège de France, durante o período compreendido entre 1968-1969, são acompanhadas por uma intensa atividade. Nesse período, Benveniste redige e publica o artigo “Semiologia da língua”; expõe suas elucidações teóricas sobre a concepção do sentido na linguagem no Simpósio Semiótico ocorrido em Varsóvia; aceita, em 1969, a ser o primeiro presidente da Associação Internacional de Estudos Semióticos, que ele ajudou a criar; e aceita, da mesma forma, ser o presidente do Círculo de Semiótica de Paris em 1969.

preocupação de remontar a origem da escrita. Recuperando a questão da abstração discutida por Benveniste, ela diz que, para o linguista sírio-francês²³, “operar essa ruptura epistemológica na concepção de escrita necessita de quatro abstrações mentais muito ligadas entre elas”²⁴ (FENOGLIO, 2013, p.137, tradução minha) e que, para abordá-las, Benveniste as observa na aquisição da escrita pela criança. A primeira abstração, segundo a pesquisadora (FENOGLIO, 2013), reside no fato de que, pela escrita, a língua torna-se uma realidade distinta; a segunda está ligada ao desprendimento da riqueza contextual que é característica da fala; a terceira consiste no fato de se abstrair das situações vivas da fala; e a quarta abstração, mencionada pela linguista, destaca a questão de que a escrita implica uma tomada de consciência da língua, em forma de palavras, representadas em imagens materiais.

A partir dessa retomada do pensamento benvenistiano sobre as operações de abstração ligadas à escrita, Fenoglio (2013, p.137) afirma que “a escrita faz tomar consciência da existência da língua, materializando-a com a imagem da língua”²⁵, o que atesta que, para a autora, a escrita e a língua não podem ser vistas como sistemas distintos, pondo em jogo aqui a reflexão metalinguística que a escrita possibilita, justamente em virtude de sua natureza particular. Isso porque “é a invenção da escrita que faz as sociedades tomar consciência da existência de um sistema linguístico, do que nós chamamos *o linguístico*”²⁶ (FENOGLIO, 2013, p.140, tradução minha), ou seja, a escrita possibilita uma reflexão sobre a própria língua. Essa discussão é a que encaminha a autora a, logo na sequência, tratar da noção benvenistiana de autossemiotização da língua, recuperando a passagem que encontramos nas *Últimas aulas*, na qual Benveniste expõe sua tese de que a escrita constitui o instrumento de autossemiotização da língua, isto é, o instrumento que permitiu a língua interpretar a si mesma. Na sequência, a título de conclusão, ela explica, com suas palavras, em que consistiria esse processo engendrado pela língua: “a proposta essencial de Benveniste para reter é que a língua semiotiza a ela mesma e não pode ser semiotizada senão por ela mesma, e esse processo se efetua *por meio da escrita*”²⁷ (FENOGLIO, 2013, p.141, tradução minha, grifos meus). A autora retoma, assim, a

²³ Uma das expressões a serem usadas para referir Benveniste, nesta tese, é a expressão "linguista sírio-francês". Isso porque acompanho a reflexão de Rosário (2018): Benveniste nasceu na Síria, mas escolheu se naturalizar francês, por ligar-se à língua e à cultura francesas desde a infância. Assim, de um lado, a origem síria, de outro lado, a naturalização francesa, fato que justifica a expressão linguista sírio-francês para referi-lo.

²⁴ Opérer cette rupture épistémologique dans la conception de l'écriture nécessite quatre abstractions mentales très liées entre elles. (FENOGLIO, 2013, p.137).

²⁵ L'écriture fait prendre conscience de l'existence de la langue, elle la matérialise avec l'image de la langue. (FENOGLIO, 2013, p.137).

²⁶ C'est l'invention de l'écriture qui pousse les sociétés à prendre conscience de l'existence d'un système linguistique, ce que nous appelons le linguistique. (FENOGLIO, 2013, p.140).

²⁷ La proposition essentielle de Benveniste à retenir est ainsi que la langue se sémiotise elle-même et ne peut être sémiotisée que par elle-même et ce processus s'effectue au moyen de l'écriture. (FENOGLIO, 2013, p.141).

ideia da escrita como instrumento, uma vez que ela é o meio pelo qual a língua interpreta/semiotiza a si mesma.

Assim, a pesquisadora francesa não se restringe a somente reproduzir o pensamento de Benveniste que consta nas aulas, visto que ela formula explicitamente a ideia importante de que, *com* a escrita e *pela* escrita, o falante *toma consciência* da própria língua, formulação que está em Benveniste, especialmente na aula 12, mas que não havia sido elaborada nesses termos pelo linguista. No entanto, é preciso perceber que não há uma reflexão da autora a respeito *do que e de como* se produz como escrita a partir do fato assinalado por Benveniste e bem retomado por Fenoglio de que, pela escrita, a língua semiotiza a si mesma e de que, decorrente disso, a escrita permite a tomada de consciência da materialidade do sistema linguístico. Em outras palavras, admitida e aceita essa concepção de escrita, do meu ponto de vista, resta problematizar e refletir quais as implicações dessa concepção em termos de conhecimento teórico sobre o sistema de escrita.

Na continuação, é importante referir o artigo, também publicado por Fenoglio (2017), intitulado “‘A língua e a escrita’: um distanciamento teórico entre Saussure e Benveniste”, publicada no Brasil na revista do GELNE. Como o próprio título esclarece, esse texto focaliza a questão da escrita segundo Saussure e Benveniste. Na introdução do artigo, a pesquisadora sublinha que, na retomada de Benveniste sobre o tema da escrita, “há essa vontade de compreender de que maneira ela se inscreve como ligada intrinsecamente ao homem falante” (FENOGLIO, 2017, p.274). Ou seja, Fenoglio parece ver no estudo semiológico sobre a escrita nas aulas uma articulação com a dimensão antropológica do pensamento de Benveniste sobre a linguagem, já que, nessa passagem citada, ela articula escrita e homem falante. Vamos à continuação de sua reflexão. Após citar a passagem célebre do artigo “Da subjetividade na linguagem” em que Benveniste expõe a indissociabilidade entre homem e linguagem, a pesquisadora afirma que “a escrita não será considerada como um mero ‘instrumento’ destacável. Certamente, ela é uma ‘invenção’, mas *ela está na língua*: ela vem daí, ela a mostra, ela a constitui, e isto tudo ao mesmo tempo” (FENOGLIO, 2017, p.275, grifos meus). Parece-me que, aqui, ela, de certo modo, retoma sua argumentação presente no texto acima referido, quando diz que a escrita vem da língua, mostra a língua, constituindo-a. Isso tudo porque a língua tem a capacidade de interpretar a si própria, se autossemiotizar, e a escrita *mostra* e *prova* essa capacidade inerente à língua. Dessa reflexão da pesquisadora, ficam as inquietações: *como a língua possibilita a invenção da escrita? Como a escrita mostra a língua?*

Na seção intitulada “Programa de Benveniste sobre a escrita”, a autora esclarece que a escrita em Benveniste não equivale à “língua escrita”, visto que, para o linguista sírio-francês,

trata-se de analisar a escrita como sistema semiológico. Nesse momento, Fenoglio pontua que Benveniste “se distancia de Saussure na medida em que, segundo ele, Saussure postula que a escrita é ‘subordinada à língua’” (FENOGLIO, 2017, p.278). Isso porque, ao contrário do linguista genebrino, ele “expõe, verdadeiramente, sob a forma de um *problema*, a relação entre a escrita e a língua como um objeto teórico” (FENOGLIO, 2017, p.278, grifo meu). A relação entre língua e escrita, longe de ser óbvia, é encarada como uma problema de linguagem.

É importante pontuar uma questão importante, presente na seção “A escrita não é a ‘língua escrita’”. Nela, a autora situa precisamente o ponto de distanciamento entre os dois linguistas no que se refere ao problema da escrita: enquanto Benveniste se interessa, conforme exposto acima, pelo problema da relação da escrita com a língua, “fora da evolução histórica da escrita e de sua difusão” (FENOGLIO, 2017, p.280), Saussure confunde “a escrita com o alfabeto e a língua com uma língua moderna” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.91-92), não se ocupando, portanto, da *relação entre a língua e a escrita em seu nível fundamental*, foco da proposta de Benveniste, que não procurava, como ele próprio frisa nas aulas, “a origem da escrita” nem sua evolução histórica. Com esse novo modo de abordar a questão, segundo Fenoglio (2017, p.282), o linguista sírio “rompe com a tradição evolucionista dos historiadores da escrita”.

Na seção “Autossemiotização da língua pela escrita”, a estudiosa retoma a discussão de Benveniste em relação a esse processo, assinalando que “a escrita é um sistema que permite que a língua se autossemiotize, constitua-se se formalizando, autoformalizando-se” (FENOGLIO, 2017, p.284). O que tem nesse processo de formalização e autoformalização e como esse processo se efetiva para a escrita ser um sistema que permite à língua se autossemiotizar são pontos que me interessam nesta tese.

Essa reflexão da autora é muito parecida com aquela que tece no artigo que foi anteriormente citado, em que ela diz que o processo de a língua semiotizar a si mesma é feito pela escrita, ideia destacada por Benveniste quando utiliza o termo “instrumento”. Desse modo, a formalização da língua é possível por intermédio da escrita. Mais ao final de seu texto, Fenoglio, discutindo a relação da escrita com a língua e com a fala para Benveniste, aponta que, de acordo com o linguista, “a fala e a escrita são dois sistemas distintos mas dependentes, ambos, da língua – sistema de signos - , e que é a escrita que permite a compreensão do que vem a ser a língua” (FENOGLIO, 2017, p.292), ou seja, em outras palavras, a autora coloca a escrita como condição de um pensar sobre a língua. E ainda continua: “A escrita pode ter sido a segunda a surgir em relação à fala, mas foram a sua invenção e sua prática, contudo, que permitiram inventar a língua e o linguístico” (FENOGLIO, 2017, p.292), o que ratifica o seu

ponto de vista, já expresso no artigo anterior, de que pela escrita, a língua, de certo modo, presentifica-se, materializando-se.

Nesse caso, a pesquisadora pontua ser a escrita a possibilidade de construção de um saber sobre a língua, ou seja, ser a escrita a condição para a própria Linguística se estabelecer como ciência. A autora finaliza seu artigo salientando que, nas oito lições dedicadas à escrita, afastando-se da concepção saussuriana sobre escrita, “Benveniste, longe de tentar simplificar uma questão, linearizar um domínio, cria um espaço epistemológico e metodológico”. (FENOGLIO, 2017, p.294). Assim, segundo ela, para Benveniste “a escrita não é o Escrito, nem tampouco o escrito, não é a língua escrita, nem a simples transcrição da fala” (FENOGLIO, 2017, p.295). Fenoglio formula com suas palavras, e de modo muito competente, aquilo que está latente na reflexão presente nesse conjunto de aulas: “a visibilidade estrutural da escrita dá voz e vez à estrutura da língua”, isto é, que a escrita, o sistema de escrita, revela a língua em sua organização, em sua propriedade de autosemiotização. Assim como no trabalho anterior já citado, embora eu reconheça que a autora formule reflexões importantes que podem ser derivadas a partir das aulas de Benveniste, como o fato de que *a invenção da escrita possibilitou a reflexão sobre o linguístico*, que põe em jogo a dimensão metalinguística, assim como a ideia de que *a estrutura da escrita revele a estrutura da língua*, resta analisar, considerando a relação das *Últimas aulas* com a discussão presente nos *PLGs*, especialmente em torno da noção de língua, o que se produz como escrita a partir dessa nova visada semiológica da relação entre língua e escrita, ou seja, como ocorre o processo de autosemiotização.

De autoria também de Irène Fenoglio, é válido citar o artigo “L’écriture au fondement d’une civilisation ‘laïque’”, que integra o livro por ela organizado intitulado “Autour d’Émile Benveniste: sur l’écriture”, publicado em 2016 na França. A pesquisadora inicia seu texto discutindo as concepções de escrita de dois teóricos que pensaram sobre o tema em um período próximo a Benveniste, quais sejam, Jacques Derrida e Jack Goody, para pontuar que essas concepções se distanciam largamente, cada uma a seu modo, da reflexão semiológica formulada por Benveniste em seus cursos no Collège de France. Ela recupera o fato histórico de que, enquanto em 1967 Derrida publica “De la grammatologie” e “L’écriture et la différence”, Benveniste está em fase de preparação de seus cursos sobre escrita, que efetivamente são pronunciados no ano de 1969, cursos que constituem as lições 8 a 15 encontradas no capítulo 2

das *Últimas aulas*, “A língua e a escrita”.²⁸ Justifica o motivo pelo qual, em seu artigo, busca apresentar as reflexões desses dois teóricos: “são nomes que se apresentam hoje em dia quando nos referimos ao estudo da escrita tomada como fenômeno cultural em si”²⁹ (FENOGLIO, 2016, p.160, tradução minha).

Não me interessa retomar, aqui, as concepções dos dois teóricos sobre escrita trazidas por Fenoglio, uma vez que fazer isso excederia meus propósitos neste momento, que é o de apresentar a reflexão produzida pela pesquisadora a respeito do fenômeno da escrita em Benveniste. A linguista assinala que, diferentemente de Derrida e Goody, Benveniste, que adota sempre o ponto de vista do linguista, tem por objetivo compreender o funcionamento da escrita em relação à língua, esta compreendida como “uma dimensão intrínseca da linguagem humana”³⁰ (FENOGLIO, 2016, p.172, tradução minha).

Na continuação de sua exposição, a linguista lembra que “é no contexto de reflexão sobre o caráter semiótico/semiológico da língua que devem ser lidos seus cursos sobre a escrita”³¹ (FENOGLIO, 2016, p.181, tradução minha), o que revela, mais uma vez, que a noção de escrita que pode ser derivada dessas reflexões não equivale àquela que pode ser apreendida da noção de “enunciação escrita”, termo encontrado no célebre artigo de 1970.

Na seção intitulada “Quel problème est celui de l'écriture? Et comment se pose-t-il?”, a autora retoma o que seria, segundo ela, o primeiro ponto de reflexão de Benveniste nas aulas sobre escrita, que é a questão formulada pelo linguista de repensar a *relação primordial* entre língua e escrita. Conforme Fenoglio, o adjetivo “primordial” não foi escolhido aleatoriamente por Benveniste, precisando, portanto, extrair dele toda sua força: “esse termo [...] significa de uma só vez essencial, *fundamental*³² e primitivo, primeiro”³³ (FENOGLIO, 2016, p.183, tradução minha, grifo meu). Derivada dessa primeira observação, a pesquisadora registra a crítica benvenistiana endereçada a Saussure, segundo a qual a escrita seria tomada enquanto *língua sob a forma escrita*, posicionamento sumariamente rejeitado pelo linguista sírio-francês, visto que pensá-la desse modo implica conceber a relação entre língua e escrita de um ponto de

²⁸ Aliás, Fenoglio afirma que se pode supor que Benveniste empreende sua reflexão sobre escrita após sua leitura das ideias de Derrida. Como prova disso, a autora diz que há menção bibliográfica do filósofo nas notas do linguista e que a obra “De la grammatologie” está presente na biblioteca de Benveniste. O mesmo não se pode dizer em relação à obra de Goody, a quem, segundo a autora, Benveniste nunca teve acesso.

²⁹ Sont les noms qui se présentent aujourd'hui lorsqu'on se réfère à l'étude de l'écriture prise comme phénomène culturel en soi. (FENOGLIO, 2016, p.160).

³⁰ Une dimension intrinsèque au langage humain. (FENOGLIO, 2016, p.172).

³¹ C'est donc dans ce contexte de réflexion sur le caractère sémiotique/sémiologique de la langue que sont à lire ses cours sur l'écriture. (FENOGLIO, 2016, p.181).

³² Parece-me que Fenoglio emprega o termo “fundamental” em uma acepção não teórica, enquanto Benveniste, no contexto da distinção entre os níveis histórico e fundamental da língua, faz um uso teórico desse termo.

³³ Ce terme [...] signifie à la fois essentiel, fondamental et primitif, premier. (FENOGLIO, 2016, p.183).

vista histórico, passando, assim, ao largo do problema benvenistiano, que não tinha sido tratado pelos estudiosos da época, qual seja, a relação - *primordial, essencial, fundamental* – da escrita com a língua. Assim, de acordo com Fenoglio (2016, p.185, tradução minha), Saussure não se coloca o problema da escrita, uma vez que “a escrita aparece como transparente em si mesma”³⁴.

É importante registrar que esse artigo coincide em muitos pontos com os dois trabalhos da autora acima referidos. Todos os três tematizam essencialmente a questão da escrita nas *Últimas aulas*, defendendo a ideia benvenistiana de que a escrita é o meio pelo qual a língua semiotiza a ela mesma e de que, por isso, pela escrita, concebida pela teórica como um *instrumento metalinguístico*, tomamos conhecimento do modo de funcionamento da língua. Essas asserções, como já disse em outro momento, não estão assim formuladas nos cursos de Benveniste, no entanto de certo modo já se encontram lá. Isso não significa dizer que a reflexão empreendida pela linguista francesa seja de menor importância. Muito pelo contrário, acredito que seja necessário, mais do que nunca, exercícios de interpretação como esses, a fim de iluminar as ideias contidas ali; inclusive, meu empreendimento nesta tese se assemelha ao da pesquisadora, na medida em que busco lançar uma nova visada interpretativa para a relação entre língua e escrita, especialmente para aquilo que se produz como escrita a partir dessa relação *essencial*, para usar o termo de Benveniste, entre língua e escrita. Refletir sobre o que tem na língua que se mostra na escrita, que escrita se produz a partir da relação da língua com ela mesma e como pode ser pensada essa relação língua-escrita são inquietações que considero importantes serem descortinadas no contexto atual de discussões sobre as ideias de Benveniste sobre a língua e sobre a escrita.

Na sequência de sua exposição, a teórica retoma uma questão importante sobre o ponto de vista de Benveniste em relação à escrita que me parece ser importante recuperar. Diz: “Ele [Benveniste] sai da questão da história da invenção da escrita para entrar no coração de seu assunto: a língua e a escrita”³⁵ (FENOGLIO, 2016, p.203, tradução minha). Ora, novamente vemos aqui a ênfase no fato de que, diferentemente dos trabalhos da época que tinham a tendência de estudar o fenômeno da escrita de um ponto de vista histórico, interessando-se pela origem da escrita, Benveniste não se interessa em fazer um estudo da história da escrita; com sua reflexão sobre a escrita e, conseqüentemente sobre a língua, e não sobre os diferentes tipos de escrita, sua origem e evolução, “ele abre [...] um espaço epistemológico e metodológico”³⁶

³⁴ L’écrit apparaît alors comme transparent à lui-même. (FENOGLIO, 2016, p.185).

³⁵ [...] il quitte alors la question de l’histoire de l’invention de l’écriture pour entrer dans le vif de son sujet: “la langue et l’écriture”. (FENOGLIO, 2016, p.203).

³⁶ [...] il ouvre [...] un espace épistémologique et méthodologique. (FENOGLIO, 2016, p.221).

(FENOGLIO, 2016, p.221, tradução minha). Sempre de um ponto de vista de linguista, ele inaugura, assim, no cenário da linguística do final dos anos 60, uma reflexão original sobre o campo da escrita, “um domínio que Kristeva bem notou que estava em curso de desenvolvimento”³⁷ (FENOGLIO, 2016, p.221, tradução minha).

Um outro aspecto relevante apresentado pela linguista é o fato de que, se compreendi bem, a reflexão do *Benveniste semiólogo* e a do *Benveniste teórico da enunciação* apresentam pontos de contato. Na parte dedicada à questão da dupla conceitual designação/significação, em certo momento, ela questiona a respeito de qual relação a dupla designar/significar estabelece com o par conceitual semiótico/semântico, “que funda sua teoria da enunciação”³⁸ (FENOGLIO, 2016, p.209, tradução minha). A autora frisa que esse último par citado foi descoberto por Benveniste no artigo “Semiologia da língua”, no qual, como leitores experientes do linguista, sabemos que comparece ali a face do *semiólogo*, interessado, sobretudo, em demarcar o espaço da língua em relação aos demais sistemas de signos. O foco, portanto, nesse texto não é produzir uma reflexão *stricto sensu* sobre a enunciação, embora a formulação da dupla semiótico/semântico abra a possibilidade de pensar o discurso e, portanto, o ato enunciativo. Desse modo, pode-se afirmar, com certa margem de segurança, que é *este par o responsável pela articulação entre a reflexão semiológica do linguista e sua teorização no campo da enunciação*. Os dois célebres axiomas dessas reflexões – a língua é o interpretante de todos os sistemas de signos, inclusive de si mesmo; a língua se concretiza através da enunciação – derivam da proposta da dupla significância da língua, o modo semiótico e o modo semântico.

Outra passagem em que a pesquisadora, sem dizer explicitamente, manifesta a relação em Benveniste entre o campo da semiologia da língua e o da enunciação é aquela em que cita a passagem das *Últimas aulas*, na qual o linguista afirma ser a escrita uma forma secundária da fala. Ela destaca que o termo “secundária” pode gerar confusão, uma vez que pode passar a ideia de “representação”, o que aproximaria a concepção de Benveniste daquela de Saussure, quando este, no *Curso*, sublinha que a escrita tem uma função representativa em relação à língua. Fenoglio cita, assim, o trecho no qual é esclarecido o sentido impresso ao termo, passagem em que a reflexão sobre a escrita adquire contornos de uma visada enunciativa: “A escrita se manifesta como uma forma secundária da fala na medida em que comporta as duas propriedades, semiótica e semântica, características do discurso, [...] ou da expressão linguística

³⁷ [...] um domaine dont Julia Kristeva a bien remarqué qu’il était en cours de développement. (FENOGLIO, 2016, p.221).

³⁸ [...] qui fonde la théorie de l’énonciation. (FENOGLIO, 2016, p.209).

somente, em face dos outros sistemas de signos” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.178, [nota de ouvinte]). Logo na sequência, a teórica esclarece que “fala”, nesse contexto, reenvia a “discurso”, o que significa tomar, portanto, a escrita como uma *forma de discurso*. Nesse sentido, ela mostra que Benveniste conclui suas aulas, “ampliando a questão das relações da língua e da escrita à questão do discurso”³⁹ (FENOGLIO, 2016, p.214, tradução minha), ou seja, a escrita, além de ser pensada como o instrumento que revelou o poder da língua de autossemiotizar-se, revela-se também, especialmente na relação com a fala, como uma forma de discurso, o que, de certo modo, aproxima consideravelmente as reflexões semiológica e enunciativa. Assim, “esse nível do discurso com sua dupla dimensão tem duas possibilidades de expressão: a voz e a escrita”⁴⁰ (FENOGLIO, 2016, p.214, tradução minha). A pesquisadora encerra essa parte da reflexão, acentuando fortemente essa articulação: “[...] ao tornar visível o funcionamento do discurso, a escrita torna visível o caráter semiológico da língua”⁴¹ (FENOGLIO, 2016, p.214, tradução minha). Dessa maneira, a linguista francesa formula, com esteio nas últimas aulas de Benveniste dedicadas à escrita, uma *relação trina entre discurso, escrita e língua*: a escrita revelaria o funcionamento do discurso e, ao revelar esse funcionamento, revelaria o sistema semiológico da língua. Essa posição da autora, com a qual, aliás, concordo, muito me interessa nessa tese, visto que ela representa um desdobramento da reflexão de Benveniste nas aulas para além da discussão, tratada por muitos estudiosos como “evidente”, de a escrita revelar a autossemiotização da língua. Com esse artigo publicado por Fenoglio, portanto, somos conduzidos a repensar a reflexão sobre escrita nas aulas, percebendo que, na discussão proposta, o ponto de vista semiológico se sustenta tendo como condição o discurso.

Apresento, aqui, também o artigo intitulado “À propos de l’écriture dans la phénoménologie du langage: Benveniste, Merleau-Ponty et quelques autres”, de autoria de Jean-Claude Coquet. Ao contrário dos trabalhos apresentados anteriormente, neste não irei me alongar muito, uma vez que a reflexão do autor, embora o título traga o termo “escrita”, não versa tanto sobre essa noção nas *Últimas aulas*, apresentando uma discussão forte a partir da fenomenologia da linguagem de Merleau-Ponty, filósofo francês que comparece já no título do texto supracitado.

³⁹ [...] élargissant la question des rapports de la langue et de l’écriture à la question du discours. (FENOGLIO, 2016, p.214).

⁴⁰ Ce niveau du discours avec sa double dimension a deux possibilités d’expression: la voix et l’écriture. (FENOGLIO, 2016, p.214).

⁴¹ [...] em rendant visible le fonctionnement du discours, l’écriture rend visible le caractère sémiotique de la langue. (FENOGLIO, 2016, p.214).

Na seção nomeada de “Principe de la méthode inductive appliquée à l’écriture”, o autor argumenta que Benveniste se vale do método indutivo nas suas reflexões sobre a linguagem. Afirma logo no início que “no fundamento da reflexão sobre a escrita, Benveniste situa a relação semiológica de interpretância”⁴² (COQUET, 2016, p.61, tradução minha). Mostra na sequência o raciocínio indutivo – que parte “da consequência ao princípio”⁴³ (COQUET, 2016, p.62, tradução minha) - empregado pelo linguista para defender suas concepções, método que, segundo Coquet, está em total desacordo com o que faziam os estruturalistas da época, especialmente Hjelmslev e Greimas. Nesse sentido, “com Benveniste, opera-se uma mudança de perspectiva: ele defende o método indutivo que está de acordo com os procedimentos da *fenomenologia da linguagem*”⁴⁴ (COQUET, 2016, p.62, tradução minha, grifos do autor). Ao fim dessa parte, o teórico aponta algo que considero relevante destacar: após retomar uma das definições de escrita para Benveniste – ela constituir uma forma secundária da fala -, ele enuncia que a escrita “é o interpretante da língua”⁴⁵ (COQUET, 2016, p.63, tradução minha), formulação própria, que não está elaborada desse modo em Benveniste. Este, sim, afirmou a língua como interpretante de todos os sistemas de signos, inclusive de si mesma, e a escrita constitui o instrumento desse processo de a língua interpretar a si mesmo. No entanto, penso que, embora o linguista sírio-francês não tenha elaborado explicitamente, por meio de sua reflexão sobre o papel e o lugar da escrita nesse processo, ele permite pensar a escrita como resultado da propriedade interpretante da língua, uma vez que, se a língua interpreta a si mesma pela escrita (processo de autossemiotização), como nos ensina Benveniste, *é na escrita e pela escrita* que o efeito dessa relação de interpretância se materializa.

Na continuação de sua exposição, na seção denominada “Deux modes d’écriture”, o pesquisador refere-se à noção de linguagem interior, utilizada, de fato, por Benveniste nas aulas no Collège de France: “a escrita resulta de um trabalho de memória efetuado pelo que Benveniste chama [...] a ‘linguagem interior’”⁴⁶ (COQUET, 2016, p.65, tradução minha). Logo adiante, define: “A linguagem interior é uma linguagem duplamente memorizada: memória do sistema gráfico, formal e memória narrativa”⁴⁷ (COQUET, 2016, p.65, tradução minha).

⁴² Au fondement de la réflexion sur l’écriture, Benveniste place la relation sémiologique d’interprétance. (COQUET, 2016, p.61).

⁴³ [...] de la conséquence au principe. (COQUET, 2016, p.62).

⁴⁴ [...] avec Benveniste, s’opère un changement de perspective: il prône la méthode inductive qui s’accorde aux procédures de la *phénoménologie du langage*. (COQUET, 2016, p.62, grifos do autor).

⁴⁵ [...] elle est l’interprétant de la langue. (COQUET, 2016, p.63).

⁴⁶ [...] l’écriture résulte d’un travail mémoriel effectué par ce que Benveniste appelle [...] le “langage intérieur”. (COQUET, 2016, p.65).

⁴⁷ Le langage intérieur est un langage doublement mémorisé: mémoire du système graphique, formel et mémoire narrative. (COQUET, 2016, p.65).

Embora o linguista traga, com forte inspiração benvenistiana, essa definição a respeito da noção de linguagem interior, vinculando-a à questão da memória, ela permanece vaga, visto que o teórico não esclarece o que seria a memória do sistema gráfico e a memória narrativa. No entanto, acredito que, ao trazer a ideia de escrita em Benveniste como resultante de um trabalho da linguagem interior, Coquet se aproxima mais da ideia de escrita como *ato de escrever*, que implica um trabalho de assimilação do mecanismo da conversão em escrito (COQUET, 2016, p.65), do que como sistema semiológico. Assim, parece-me que Coquet coloca em relação a linguagem interior a uma língua memorizada que possibilita a conversão em escrito, pois a escrita, conforme sua visão, “é uma transposição da linguagem interior, e é preciso primeiramente aceder a essa consciência da linguagem interior ou da ‘língua’ para assimilar o mecanismo da conversão em escrito” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.132). Essa percepção é confirmada pelo próprio Benveniste, quando destaca que “o *ato de escrever* não procede da fala pronunciada, da linguagem em ação, mas da linguagem interior, memorizada” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.132, grifos meus). Assim, em outras palavras, o ato de escrever requer uma operação de memória, denominada pelo linguista sírio-francês de linguagem interior.

Na seção intitulada “Trace et signe”, Coquet (2016) estabelece uma distinção entre a *escrita como traço* e a *escrita como signo*. Afirma que a fenomenologia da linguagem se interessa pela noção de traço, enquanto a psicologia da linguagem pela noção de signo. “Em resumo, nós temos de um lado a fenomenologia da linguagem: traço, enunciação, o dizer, e do lado da filosofia da linguagem: signo, enunciado, o dito”⁴⁸ (COQUET, 2016, p.67, tradução minha). E nesse momento, o autor faz referência a Benveniste, ao afirmar que o linguista sente falta, em relação à teoria saussuriana, da noção de *produção*: de acordo com a leitura de Coquet, para Benveniste, o signo saussuriano corresponde à língua como material dado, enquanto “o traço, em fenomenologia da linguagem, é um material cambiante, vivo”⁴⁹ (COQUET, 2016, p.67, tradução minha). Nesse sentido, o pesquisador aproxima a reflexão benvenistiana daquela empreendida pela fenomenologia a partir da relação entre a noção de *traço* advinda da fenomenologia e a de *produção*, elaborada por Benveniste: “Com a língua como ‘produção de mensagens’, nós entramos no campo da enunciação”⁵⁰ (COQUET, 2016, p.67-68, tradução minha).

⁴⁸ Em résumé, nous avons du côté de la phénoménologie du langage: trace, énonciation, le dire, et du côté de la philosophie du langage: signe, énoncé, le dit. (COQUET, 2016, p.67).

⁴⁹ [...] la “trace”, em phénoménologie du langage, est un matériel changeant, vivant. (COQUET, 2016, p.67).

⁵⁰ Avec la langue comme “production de messages”, nous entrons dans le champ de l’énonciation. (COQUET, 2016, p.67-68).

Desse modo, Coquet retoma, brevemente, a leitura⁵¹ que Benveniste empreende da concepção de língua saussuriana, a fim de assinalar que o linguista sírio-francês compreende a língua de um modo mais amplo em relação ao seu mestre: há a língua como sistema, e nessa visão a noção de signo saussuriana é suficiente, no entanto se quisermos compreender a língua também como produção, e essa é uma das contribuições de Benveniste, é preciso extrapolar a noção de signo, avançando para aquilo que pertence à ordem do discurso.

Como último apontamento a fazer desse artigo de Coquet, na seção destinada à discussão, o autor assinala que “Benveniste teve o mérito de nos tirar da ‘escrita como representação da língua’”⁵²(COQUET, 2016, p.90, tradução minha) e, ao fazer isso, o linguista sírio-francês se afasta da concepção representacionista de escrita atribuída à Saussure, na qual a escrita teria a função de meramente de representar a fala.

Para finalizar, o último estudo francês que aqui apresento se intitula “Pour une théorie benvenistienne de l’écriture”, de autoria de Giuseppe D’Ottavi, publicado em 2018. Segundo suas palavras, seu trabalho tenta responder às seguintes questões: “em que medida a reflexão sobre a escrita constitui uma novidade no conjunto da produção benvenistiana? Como ela se posiciona em relação às pesquisas da época sobre a escrita e sobre a sua relação com a língua?”⁵³ (D’OTTAVI, 2018, p.123-124, tradução minha). Na seção “L’approche benvenistienne de l’écriture”, o autor reafirma a ideia – também presente nos trabalhos dos outros estudiosos aqui apresentados - de que o estudo da escrita é abordado por Benveniste ligado à semiologia: a escrita “não é senão um caso de aplicação da aptidão particular da língua considerada como sistema semiológico *todo poderoso*”⁵⁴ (D’OTTAVI, 2018, p.125, grifos do autor, tradução minha). Isso porque “a condição de possibilidade da escrita é dada justamente [...] pela faculdade própria da língua de projetar sobre ela mesma sua capacidade de semiotização” (D’OTTAVI, 2018, p.125, tradução minha). É por isso, assim, que o conceito de língua é tão determinante para Benveniste propor sua abordagem sobre a escrita, no interior de sua reflexão semiológica. E essa subordinação da discussão sobre escrita àquela sobre a semiologia da língua, de acordo com o pesquisador, já está explícita no artigo “Semiologia da língua”, no qual

⁵¹ Esse diálogo de Benveniste com Saussure se faz presente em muitos artigos dos *PLGs* e também nas *Últimas aulas*, especialmente quando o que está em debate é sua concepção de língua.

⁵² Benveniste a eu le mérite de nous sortir de “l’écriture représentation de la langue”. (COQUET, 2016, p.90).

⁵³ Dans quelle mesure la réflexion sur l’écriture constitue-t-elle une nouveauté dans l’ensemble de la production benvenistienne? Comment se place-t-elle par rapport aux recherches de l’époque portant sur l’écriture et sur son rapport avec la langue? (D’OTTAVI, 2018, p.123-124).

⁵⁴ [...] n’est qu’un cas d’application de l’aptitude particulière de la langue envisagée comme système sémiologique *tout puissant*. (D’OTTAVI, 2018, p.125, grifos do autor).

“um ensaio sobre a escrita é precisamente anunciado”⁵⁵ (D’OTTAVI, 2018, p.125, tradução minha).

Na parte intitulada “Benveniste et l’écriture, avant 1969”, o pesquisador informa que, anterior à 1969, ano do curso de Benveniste sobre a escrita, a produção do linguista compreendia um bom número de estudos relacionados às questões sobre a escrita, por meio da consideração da documentação epigráfica. O ponto de vista nesses estudos era, portanto, assumidamente histórico. Referindo-se a alguns trabalhos produzidos no campo e que foram materiais de leitura de Benveniste, o pesquisador destaca que o linguista, por meio de resenhas, “faz a crítica de certos estudos sobre a decifração de escritas exóticas ou desaparecidas e [...] sobre a história dos sistemas de escrita”⁵⁶ (D’OTTAVI, 2018, p.128, tradução minha). Nessas resenhas, conforme o autor, Benveniste ainda não sinaliza nenhum esboço de uma “teoria geral da escrita”⁵⁷ (D’OTTAVI, 2018, p.129, tradução minha), sendo que “Benveniste está presente para especialistas apenas como autor de estudos que investigam o aspecto linguístico dos textos epigráficos”⁵⁸ (D’OTTAVI, 2018, p.130, tradução minha).

Na seção seguinte, “Petit atlas des théories du rapport entre langue et écriture”, D’Ottavi constata que se, por um lado, a questão da história da escrita está bem representada nos estudos, “as pesquisas sobre a história das ideias sobre escrita em sua relação com a língua são raras”⁵⁹ (D’OTTAVI, 2018, p.132, tradução minha). Na continuação, apresenta o posicionamento das correntes estruturalistas referente à relação entre escrita e língua: “Na esteira da dita ‘vulgata’ saussuriana, as correntes estruturalistas atribuem à escrita o status de ‘sistemas de signos’ independente [...] em relação ao sistema linguístico”⁶⁰ (D’OTTAVI, 2018, p.133, tradução minha), visão que está em conformidade, aliás, com aquela exposta por Saussure no *Curso*. Adotando ponto de vista semelhante, o autor cita as escolas de Copenhague e de Praga que trabalham “com essa ideia de escrita, que não recusa suas raízes fonocêntricas, por assim dizer, tradicionais”⁶¹ (D’OTTAVI, 2018, p.133, tradução minha). Percebemos, desse modo, que há uma sobrevalorização da fala para essas abordagens citadas, ao passo que a escrita, nelas, é vista como fenômeno linguístico menor, deixada em segundo plano.

⁵⁵ [...] où un essai sur l’écriture est justement annoncé. (D’OTTAVI, 2018, p.125).

⁵⁶ [...] a fait la critique de certains ouvrages portant sur le déchiffrement d’écritures exotiques ou disparues, et [...] sur l’histoire des systèmes d’écriture. (D’OTTAVI, 2018, p.128).

⁵⁷ [...] théorie générale de l’écriture. (D’OTTAVI, 2018, p.129).

⁵⁸ [...] Benveniste n’est présent aux spécialistes que comme auteur d’études investigant l’aspect linguistique des textes épigraphiques. (D’OTTAVI, 2018, p.130).

⁵⁹ [...] les recherches portant sur l’histoire des idées sur l’écriture en son rapport avec la langue sont rares. (D’OTTAVI, 2018, p.132).

⁶⁰ Dans le sillage de ladite “vulgata” saussurienne, les courants structuralistes attribuent à l’écriture le statut de “système de signes” indépendant [...] par rapport au système linguistique. (D’OTTAVI, 2018, p.133).

⁶¹ [...] qui ne récus pas ses racines phonocentriques, pour ainsi dire, traditionnelles. (D’OTTAVI, 2018, p.133).

Na sequência, o pesquisador apresenta estudos que começam a despontar a partir do final dos anos 50 e que trazem o par conceitual escrita/oralidade. Segundo suas palavras, a tese que sustenta muita dessas pesquisas consiste em compreender a escrita como “representação visível do falar”⁶² (D’OTTAVI, 2018, p.134, tradução minha), definição que atribui à escrita uma função meramente representacionista, como se ela fosse um simples espelho da fala. Como contraponto a essa tese, ele refere as ideias de David Olson, segundo o qual é bastante ilusório pensar que um sistema de escrita deve sua existência à necessidade de representar a fala. É justamente o inverso, “é o desenvolvimento de um sistema de escrita que permite a possibilidade de conceber uma estrutura oral correspondente”⁶³ (D’OTTAVI, 2018, p.138, tradução minha). Perde-se, assim, a supremacia da fala que predominava nos estudos da época, visto que, de acordo com essa nova proposta, “nós redefinimos a concepção da língua oral depois do sistema de escrita”⁶⁴ (D’OTTAVI, 2018, p.138, tradução minha). Há uma ressignificação da fala que é possibilitada pelo advento da escrita, conforme o pesquisador: “a escrita teria dado à luz a uma nova concepção da fala”⁶⁵ (D’OTTAVI, 2018, p.138, tradução minha).

Na última parte de seu texto, após uma revisão filológica da produção benvenistiana anexada a um esboço histórico da cena das pesquisas recentes sobre a relação entre língua e escrita, o autor conclui que, em nenhum escrito anterior ao ano de 1969, Benveniste se envolve em uma reflexão geral sobre a natureza da escrita, mesmo quando o tema da escrita aparece em seus trabalhos. Isso não faz pensar, no entanto, que sua perspectiva era histórica com relação à escrita, pois, como esclarece D’Ottavi, “essa preocupação histórica não faz parte do objetivo final da abordagem benvenistiana”⁶⁶ (D’OTTAVI, 2018, p.140, tradução minha). Afinal, “a posição de Benveniste em relação à escrita decorre antes da consideração da natureza semiológica do sistema da língua”⁶⁷ (D’OTTAVI, 2018, p.140, tradução minha). Novamente o teórico reafirma a centralidade da noção benvenistiana de língua, cuja *natureza semiológica* é condição para Benveniste pensar sobre a escrita a partir desse novo ângulo, não mais histórico, mas sim semiológico. A sua reflexão sobre escrita, formulada nas aulas, está atrelada necessariamente ao fato semiológico da língua, que envolve, portanto, como discutiremos mais

⁶² [...] représentation visible du parler. (D’OTTAVI, 2018, p.134).

⁶³ [...] c’est le développement d’un système d’écriture qui permet la possibilité de concevoir une structure orale correspondante. (D’OTTAVI, 2018, p.138).

⁶⁴ [...] on refait la conception de la langue orale d’après le système d’écriture. (D’OTTAVI, 2018, p.138).

⁶⁵ [...] l’écriture aurait donné naissance à une nouvelle conception de la parole. (D’OTTAVI, 2018, p.138).

⁶⁶ [...] tel souci historique n’entre pas dans la visée ultime de l’approche benvenistienne. (D’OTTAVI, 2018, p.140).

⁶⁷ [...] la position de Benveniste par rapport à l’écriture découle plutôt de la considération de la nature sémiologique du système de la langue. (D’OTTAVI, 2018, p.140).

adiante, a noção-chave da interpretância. D’Ottavi confirma essa indissociabilidade: em Benveniste, a concepção de escrita “encontra suas raízes não tanto nas atitudes ou conquistas da pesquisa de sua época como em uma noção de *língua* muito característica”⁶⁸ (D’OTTAVI, 2018, p.140, grifo do autor, tradução minha). E, por fim, o pesquisador, ao tematizar a relação da escrita com o scriptor, formula uma expressão que resume a grande questão desta tese: “as consequências da ideia benvenistiana de ‘autossemiotização da língua’”.⁶⁹ (D’OTTAVI, 2018, p.140, tradução minha). De fato, é isso que procurei mostrar nesse percurso de retomada de importantes estudos realizados na França sobre o tema da escrita nas *Últimas aulas*: todos eles tratam do processo de autossemiotização e da escrita envolvida nesse processo, mas se restringem a retomar a tese de Benveniste, sem explicar o processo de autointerpretância, ou seja, quais são as consequências de tomar a escrita como instrumento e manifestação do processo de autossemiotização da língua? Essa questão sintetiza bem as minhas primeiras perguntas iniciais quando do meu contato com a obra: o que quer dizer “autossemiotização da língua”? O que isso diz da escrita? A língua interpreta a si mesma, e a escrita é a prova disso. Certo, mas o que mais pode ser dito a partir daí? Como essa autossemiotização pode explicar o que é a escrita em uma visada semiológica? Quais outros conhecimentos podem ser produzidos a partir da semente frutífera deixada pelo mestre? Na sequência, dedico-me aos estudiosos do Brasil.

Em contexto brasileiro, também encontramos reflexões sobre escrita a partir da publicação das *Últimas aulas*, obra traduzida e publicada no Brasil em 2014, o que já mostra o grande interesse pelos estudos benvenistianos em nosso contexto atual, visto, nos *PLGs*, ocorrer um maior distanciamento entre as publicações originais e as publicações das traduções, fato que se comprova nas datas de publicação original do *PLG I* – 1966 na França e 1976 a primeira tradução brasileira – e *PLG II* – 1974 na França e 1989 a primeira tradução brasileira. Entre a publicação original e a publicação da tradução da obra *Últimas aulas*, temos apenas dois anos⁷⁰ e os efeitos da publicação dessa tradução podem ser vistos nos estudos sobre Benveniste, principalmente em relação à semiologia da língua e à escrita. Interessa-me os efeitos dessa obra nas reflexões sobre escrita. Vamos a elas.

⁶⁸ [...] trouve ses racines non pas tant dans les attitudes ou les acquis de la recherche de son époque que dans une notion de *langue* très caractéristique. (D’OTTAVI, 2018, p.140, grifo do autor).

⁶⁹ [...] les conséquences de l’idée benvenistienne d’“autosémiotisation de la langue”. (D’OTTAVI, 2018, p.140).

⁷⁰ Flores (2017b), ao tratar da recepção de Benveniste no Brasil, observa, em uma linha de tempo comparativa, justamente a diferença entre a publicação original das obras de Benveniste e a publicação da tradução no Brasil. Para o estudioso da obra de Benveniste, a publicação da tradução no Brasil da obra *Últimas aulas* é quase simultânea à publicação francesa. Segundo o autor, isso é “evidência de que Benveniste chama mais atenção do público brasileiro hoje do que chamou no passado.” (FLORES, 2017b, 54-55).

Em “Émile Benveniste: uma letra que encarna a linguagem” (2015), Augustini, Araújo e Leite (2015, p.116) introduzem seu texto, argumentando que “a letra de Benveniste faz trabalhar novos horizontes para os estudos da linguagem, não sendo possível inscrever e fechar suas teorizações em um paradigma temático”. Para as autoras, esses novos horizontes podem ser vistos a partir de três pontos, que intitulam, inclusive, três seções do artigo: 1) “A letra de Benveniste e o legado comparatista”, 2) “A letra de Benveniste nos Problemas de Linguística Geral” e 3) “A letra de Benveniste nas Dernières Leçons”. Deter-me-ei, em função dos meus propósitos, na reflexão que comparece no terceiro ponto. Após destacar que as *Últimas aulas* “denota a continuação das elaborações teóricas de Benveniste” (AUGUSTINI; ARAÚJO; LEITE, 2015, p.119), as estudiosas afirmam que “Benveniste estabeleceu uma diferenciação entre *língua escrita* e *escrita*, correlacionando esses conceitos diretamente aos dois modos de significância da língua”. Ainda conforme elas, se, por um lado, *língua escrita*, em Benveniste, é “a língua sob a forma escrita”, “referindo-se ao modo semiótico”, a escrita compreende “a língua escrita apropriada por um locutor-scriptor, dado o modo como a mobiliza/atualiza”, portanto estaria ligada ao modo semântico. Em outras palavras, essa distinção estabelecida por Benveniste entre língua escrita e escrita estaria atrelada, para as autoras antes referidas, à dupla conceitual semiótico/semântico, especificamente. Assim, a despeito de trazerem a ideia benvenistiana (e aí o ponto de vista semiológico comparece) de que a escrita constitui uma extensão da própria língua, a reflexão sobre a problemática da escrita nas aulas estaria, de acordo com as estudiosas, diretamente vinculada ao modo semântico da língua, aquele que, conforme sabemos, está intimamente associado ao universo da enunciação. Particularmente, distancio-me dessa leitura, uma vez que fica claro que, nesse estudo, elas compreendem a escrita, tratada por Benveniste nas *Últimas aulas*, no contexto da enunciação, ou seja, a escrita de que Benveniste fala nas aulas equivaleria *pari passu* com a noção de enunciação escrita que se lê em “O aparelho formal da enunciação”. No entanto, concordo com Flores (2018), pois “as *Últimas aulas* não são, em si, suficientes para subsidiar uma abordagem enunciativa da escrita” (FLORES, 2018, p.397). Nelas, a reflexão sobre escrita comparece em função da relação de interpretância da língua com ela mesma, ou seja, trata-se de um ponto de vista assumidamente semiológico, muito diferente, portanto, do viés declaradamente enunciativo que marca o termo “enunciação escrita”, presente em “O aparelho formal da enunciação”.

Na sequência, refiro o trabalho de Stein (2016), o qual tem o objetivo de “problematizar o laço entre professor-revisor e aluno-scriptor no ensino de escrita” (STEIN, 2016, p.175). Para cumprir essa finalidade, a autora parte da noção de escrita presente na reflexão de Benveniste nas *Últimas aulas*. No item que se intitula “A escrita na reflexão de Benveniste”, em

determinado momento da sua discussão, a estudiosa afirma que a abordagem que fará considera “a escrita uma experiência singular do homem na linguagem” (STEIN, 2016, p.176), concepção essa que, por definir a escrita de um ponto de vista antropológico em relação à teoria de Benveniste, de certo modo, não equivale ao cerne da discussão sobre o sistema de escrita que o linguista promove nas aulas. Na continuação do texto, Stein destaca que, ao percorrer as *Últimas aulas*, é possível resumir a concepção de escrita do seguinte modo:

- i) a escrita é um sistema que pressupõe uma abstração de alto grau, uma vez que articulado ao processo de elaboração da linguagem interior e ao desprendimento da riqueza contextual;
- ii) a escrita não é a língua, embora a supunha;
- iii) a escrita é o instrumento de autossemiotização da língua;
- iv) a escrita é uma forma secundária da fala no sentido de ser paralela a ela. (STEIN, 2016, p.177).

Dos quatro pontos sublinhados pela autora, gostaria de chamar a atenção que, enquanto o i) e o ii) constituem suas formulações, com base, obviamente, em sua leitura das teorizações de Benveniste, o iii) e o iv) são definições do linguista sobre escrita, recuperadas pela estudiosa. Confesso que, desses quatro aspectos, fiquei bastante intrigado com o ii), no qual encontra-se a afirmação polêmica, que não se encontra nos escritos de Benveniste, de que a escrita não é a língua, embora a suponha. Como compreender essa asserção? Se a escrita não é língua, como ela a supõe? Penso que essa formulação advém da leitura da autora e não está explícita nos diversos momentos das aulas sobre escrita. Tome-se, a título de exemplo, a seguinte passagem, bem conhecida entre os intérpretes de sua teoria, inclusive trazida por Stein (2016) no trecho acima: “A escrita e, mais particularmente, a escrita alfabética, é o instrumento da autossemiotização da língua” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.155). Ora, me parece que Benveniste quer nos dizer, por meio dessa definição, e isso ele já tinha dito explicitamente no artigo “Semiologia da língua”, que a língua tem a propriedade de interpretar a si própria, fenômeno nomeado nas aulas de “autossemiotização da língua”; e a escrita, nesse caso, não figura enquanto outro *sistema*, nem enquanto enunciação escrita, mas como prova dessa propriedade intrínseca à língua de autointerpretar-se. Desse modo, a escrita não constitui um outro sistema, diferente daquele da língua, visto que “a escrita é a evidência da autossemiotização da língua” (FLORES, 2018, p.409).

Após trazer essa reflexão sobre a noção de escrita a partir das *Últimas aulas*, a estudiosa volta a vincular a abordagem da escrita em Benveniste a um viés antropológico e também enunciativo: “é possível compreendê-la como um sistema que permite à humanidade, enquanto coletividade, e a cada homem, em sua singularidade, renovar-se à medida que aprende a

elaborar sua linguagem interior e, assim, (re)velar sua experiência”. (STEIN, 2016, p.177). Parece-me que essa reflexão da autora, embora recorra às reflexões das aulas ministradas por Benveniste, está muito mais atrelada ao ponto de vista da enunciação. Essa leitura é corroborada pelo fato de que, na sequência do seu trabalho, ela aborda a questão do laço na escrita, fundamentando essa reflexão a partir da teoria dos pronomes e do conceito de intersubjetividade em Benveniste, conceitos que estão ligados à teorização enunciativa do autor, e não à semiológica. Sobre o conceito de laço, diz a autora, ele constitui “o lugar da troca intersubjetiva em que o professor, ao se colocar como um *tu*-parceiro do aluno que escreve, possibilita que esse estudante reveja o seu modo de se expressar na/pela escrita” (STEIN, 2016, p.184). E, nesse sentido, “a intersubjetividade precisa ser considerada como o estopim para compreendermos a troca a ser estabelecida entre professor-leitor e aluno-scriptor” (STEIN, 2016, p.180-181).

Ora, ao que tudo indica, a pesquisadora, embora afirme que buscará nas *Últimas aulas* o esteio para sua reflexão sobre escrita, encaminha, no decorrer do artigo, para uma visada enunciativa, uma vez que toma a escrita não como a prova de que a língua semiotiza a si própria (sendo, portanto, um outro modo de ser língua), mas como “experiência singular de cada homem na língua” (STEIN, 2016, p.188), ou seja, o início de seu texto faz-nos pensar que se tratará de uma abordagem da escrita a partir de um ponto de vista semiológico, no entanto o que encontramos é o desenvolvimento de um olhar enunciativo para o ensino de escrita, enquanto ato de enunciação, na universidade. Talvez Stein (2016) tivesse a necessidade de incorporar a abordagem enunciativa por necessitar ir para o uso da escrita em contexto da sala de aula. No entanto, em alguns momentos, esses dois pontos de vista – o semiológico e o enunciativo – parecem misturar-se e se confundir. Além disso, é relevante registrar que a estudiosa, embora traga um pouco da reflexão semiológica de Benveniste naquela passagem reproduzida aqui, não a vemos desenvolver e aprofundar pontos em seu estudo da relação da língua com ela mesma e as consequências disso para uma reflexão sobre escrita, de modo que parece tomar como dado/evidente o fato de a escrita ser o instrumento de autossemiotização da língua sem uma preocupação em desdobrar essa ideia, uma vez que, talvez, tome como afirmação dada, sem necessidade, portanto, de problematização, reflexão e interpretação. No entanto, seguindo à risca a lição de Benveniste, penso que “é útil pedir à evidência que se justifique” (BENVENISTE, 2005a, p.284). O que é autossemiotização? O que permite à língua se autossemiotizar? Que escrita é essa que se produz dessa relação da língua com ela mesma? Tais questões reclamam uma resposta por meio de um estudo teórico interpretativo que construa uma noção de escrita a partir da visada semiológica do linguista.

Flores, em seu “A *enunciação escrita* em Benveniste: notas para uma precisão conceitual”, tem como objetivo “dar início a um estudo crítico-conceitual que permita derivar uma concepção de escrita [...] no quadro da reflexão enunciativa oriunda do linguista Émile Benveniste” (FLORES, 2018, p.396). O leitor poderia se perguntar agora o motivo pelo qual incluiu esse texto no meu *corpus* de pesquisa neste capítulo, já que ele, como o próprio autor sinalizou, faz uma abordagem da escrita, vinculada ao quadro formal da realização da enunciação esboçado por Benveniste no artigo de 1970. Porém, para empreender esse estudo, o linguista aponta que há diferenças entre a escrita que está presente nas *Últimas aulas* e aquela que se pode entrever no quadro da enunciação. E, para fundamentar seu ponto de vista, ele, na segunda parte de seu artigo, busca responder à pergunta: “que escrita está presente nas *Últimas aulas*?” (FLORES, 2018, p.400). Por isso, justifica-se a presença desse texto nesta tese.

Antes de adentrar nessa discussão, o autor, com o objetivo de demonstrar que a flutuação terminológica de Benveniste se estende à escrita, pontua alguns usos que o termo “escrita” tem na obra do linguista: “a) uso ligado à ideia de *sistemas de representação* (alfabético, silábico etc), o que o permite falar em ‘tipos’ de escrita”, “b) uso ligado à noção de *língua escrita*, o que o permite falar em marcas da ‘língua escrita’ em contraste com a ‘língua falada’”, “c) uso ligado à concepção de sistema semiótico”, uso sobre o qual recai o interesse desta tese, visto que quero estudar a escrita enquanto sistema semiológico, vinculada, portanto, à reflexão semiológica de Benveniste. Por fim, ele afirma que, além desses citados, há o uso no artigo “O aparelho formal da enunciação”, no qual, como sabemos, Benveniste introduz a noção de “enunciação escrita” como um tipo de enunciação, em paralelo à enunciação falada. É sobre esse sentido de “escrita”, ligado, atrelado à reflexão sobre enunciação que se debruça o artigo do autor.

Na seção 2 de seu texto, Flores (2018, p.407) afirma que o contexto em que a discussão sobre a escrita aparece nas *Últimas aulas* é “muito diferente do contexto em que a expressão *enunciação escrita* aparece em ‘O aparelho formal da enunciação’”. E ele situa essa diferença na intenção de Benveniste com a reflexão proposta nas aulas: “a intenção de Benveniste é situar-se na discussão aberta por Saussure relativamente à ‘Semiologia’ e ao lugar da língua frente os demais sistemas semiológicos” (FLORES, 2018, p.407). Nas *Últimas aulas*, conforme o pesquisador, o linguista sírio-francês “mostra como a língua interpreta a si própria, o que ele chama de ‘autossemiotização da língua’” (FLORES, 2018, p.409), e a escrita constituiria, portanto, “a prova de que a língua interpreta a si própria” (FLORES, 2018, p.409). O autor conclui essa parte, destacando que a interpretância da língua por ela mesma (a autossemiotização da língua) é “um aspecto do mecanismo de interpretância da língua” (FLORES, 2018, p.409), sendo que a escrita é convocada a comparecer nesse contexto, não em

virtude de suas características enunciativas, mas sim semiológicas, a partir do processo de autossemiotização da língua. Quanto ao posicionamento do autor em relação à noção sobre escrita presente nas aulas, concordo integralmente com a sua reflexão, uma vez que, de fato, em uma leitura atenta, percebe-se facilmente, junto com Flores, de que há homonímia em relação ao termo “escrita”, dentro da teoria de Benveniste. Não é possível, assim, tratar as *Últimas aulas* como uma espécie de continuação da abordagem enunciativa do linguista. O contexto teórico é distinto, embora, desde já, assinalo que não vejo o *Benveniste teórico da enunciação* e o *Benveniste semiólogo* como faces opostas, inconciliáveis dentro da teoria da linguagem do linguista.

No entanto, percebe-se que Flores, em função de seu objetivo no texto, não se preocupa em analisar os desdobramentos dessa concepção original que Benveniste lança para o sistema de escrita. O pesquisador se resume a retomar as ideias de Benveniste sobre escrita nas *Últimas aulas*, como a questão da interpretância da língua por ela mesma, sendo a escrita o instrumento que revela essa capacidade intrínseca à língua, porém ele, assim como Stein (2016), referida anteriormente, parece tomar essa argumentação de Benveniste como um posto. No entanto, de meu ponto de vista, esse posto precisa ser desdobrado e refletido à luz da reflexão semiológica do linguista e, principalmente, de sua noção de língua para que se possa entender *porque* e *como* a língua se autossemiotiza na constituição da escrita. Penso haver muito o que se dizer a partir disso, ou seja, se essa reflexão do linguista me mobilizou enquanto pesquisador interessado pelas questões de linguagem, ela carecia, evidentemente, de respostas à obviedade aparente.

Por sua vez, Rosário, em sua inovadora tese de doutorado intitulada *Um périplo benvenistiano: o semiólogo e a semiologia da língua*, possui o objetivo de compreender, como um todo, a ideia de Benveniste de uma semiologia da língua, assim como o efeito dessa reflexão semiológica sobre o lugar da linguagem nas ciências humanas. Trata-se, assim, de um estudo essencialmente semiológico em relação à teoria de Benveniste; além disso, a autora faz referência à escrita nas *Últimas aulas*. Como primeira hipótese do trabalho, Rosário (2018, p.46) afirma que “a ideia de uma *semiologia da língua* [...] vai além do projeto de uma metassemântica apresentado, prospectivamente, no fechamento do artigo ‘Semiologia da língua’. Além da metassemântica, sua ideia de uma *semiologia da língua* também engloba outras relações envolvendo a língua”. Ou seja, a estudiosa defende que o campo da semiologia da língua envolve diferentes relações de interpretância, todas elas sempre envolvendo necessariamente a língua: a relação da língua com os outros sistemas, consigo mesma (através da escrita), com a sociedade e, inclusive, com os textos e as obras (através da questão da metassemântica). Essa relação, conforme a pesquisadora (ROSÁRIO, 2018, p.134), “está ligada

a uma propriedade constitutiva da língua (sua propriedade de interpretar), na qual se fundamenta o princípio norteador, o axioma, de sua reflexão semiológica”, qual seja, o princípio de que é a língua, somente a língua, que “pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive a si mesma” (BENVENISTE, 2006d, p.62). Desse modo, argumenta que a noção de interpretância engloba, de um lado, a relação de interpretância (relação entre sistema interpretante e sistema interpretado) e, de outro, a propriedade de interpretância da língua.

Em relação à questão da escrita nas *Últimas aulas*, que envolve a relação estabelecida pela língua consigo mesma, Rosário retoma o posicionamento de Flores (2018) de que o pensamento de Benveniste sobre a escrita em suas aulas no Collège de France não equivale à reflexão “na qual a escrita seja compreendida como produção escrita (como um texto) nem tampouco como enunciação escrita” (ROSÁRIO, 2018, p.135). Após esclarecer que o ponto de vista adotado por Benveniste nas aulas para pensar a escrita é semiológico, em um franco diálogo com “Semiologia da língua”, a pesquisadora defende que, nas aulas em que o linguista se dedica à escrita (conjunto de oito aulas, que foram reunidas no segundo capítulo das *Últimas aulas*, intitulada “A língua e a escrita”), a escrita se apresenta “como um outro modo de ser língua” (ROSÁRIO, 2018, p.136), visto que, nesse momento, Benveniste “coloca mais em evidência a relação da língua consigo mesma do que a relação entre um sistema interpretante e um sistema interpretado” (ROSÁRIO, 2018, p.136). Como base para seu argumento, a autora recorre ao resumo que Benveniste elabora de suas aulas no *Annuaire du Collège de France 1968-1969*, no qual o linguista formula textualmente o fato de que “a escrita não constitui um sistema distinto. É o prolongamento ou a projeção da própria língua” (BENVENISTE apud LAPLANTINE, 2013, p.3, tradução minha). É dessa afirmação de Benveniste, penso eu, que a estudiosa se inspira para formular sua ideia de a escrita constituir esse outro modo de ser língua, contrariamente ao pensamento geral de que se trataria da relação entre sistemas distintos. Retoma, nesse sentido, a formulação original sobre a escrita apresentada na aula 12, que começa com a seguinte definição: “A autossemiotização da língua: A escrita foi sempre e por toda a parte o instrumento que permitiu à língua semiotizar a si mesma” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.155, [nota de ouvinte]). No entanto, como o objetivo da autora não é o de se centrar na relação da língua com ela mesma implicada na constituição da escrita, não avança na reflexão sobre o que isso diz sobre a escrita, ou seja, sobre o que se produz como escrita a partir do fato assinalado por Benveniste de que a escrita constitui o instrumento que possibilitou à

língua semiotizar⁷¹ a si mesma. Assim como Flores (2018), a estudiosa não busca desenvolver a questão do que *implica* rever a escrita sob essa nova perspectiva, qual seja, a de que a relação da língua consigo mesma – intitulada pelo linguista como processo de autossemiotização da língua – produz a escrita, que, além de instrumento desse processo, constitui “a manifestação da autossemiotização” (ROSÁRIO, 2018, p.138), ou seja, como isso ocorre. Retomo aqui uma de minhas questões de pesquisa: **Se a escrita se revela a partir da relação da língua com ela mesma, o que se produz como escrita dessa relação?**

Assim, para Rosário, a reflexão sobre a questão da escrita em Benveniste, a partir das *Últimas aulas*, estaria atrelada a um tipo de relação de interpretância específica, aquela da língua com relação a si própria, o que, de certo modo, deixa ainda em aberto o que está implicado nessa relação e como a escrita se produz dessa relação. Nas aulas no Collège de France, Benveniste, de fato, apresenta, em um evidente e direto diálogo com o artigo de 1969, o princípio de que a língua, além de interpretar a tudo, tem a propriedade de interpretar a si mesma, o que está resumido sob a expressão de “autossemiotização da língua”. Embora a pesquisadora formule a ideia do outro modo de ser língua através do sistema de escrita, formulação que, aliás, pode ser depreendida do próprio Benveniste quando ele afirma ser a escrita não um sistema distinto da língua, mas um prolongamento da própria língua, penso que falta discutir as consequências ou as implicações dessa reflexão em relação à escrita, ou seja, o que mais pode ser dito sobre ela a partir desse olhar amplamente inovador que o linguista lança em suas aulas.

Por fim, é importante referir a interessante tese, publicada recentemente, intitulada *Émile Benveniste em suas Últimas aulas no Collège de France: a escrita em questão*, de autoria de Aline Wiczikowski Rocha. Na tese, a autora tem como objetivo geral verificar como Benveniste elabora o problema da escrita na dimensão linguística em seu quadro teórico. Para cumprir esse objetivo geral, busca, especificamente, (re)constituir o cenário científico sobre a

⁷¹ A propósito do termo “semiotiza”, empregado por Benveniste, Rosário (2018) o aproxima do termo “interpretância”. Segundo a autora, “Benveniste não se refere, nessa reflexão intitulada ‘A língua e a escrita’, acredito, à formação de um semiótico (de um sistema) mas, de fato, à língua significando semiologicamente, à noção de interpretância (uma propriedade fundamental da língua) operando seja em relação a um outro sistema qualquer (a língua interpreta tudo) seja – e aqui está o cerne desse conjunto de aulas (aulas 8 a 15) – em relação ao sistema da escrita (a língua interpreta inclusive a si mesma)” (ROSÁRIO, 2018, p.139).

escrita no contexto que antecedeu a reflexão benvenistiana presente na obra *Últimas aulas*⁷²; também a autora busca compreender as motivações de Benveniste em relação à escrita a partir da sua leitura do *Curso de Linguística Geral*; além disso, procura debater as lições sobre a semiologia e a relação entre a língua e a escrita para, por fim, inscrever a significância da escrita no quadro benvenistiano. No final da tese, a pesquisadora procede a análise de textos escritos. Observa-se, desse modo, que Rocha (2019) tem um compromisso teórico e analítico acerca da escrita na tese.

Para desenvolver esses objetivos, a autora defende especialmente duas ideias: a primeira repousa no fato de que “*ao operar a propriedade da dupla significância da língua, Benveniste constata que a escrita se apresenta como uma forma secundária da fala, portanto, uma forma secundária do discurso, forjada das duas maneiras de ser língua: língua como semiótico, língua como semântico*” (ROCHA, 2019, p.185, grifos da autora). E a segunda traz a ideia de que “*dada a propriedade fundamental de significância da língua, com o estudo do sistema da escrita, Benveniste consegue imprimir a propriedade da interpretância da língua sobre seu próprio sistema, pois, pela escrita, a língua consegue realizar sua autossemiotização*” (ROCHA, 2019, p.185, grifos da autora). Quanto a esses posicionamentos da autora, não discordo, conforme ficará claro ao longo do texto. De fato, Benveniste define a escrita como uma forma secundária da fala e do discurso e formula a tese da autossemiotização da língua pela escrita. Isso se encontra textualmente nas aulas ministradas por ele no Collège de France. No entanto, por não encontrar na teorização da autora uma explicação para essas formulações do linguista, continuei com minhas inquietações formuladas já na introdução desta tese, de como se dá a relação da língua consigo mesma para a produção da escrita. Por que a escrita seria a prova de autossemiotização da língua? Que processo semiológico é este de a língua comparecer como escrita?

Considero importante examinar as afirmações e problematizações de Benveniste sobre escrita em sua busca da relação com a língua para poder explicar como seria essa relação de interpretância da língua com ela mesma para produzir um sistema a sua imagem, a escrita. É nessa direção que caminha esta tese, de natureza intrateórica.

⁷² Vale registrar essa importante reconstrução realizada por Rocha (2019), pois Fenoglio (2016), como apontei em item anteriormente, mostra que Jacques Derrida e Jack Goody refletiram sobre o tema da escrita em contexto próximo ao de Benveniste, registrado na obra *Últimas aulas*; inclusive, como lembra Fenoglio (2016), Derrida é mencionado em nota por Benveniste, e a obra do filósofo consta na biblioteca do linguista. Parece-me que, nesse sentido, o estudo de Rocha e o realizado por mim neste capítulo circunscrevem tempos distintos e tornam nossas reflexões complementares, visto a autora buscar o contexto anterior ao que Benveniste reflete sobre escrita e, nesta tese, especialmente neste capítulo, procuro os efeitos da reflexão sobre escrita de Benveniste em estudos posteriores à divulgação dessa reflexão sobre escrita do linguista.

Cabe um último apontamento em relação à tese acima referida: nas seções das considerações finais, a estudiosa afirma que “do ponto de vista semiológico, a escrita é a *autossemiotização* da língua; do ponto de vista do sentido, a escrita é *forma secundária do discurso*” (ROCHA, 2019, p.185, grifos da autora). Parece-me que a autora traça uma distinção entre o “ponto de vista semiológico” e “o ponto de vista do sentido”, sem, no entanto, esclarecer essa diferença, o que me causou mais curiosidade. De meu ponto de vista, adotar um ponto de vista semiológico implica considerar o sentido na dupla significância da língua (domínio do signo e do discurso). Ademais, parece que a estudiosa lê como não relacionadas a questão da escrita como autossemiotização da língua e como forma secundária do discurso, quando, na verdade, no estudo que venho realizando para esta tese, conforme será apresentado no capítulo 3, trata-se de formulações intimamente associadas, ou seja, percebo, e o último capítulo tratará disso, que as noções de escrita presentes nas *Últimas aulas* são modos de Benveniste problematizar a escrita como língua. Em outras palavras, minha posição é a de que as aulas revelam Benveniste em busca da relação semiológica entre língua e escrita, fato que comparece nas últimas aulas do capítulo 2 como resultado de reflexões presentes em aulas anteriores.

A partir dessas contextualizações e problematizações, passo a fazer pontuações em forma de síntese desse percurso.

1.2 PONTUAÇÕES E REFLEXÕES SOBRE OS EFEITOS DA PUBLICAÇÃO DA OBRA *ÚLTIMAS AULAS*

Realizada essa exposição de trabalhos – tanto os produzidos na França quanto os publicados no Brasil - que tomaram a reflexão contida nas *Últimas aulas* como fundamentação teórica de suas discussões específicas, foi possível notar que, embora eles formulem reflexões importantes em relação à escrita tal como compreendida nas aulas no Collège de France, nenhum deles toca efetivamente na questão do que se produz⁷³ como escrita a partir da ideia central elaborada por Benveniste de que a escrita constitui o instrumento e o lugar do processo de autossemiotização da língua. Percebi que, em muitos trabalhos aqui citados, os autores se dedicaram mais em retomar e esclarecer as ideias de Benveniste sobre a escrita, do que em tratar das implicações dessas ideias para a proposição de uma explicação sobre como a escrita

⁷³ O termo “produz” apresenta, no contexto desta tese, o sentido de elucidar o que significa compreender a escrita como instrumento de autossemiotização da língua, conforme definição dada por Benveniste (2014). Em outras palavras, esse termo remete à ideia de explicar como a escrita se constitui a partir da relação de interpretação da língua com ela mesma.

se constitui a partir da relação da língua com ela mesma. Todos esses estudos tocam, de fato, no tema da escrita, na autossemiotização da língua, na relação da língua com ela mesma para a constituição da escrita, recorrendo à discussão de Benveniste nas aulas, no entanto, em minha opinião, não há em nenhum deles um maior desdobramento daquilo que pode ser produzido como explicação para, a partir da relação semiológica da língua com ela mesma, comparecer a escrita, ou seja, que conhecimento pode emergir sobre a escrita, a partir da ideia de que a relação da língua consigo mesma produz um sistema à sua imagem, a escrita? É para essa direção que esta tese pretende caminhar, pois falta mostrar o que está em jogo nessa relação de autossemiotização da língua ou nessa relação de interpretância da língua consigo mesma para se definir a escrita como algo que emerge dessa relação.

Nesse sentido, meu trabalho, embora dialogue com os estudos já existentes que apresentei no capítulo com pontos ora de aproximação, ora de distanciamento, distingue-se, como argumentei no capítulo, no seguinte ponto: os estudos apresentam a formulação presente nas *Últimas* aulas da escrita como autossemiotização da língua, mas não refletem as implicações dessa formulação para a constituição de uma *noção de escrita* em que a língua com suas propriedades ligadas à dupla significância se apresenta como determinante.

Quero deixar claro que, ao apontar essa ausência, não é meu objetivo tecer críticas a esses estudos, os quais, certamente, representam, cada qual ao seu modo, contribuições importantes aos estudos ligados à linguística de Benveniste, à sua abordagem semiológica e a seus estudos sobre escrita. Ao indicar a incompletude desses estudos em termos de uma teorização explicativa a respeito do que pode ser produzido sobre a escrita a partir da autossemiotização da língua, obviamente não os estou desvalorizando, mas sim produzindo uma argumentação em favor da originalidade que constitui minha proposta nesta tese.

Antes de finalizar a reflexão empreendida neste capítulo e encaminhar para o capítulo 2, centrado essencialmente na noção de língua benvenistiana, é importante esclarecer, neste momento, de que concepção de língua eu estou tratando, quando falo da minha proposta de estudar a relação da língua com ela mesma para a constituição da escrita nas *Últimas aulas* e o que pode emergir de conhecimento sobre a escrita a partir desse novo modo de olhar essa relação. Ter clareza da concepção de língua aqui mobilizada é de fundamental importância, pois sabemos que Benveniste foi um linguista da linguagem, das línguas e da língua. Assim, diante da premissa de que a relação entre língua e escrita, em Benveniste, é analisada a partir de uma perspectiva semiológica, a que noção de língua o linguista recorre para formular sua semiologia: será à língua enquanto objeto teórico, ou às línguas, compreendidas como idiomas, da ordem do empírico/histórico?

Esse questionamento reenvia à discussão presente no texto “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, artigo proferido por Benveniste em 1968, em um congresso em Milão, e publicado na parte III, intitulada “Estruturas e análises”, do *PLG II*. Nele, o linguista tem por objetivo “examinar as relações entre duas grandes entidades que são respectivamente a língua e a sociedade” (BENVENISTE, 2006c, p.93), exame esse que está em conformidade com sua discussão a respeito das relações entre os sistemas, reflexão apresentada e aprofundada no decorrer dos anos 60, especialmente no artigo “Semiologia da língua” e nas *Últimas aulas*. Notando, assim, o modo como linguistas, sociólogos e antropólogos costumam abordar essa questão – seja mostrando que “a sociedade e a cultura inerente à sociedade são independentes da língua”, seja mostrando “que a língua é – como dizem eles – o espelho da sociedade” (BENVENISTE, 2006c, p.94) -, Benveniste reconhece que “o problema está longe de ser simples” e busca abordá-lo diferentemente, até porque “a maneira pela qual o problema foi debatido até agora não nos aproxima muito de uma solução” (BENVENISTE, 2006c, p.95).

Benveniste sustenta que é preciso “assinalar e corrigir uma confusão que é cometida entre duas acepções do termo língua e do termo sociedade respectivamente” (BENVENISTE, 2006c, p.95-96). Esclarece, então, que:

Existe de uma parte a sociedade como dado empírico, histórico. Fala-se da sociedade chinesa, da sociedade francesa, da sociedade assíria; existe de outra parte a sociedade como coletividade humana, base e condição primeira da existência dos homens. Da mesma maneira, existe a língua como idioma empírico, histórico, a língua chinesa, a língua francesa, a língua assíria; e existe a língua como *sistema de formas significantes*, condição primeira da comunicação. (BENVENISTE, 2006c, p.96, grifos meus).

Assim, Benveniste estabelece uma distinção importante, que me é caríssima, entre um *nível histórico*, de um lado, e um *nível fundamental da língua*, de outro. Conforme o linguista, se, no que se refere ao nível histórico, não há relação entre uma língua histórica (língua chinesa, francesa, portuguesa etc.) e uma sociedade histórica (sociedade chinesa, francesa, portuguesa etc.), entre a língua e a sociedade, tomadas em seu *nível fundamental*, “podemos perceber imediatamente homologias” (BENVENISTE, 2006c, p.96), e é este o nível que, de fato, interessa a Benveniste e também a mim nesta tese, aquele em que a língua (não as línguas-idiomas) é compreendida como *sistema de formas significantes*, e a sociedade é definida como coletividade humana, base da existência humana. É essa noção de língua enquanto sistema de formas significantes, e não enquanto idiomas empíricos, que está em jogo na reflexão que o autor formula a respeito da noção central de sua semiologia, a de interpretância, ou seja, é a *língua tomada em seu nível fundamental, não histórico, que significa os outros sistemas*

semiológicos, interpretando-os. O nível histórico da língua e da sociedade é deixado de lado em favor do nível fundamental, visto que é este, de acordo com o linguista, que possibilita o estabelecimento da relação semiológica de interpretância da língua com os outros sistemas, inclusive a sociedade e com ela mesma, relação a partir da qual surge a escrita.

Nesse sentido, a relação fundamental entre a língua e a sociedade envolve necessariamente, para o linguista, uma discussão semiológica: em virtude de seu modo único de significar, a língua interpreta a sociedade, isto é, a sociedade torna-se significativa *na e pela* língua, em uma relação de interpretância. Isso mostra que, para o teórico, trata-se sempre de uma *relação semiológica*:

Estamos considerando aqui a língua somente como um meio de análise da sociedade. Para este fim nós tomaremos *língua e sociedade em sincronia e numa relação semiológica*: a relação do interpretante com o interpretado. E formularemos estas duas proposições conjuntas: em primeiro lugar, a língua é o interpretante da sociedade; em segundo lugar, a língua contém a sociedade (BENVENISTE, 2006c, p.97, grifos meus).

Interessa-me ressaltar, da passagem citada, o trecho em que Benveniste destaca tomar a relação entre língua e sociedade em sincronia e numa relação semiológica, desvinculada, assim, de qualquer pressuposto histórico. Assim, para o linguista sírio-francês, não importa descrever as diferentes línguas com suas respectivas sociedades, mas sim estudar a relação – caracterizada por ele como semiológica – entre a entidade língua e a entidade sociedade, enquanto objetos teóricos, situados no nível que ele intitula de “fundamental”.

Assim se, conforme vimos, é dessa noção de língua que trata Benveniste na sua reflexão semiológica, uma reflexão que envolve a relação da língua com os outros sistemas, consigo mesma (escrita), com a sociedade e com os textos e as obras (a metassemântica), a relação entre língua e escrita – problema central de sua discussão desde a aula 8 até a aula 15 – é compreendida, portanto, a partir dessa *perspectiva fundamental*, e não histórica; noutras palavras, o ponto de vista de Benveniste, tanto com relação à escrita quanto com relação à sociedade, é semiológico. E semiológico equivale, neste contexto, ao nível fundamental da língua. Quando recorre às línguas, Benveniste procura o que é fundamental da língua.

Do próprio linguista advém minha argumentação, quando, no início de sua aula 8, a primeira dedicada ao tema da escrita, ele afirma que há a necessidade de “repensar, do zero, em uma *relação primordial*, a língua e a escrita” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.127, grifos meus). Ora, em concordância com o ponto de vista de Fenoglio (2016), também penso que o adjetivo “primordial” empregado por Benveniste para qualificar a relação entre língua e

escrita não é desproposital, já que o uso desse termo representa o objetivo do linguista de estudar essa relação de um ponto de vista semiológico e, portanto, *fundamental*, apartada do debate, comum na época, sobre a evolução histórica da escrita. E é nesse ponto, aliás, que ele endereça sua crítica à Saussure, que “confundia a escrita com o alfabeto e a língua com uma língua moderna” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.128). De modo contrário a Saussure, que concebia a relação entre língua e escrita a partir de um ponto de vista empírico, portanto, histórico, o linguista sírio-francês, diante da distinção que faz entre o nível histórico e o nível fundamental da língua, opta por teorizar sobre essa relação sob essa perspectiva, que denomino como essencialmente teórica, qual seja, a língua enquanto sistema de formas significantes.

Na aula 6, Benveniste retoma a distinção formulada em “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” entre os dois níveis da língua – o histórico e o fundamental -, associando o segundo à propriedade da interpretância:

Será preciso estabelecer uma distinção entre a língua, enquanto sistema de expressão – sem a qual não há sociedade possível -, e a língua-idioma, que é particular. É a língua como *sistema de expressão* que é o interpretante de todas as instituições e de toda a cultura. (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.117, grifos meus).

Da passagem acima, há duas ideias elaboradas pelo linguista que valem destacar: 1) é a concepção de língua como *sistema de expressão* que lhe importa e 2) *é a língua enquanto sistema de expressão que tem a propriedade da interpretância*. Ora, desse modo, se não são as línguas-idiomas que importam a Benveniste em sua reflexão sobre a semiologia da língua, também não são as escritas-idiomas que lhe interessam quando o assunto em questão é a relação da escrita com a língua. Importa sublinhar também que, se no artigo de 1968, o autor define a língua enquanto “sistema de formas significantes”, nessa aula, como se nota, ela é conceituada como “sistema de expressão”. Essas formulações, aliás, não me parecem que se opõem; penso, inclusive, que uma está em relação de complementaridade com a outra, e a compreensão, que subjaz a essas duas definições de Benveniste, é a de que *a língua é um sistema que produz sentidos*. As línguas-idiomas são meios empíricos para o linguista refletir sobre a língua. Do mesmo modo, as escritas-idiomas que comparecem nas *Últimas aulas* podem ser meios para Benveniste chegar à escrita como imagem da língua.

Dessa maneira, a título de síntese, se é esse nível fundamental da língua que interessa a Benveniste na sua discussão sobre as relações de interpretância promovidas por *essa língua* (dentre as quais, está a relação de interpretância da língua consigo mesma), evidentemente a escrita, sendo um sistema feito à imagem da língua, visto que “é o instrumento (*pela escrita*) e

a manifestação (*na escrita*) do processo de autosemiotização da língua” (ROSARIO, 2018, p.153, grifos da autora), deve ser compreendida não enquanto tipos de escrita, da ordem do histórico, muito menos como enunciação escrita, mas sim na qualidade de *sistema de formas significantes/sistema de expressão*, assim como a língua o é. Portanto, do mesmo modo que a relação entre língua e sociedade é situada pelo mestre no nível fundamental, o mesmo se pode afirmar da relação entre língua e escrita.

Assim como lemos em “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” e nas aulas, se não é a língua enquanto idioma histórico que ocupa Benveniste, mas enquanto sistema de formas significantes/sistema de expressão, é essa concepção que está envolvida na formulação da noção semiológica de *interpretância*, propriedade exclusiva da língua, que é tratada especificamente no artigo “Semiologia da língua”. Nele, o linguista define a relação de interpretância como a relação que se estabelece entre sistema interpretante e sistema interpretado e situa a língua como o sistema interpretante por excelência, uma vez que somente “a língua pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive a si mesma” (BENVENISTE, 2006d, p.62).

De acordo com Benveniste nas *Últimas aulas*, esse processo de a língua interpretar a si mesma, o *processo de autosemiotização*, é realizado *na escrita e pela escrita*, o que significa afirmar que a escrita funda-se graças à propriedade específica da língua de se autosemiotizar; essa propriedade é sua condição. Desse modo, tendo consciência das minhas questões de pesquisa, que se centram no tema da escrita na perspectiva semiológica de Benveniste e no que pode ser produzido de desdobramento a partir do que o linguista elaboras nas aulas, é mais do que imperativo, a fim de conhecer a escrita, saber o que tem a língua que a torna tão poderosa, capaz de interpretar todos os outros sistemas de signos e a si mesma. Nesse momento, alguns questionamentos fazem-se absolutamente necessários para o prosseguimento deste estudo: **que língua é essa que tem a propriedade de interpretar todos os outros sistemas e a si mesma? Que características essa língua comporta que possibilita que ela semiotize os outros sistemas de signos e se autosemiotize na e pela escrita? Compreendida e teorizada a partir desse nível fundamental aqui apresentado, quais as propriedades a língua apresenta em/para Benveniste?** O capítulo seguinte procura lançar luz a essas questões, discutindo profundamente o que caracteriza a noção de língua benvenistiana, que a torna um sistema semiológico possível de produzir a escrita.

2 DA CONCEPÇÃO DE LÍNGUA NA REFLEXÃO BENVENISTIANA

Encerrei o capítulo anterior formulando algumas questões, que servirão de guia para a reflexão que se pretende nesse espaço e que justificam, inclusive, a presença e a importância de um capítulo que versa essencialmente sobre a concepção benvenistiana de língua, uma vez que, como o capítulo anterior procurou explicitar, para Benveniste, a noção de língua, com suas propriedades, é determinante para a constituição da escrita, tomada a partir de uma visada semiológica. Nesse sentido, é importante retomar essas inquietações aqui, a fim de organizar a discussão que será feita no capítulo: **1) Que língua é essa que tem a propriedade de interpretar a si mesma?** As demais perguntas formuladas, na verdade, constituem paráfrases da primeira: **2) Que características essa língua comporta que possibilita que ela se autossemiotize e produza a escrita? Compreendida e teorizada a partir do nível fundamental, conforme discussão anterior, quais propriedades a língua apresenta em/para Benveniste?**

Como facilmente se percebe, o cerne dessas questões reside na compreensão da noção de língua em Benveniste, verificando o que nela há que a singulariza frente a todos os demais sistemas de signos e que possibilita que ela se autossemiotize, produzindo, assim, a escrita como o lugar onde se materializa esse processo. Compreender quais propriedades a língua comporta, de fato, é essencial neste estudo, visto que, conforme argumentado no capítulo anterior, a reflexão semiológica produzida pelo linguista, especialmente em “Semiologia da língua” e nas *Últimas aulas*, deriva da propriedade da interpretância, que é exclusiva do sistema da língua. Desse modo, o objetivo, neste espaço, é compreender em toda sua profundidade a concepção benvenistiana de língua, de modo a apreender o caminho teórico percorrido pelo linguista para formular o princípio de interpretância da língua e, por ele, fundar as bases de uma abordagem semiológica, que comporta a escrita.

A pergunta de Benveniste no texto “Semiologia da língua”, após seu diálogo com o argumento saussuriano de que a língua é o mais importante dos sistemas semiológicos, é aqui retomada: “O mais importante sob que aspecto?” (BENVENISTE, 2006d, p. 49). Ao tratar das relações entre sistemas – engendramento, homologia e interpretância – considera que, do ponto de vista da língua, essa última é a relação fundamental: “Nenhum outro sistema dispõe de uma ‘língua’ na qual se possa categorizar e se interpretar segunda as disposições semióticas, enquanto a língua pode, em princípio tudo categorizar e interpretar, inclusive ela mesma”. (BENVENISTE, 2006d, p. 62, grifo do autor). Para o linguista, a língua é o interpretante de todos os sistemas linguísticos e não-linguísticos por sua capacidade de semiotização,

relacionada, simultaneamente, à sua "estrutura formal" e "ao seu funcionamento", conforme vemos nos quatro itens elencados a seguir:

- 1.º ela se manifesta pela enunciação, que contém referência a uma situação dada; falar, é sempre falar-de;
- 2.º ela consiste formalmente de unidades distintas, sendo que cada uma é um signo;
- 3.º ela é produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma comunidade;
- 4.º ela é a única atualização da comunicação intersubjetiva. (BENVENISTE, 2006d, p. 63).

Ora, nesses quatro itens, parece-nos que Benveniste retoma a noção de língua como envolvendo *sistema* e *discurso*. Estrutura e funcionamento da língua descrevem seu modo de significar, o que permite a Benveniste instaurar *sua semiologia da língua* a partir da proposição desses quatro aspectos. Por isso, a língua é um sistema semiológico por excelência, interpretante de si e de outros sistemas por conter essas quatro características apontadas. É seguindo essa argumentação que organizaremos o capítulo revisitando textos que mostram a língua em *sua estrutura formal* e em *seu funcionamento*.

Nesse sentido, a potência de sistema interpretante e a argumentação produzida por Benveniste para enunciar essa noção são os pontos-chave da discussão sobre língua-discurso, pois não se trata mais de uma semiologia alicerçada no signo, como a de Saussure, mas no discurso. Como transversal à reflexão sobre língua de Benveniste, inserem-se, evidentemente, as noções de linguagem e homem, sendo este compreendido enquanto noção antropológica que assume seu lugar no mundo porque está na linguagem e na língua e, por meio delas, ocupando a casa pronominal “eu”, manifesta-se e significa.

Em outras palavras, o objetivo desse capítulo é percorrer a obra de Benveniste (mais especificamente, os *Problemas de Linguística Geral I e II*) para apresentar a reflexão que ele faz especialmente sobre a noção de língua, uma vez que ela é determinante para compreender o cerne de sua semiologia, a semiologia da língua, que, por sua vez, é o que possibilita a Benveniste pensar a escrita não mais apenas como uso da língua, mas como outro modo de ser língua, que revela, sobretudo, a capacidade da língua de interpretar-se a si mesma.

É nesse sentido, portanto, que justifico, no início do capítulo, a discussão de uma concepção de linguagem atrelada ao humano, uma vez que, de acordo com Flores (2017), a formulação “o homem está na linguagem” consiste em um axioma geral no qual está contido o axioma específico, “o homem está na língua”. Conforme o autor, o homem está na língua, de formas muito diferentes, porque antes está na linguagem. É por isso que falar sobre a noção de língua em Benveniste, que é o ponto-chave da discussão neste capítulo, implica considerar o

pressuposto antropológico de sua reflexão, visto que “há na língua recursos, que lhe são constitutivos, que manifestam a condição do homem como ser falante” (FLORES, 2017, p.12). Dito de outro modo, Benveniste compreende que está previsto o lugar do humano na definição de língua, lugar que é constitutivo do modo de funcionamento (e de significância) da língua, conforme será discutido especialmente quando tratar da dupla significância da língua. Nesse sentido, embora o aspecto antropológico não apareça nesta tese como protagonista da reflexão, como eixo central da argumentação, ao tratar da visão de língua do autor, essa dimensão incontornavelmente comparece, uma vez que lhe é constitutiva.

Compreendo, assim, que esses conceitos em sua inter-relação, homem-linguagem-língua, servem como fundamento para atender aos objetivos deste capítulo e amparam minha busca pelo entendimento da noção de escrita enquanto sistema semiológico, que se funda a partir da relação de interpretância da língua com ela mesma, relação essa que é possibilitada graças às propriedades que a língua comporta e que a fazem, de acordo com Benveniste, ser um sistema interpretante. Nessa perspectiva, justifica-se o motivo pelo qual dedico um capítulo nesta tese para discorrer sobre a noção de língua para o linguista, especialmente sobre quais são as propriedades/características que ela comporta, que a habilitam a funcionar como sistema interpretante.

Este estudo, então, se insere em uma atual preocupação dos estudiosos da obra de Benveniste em propor a abertura de seu pensamento sobre a linguagem, cuja repercussão, certamente, ultrapassa os limites da linguística *stricto sensu* para pensar questões que, muito antes de focalizarem o exame das marcas linguísticas que o locutor deixa no enunciado, tenham um interesse mais amplo, alcançando, assim, “as atividades significantes dos homens em qualquer tipo de interação social” (TEIXEIRA, 2012, p. 72). Nessa direção, Brunet e Mahrer (2011, p. 210) afirmam que a definição de significação – como a capacidade da linguagem de instaurar relações entre o homem e o mundo – alça a linguística de Benveniste no nível de uma ciência da cultura. Essa capacidade, que é exclusivamente humana, funda o nascimento do homem na cultura e, por extensão, na sociedade, uma vez que esses dois conceitos – cultura e sociedade - estabelecem entre si íntima e profunda correlação, embora sejam distintos: são dois aspectos complementares, pois, sem viver em sociedade, o homem não pode produzir cultura e sem cultura, o homem não pode viver em sociedade, sendo a faculdade simbólica da linguagem aquilo que possibilita que a língua signifique, servindo, assim, como elemento que intermedeia a relação de significação que se constitui entre homem e cultura/sociedade. É importante dizer que tomo a problemática da significação como uma questão semiológica, ou seja, que diz

respeito ao modo como os diferentes sistemas de signos significam, bem como as relações – também *significantes* – que estabelecem entre si.

Essa problemática conduz Benveniste, conforme se lê no prefácio de *Problemas de linguística geral I*, a questões relacionadas à linguagem, as quais são, em seguida, inseridas por Benveniste no âmbito de uma “teoria da linguagem”:

Os estudos reunidos nesta obra foram escolhidos entre muitos outros, mais técnicos, que o autor publicou nestes últimos anos. Se os apresentamos sob a denominação de problemas, isso se deve ao fato de trazerem em conjunto, e cada um em particular, uma contribuição ao grande problema da linguagem, que se formula nos principais temas tratados: encaram-se as relações entre o biológico e o cultural, entre a subjetividade e a socialidade, entre o signo e o objeto, entre o símbolo e o pensamento, e também os problemas da análise intralinguística. Os que descobrem noutros domínios a importância da linguagem verão, assim, a maneira como um linguista aborda algumas questões que são obrigados a se propor e perceberão, talvez, que a *configuração da linguagem determina todos os sistemas semióticos*. (BENVENISTE, Prefácio *PLG I*, grifos meus).

Notemos que Benveniste reconhece a complexidade de lidarmos com esse objeto e daí a relevância de colocá-lo em discussão. É necessário atentar também que, no final da passagem, o linguista incorre em uma oscilação terminológica:⁷⁴ embora empregue o termo “linguagem”, remete notadamente à noção de língua, uma vez que, articulando com a leitura do artigo “Semiologia da língua”, no qual ele formula a tese de que a língua é o sistema que interpreta todos os demais sistemas de signos, deduzimos que aqui se trata precisamente da “configuração da língua”, do modo como a língua está configurada, e é este modo, como apresentarei neste capítulo, que confere à língua o estatuto de sistema interpretante. Assim, é justamente nessa perspectiva que este capítulo se situa: verificar o que há na língua, nessa *configuração*, que possibilita, a partir da sua propriedade da significância, o surgimento de um outro sistema à sua imagem, que é a escrita. Benveniste, em três de fevereiro de 1969, na abertura de sua série de cursos ministrados no Collège de France, já apontava o papel importante da escrita na sociedade:

Vivemos na civilização do livro, do livro lido, do livro escrito, da escrita e da leitura. Nosso pensamento está, em qualquer nível, constantemente informado pela escrita. Isso relaciona de maneira cada vez mais íntima, extremamente íntima, a escrita com a língua toda, a fala e o próprio pensamento, que não mais se dissocia de sua inscrição real ou imaginada. *Toda reflexão sobre a língua, em particular, faz surgir em nosso pensamento a forma escrita*, na qual os signos linguísticos adquirem realidade visível. (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p. 127, grifos meus).

⁷⁴ Só neste capítulo, veremos que, em vários momentos da reflexão de Benveniste, ele parece incorrer em oscilações terminológicas, especialmente entre os termos “linguagem” e “língua”.

Essa citação não faz mais do que evidenciar a indissociabilidade entre língua e escrita no quadro da semiologia da língua de Benveniste. É por isso que, para abordar o tema da escrita nas *Últimas aulas*, é impossível dissociar de uma reflexão sobre a língua, sobre as propriedades que a caracterizam e que a tornam singular no universo semiológico. Benveniste, logo a seguir nessa mesma aula, propõe nos distanciarmos de nossa experiência empírica/concreta com as escritas para pôr em questão as falsas evidências, marca registrada do modo de pensar benvenistiano:

Essa condição em que nos encontramos diante da escrita mascara, a nosso ver, a maior dificuldade do problema, uma dificuldade menos relacionada à matéria do que à maneira como a consideramos instintivamente. Isso porque, sem um esforço de imaginação do qual bem poucos são capazes, mal estamos em condições de nos distanciarmos de nossa experiência secular para repensar do zero, em sua relação primordial, a língua e a escrita. (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p. 127).

Ora, como esse trecho me permite enfatizar, o objetivo de Benveniste é suspender a transparência com que a escrita é tomada em diferentes abordagens teóricas, para pensar a relação, *primordial*, em suas palavras, entre língua e escrita, uma *relação semiológica de autointerpretação*, já que os signos linguísticos adquirem realidade visível pela escrita. Essa relação coloca em cena obrigatoriamente as propriedades da língua, pois são elas, justamente, que permitem a constituição da noção-chave da *(auto)interpretação*.

Dessa maneira, o que apresento, nesse capítulo, é uma proposta de leitura para pensar especificamente a relação homem-linguagem-língua em Benveniste, detendo-me muito especialmente na discussão que ele projeta sobre a noção de língua, uma vez que isso me fornecerá subsídios para abordar os desdobramentos da relação da língua com ela mesma para a projeção da escrita. Esclarece-se, assim, que nesta etapa, serão construídas as bases teóricas da discussão, apresentando uma reflexão que parte da leitura dos textos benvenistianos encontrados nos *PLGI* e *PLGII* e de estudos realizados por leitores de sua obra.

Para começo de discussão, antes de adentrarmos na reflexão benvenistianiana, é necessário firmar alguns esclarecimentos. Para quem estuda a teoria da linguagem elaborada por Benveniste, não é nenhuma novidade que a abordagem de cada artigo dos dois tomos dos *Problemas de Linguística Geral* varia de acordo com o contexto de sua produção, visto que tais textos têm objetivos e públicos variados. É por isso que Flores (2013a) orienta que não se pode ler em sincronia aquilo que foi escrito em diacronia. Desse modo, a questão da escolha do *corpus de pesquisa* torna-se extremamente relevante e necessária quando se vai falar em Benveniste – é sempre imperativo estabelecer o que Flores (2010, p. 397) intitula “corpus

teórico de referência”: uma seleção de textos do autor dentro da qual se pretende pesquisar. Portanto, pesquisar e produzir a partir de Benveniste requer encontrar um pórtico de entrada no universo vasto da obra do linguista. O meu é aquele que, no interior da reflexão do autor, considera, sob o pressuposto da dimensão antropológica da perspectiva de linguagem de Benveniste, a discussão empreendida pelo linguista acerca da noção de língua, que é a base sobre a qual ele funda sua semiologia e situa a relação de autointerpretância da língua para a constituição da escrita.

Assim, orientado pelo objetivo deste capítulo, que é o de traçar as grandes linhas da concepção de língua no pensamento de Benveniste, é que toma *forma* e *sentido* a seguinte pergunta, que resume bem os questionamentos produzidos no final do capítulo anterior: **Considerando o axioma específico de que a língua pode, em princípio, tudo interpretar, inclusive a si mesma (BENVENISTE, 2006d), quais características a língua comporta que lhe possibilita a propriedade da interpretância?**

Buscando reunir e articular elementos que me viabilizem responder a essa questão, é que convoco os seguintes textos, os quais estão reunidos em: a) *Problemas de Linguística Geral I* (1966/2005); b) *Problemas de Linguística Geral II* (1974/2006); e c) *Últimas aulas* (2012/2014).

Quadro 1: *corpus* teórico

<i>PLGI – Problemas de Linguística Geral I (2005)</i>
Tendências recentes em linguística geral Estrutura das relações de pessoa no verbo Comunicação animal e linguagem humana A natureza dos pronomes Da subjetividade na linguagem Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística Os níveis de análise linguística
<i>PLGII – Problemas de Linguística Geral II (2006)</i>
A forma e o sentido na linguagem Estruturalismo e linguística Estrutura da língua e estrutura da sociedade Semiologia da língua O aparelho formal da enunciação
<i>Últimas aulas no Collège de France (1968-1969) (2014)</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

Pela discussão pormenorizada que faz sobre a noção de linguagem e de suas propriedades constitutivas, justifica-se a seleção dos textos “Tendências recentes em linguística geral”, “Comunicação animal e linguagem humana”, “Da subjetividade na linguagem” e “Vista

d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística". Por sua vez, a discussão sobre o modo de organização e funcionamento da língua, abrangendo desde a questão da categoria pronominal que possibilita a conversão da língua em discurso até a propriedade da interpretância como consequência dessa conversão já que é pela língua-discurso que se funda a semiologia de Benveniste, assume foco de interesse nos artigos "Estrutura das relações de pessoa no verbo", "A natureza dos pronomes", "Os níveis de análise linguística", "A forma e o sentido na linguagem", "Estruturalismo e linguística", "Estrutura da língua e estrutura da sociedade", "Semiologia da língua" e "O aparelho formal da enunciação". Pela discussão complexa e absolutamente original que faz sobre as razões da singularidade e principalidade da língua em relação aos demais sistemas semiológicos, mobilizo o artigo "Semiologia da língua", texto axial de minha reflexão nesta tese. É importante dizer que, neste capítulo, em razão dos propósitos que me orientam nele, não será tratada em pormenores a obra *Últimas aulas*. Ela será retomada e amplamente aprofundada no capítulo 3 desta tese, quando abordarei a relação entre língua e escrita, a partir da perspectiva semiológica da dupla significância da língua.

O ponto de vista central que me orienta nessa discussão reside no *a priori* benvenistiano de que o homem constitui-se *na e pela* linguagem e de que, nessa constituição mútua, ele se instaura em uma língua para produzir sentidos na enunciação. Nessa perspectiva, é importante sublinhar que compreendo a teoria da linguagem de Benveniste como instituidora de uma teorização sobre enunciação, sem, no entanto, esgotar-se nela. O fato de o autor ter endereçado muitos de seus textos a psicólogos, antropólogos, filósofos etc. e o modo como ele encerra o texto-axial deste estudo, "Semiologia da língua" (2006d), apontando para uma semiologia de segunda geração, fundamentada na ideia de que é preciso transcender o signo como princípio único de funcionamento e adentrar no domínio do discurso, são alguns dos aspectos que deixam ver, segundo Teixeira (2012, p. 72), "[...] a potência e a originalidade de seu pensamento sobre a linguagem".

Para a autora, Benveniste representa um *terceiro gesto* nos estudos da linguagem: "[...] Em suas célebres formulações acerca da subjetividade na linguagem, incluídas na análise do sistema pronominal, encontram-se elementos indicativos de que se desenvolve aí um pensamento sobre a linguagem que subverte o binarismo". Ainda, conforme Teixeira (2012, p. 80, acréscimo meu), "[...] está em seu projeto [de Benveniste] a expressão da necessidade de reunir os conhecimentos sobre o homem". Em outras palavras, o terceiro gesto não dissocia linguagem-língua e homem, uma vez que, sob a égide de uma antropologia da linguagem, seu pensamento integra as noções de sociedade e cultura, próprias do mundo dos homens, à concepção de enunciação. É por isso que, embora meu foco neste capítulo seja a teorização

sobre a noção de língua por Benveniste, não é possível tratá-la de maneira isolada, visto que a linguagem e os elementos que a envolvem, como sociedade e cultura, necessariamente e incontornavelmente compõem nessa reflexão, justificando, desse modo, a afirmação de Flores (2013a, p.23-24) de que “a teoria enunciativa de Benveniste é mais bem compreendida se lida como uma complexa rede de termos, definições e noções interligados através de relações hierárquicas, paralelas, transversais, entre outras”. Valendo, segundo o pesquisador, como um “princípio epistemológico geral de leitura”, na teoria de Benveniste, “há uma rede de primitivos teóricos, ou seja, uma rede de termos, conceitos e noções interdependentes uns dos outros” (BENVENISTE, 2013a, p.24). Nesse sentido, é possível afirmar que o entendimento aprofundado da noção de língua, objetivo central deste capítulo, depende do entendimento da noção de linguagem e das noções a ela associadas, como homem, sociedade e cultura.

Sob esse viés, apoio-me na abertura prevista em textos de Émile Benveniste como o artigo “Semiologia da Língua” (2006d) e o conjunto de notas que compõe o livro póstumo *Últimas aulas para estudar um objeto que atesta a capacidade exclusiva do sistema da língua de se autointerpretar, revelando, assim, um outro modo de ser língua* e, portanto, constituindo *uma outra possibilidade de o homem se instaurar na linguagem para significar*. É nesse recorte que me inscrevo como pesquisador da linguagem: valendo-me dos estudos de Benveniste, que tem como pressuposto antropológico a indissociabilidade homem-linguagem, busco compreender o olhar semiológico de Benveniste para o fenômeno da escrita e o que essa nova perspectiva produz como escrita. Esse olhar semiológico, é claro, sustenta-se no pressuposto antropológico da reflexão benvenistiana sobre linguagem – *o homem está na linguagem e na língua*. E, segundo esse raciocínio, se a linguagem é definida no homem, e o homem é definido na linguagem, *podemos pensar que, se o homem está na língua, está também na escrita*.

Assim, de forma a responder a pergunta que orienta meu trajeto neste capítulo, delimito o caminho que o organiza: no primeiro item (2.1), discuto sucintamente a noção de linguagem em Benveniste, noção que, conforme veremos, está atrelada a seu funcionamento simbólico e indissociável da dimensão humana; passo, no item 2.2, a refletir sobre os dois aspectos da organização formal da língua pontuados no texto “Semiologia da língua”: de consistir de unidades distintas, sendo que uma é um signo e de ser produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma comunidade; no item 2.3, discuto os dois aspectos ligados ao funcionamento da língua: a) manifestar-se pela enunciação, que contém referência a uma situação dada, pois falar é sempre *falar-de* e b) ser a única atualização da comunicação intersubjetiva. O trajeto de abordagem da noção-chave desse capítulo, a língua enquanto organização e enquanto emprego, operacionalizado pelo ato de enunciação, me permitirá

concluir que a potencialidade significativa da língua prevê sua atualização no uso, o que equivale a concluir que *a noção de enunciação é fundamental para pensar a Semiologia da língua*. Feita essa reflexão, conduzo-me, no item 2.4, à investigação sobre a noção da interpretância da língua, conceito-chave e diferencial de sua semiologia.

2.1 DA LINGUAGEM À LINGUA QUE SERVE PARA VIVER

Qual é o lugar que a linguagem ocupa na vida do homem? O que diferencia da “linguagem” que possibilita a comunicação animal? Que noções de linguagem e de língua Benveniste desenvolve e que atestam a dimensão antropológica que é atribuída a sua teoria de linguagem? Como a língua atrela-se ao simbólico da linguagem? Trata-se de inquietações que procurarão ser respondidas ao longo dessa seção.

Segundo Flores, diferentemente do objeto da teoria de Saussure, circunscrito à língua, o objeto da linguística benvenistiana é “a linguagem tomada em toda a sua amplitude, na relação com as línguas e, obviamente, com a língua” (FLORES, 2013a, p.68). Ou seja, conforme Flores (2013a) pontua, o linguista sírio-francês desloca o objeto da linguística saussuriana, tomando a relação entre linguagem, línguas e língua como absolutamente essencial de ser enfrentada pelos linguistas. Em “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, Benveniste, além de destacar a natureza dupla do objeto da linguística, diferencia os conceitos de “linguagem”, “língua” e “línguas”, afirmando se tratar de uma *distinção necessária*:

Comecemos por observar que a linguística tem duplo objeto: é ciência da linguagem e ciência das línguas. Essa distinção, que nem sempre se faz, é necessária: a linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que as línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza. É das línguas que se ocupa o linguista e a linguística é, em primeiro lugar, a teoria das línguas [...]. (BENVENISTE, 2005d, p.20).

Por linguagem, assim, o autor compreende “a faculdade humana, característica universal e imutável do homem”, ao passo que as línguas, enquanto idiomas empíricos, são da ordem do particular e do variável. Ora, aqui nesse trecho destaca-se nitidamente a distinção entre linguagem e línguas: a linguagem se materializa (se realiza) nas línguas, o que equivale a dizer que é pela análise das diferentes línguas que se pode explicar a linguagem. Assim, para se chegar à linguagem, de acordo com Benveniste, é preciso estudar as línguas, tarefa que Saussure, no *Curso*, já atribuía ao linguista.

Conforme Flores (2013a, p.72), “linguagem, língua e línguas têm direito à existência e integram o sistema conceitual do autor sem se recobrirem teoricamente”. Se a primeira e a terceira já foram definidas por Benveniste, como ele vê a língua (com artigo definido) nessa relação triádica? Na sequência do artigo acima referido, o linguista sírio-francês formula uma definição de *língua*: “a língua forma um sistema. [...] Da base ao topo, desde os sons até as complexas formas de expressão, a língua é um arranjo sistemático de partes” (BENVENISTE, 2005d, p.22). Essa definição atesta a profunda presença de Saussure na reflexão benvenistiana, vínculo esse muito bem sinalizado por Flores (2013a). Como o foco desse item é na noção de linguagem, é importante se deter um pouco mais nela.

Para compreender esse conceito e o lugar que ele ocupa no pensamento de Benveniste, parto de um dos textos básicos para os leitores da obra de Benveniste (2005h), o artigo “Comunicação animal e linguagem humana”, no qual o linguista observa como se dá a comunicação animal a fim de verificar possíveis pontos de contato com a linguagem humana. Nele, Benveniste parte do exame do comportamento das abelhas para concluir que elas, para cada comunicação, dançam em movimentos específicos, embora não apresentem linguagem, capacidade essa exclusiva da espécie humana. A comunicação das abelhas, segundo o linguista, se dá por um código de sinais, sendo que estes não configuram dados de experiências, devido ao fato de que os sinais não possibilitam o emergir de um sujeito, o “nascimento” de um locutor que se propõe como sujeito; a abelha apenas comunica uma posição no mundo aos seus semelhantes. De acordo com o linguista (BENVENISTE, 2005h, p. 65), no homem, “o caráter da linguagem é o de propiciar um substituto da experiência que seja adequado para ser transmitido sem fim no tempo e no espaço, o que é típico de nosso simbolismo e o fundamento de nossa tradição”. O fato de o teórico comparar a comunicação das abelhas com a linguagem que só é de natureza humana permite que esta seja tomada como o princípio delimitador do homem.

Situando a diferença entre a comunicação animal e a linguagem humana, Benveniste expressa que esta tem a função de *representar e recriar* a experiência da realidade e que tal recriação pode ser feita sem a referência à realidade. Diferentemente, a comunicação entre as abelhas diz respeito apenas a uma representação objetiva, de sentido imediato, através de sinais. É indispensável colocar que, entre os animais, há sinais evidentes de produção de sons, mediante os quais exteriorizam estados de emoção, fome, dor, prazer etc. Não ultrapassam, porém, esse plano afetivo que pode provocar (e de fato) provoca uma reação instintiva entre os seus. A comunicação (instintiva) dos animais é inata e imediata pela qual comunicam algo. Eles não se instauram em uma língua, se apresentam apenas para executar uma ação. A linguagem

humana, ao contrário, não se esgota na mera produção de sons; o homem comunica algo sobre algo e, para isso, recorre à mediação da linguagem. Trata-se, nesse caso, da comunicação intersubjetiva. Conclui-se disso que somente mediante a linguagem pode o homem livrar-se do imediatismo determinista que caracteriza os demais seres vivos.

Desse modo, é possível afirmar que a *passagem dos sons à linguagem*, simbólica em sua natureza, funda a realidade do homem e o alça a viver em sociedade, constituindo a cultura e sendo constituído por ela. Nesse sentido, o homem, como ser fundado *na e pela* linguagem, daria nome às coisas do mundo e, assim, revestindo-as com a palavra, as faria passar do mundo da realidade (o extralinguístico) para o *mundo simbólico da linguagem*, essencialmente atrelado à cultura, como fenômeno inteiramente simbólico que é. Em suma, a linguagem radica na própria essência do humano, uma vez que ela o define e o situa no mundo.

O artigo “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” (2005d), publicado originalmente em 1963, é um texto que está dividido em dois momentos. Enquanto no primeiro momento, conforme vimos anteriormente, Benveniste manifesta sua filiação a Saussure na definição da língua como *sistema* e não como estrutura, na segundo ele inicia uma complexa e bela exposição acerca dos fundamentos da língua, embora o termo empregado pelo autor seja “linguagem”. Nesse sentido, acerca do aspecto terminológico da escrita de Benveniste, enquanto leitores atentos de sua teoria, damo-nos conta de que, em reiterados momentos, ele tem oscilações terminológicas, uma vez que parece utilizar indiscriminadamente um termo pelo outro, mas isso não pode fazer-nos concluir que “língua” e “linguagem” são conceitos que se recobrem teoricamente dentro da reflexão do linguista, embora, sim, eles tracem íntima relação. Logo no início dessa segunda parte, o linguista diz que

[a] a linguagem reproduz a realidade. Isso deve entender-se da maneira mais literal: a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem. Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a experiência do acontecimento. Aquele que o ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido. Assim a situação inerente ao exercício da linguagem, que é a da troca e a do diálogo, confere ao ato do discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva. (BENVENISTE, 2005d, p. 26).

Antes de mais nada, é importante já pontuar que tudo o que o autor diz nessa passagem se refere à língua. É ela, desse modo, que *reproduz* o mundo, a realidade, mas submete-o à sua própria organização, por sua capacidade, possibilitada pelo simbólico da linguagem, de significar a realidade do homem a cada vez que ele se apropria da palavra para (se)dizer (n)o mundo. Por meio do termo “reproduz”, Benveniste assinala a natureza eternamente irrepitível

e, por isso, historicizante, da relação entre o homem e o outro, uma vez que, para o linguista, não há relação natural entre o homem e o mundo, nem entre o homem e o homem; faz necessário um aparato intermediário, a língua e, evidentemente, a linguagem, que possibilita ao homem significar(se) (n)o mundo, instaurando-se, assim, como sujeito em sua língua. A partir desse trecho, percebemos que o que está em questão não é o acontecimento em si, mas o discurso que *evoca* o acontecimento vivido. Essa evocação ou rememoração, inerente à faculdade simbólica, só se torna possível devido ao caráter da língua, responsável por representar e recriar a realidade do homem, tal como testemunham as palavras de Benveniste em “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” (2005d):

Mas a linguagem é um sistema simbólico especial, organizado em dois planos. De um lado é um fato físico: utiliza a mediação do aparelho vocal para produzir-se, do aparelho auditivo para ser percebida. Sob esse aspecto material, presta-se à observação, à descrição e ao registro. De outro lado, é uma estrutura imaterial, **comunicação de significados, substituindo os acontecimentos ou as experiências pela sua “evocação”**. Assim é a linguagem, uma entidade de dupla face. (BENVENISTE, 2005d, p. 30, grifos meus).

Novamente aqui Benveniste emprega o termo “linguagem”, mas, na verdade, a referência é à língua: de um lado, ela é um fato físico; de outro, é uma *estrutura imaterial, comunicação de significados*, ponto de vista que, aliás, parece estar em consonância com a definição do nível fundamental da língua, formulada em “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, *a língua enquanto sistema de formas significantes*. Tanto em uma quanto em outra definição, o foco reside na *função significante da língua*, o que valida minha interpretação de que, a despeito de o termo utilizado pelo autor ser “linguagem”, é da língua que ele está tratando, dessa língua tomada enquanto sistema que comunica significados, ou seja, que comporta formas significantes. É o fato de a língua enquanto sistema ter a capacidade de significar que está em realce nesse ponto da argumentação do linguista.

Essa asserção de a língua comunicar significados, substituindo os acontecimentos pela sua evocação, dialoga diretamente com o ensinamento de Benveniste (2006e, p. 85), presente em “A linguagem e a experiência humana”: “o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o ‘agora’ e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo”. Ou seja, só temos acesso aos acontecimentos a partir do momento em que eles são *significados e evocados* na língua-discurso, caracterizando-se, desse modo, o simbolismo que enlaça o homem na vida em sociedade, o que equivale a afirmar que a relação que cada locutor instaura com o outro, com o mundo e com outros sistemas de signos é possibilitada por meio da *função*

mediadora da língua, que explica-se por *sua função significante*. Assim, essa função é primeira, anterior às demais funções que a língua assume no seio na atividade social.

Logo, o homem encontra *na e pela* linguagem toda a possibilidade de fazer a passagem a *sujeito*, uma vez que ela possibilita a instauração do homem em uma língua, para que este possa significar o mundo e nele ser significado. Eis o poder do *funcionamento simbólico da linguagem, base da significação*, que faculta ao homem significar por meio de uma língua e, por consequência, inserir-se na sociedade. É nesse sentido, portanto, que, embora não sejam noções que se superpõem, “linguagem” e “língua” são termos intimamente associados na teorização benvenistiana, já que a *linguagem designa a faculdade simbólica, constitutiva da natureza humana, que possibilita ao homem significar por meio de uma língua*. A respeito do lugar e do papel da linguagem na vida do homem, as palavras de Fenoglio (2016, p. 26-27)⁷⁵ são emblemáticas e endossam meu ponto de vista: “Não há de um lado a linguagem, de outro o homem, de um lado a sociedade, de outro a subjetividade: a linguagem, graças à utilização de um sistema de língua, qualquer que seja, é a ligação que faz que todo homem seja social e subjetivo”.

Graças à língua, a sociedade é possível como também o indivíduo, uma vez que “O despertar da consciência na criança coincide sempre com a aprendizagem da linguagem, que a introduz pouco a pouco como indivíduo na sociedade.” (BENVENISTE, 2005a, p. 27). Dessa forma, qualquer tentativa de especular sobre o que seria a experiência humana, a sociedade e a cultura fora do quadro da linguagem resulta fracassada, uma vez que essa experiência só é passível de ser acessada *na e pela* linguagem e seu *poder fundador*:

[o] o homem sentiu sempre – e os poetas frequentemente cantaram – o poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu. É por isso que tantas mitologias, tendo de explicar que no início dos tempos alguma coisa pôde nascer do nada, propuseram como princípio criador do mundo essa essência imaterial e soberana, a Palavra. Não existe realmente poder mais alto, e todos os poderes do homem, sem exceção, pensemos bem nisso, decorrem desse. (BENVENISTE, 2005d, p. 27).

Em outras palavras, a linguagem, que encontra na língua sua realização, dotada do poder de instaurar realidades imaginárias, animar as coisas inertes e fazer ver o que ainda não existe, instaura, ou melhor dizendo, *funda* a entrada do homem no mundo, não no biológico, mas no mundo da cultura, “tudo o que, do outro lado do cumprimento das funções biológicas, dá à vida

⁷⁵ No original em francês, lê-se: “Il n’y a pas d’un côté le langage, del’autre l’homme, d’un côté la société, de l’autre la subjectivité: le langage, grâce à l’utilisation d’un système de langue, quel qu’il soit, est le liant qui fait que tout homme est social et subjectif.”

e à atividade humanas forma, sentido e conteúdo” (BENVENISTE, 2005d, p.31). Como percebemos, Benveniste formula um conceito de homem e de sociedade em que a linguagem não aparece como um desenvolvimento secundário, mas como elemento *constitutivo*, conforme explicita a seguinte passagem do artigo “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística”:

Na verdade o homem não foi criado duas vezes, uma vez sem linguagem, e uma vez com linguagem. A ascensão de Homo na série animal pode haver sido favorecida pela sua estrutura corporal ou pela sua organização nervosa; deve-se antes de tudo à sua faculdade de representação simbólica, fonte comum do pensamento, da linguagem e da sociedade. (BENVENISTE, 2005d, p. 27).

Como é possível ler, o salto qualitativo que define essencialmente o homem e o diferencia dos outros animais é o desenvolvimento da capacidade simbólica, que engendra o pensamento, a linguagem e a sociedade. Lembro que, de acordo com Benveniste, não há relação direta entre o homem e o mundo nem entre homem e homem. É somente através da linguagem, esse *aparato simbólico*, que o homem pode, através das línguas, significar suas experiências, recriando a realidade para seu parceiro de enunciação, com quem compartilha a comunicação intersubjetiva. Por essas vias, é que compreendo sua poética afirmação de que “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*” (BENVENISTE, 2006b, p. 222, grifo do autor). A faculdade da linguagem é o que define o homem como tal, fazendo-o romper com a natureza, ao mesmo tempo em que constitui os fatos da cultura. O homem, assim, ultrapassa e eleva-se acima de uma organização puramente biológica, e isso se deve graças à capacidade simbólica da linguagem de significar por intermédio de signos, humana por excelência, fundadora do mundo do humano e, portanto, da sociedade e da cultura inerente a esta.

Desse modo, a afirmação benvenistiana de que o homem nasce na cultura torna-se premente de sentido: a linguagem, enquanto *faculdade simbólica que possibilita significar por meio de uma língua*, separa o ser humano da natureza, da função meramente biológica, visto que, ao adquirirmos uma língua, deixamos de dar vazão aos instintos porque passamos a ser mediados por valores e conceitos que aprendemos junto com a sintaxe e a morfologia da língua. São valores morais, éticos, religiosos, jurídicos e outros que servem para nos regular as práticas e os comportamentos e que são *impressos* no sistema da língua, visto que a língua, devido a sua propriedade da interpretância, é responsável por traduzir os dados culturais.

Assim, a reflexão proposta por Benveniste sobre a linguagem e *seu poder fundador*, em “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, é eloquente: trata-se do fato de que a linguagem representa a mais alta forma de uma faculdade que é constitutiva da condição humana, a de *simbolizar*.

Empregar um símbolo é essa capacidade de reter de um objeto a sua estrutura característica e de identificá-lo em conjuntos diferentes. Isso é que é próprio do homem e que faz do homem um ser racional. A faculdade simbolizante permite de fato a formação do conceito como distinto do objeto concreto, que não é senão um exemplar dele. Aí está o fundamento da abstração ao mesmo tempo que o princípio da imaginação criadora. Ora, essa capacidade representativa de essência simbólica que está na base das funções conceptuais só aparece no homem. (BENVENISTE, 2005d, p. 27).

Desse modo, como a passagem nos esclarece, *é essa capacidade de essência simbólica* a marca que distingue o homem do animal: a capacidade de simbolizar, *a qual possibilita a significação em uma dada língua*, caracteriza a relação do homem com a realidade e com os outros homens, permitindo-lhe posicionar-se no mundo e fundar a sua historicidade. São essas relações que a linguagem possibilita e instaura as que constituem a língua na sociedade. Segundo Benveniste,

língua e sociedade não se concebem uma sem a outra. Uma e outra são dadas. Mas também uma e outra são aprendidas pelo ser humano, que não lhes possui o conhecimento inato. A criança nasce e desenvolve-se na sociedade dos homens. São homens adultos, seus pais, que lhe inculcam o uso da palavra. A aquisição da língua é uma experiência que vai a par, na criança, com a formação do símbolo e a construção do objeto. Ela aprende as coisas pelo seu nome; descobre que tudo tem um nome e que aprender os nomes lhe dá a disposição das coisas. Mas descobre que ela mesmo tem um nome e que por meio dele se comunica com os que a cercam. Assim desperta nela a consciência do meio social onde está mergulhada e que moldará pouco a pouco o seu espírito por intermédio da linguagem. (BENVENISTE, 2005d, p. 31).

É justamente, portanto, na passagem da natureza à cultura que encontramos o lugar do homem, nunca dissociado da mais alta faculdade humana, a de simbolizar, cuja função é, como vimos, transformar as experiências e os elementos da realidade em conceitos (fundamento da abstração), o que permite ao homem instaurar-se em uma língua específica para *comunicar significados* relativos ao meio cultural no qual está inserido.

A própria comunicação intersubjetiva não é possível senão em virtude dessa capacidade simbólica que é a base da integração humana à linguagem e que possibilita o estabelecimento da sociedade via relações intersubjetivas que ocorrem no interior desta. A comunicação é considerada, sob o prisma benvenistiano, “apenas uma consequência totalmente pragmática”⁷⁶ (BENVENISTE, 2005a, p. 286). A relação entre a língua e a significação, articulada pela

⁷⁶ Silva, Knack e Juchem (2013, p. 3) situam a diferença entre *comunicar* e *significar*, em Benveniste: “O comunicar, por esse ponto de vista, é um efeito de o homem colocar a língua em ação, ou seja, é uma consequência de se pôr a língua em ato e de se produzir um discurso, jamais o caráter primordial da linguagem, que é outro bem diferente: significar”.

faculdade constitutiva da linguagem, é tão estreita e íntima que ambas se confundem, assim ao falar de uma necessariamente acabamos falando da outra, tal como o linguista sinaliza no texto “Tendências recentes em linguística geral”: “a linguagem tem como função ‘dizer alguma coisa’. O que é exatamente essa ‘coisa’ em vista da qual se articula a língua, e como é possível delimitá-la em relação à própria linguagem? Está posto o problema da significação” (BENVENISTE, 2005i, p. 8). Como se vê, novamente, aqui, o autor oscila entre o uso de um ou outro termo, no que se refere às noções de língua e linguagem: nessa citação, é a língua, não a linguagem, que tem como função *dizer alguma coisa*, ou seja, comunicar significados, sendo que essa condição para significar é dada pela linguagem. A respeito dessa pressuposição recíproca entre língua e significação, em “A forma e o sentido na linguagem”⁷⁷, Benveniste também salientava: “a linguagem é a atividade significante por excelência, a imagem mesma do que pode ser a significação” (2006b, p. 223). Mais uma vez, fica nítido que é a língua a *atividade significante por excelência*, outra acepção que, de certo modo, converge para as definições de língua apontadas anteriormente, às quais subjaz um denominador comum, qual seja, o destaque à função primordial da língua de significar, de dizer alguma coisa, enfim, de comunicar significados. Aliás, nesse mesmo artigo, há uma passagem que se tornou célebre, na qual vislumbramos a importância que cabe ao problema da significação dentro da reflexão de Benveniste. Vale a pena registrá-la em sua integralidade:

Antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é o seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano. Quais são essas funções? Tentemos enumerá-las. Elas são tão diversas e tão numerosas que enumerá-las levaria a citar todas as atividades de fala, de pensamento, de ação, todas as realizações individuais e coletivas que estão ligadas ao exercício do discurso: para resumi-las em uma palavra, eu diria que, bem antes de servir para comunicar, **a linguagem serve para viver**. Se nós colocamos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar. Pela amplitude desta definição pode-se medir a importância que cabe à significação. (BENVENISTE, 2006b, p. 222, grifo em itálico do autor, grifo em negrito meu).

Outra vez, assim como no excerto apresentado acima e conforme estou discutindo nesse item, é sempre à língua, e não à linguagem, que Benveniste remete, quando o que está em questão é a função de significar. De acordo com o já exposto, a linguagem é a condição, é a faculdade simbólica que possibilita o emergir da significação. Por isso, é preciso situar bem as funções: enquanto a linguagem simboliza, a língua significa, e essa função constitui o seu

⁷⁷ A presença do artigo “A forma e o sentido na linguagem” neste momento da reflexão deve-se ao tema abordado em questão, qual seja, a significação como constitutiva da natureza da língua. Em virtude disso, é que foi mobilizada, no contexto da discussão sobre a natureza da linguagem, a célebre citação do referido texto.

caráter primordial, a sua verdadeira aptidão. Nesse sentido, todas as asserções do autor nessa bela passagem remetem à noção de língua, que, evidentemente, está atrelada ao simbólico da linguagem; são noções mutuamente implicadas, como busco demonstrar aqui. Esclarecido isso, é fundamental deter-se um pouco na afirmação famosa de que “a língua serve para viver”, dando-lhe a devida importância e tentando compreendê-la em toda sua grandeza: devido à sua vocação original de significar, *a língua serve para viver*. A língua é nossa, é humana, é de cada um e, ao mesmo tempo, é de todos. Para Benveniste, dizer que a língua serve apenas para comunicar é dizer muito pouco. Ela não serve apenas para conversarmos, reclamarmos, brigarmos, cantarmos, xingarmos, respondermos, informarmos etc., mas serve, fundamentalmente, para *viver*, porque sem a língua e *sua propriedade primordial da significação*, a vida nos falta, não havendo nenhuma possibilidade de existência humana.

Em relação à distinção existente entre as ações de comunicar e significar, ao contrário de haver foco na comunicação intersubjetiva⁷⁸ como um conceito que reenviaria ao resultado da apropriação da língua pelos locutores, o foco que o prisma benvenistiano incita é na apropriação em si, ou seja, nos mecanismos que permitem com que o falante possa referir uma posição na linguagem ao apropriar-se das formas da língua enquanto locutor e transformar-se em sujeito no discurso. Esse ponto fundamental da reflexão ancora-se na proposta de Benveniste, sustentada no artigo “Da subjetividade na linguagem”, de não tomar a *língua* como instrumento de comunicação, utilizando como testemunho disso algumas de suas *características*: “sua natureza imaterial, o seu funcionamento simbólico, a sua organização articulada, o fato de que tem um *conteúdo*” (BENVENISTE, 2005a, p. 285). Ora, a própria tese benvenistianiana de que o homem está na língua e na linguagem afasta qualquer perspectiva instrumental que compreende a língua como um dos vários instrumentos produzidos pelo homem ao longo de sua evolução. É essencial retomar as características apresentadas acima, pois são elas que justificam o porquê de a língua, muito mais do que dotada de uma função comunicativa, servir para *viver*: a) *possui uma natureza imaterial* (“*estrutura material*”, como trazido em “Vista d’olhos”); b) *apresenta funcionamento simbólico*⁷⁹ (*a faculdade de simbolizar, definidora da linguagem, é a condição para a língua significar*); c) *a sua organização é articulada* - que me parece convergir para uma definição de língua que Benveniste enuncia em “Vista d’olhos”: “Elabora-se assim uma teoria da língua como sistema de signos e como *organização de unidades*

⁷⁸ Pelo uso da expressão “comunicação intersubjetiva”, chamamos atenção para a postura refratária de Benveniste à ideia de “comunicação”, tal como concebida pela linguística de Bloomfield. Por isso, utiliza-se da palavra “intersubjetiva” para especificar e adaptar o termo “comunicação” a sua teoria enunciativa.

⁷⁹ Essa propriedade realça o vínculo constitutivo entre língua e linguagem na teorização benvenistianiana.

hierarquizadas” (BENVENISTE, 2005d, p.23, grifos meus); e, por fim, d) *a língua tem conteúdo*, o que, de certo modo, salienta novamente a função da língua de significar, de comunicar significados.

Assim, a ideia de uma instrumentalização da linguagem, que dominava a pesquisa linguística no contexto teórico em que Benveniste estava inserido, é fortemente criticada por ele pela defesa da tese do homem na linguagem e não fora dela, lida atualmente como instauradora de uma antropologia da linguagem na obra do linguista. Benveniste, assim, subverte a oposição natureza e cultura, defendendo que a faculdade da linguagem está na natureza do homem, não sendo, portanto, um instrumento fabricado por este, conforme atestam as palavras de Gérard Dessons:

Benveniste submete a noção de natureza a uma mudança contextual que implica sua reinterpretação fora do par natureza-cultura, no sentido de uma especificidade antropológica. Há uma natureza do homem que pode ser pensada em uma relação de necessidade definitiva com a linguagem. A linguagem define o homem, como o homem, a linguagem (2006, p. 99, tradução minha).⁸⁰

Dessa maneira, a linguagem se dá juntamente com o homem: “A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou” (BENVENISTE, 2005a, p. 285). Há uma indissociabilidade entre este e a linguagem, e a palavra que o homem pronuncia/escreve, por meio de sua enunciação, é a atualização da língua. Sua identidade se dá por meio do uso que faz da língua, e isso é o que torna sujeito na linguagem. Assim, resumindo a reflexão aqui produzida, possibilitado *na e pela* linguagem, o homem instaura-se em uma língua e propõe-se como *locutor*, por intermédio da *categoria de pessoa*, para, por meio de uma passagem, se propor como *sujeito*, sempre na relação intersubjetiva com o *tu*. Instaura-se, pois, por meio dessa operação de passagem de locutor a sujeito, que implica a conversão da língua em discurso, a produção de sentidos e referências no uso. Nessa direção, é que Flores (2013a, p. 105, grifos do autor) expressa que “a linguagem é a condição do homem – já que ela *ensina a definição mesma de homem* que nela está sob a condição da intersubjetividade.”

Tendo em vista que, nesta seção, o esforço foi por trazer à discussão as relações entre linguagem e língua, de modo a compreender a especificidade de cada noção no seio do quadro teórico da teoria de Benveniste, na próxima seção, busco refletir sobre os dois aspectos da organização formal da língua pontuados no texto “Semiologia da língua”, que servem de

⁸⁰ Benveniste soumet la notion de nature à un changement de contexte qui implique sa réinterprétation en dehors du couple nature-culture, vers une spécificité anthropologique. Il y a une nature de l'homme à laquelle on peut penser dans une relation de nécessité définie avec le langage. Le langage définit l'homme, en tant qu'homme, le langage. (DESSONS, 2016, p.99).

argumento para Benveniste atribuir à língua o estatuto de sistema interpretante por excelência: o fato de consistir de unidades distintas, sendo que cada uma é um signo, e de ser produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma comunidade.

2.2 A ORGANIZAÇÃO DA LÍNGUA: A DUPLA SEMIÓTICO-SEMÂNTICO

Dos quatro aspectos apontados por Benveniste em “Semiologia da língua”, que lhe servem de argumentos para conferir à língua o estatuto de “organização semiótica por excelência” (BENVENISTE, 2006a, p.63), a segunda e a terceira características – a língua consistir formalmente de unidades distintas, sendo que cada uma é um signo e ser produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma comunidade - têm relação com a organização formal da língua (a língua enquanto modo semiótico de significar). Ao passo que a primeira e a quarta dizem respeito essencialmente ao funcionamento da língua *na e pela* enunciação. Desse modo, essas características da língua, que são mobilizadas por Benveniste para propor sua semiologia da língua, realçam à significância relacionada à sua estrutura e ao seu funcionamento.

Para tratar dos dois aspectos que destacam o modo semiótico de a língua significar, em articulação com o modo semântico de significância, trago os seguintes artigos de Benveniste - relativos ao que Flores (2013a) denomina de segundo momento da teoria enunciativa de Benveniste -, nos quais o linguista tematiza, guardadas as especificidades de cada um, a problemática da unidade no domínio semiótico e semântico da língua: “Os níveis da análise linguística”, “Forma e sentido na linguagem” e “Semiologia da língua”. Nesse sentido, nesta seção, revisitarei esses textos, com o intuito, apenas metodológico, de mostrar a língua com ênfase em sua estrutura formal, mas o seu funcionamento está implicado, uma vez que “quando se pensa a língua em funcionamento, semiótico e semântico se encontram intrinsecamente ligados” (ROSÁRIO, 2018, p.120).

Início essa reflexão pelo artigo “Os níveis da análise linguística”⁸¹, texto no qual Benveniste formula as bases iniciais daquilo que irá denominar mais adiante, em “A forma e o

⁸¹ Flores inclui, ao lado dos textos “A forma e o sentido na linguagem” (2006b) e “Semiologia da língua” (2006d), o artigo “Os níveis da análise linguística” (2005d) no corpus textual de pesquisa relativo ao que denomina de segundo momento da reflexão benvenistiana sobre enunciação (a distinção do par semiótico/semântico), uma vez que, segundo suas palavras, “é nesse artigo que Benveniste esboça, pela primeira vez, de forma mais explícita, as complexas relações entre a forma e o sentido que são, por sua vez, a base do raciocínio em torno dos modos *semiótico e semântico*” (FLORES, 2013a, p. 127, grifos do autor).

sentido na linguagem”, de *semiótico* e *semântico*, dupla significância que comparece em “Semiologia da língua”.

Nesse artigo, que decorre de uma conferência realizada por Benveniste no 9º Congresso Internacional de Linguística, em Cambridge, o linguista discute a relação entre forma e sentido na linguagem, que é a base da reflexão em torno dos dois modos de a língua significar, embora, nesse texto, o autor não faça uso ainda dos termos “semiótico” e “semântico”. Nele, Benveniste formula sua noção de frase⁸² e diz que, com ela, deixa-se assim “o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso” (BENVENISTE, 2005d, p. 139). Desse modo, para o linguista, há dois diferentes (não opostos) domínios de análise – o da língua como sistema de signos e o da língua como instrumento de comunicação -, configurando o princípio de sua reflexão linguística sobre o modo particular como a língua significa, sua *significância*⁸³.

Benveniste, assim, problematiza o par forma-sentido no artigo “Os níveis da análise linguística” (2005d), e sua intenção parece ser determinar um procedimento de análise que faça “justiça à natureza *articulada* da linguagem e ao caráter *discreto* de seus elementos; só ela pode fazer-nos reconhecer, na complexidade das formas, a arquitetura singular das partes e do todo” (BENVENISTE, 2005d, p. 127, grifos do autor). Este texto é extremamente pertinente para os propósitos deste estudo, uma vez que ele, pela noção de unidades articuladas em forma e sentido, descreve e ressalta *a propriedade articulada da língua*, no sentido de que as unidades se decompõem em um nível inferior e se integram às unidades do nível superior. Explico mais detalhadamente o que isso significa.

Neste texto, o autor propõe, como método de análise, a delimitação de níveis no domínio da “língua como sistema orgânico de signos” (BENVENISTE, 2005d, p. 127), ou seja, o foco, portanto, é, ao contrário de pensar a “língua como um conjunto de ‘camadas’” (FLORES, 2013a, p.129), tomá-la enquanto sistema cuja natureza articulada é composta por níveis diferentes e complementares entre si (merismático, fonológico, morfológico etc.).

Benveniste explica que “[o] o procedimento inteiro da análise tende a delimitar os *elementos* através das relações que os unem. Essa análise consiste em duas operações que se comandam uma à outra e das quais todas as outras dependem: 1ª: a segmentação. 2ª: a substituição” (BENVENISTE, 2005d, p. 128, grifo do autor). Dessa forma, por meio das duas operações da

⁸² O linguista se opõe a perspectivas que veem a frase como um signo ou que admitem que, pela simples adição ou extensão do signo, se possa passar à proposição e, posteriormente, ao diversos tipos de configuração sintática (BENVENISTE, 2006a, p. 228-229).

⁸³ Termo que não é empregado por Benveniste nesse artigo.

análise linguística, alcança-se os níveis inferiores: as palavras segmentam-se em fonemas e estes fonemas substituem-se, procurando as combinações possíveis. Da mesma forma, os fonemas segmentam-se em seus traços distintivos, os merismas, que podem ser substituídos, mas não são segmentáveis. Chegamos, desse modo, aos dois níveis inferiores da análise de Benveniste: o nível fonemático e o nível merismático.

O estudioso centra-se, pois, na definição das unidades de análise, propondo que cada unidade linguística é definida em função de sua *integração* numa unidade de nível superior. Assim, as unidades de um determinado nível se distribuem nele e são denominadas de *constituintes* desse nível as quais, por sua vez, só podem ser assim tomadas se, simultaneamente, forem também unidades *integrantes* de um nível superior. A essa relação entre *unidades constituintes* e *unidades integrantes*, que coloca em cena a noção central de *nível*, se articula o par *forma-sentido*: enquanto a forma diz respeito à *capacidade de distribuição* em um mesmo nível como constituinte, ou seja, à capacidade que uma unidade da língua possui de estabelecer relações distribucionais com outras unidades de mesmo nível e se dissociar em nível inferior, o sentido⁸⁴ designa a *capacidade de integração* da unidade em um nível superior. Ou seja, as *relações distribucionais* de mesmo nível e dissociativas em direção a níveis inferiores são pertencentes ao domínio da forma; já a integração da unidade em nível mais alto tem, portanto, a *função integrante* e define a unidade linguística como dotada de *sentido*, conforme palavras do linguista:

[o] *sentido* é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter *status* linguístico. Dizemos realmente a respeito de todos os níveis: o fonema só tem valor como discriminador de signos linguísticos, e o traço distintivo, por sua vez, como discriminador dos fonemas. [...] [N]ada nos permitiria definir a distribuição de um fonema, as suas latitudes combinatórias da ordem sintagmática e paradigmática, portanto a própria realidade de um fonema, se não nos referíssemos sempre a uma *unidade particular* do nível superior que o contém. (BENVENISTE, 2005d, p. 130-131, grifos do autor).

Nesse trecho, o linguista sublinha *o caráter de distintividade* que as diferentes unidades da língua apresentam, e é esse caráter que possibilita que elas integrem um nível maior, cumprindo, por isso, a condição fundamental do sentido. Segundo Benveniste, um nível se define em função das relações distribucionais e integrativas que suas unidades têm. O linguista distingue, assim, duas funções que podem ser exercidas pelas unidades de todos os níveis, a de constituintes e a de integrantes, delimitando os dois limites entre os quais essa distinção opera:

⁸⁴ É importante para o leitor considerar que, neste texto, Benveniste apresenta diferentes acepções de *sentido*, conforme apontamento de Flores (2013a). Destaquei, aqui, a que interessa à reflexão.

[o] limite superior é traçado pela frase, que comporta constituintes mas que [...] não pode integrar nenhuma unidade mais alta. O limite inferior é o do “merisma” que, traço distintivo do fonema, não comporta ele próprio nenhum constituinte de natureza linguística. A frase só se define, portanto, pelos seus constituintes; o merisma só se define como integrante. Entre os dois, destaca-se claramente um nível intermediário, o dos signos, [...] que ao mesmo tempo contém constituintes e funcionam como integrantes. Tal é a natureza dessas relações. (BENVENISTE, 2005d, p. 134).

Benveniste enfatiza, aqui, “o primeiro sentido do termo frase” (FLORES, 2013a, p.133) nesse artigo: um sentido de natureza essencialmente formal, que a compreende como o nível superior de análise da língua enquanto *sistema orgânico de signos*, caracterizada pela predicação, propriedade que lhe impossibilita de servir de integrante a outro tipo de unidade.

Desse modo, os níveis da língua são formados por conjunto de unidades que estão em relação indissociável de forma e sentido; este seria, nas palavras do linguista (2005d, p. 134, grifos do autor), “o princípio racional que governa, nas unidades de diferentes níveis, a relação entre FORMA e SENTIDO”. Um deve definir-se pelo outro e devem articular-se juntos em toda a extensão da língua:

Um signo [unidade semiótica] é materialmente função dos seus elementos constitutivos, mas o único meio de definir esses elementos como constitutivos consiste em identificá-los no interior de uma unidade determinada onde preenchem uma função *integrativa*. Uma unidade será reconhecida como distintiva num determinado nível se puder identificar-se como ‘parte integrante’ da unidade de nível superior, da qual se torna o *integrante* (BENVENISTE, 2005d, p. 133, grifos do autor).

Assim, a condição, conforme o autor, para a unidade no semiótico ser reconhecida como *distintiva* é ela poder ser, simultaneamente, *integrante*, de modo que, na língua enquanto sistema organizado em níveis articulados através de relações distribucionais e integrativas de suas unidades, “a dissociação leva-nos à constituição formal” e a “integração leva-nos às unidades significantes” (BENVENISTE, 2005d, p. 135).

Dessa maneira, com essa análise minuciosa dos dois tipos de relação que são colocadas em jogo na transição de um nível da língua a outro, Benveniste “envolve-se com o problema da unidade [...] na organização da língua como sistema de signos possíveis de serem dissociados e integrados (SILVA, 2018, p.384). Nesse sentido, o artigo “Os níveis da análise linguística”, adotando uma abordagem estritamente linguística, tem por propósito mostrar que o sistema da língua é constituído por unidades, distintas, de diferentes níveis (no merismático, as unidades são os merismas; no fonológico, os fonemas; no morfológico, os morfemas; e assim por diante),

e essas unidades, articuladas em forma e sentido, se distribuem no nível que se inserem e, ao mesmo tempo, integram um nível superior.

Assim, sob o pressuposto de que se o homem está na língua, ele também está no modo semiótico, a significância relacionada a esse domínio, tal como depreendo da leitura desse artigo, está ligada ao fato de as unidades do semiótico (perspectiva do signo, e não do discurso) serem possíveis de dissociação e integração, sendo o locutor, que sempre “está no centro da organização da língua (SILVA, 2018, p.390), aquele que *identifica*, no uso, as unidades como distintas em relação às outras. Através dessa reflexão sobre como ocorre a delimitação da unidade no domínio semiótico, Benveniste destaca *a organização sistêmica da língua*, ou seja, sua “natureza articulada” e o “caráter discreto de seus elementos”, como um aspecto importante na sua teorização sobre a significância da língua e, portanto, como um argumento importante, como constatamos em “Semiologia da língua”, para postular a tese da interpretância da língua.

Conclui-se, assim, que a relação forma-sentido, que está implicada na dissociação e na integração, é transversal à organização dos níveis da língua, cujo limite superior, conforme mencionado anteriormente, é traçado pela *frase*. Benveniste diferencia a frase das outras unidades, que comportam os fonemas e os morfemas e que são capazes de se integrar em níveis superiores. A frase, embora comporte constituintes (é segmentável), não integra um nível superior como constituinte. Como aponta Flores (2013a), a frase, em “Os níveis da análise linguística”, tem uma dupla acepção: “de um lado (o formal), ela é o nível superior da análise, é uma predicação; de outro lado (do sentido) é de limites indefinidos; é o próprio discurso. (FLORES, 2013, p. 135). É nessa segunda acepção, que Benveniste conclui “que se deixa com a frase o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso.” (BENVENISTE, 2005d, p. 139). Enquanto discurso, a frase traz ao mesmo tempo *sentido e referência*: “sentido porque é enformada de significação, e referência porque se refere a uma determinada situação. (BENVENISTE, 2005d, p. 139-140).

Essa discussão sobre a relação entre a forma e o sentido no domínio da língua retorna no artigo “A forma e o sentido na linguagem” (2006b), que deriva de uma conferência de Benveniste no XIII Congresso das Sociedades de Filosofia de Língua Francesa, ocorrido em 1966. Trata-se de um texto-chave para uma concepção de língua em Benveniste, visto que nele, o autor retoma o problema da unidade, introduzido em “Os níveis de análise linguística”, “para delimitá-la como signo ou como palavra nos dois modos de ser língua, no semiótico e no semântico” (SILVA, 2018, p.384). Em outras palavras, esse problema é fundamental para o linguista teorizar sobre a noção de língua, pois “é justamente a delimitação da unidade que

permite a Benveniste conceber a língua em dois domínios (do semiótico e do semântico)” (SILVA, 2018, p.381). A unidade da língua pode ser, assim, tanto o signo quanto a palavra, a depender da perspectiva a partir da qual se olhe para ela, como sistema ou como uso.

O linguista inicia sua conferência afirmando que tratará de um tema cujo enunciado, em suas palavras, “parece convir mais a um filósofo do que a um linguista: a forma e o sentido na linguagem” (BENVENISTE, 2006b, p. 220). Trata-se de um texto no qual Benveniste formula, pela primeira vez e de forma explícita, as noções de semiótico e semântico como domínios distintos da língua⁸⁵.

Conforme o título do artigo já indica, o objetivo de Benveniste, neste texto, é problematizar a relação entre forma e sentido no domínio linguístico, afastando-se de uma interpretação, corrente no debate linguístico da época, que coloca em franca oposição essas noções. Em contraposição a essa visão de oposição, o linguista afirma que não é possível estabelecer uma oposição entre forma e sentido, pois ambos se unem para explicar o funcionamento da língua, “o ser mesmo da linguagem” (BENVENISTE, 2006b, p. 222).

A função da língua, conforme discutimos extensamente no item anterior, é *significar*, e essa é sua característica fundamental, “sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano”. É por isso que à falta da língua, “não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade” (BENVENISTE, 2006b, p. 222), uma vez que ela, pela *propriedade da significação*, serve para *viver*.

Benveniste, na sequência do texto, adota a posição de Saussure de que a língua é um sistema de signos, esclarecendo que não pensa o problema da significação a partir do ponto de vista dos lógicos. Nesse sentido, o autor instaura um ponto de vista linguístico, a partir das ideias de Saussure, para tratar da questão. No entanto, o linguista observa que o signo linguístico saussuriano não diz tudo sobre a língua:

Quando Saussure introduziu a ideia de signo linguístico, ele pensava ter dito tudo sobre a natureza da língua; não parece ter visto que ela podia ser outra coisa ao mesmo tempo, exceto no quadro da oposição bem conhecida que se estabelece entre língua e fala. Compete-nos tentar ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema significante. (BENVENISTE, 2006b, p. 224).

⁸⁵ Conforme salienta Flores (2013a), a teorização sobre o aspecto da dupla significância da língua não serve aos mesmos propósitos nos artigos “A forma e o sentido na linguagem” (2006b) e “Semiologia da língua” (2006d): enquanto no primeiro, a reflexão assume um viés estritamente linguístico, uma vez que Benveniste reflete a respeito do problema da significação da língua a partir da concepção saussuriana de língua como sistema de signos; o segundo, claramente, assume um tom muito mais semiológico, uma vez que a questão central do artigo é a natureza da relação da língua com os demais sistemas semiológicos, ou seja, o modo como a língua significa os outros sistemas de signos.

Segundo essa passagem, Benveniste destaca que a natureza da língua, cuja função, como vimos, é significar, inclui a ideia do signo saussuriano, mas não se esgota nele, uma vez que seu objetivo é instaurar “na língua uma divisão fundamental, em tudo diferente daquela que Saussure tentou instaurar entre língua e fala” (BENVENISTE, 2006b, p. 229). Em outras palavras, o linguista não adota a divisão proposta por Saussure no domínio da linguagem entre um lado social (compartilhado), a língua, e um lado individual, a fala. Benveniste, ao contrário, apresenta as duas maneiras de ser língua: no semiótico e no semântico, ambos concebidos na forma e no sentido. Por esse gesto teórico, o autor diferencia-se de Saussure na análise da língua como sistema significante, uma vez que não é mais a linguagem que comporta dois domínios – o da língua e o da fala -, mas sim a língua, divisão essa que possibilita a Benveniste um “ir além de Saussure”, na discussão do modo de significância da língua, uma vez que inclui o discurso como aspecto que compõe a significância linguística.

No que se refere ao modo semiótico, o linguista afirma que ele corresponde ao modo de significação próprio do signo linguístico e tem, no signo, sua unidade: “*o signo é a unidade semiótica*” (BENVENISTE, 2006b, p. 224, grifos do autor). Na sequência de sua exposição, Benveniste apresenta elementos importantes para pensarmos sobre a língua significando no modo semiótico:

Toda disciplina que visa adquirir o estatuto de ciência deve inicialmente definir suas constantes e suas variáveis, suas operações e seus postulados, e antes de tudo dizer quais são suas unidades. Nas ciências da natureza, as unidades são em geral porções idênticas convencionalmente recortadas de um contínuo específico; há assim unidades quantitativas, idênticas, substituíveis, em cada disciplina da natureza. A linguagem é bem outra coisa, ela não releva do mundo físico; ela não é nem do contínuo, nem do idêntico, mas bem ao contrário, do descontínuo e do dissemelhante. É por isso que ela não se deixa dividir mas decompor; suas unidades são elementos de base e de número limitado, cada um diferente do outro, e suas unidades se agrupam para formar novas unidades, e estas por sua vez poderão formar outras ainda, de um nível cada vez mais superior. Ora, a unidade particular que é o signo tem por critério um limite inferior: este limite é o da significação. A unidade, diremos nós, será entidade livre, mínima em sua ordem, não decomponível em uma unidade inferior que seja ela mesma um signo livre. É então signo a unidade assim definida, dependente da consideração semiótica da língua (BENVENISTE, 2006b, p.225).

Quero destacar dessa passagem duas ideias: 1^a) as unidades da língua-sistema⁸⁶ – os signos - são de número limitado, e cada unidade é diferente da outra, salientando-se, desse modo, o seu aspecto distintivo; 2^a) suas unidades, visto que colocam em cena a relação entre os níveis (inferior e superior), se agrupam para formar novas unidades, e assim sucessivamente. É

⁸⁶ É importante esclarecer que essa expressão, de forte inspiração saussuriana, não foi usada por Benveniste, porém concordamos com a interpretação dos estudiosos de sua teoria de que, ao falar do domínio semiótico da língua, cuja unidade é o signo linguístico, o linguista faz clara remissão à noção saussuriana de sistema.

isso que Benveniste parece expressar quando afirma que o signo é “dependente da organização semiótica da língua”, frisando, assim, a ideia de *relação integrativa* – entre os níveis – como determinante na constituição da unidade como signo. Para alçar o status de signo, é necessário que a unidade se relacione com as outras unidades, de maneira que a relação entre elas garanta a articulação entre os diferentes níveis da língua. Assim como no artigo discutido anteriormente, em “A forma e o sentido na linguagem”, há um evidente destaque à “natureza articulada da língua”. Já o semântico nos introduz no domínio da língua em emprego e em ação, fato que envolve a atividade do locutor. Essa atividade resulta em uma frase (discurso), cujo sentido é a sua ideia e a referência, o “estado de coisas que a provoca” (BENVENISTE, 2006b, p.231).

Assim, conforme já disse, a língua, além do domínio da significância do signo (o modo semiótico, nomeado pela primeira vez em “A forma e o sentido na linguagem”) articula outro modo de significar, o da frase, o que faz com que percebamos a relação entre forma e sentido de uma nova perspectiva, na qual deixa de interessar a identificação e o reconhecimento, por parte da comunidade que emprega a língua, das unidades como distintivas em relação às outras, para entrar em foco o emprego da língua, ou seja, o fato dela, em toda sua extensão, em todos os seus níveis, ser mobilizada pelo locutor para ser convertida em discurso – fenômeno esse cunhado por Flores (2013a) de “transversalidade enunciativa”.

Nesse novo domínio, a noção de nível não goza da mesma importância que tem no modo semiótico, uma vez que, nos termos de Flores (2013a, p. 155), “a enunciação é transversal à língua” na medida em que “ela não se encerra em um único compartimento; logo, está em todos os níveis”. Dessa maneira, no domínio da frase, a enunciação não se restringe mais a determinadas classes de signos (os mais aparentes, como os índices específicos), mas, dada a transversalidade enunciativa, atravessa todos os elementos da língua, mobilizando também os procedimentos acessórios que, junto com os índices específicos, operam na conversão da língua em discurso. Essa reflexão é corroborada pela célebre definição de enunciação, formulada no artigo “O aparelho formal da enunciação” (2006a), último texto publicado pelo autor em vida e que, conforme dito anteriormente, sintetiza sua teoria enunciativa. Nele, Benveniste define enunciação como “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006a, p. 82). Esse conceito de enunciação, que notadamente integra os níveis semiótico (signo) e semântico (palavra) da língua, nos apresenta o fato de o locutor, na *necessidade* de referir, mobilizar a língua por sua conta, convertendo-a em discurso. Nesse sentido, podemos afirmar que o mundo da palavra é, ao lado daquele do signo, este fechado em si mesmo, outro modo de a língua significar, possibilitando uma *certa* relação do locutor com

o outro e com o mundo. Eis a condição, pois, do homem no mundo: apropriar-se da língua, na condição de locutor, e enunciar, a sua maneira, aparelhado por ela.

A língua, que comporta o homem, oferece possibilidades, a partir de sua articulação semiótica (domínio da relação entre os signos), de esse homem fazer a *passagem* para a categoria de locutor e, a partir daí, constituir-se como *sujeito*, o que aponta para o caráter irrepetível e singular da enunciação. Nesse caso, a língua apresenta dois modos de ser língua: no domínio semiótico (signo) e no domínio semântico (discurso). É essa dupla articulação, segundo o linguista, o que a torna única no conjunto dos fatos semiológicos – o *interpretante semiológico*.⁸⁷

No domínio semiótico, importa unicamente que a unidade tenha sentido, isto é, que ela seja *reconhecida* (a forma significa ou não?) pelo conjunto de membros de uma comunidade linguística e evoque, a grosso modo, para cada um, as mesmas associações e oposições. Afinal, o signo, conforme Benveniste, tem valor genérico e conceptual, visto que a referência à situação de discurso e à atitude de locutor está ausente aqui. Essa mesma ideia é retomada no artigo “Semiologia da língua”, quando o linguista defende que o modo semiótico tem como unidade o signo, que deve ser *reconhecido* pela comunidade de falantes; o semântico, por sua vez, tem como unidade a palavra, que deve ser *compreendida*. Assim, a terceira característica da língua que Benveniste expõe nesse artigo e que constitui um argumento para ele fundar a Semiologia da Língua decorre da consideração da língua como semiótico: suas unidades devem ser produzidas e recebidas nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma comunidade. Nesse sentido, é devido ao fato de a língua ser composta de unidades distintivas e, por isso, significantes, reconhecidas no uso pela comunidade de falantes, que, como se lê no artigo de 1969, “[...] a significância da língua [...] é a significância mesma, fundando a possibilidade de toda a troca e também de toda a comunicação, e também de toda a cultura (BENVENISTE, 2006d, p.60).

Em outras palavras, a questão que cabe nesse domínio é se a unidade tem sentido, se ela é reconhecida como existente por uma comunidade de falantes. Na definição da língua como semiótico, cujas unidades são os signos linguísticos, observa-se que Benveniste enfatiza o aspecto distintivo das formas, visto que os signos devem ser delimitados e definidos em uma rede de relações paradigmáticas no interior do sistema da língua e devem poder ser, portanto, reconhecidos no uso da língua pelos falantes. Nesse sentido, o que está no centro da questão

⁸⁷ Essa noção de interpretante será estudada com mais profundidade na seção 2.4 deste capítulo e no capítulo 3 desta tese.

quando se fala da língua como semiótico é o *caráter de distintividade* e o de *reconhecimento da unidade*, em que se exclui tudo o que é da ordem da relação da língua com o mundo.

Eis, desse modo, descrito o modo como a unidade do semiótico significa – através da distintividade e do reconhecimento -, que envolve a preocupação de Benveniste com a significância da língua. Em “Semiologia da língua”, ele pontua justamente que: [...] todo sistema significante deve se definir por seu modo de significação. Um tal sistema deve então designar as unidades que coloca para produzir o ‘sentido’ e especificar a natureza do ‘sentido’ produzido (BENVENISTE, 2006d, p.58).

É essencialmente esse o fio condutor que articula “Os níveis da análise linguística”, “A forma e o sentido na linguagem” e “Semiologia da língua”: em todos, cada um a seu modo, o linguista está às voltas com a delimitação das unidades da língua – o signo, no modo semiótico; a palavra, no semântico - e qual a natureza do sentido por elas produzido. Essa argumentação, presente no artigo de 1969 e também proposta nos dois que lhe antecedem, possibilita a Benveniste definir o modo de significação da língua, que a faz ocupar um lugar central entre o conjunto dos sistemas significantes. Por isso, é possível dizer que a semiologia da língua se ergue a partir da teorização do linguista sobre a dupla significância linguística, uma significância que envolve a língua como sistema e como discurso.

Dessa maneira, a partir do signo – unidade do semiótico -, se explica a significância relacionada à estrutura da língua. Em diálogo com “Semiologia da língua”, é o signo que é colocado para produzir sentido. E qual a natureza do sentido produzido por essa unidade? Vimos, com Benveniste, que, para significar, o signo precisa ser reconhecido no uso nativo: Existe ou não essa forma? E esse reconhecimento das formas no uso está estreitamente associado à identificação delas como distintivas em relação às outras, afinal a língua é constituída de unidades distintas – os signos -, e elas apresentam, portanto, sentido genérico, não circunstancial, o que ressalta o aspecto da língua como sistema de unidades partilhadas, no qual os seus falantes compartilham de um universo de sentidos e referências no interior de uma dada coletividade.

No entanto, para Benveniste, o mundo do signo não é suficiente para explicar a propriedade significante da língua, uma vez que, em sua concepção, é preciso se interrogar a respeito da frase e da sua *função comunicativa na língua*, afinal “é assim que nos comunicamos: por frases, mesmo que truncadas, embrionárias, incompletas, mas sempre por frases” (BENVENISTE, 2006b, p. 228). No artigo “Os níveis da análise linguística”, Benveniste já anunciava que “com a frase transpomos um limite, entramos num novo domínio” (BENVENISTE, 2005d, p.137). Que domínio é esse?

No âmbito da frase, a pergunta *qual é o sentido?* é fundamental, pergunta cuja resposta põe em cena o uso e a atualização da língua pelo locutor para o estabelecimento de uma certa relação com o mundo, o que nos reenvia ao *domínio semântico*, no qual ingressa-se “no domínio da língua em emprego e em ação” (BENVENISTE, 2006b, p. 229). Esse outro modo de ser da língua também possui suas unidades de significação, que são as palavras, *unidade semânticas*, e elas resultam da *atividade* do locutor que mobiliza a língua por sua conta e a coloca em emprego e em ação, transformando-a em discurso:

[a] noção de semântica nos introduz no domínio da língua em emprego e em ação; vemos desta vez na língua *sua função mediadora* entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens. É a língua como instrumento da descrição e do raciocínio. Somente o funcionamento semântico da língua permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo, e por consequência a normalização do pensamento e o desenvolvimento da consciência. (BENVENISTE, 2006b, p. 229, grifos meus).

Destaco, aqui, a *função mediadora* que é atribuída à língua em seu modo semântico de significar, uma vez que, por meio dela, a sociedade torna-se *significante*. Logo, se com o signo tem-se a realidade intrínseca da língua, a sua organização sistêmica, com a frase, que cumpre uma *função comunicativa* na língua, ao contrário, liga-se o que está fora da língua, conforme expressam as palavras de Benveniste:

[d]o semiótico ao semântico há uma mudança radical de perspectiva: todas as noções que passamos em revista retornam, mas outras e para entrar em relações novas. A semiótica se caracteriza como uma propriedade da língua; a semântica resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação. O signo semiótico existe em si, funda realidade da língua, mas ele não encontra aplicações particulares; a frase, expressão do semântico, não é *senão* particular. Com o signo tem-se a realidade intrínseca da língua; com a frase liga-se às coisas fora da língua; e enquanto o signo tem por parte integrante o significado, que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor. (BENVENISTE, 2006b, p. 230, o grifo em itálico é do autor).

No excerto acima, vemos que o sentido do modo semântico, a compreensão global da frase, resulta do fato de o locutor mobilizar a língua e colocá-la em ação para estabelecer uma certa relação com o alocutário e com o mundo. É por isso que Benveniste afirma que a frase liga-se às coisas fora da língua, implicando referência à situação de discurso e à atitude do locutor. Assim, descobrir o sentido da frase é necessariamente levar em consideração a situação de discurso que a motivou e a atitude do locutor, visto que ela, ao contrário do signo, pertence ao domínio do empírico, do histórico, enfim, do discurso. Do ponto de vista de sua organização

formal, ela se organiza por meio de sintagmas: “o sentido da frase é de fato a ideia que ela exprime; este sentido se realiza formalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras” (BENVENISTE, 2006b, p. 230). Assim, no modo semântico, o que importa é a operação de sintagmatização das palavras promovida pelo locutor para produzir referências e sentidos no discurso, de modo a agir sobre o seu interlocutor: “A partir da ideia, a cada vez particular, o locutor agencia palavras que neste emprego tem um ‘sentido’ particular” (BENVENISTE, 2006b, p. 231).

Portanto, em Benveniste, a passagem da língua em discurso envolve a articulação entre a propriedade da língua como semiótico – que é a de suas unidades serem distintivas no interior da língua e, por isso, reconhecidas pelos falantes no uso da língua – e a atividade do locutor sobre a língua, que, pela ação que as palavras exercem umas sobre as outras na sintagmatização, produz sentidos no discurso, sentidos que devem ser, mais que reconhecidos, compreendidos. É dessa articulação que resulta essa “semântica própria, uma significação intencionada, produzida pela sintagmatização das palavras em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo” (BENVENISTE, 2006b, p. 234). É por isso que com a língua, que comporta sempre o discurso, é sempre possível produzir sentidos novos, particulares, visto que a conversão da língua em discurso é uma *reinvenção*, um processo contínuo e inacabado (SILVA, 2016, p. 23).

A língua, desse modo, comporta um aspecto individual e social em sua estrutura e funcionamento, e isso explica sua significância como elemento central da sua propriedade da interpretância. Há, assim, a instauração de dois mundos distintos, o mundo do signo (semiótico) e o mundo da frase (semântico) a partir dos quais “se deve traçar, através da língua inteira, uma linha que distingue duas espécies e dois domínios do sentido e da forma, ainda que sejam os mesmos elementos que se encontrem em uma e outra parte, dotados, no entanto, de estatutos diferentes [...]” (BENVENISTE, 2006b, p. 229).

Dessa maneira, paralelamente ao modo de ver a língua como sistema de signos, perspectiva trazida pelo domínio semiótico, Benveniste parece querer mostrar que há um outro lado da língua que não seja meramente sistêmico. Assim, observamos que reiteradamente, em diversos textos, Benveniste buscar deixar claro que, por mais que a natureza sistêmica da língua seja contemplada (a língua, não há dúvidas disso, forma um sistema), não há só esse jeito de olhar para a língua, uma vez que ele não diz tudo sobre seu modo de significar. Um termo empregado pelo autor, na entrevista a Pierre Daix, deixa claro que, para o linguista, a língua,

no que se refere ao seu funcionamento, comporta um sentido diferente daquele produzido pelo semiótico. Trata-se da palavra “imprevisível”, qualificada a propósito do modo semântico:

A semântica é o “sentido” resultante do encadeamento, da apropriação pela circunstância e da adaptação dos diferentes signos entre eles. Isto é absolutamente *imprevisível*. É a abertura para o mundo. Enquanto que o semiótico é o sentido fechado sobre si mesmo e contido de algum modo em si mesmo. (BENVENISTE, 2006f, p.21, grifo meu).

A língua possibilita essa imprevisibilidade, graças a seu funcionamento significante de articular a *estabilidade* de sentido (aquilo que é *repetível* na língua, sistema que é produzido e recebido nos mesmos valores de referência por determinada comunidade linguística) dada pelo modo semiótico à *singularidade* de sentidos viabilizada pelo modo semântico da língua, este que destaca a língua em “sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo” (BENVENISTE, 2006b, p. 229).

Em síntese, na abordagem linguística sobre a dupla significância da língua, que justamente possibilita⁸⁸ a sua conversão (da língua) em discurso, o signo significa através do seu *caráter de distintividade* em relação aos outros signos do sistema e do *reconhecimento* (esse reconhecer por parte do falante implica uma certa estabilidade/regularidade de sentido) da unidade como pertencente ao sistema, e a palavra – unidade que resulta do processo da conversão da língua em discurso – pela *compreensão* de seu emprego na frase. É nessa perspectiva que Juchem (2017, p. 91, grifos da autora) afirma que é “na inter-relação entre *reconhecimento* (qual a forma? Ela existe? Tem sentido?) e *compreensão* (qual o sentido no discurso) que o locutor se encontra sempre implicado para *significar* e *comunicar* na língua-discurso”. Em resumo, o funcionamento significante da língua é composto pelas propriedades linguísticas de *reconhecer* e *compreender*, dado que ela se constitui de signos que precisam ser *reconhecidos/identificados* como tais, mas se realiza e se atualiza como discurso no agenciamento de palavras que promove a *sintagmatização*, a qual convoca a *compreensão* por parte do interlocutor. Nesse sentido, a indissociabilidade entre o reconhecimento e a compreensão, com a figura do locutor implicada nessa relação de significação, decorre justamente da propriedade inerente à língua, de sua potencialidade significante de comportar a

⁸⁸ Compreendo que a conversão da língua em discurso, que envolve a passagem de locutor a sujeito, é possibilitada pela propriedade intrínseca à língua de significar por dois modos, o semiótico e o semântico.

significância, até certo ponto, estável, genérica dos signos e aquela produzida de forma singular, circunstancial – e não poderia ser diferente - pela enunciação.

Em outras palavras, segundo Benveniste, o domínio do signo e do discurso, que comportam respectivamente as propriedades do reconhecimento (essa forma tem sentido?) e da compreensão (qual é o sentido?) pelo falante, comporiam a definição benvenistiana de língua, uma *língua-discurso*, que implica sempre o locutor, uma vez que “é nesse jogo entre *distintividade, reconhecimento e compreensão* que o falante está imerso sempre para significar *com e para* o outro no engendramento constante dos domínios semiótico e semântico” (SILVA, 2016, p. 19, grifos do autor).

A língua, sob essa perspectiva, *significa e comunica*, implicando, por isso, não só reconhecimento dos signos empregados pela sociedade, mas também compreensão das ideias particulares expressas no discurso, como resultado da sintagmatização das formas pelo locutor. A língua, para Benveniste, *é língua-discurso*, termo empregado em “A forma e o sentido na linguagem” e que assinala a superposição e a indissociabilidade dos sistemas semióticos e semânticos e pressupõe a constituição de uma “semântica própria”, como decorrente dessa inseparabilidade. Nessa perspectiva, *a língua permite o reconhecimento (sentido) de unidades e, ao mesmo tempo, produz novos sentidos*.

Resumindo, enquanto a característica principal do modo semiótico é o signo ter sentido, sendo reconhecido pelos falantes de determinada comunidade linguística – eis *o aspecto social da língua* destacado por Benveniste –, a do modo semântico é comunicar o(s) sentido(s), sempre particular(es), através de frases, estabelecendo referência à situação de discurso e à atitude do locutor (eis *o aspecto individual da língua*), e ambos, domínio semiótico (mundo do signo) e domínio semântico (mundo da frase), longe de se oporem, estão articulados no funcionamento da língua (são as duas faces da língua), explicando sua propriedade significante e sua passagem a discurso.

Passo, na próxima seção, a tratar das duas características da língua, mencionadas em “Semiologia da língua”, que dizem respeito ao seu funcionamento discursivo na enunciação.

2.3 A LÍNGUA EM FUNCIONAMENTO NO EXERCÍCIO DO DISCURSO: O PAPEL DA ENUNCIÇÃO NA SEMIOLOGIA DA LÍNGUA

Como, neste estudo, defendo que a língua atualizada em discurso é requisito para a formulação da semiologia da língua em Benveniste, conforme atesta o autor em duas proposições que desempenham a função de argumento para a língua ser alçada a sistema

interpretante por excelência (1º - *a língua se manifesta pela enunciação*, 4º - *a língua é a única atualização da comunicação intersubjetiva*), trato, neste item, desses dois argumentos centrais, aspectos ligados ao emprego da língua, que conferem à enunciação um papel determinante na formulação do conceito-chave da reflexão semiológica de Benveniste, a de interpretância. Nesse sentido, o intuito, neste momento, é revisitar textos que mostrem a língua em seu funcionamento discursivo, *na e pela* enunciação. Por isso, nesta seção, entram os textos presentes nas partes “A comunicação” e “O homem na língua”, dos *PLGs*: “Estrutura das relações de pessoa no verbo”, “A natureza dos pronomes”, “Da subjetividade na linguagem” e “O aparelho formal da enunciação”.

No último item, abordei a problemática da unidade nos domínios semiótico e semântico da língua e o modo como essas unidades (o signo e a palavra) produzem sentido na língua, aspectos que, de certo modo, perpassam as quatro propriedades constitutivas da língua apontadas em “Semiologia da língua” que dizem respeito à sua *estrutura formal* e ao seu *funcionamento*.

No entanto, resta trabalhar uma questão importante, pois, ao falar do domínio semântico da língua, é impossível deixar de tratar do fenômeno que operacionaliza a conversão da língua em discurso – a enunciação -, uma vez que o próprio Benveniste estabelece esse vínculo em “Semiologia da língua”, quando afirma que a língua no modo semântico corresponde ao mundo da enunciação.

A perspectiva antropológica da teoria da linguagem de Benveniste, sustentada a partir do *a priori* “o homem na língua” (FLORES, 2013a), permite refletir sobre os modos como o locutor, ao apropriar-se da língua e convertê-la em discurso, singulariza-se em seu ato de enunciação – responsável pela passagem da língua ao discurso -, estabelecendo, por intermédio da língua-discurso, sua relação com o mundo e com os outros.

Para tratar da enunciação, que constitui, conforme notado no artigo de 1969, um argumento importante para Benveniste produzir sua teorização semiológica, retomo o artigo “O aparelho formal da enunciação”⁸⁹ (2006a), a partir do qual estabelecerei diálogo com textos que tratam dos elementos constitutivos implicados no processo de conversão da língua em discurso. O artigo em questão, publicado originalmente em 1970, na revista *Langages*, e depois republicado nos *Problemas de Linguística Geral II* em 1974, sintetiza questões que formam o que hoje intitulamos de “Teoria da Enunciação”. Como o próprio título evidencia, trata-se de um texto em que Benveniste formula a ideia de um *aparelho formal da enunciação*. Conforme

⁸⁹ Dada a sua natureza de texto síntese da teoria enunciativa de Benveniste, o diálogo com textos que o precedem torna-se incontornável.

Flores (2013a, p. 161), esse texto “condensa os mais de quarenta anos de reflexão linguística sobre a enunciação. Trata-se, portanto, de um momento-síntese da obra enunciativa de Benveniste”.

Nesse texto, ele formula explicitamente o conceito célebre de enunciação: “este colocar em funcionamento a língua através de um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006a, p. 82). Esse conceito deriva da distinção operada no mesmo artigo entre aquilo que o linguista chama de o *emprego das formas* e o *emprego da língua*. A diferença entre os dois é fundamental para Benveniste, uma vez que “ele entende este último (o emprego da língua) numa dimensão enunciativa e aquele (o emprego das formas) numa perspectiva da linguística que se fazia no seu tempo” (TOLDO, 2018, p. 3). Quando Benveniste trata do emprego das formas, ele se refere ao estudo das relações internas da língua, “à investigação das regras que fixam as condições sintáticas, das possibilidades paradigmáticas, das regras de formação, das correlações morfológicas, das possibilidades combinatórias, entre outras relações do âmbito da forma linguística”. (FLORES, 2013a, p. 163).

Sem dúvida, conforme pontua Flores (2013a, p. 163), trata-se de um estudo fundamental para toda a descrição linguística, uma vez que esse emprego diz respeito ao que é *sistêmico* na língua, e observamos que a dimensão sistêmica é importante na teorização benvenistiana sobre a significância linguística. Ora, a partir dessa explicação, se posso arriscar a dizer isso, não me parece que seja equivocado defender que o domínio do emprego das formas está na dependência do domínio semiótico da língua, visto estar em foco as *regras de organização dos signos no sistema da língua*. Essas regras também dizem da língua, por isso constitui uma parte necessária de toda descrição linguística. No entanto, como assinala Flores (2013a, p. 163, grifo do autor), é “sobre o emprego *da língua* que Benveniste constrói sua reflexão a respeito da enunciação [...]”. Benveniste (2006a, p. 82, grifo meu) é preciso a esse respeito: “Coisa bem diferente é o emprego da língua. Trata-se aqui de um mecanismo total e constante que, de uma maneira ou de outra, afeta a *língua inteira*”. Ora, esse mecanismo do emprego da língua – fenômeno que ele cunha de *enunciação* – afeta não parte da língua, mas sim a língua inteira, o que me permite depreender a ideia de que a língua, além de constituir uma organização de unidades hierarquizadas, distintas umas em relação às outras, está submetida à enunciação, questão vinculada à noção de *transversalidade enunciativa* (FLORES, 2013a). Reafirma-se, dessa maneira, a língua como semiótico e a língua como semântico.

Nesse sentido, *o conceito de língua em Benveniste inclui o de enunciação. A enunciação faz parte da língua*, tal como a compreende Benveniste. Esse ponto de vista é endossado pelo linguista na passagem que segue: “A dificuldade é apreender este grande fenômeno, tão banal

que parece se confundir com a própria língua, tão necessário que nos passa despercebido”. (BENVENISTE, 2006a, p. 82).

Essa mesma ideia é assegurada posteriormente no artigo, quando o linguista (2006a) defende que, antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua. Ela deixa de ser possibilidade e vira *realização*, a partir do momento em que o locutor converte o aparelho formal da língua em “realidade de discurso”. Essa conversão advém de uma apropriação singular do sistema da língua pelo locutor, que enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos (categorias de pessoa, tempo e espaço) e de procedimentos acessórios (engendramento e agenciamento das formas da língua para a produção de sentidos).

Desse modo, nota-se a importância teórico-metodológica que Benveniste confere à enunciação: responsável por transformar a língua em discurso, ela é, justamente por isso, responsável por assegurar a *passagem* de uma possibilidade de língua à sua realização. A enunciação dá existência para a língua ao se tornar discurso, ela assinala essa passagem, o que equivale a afirmar que a língua é língua somente porque pode transformar-se em discurso, por intermédio da enunciação, e é o poder de se tornar discurso para “falar de” e atualizar a comunicação intersubjetiva, propriedades da língua salientadas em “Semiologia da língua”, que a torna interpretante de si, dos outros sistemas e da sociedade.

Em Benveniste, portanto, sempre se trata de uma *língua-discurso*, cujo enlace é promovido pela enunciação. É por isso que, para o linguista, *o homem está na língua*: o homem – categoria antropológica operacionalizada sob a categoria linguística de locutor – é que efetua, a cada ato enunciativo, a passagem da língua ao discurso; ele está implicado nessa passagem, *reinventando* essa língua a cada ato de tomada da palavra para fundamentar-se como sujeito na linguagem. Nesse sentido, *a figura do locutor é constitutiva do modo de ser língua, do modo como ela significa*, o que justifica o modo particular e exclusivo da significância linguística que articula o sentido genérico do signo às infinitas possibilidades significativas fornecidas quando o signo transforma-se em palavra no discurso. A enunciação *engendra*, via noções de frase e palavra, um novo tipo de significância, diferente daquele inerente ao signo, e a língua prevê esses dois modos de significar, decorrentes de sua passagem a discurso.

Mas, se para Benveniste está prevista na própria natureza da língua a possibilidade de sua conversão em discurso, por intermédio de atos enunciativos, de que forma linguisticamente isso ocorre? Que elementos da língua possibilitam essa operação, que é constitutiva do *modus operandis* da língua para o linguista? Penso que o linguista nos mostra essa operação pela categoria dos pronomes, que estão no âmago da discussão do homem na língua e da intersubjetividade do discurso e constituem o ponto de partida para Benveniste pensar as

dimensões da língua e do discurso para propor sua ideia de língua-discurso e conceber a enunciação como responsável pela passagem da língua ao discurso e do locutor a sujeito.

No artigo “A linguagem e a experiência humana” (2006e), fica claro em quais termos Benveniste concebe a experiência humana enquanto fundada *no e pelo* exercício da linguagem: a cada momento em que as formas são postas em ação na sintagmatização do discurso, “uma experiência humana se instaura de novo e releva o instrumento linguístico que a funda” (BENVENISTE, 2006e, p. 69). Nesse sentido, a experiência essencial de estar no discurso é atualizada no uso da língua: “quando alguém os pronuncia [os pronomes], este alguém os assume, o pronome *eu*, de elemento de um paradigma, se transforma em uma designação única e produz, a cada vez, uma nova pessoa” (BENVENISTE, 2006e, p. 68). A conversão da língua em discurso, assim, se instaura no momento em que o locutor se apropria da língua para referir-se a si próprio e o faz sempre em oposição a *tu* e a *ele*. A cada vez que alguém mobiliza a língua para convertê-la em discurso, portanto, o *eu* designa uma nova pessoa. Essa atualização da experiência humana na linguagem, possibilitada pela *categoria pronominal*, é algo essencial que jamais poderá faltar a uma língua, constituindo condição mesma do discurso.

Essa teorização sobre a categoria pronominal como fundamento da passagem da língua ao discurso pela enunciação encontra forte ancoragem nos textos benvenistianos da década de 50: “Estrutura das relações de pessoa no verbo” (2005b) e “A natureza dos pronomes” (2005f). No primeiro texto, a partir do questionamento sobre a clássica estruturação do paradigma dos pronomes, Benveniste opera uma distinção a partir de dois tipos de correlação que os pronomes pessoais estabelecem entre si: a correlação de pessoalidade e a correlação de subjetividade. A primeira distingue os pronomes pessoais que pertencem à categoria de pessoa (*eu* e *tu*) do que indica a não-pessoa (*ele*). A segunda correlação se refere à oposição entre *eu* e *tu*, posicionando *eu* como pessoa subjetiva e *tu* como pessoa não-subjetiva. Benveniste (2005b) esclarece que na categoria de pessoa há sempre uma pessoa implicada e um discurso sobre ela, ao passo que o lugar do *ele* como não-pessoa está justificado pelo fato de não tomar a palavra, constituindo a única forma pela qual uma coisa pode ser predicada verbalmente. Dessa maneira, a existência dos três elementos é fundamental, e a *sua diferença é constitutiva do funcionamento da língua*: ainda que o *ele* não possa tomar a palavra e converter-se em *eu*, ele está implicado no dispositivo da língua colocado em jogo quando o *eu* toma a palavra para se endereçar ao *tu*. Afinal, conforme o linguista sublinha em “Semiologia da língua”, na língua manifesta pela enunciação, falar é sempre *falar-de*, implicando, assim, a referência como constitutiva da passagem da língua ao discurso.

Essas asserções nos reenviam, assim, à indissociabilidade da categoria de pessoa à constituição da relação intersubjetiva e ao funcionamento sui-referencial do discurso. É por isso que acessar a língua, para convertê-la em discurso, implica acessar a estrutura enunciativa *eu-tu/ele*, a partir da qual o locutor faz referência a si, ao outro e ao mundo. Isso equivale a dizer que está prevista na natureza da língua, visto que o homem está nela, a produção de discursos, únicos e irrepetíveis, porque implicam circunstâncias únicas de pessoa, tempo e espaço. Dizer “eu”, assim, é escolher, aparelhado pela língua, ingressar no domínio semântico para propor-se, via instituição referencial, como sujeito de um dizer em determinada relação espaço-temporal.

Em “A natureza dos pronomes” (2005f), texto no qual Benveniste aprofunda o debate sobre a distinção entre as categorias de pessoa e não pessoa, o linguista inicia o seu estudo dos pronomes, frisando que a questão pronominal é um problema que só é de línguas por ser primeiramente um problema de linguagem, que é compreendida nesta passagem como aquilo que é universal às línguas:

A universalidade dessas formas e dessas noções faz pensar que o problema dos pronomes é ao mesmo tempo um problema de linguagem e um problema de línguas, ou melhor, que só é um problema de línguas por ser, em primeiro lugar, um problema de linguagem. [...] É como fato de linguagem que o apresentaremos aqui, para mostrar que os pronomes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são signos. Uns pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo a que chamaremos as “instâncias de discurso”, isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor. (BENVENISTE, 2005f, p. 277).

A relação entre *eu* e *tu*, determinante para que a língua se realize na enunciação e se instaure a dimensão intersubjetiva e referencial no discurso, une *eu/tu* a uma série de indicadores, pertencentes a classes diferentes, o que acreditamos pertencer ao quadro figurativo da enunciação, sendo mobilizados esses indicadores a cada vez que o locutor assume e atualiza a língua na instância de discurso para propor-se como *sujeito* pela inserção de um discurso articulado sobre o mundo. O *eu* só subjetiva porque existe não apenas o *tu*, mas também o *ele*, que o possibilita sair da dualidade *eu-tu* para predicar sobre o ausente, instituindo uma experiência de dizer no/sobre o mundo. Assim, a categoria pronominal é mobilizada, operando a passagem da língua ao discurso, território onde sempre vemos o homem falando com outro homem no mundo. É por isso que, na reflexão proposta em “A forma e o sentido na linguagem”, Benveniste, quando se refere ao domínio semântico (universo do discurso), diz que ele envolve a relação homem-homem e homem-mundo, pois somente a língua no seu funcionamento semântico permite a “integração da sociedade e a adequação ao mundo” (BENVENISTE, 2006

As categorias de pessoa, espaço e tempo se constituem, assim, como reveladoras da experiência de intersubjetividade inscrita na linguagem e, conseqüentemente, em todas as línguas e denotam os índices empregados na passagem da língua ao discurso. Assim, para Flores (2013a, p. 106), “A linguagem é constitutiva do homem na justa medida em que a intersubjetividade lhe é inerente, sem o que não se poderia encontrar ‘no mundo, um homem falando com outro homem’”, realidade essa que só se realiza pelo tempo linguístico inerente à instância enunciativa, tempo que, funcionando como fator de intersubjetividade, torna possível a constituição da referência no discurso.

Para Benveniste (2006f, p. 24), empregar a língua, convertendo-a em discurso, “é o poder de ação, de transformação, de adaptação, que é a chave da relação humana entre a língua e a cultura, uma relação de integração necessária”. Nessa direção, a cultura é tudo aquilo que o homem vivencia, realiza, adquire e transmite por meio da língua e de outros sistemas de signos, proporcionando aos seus membros o sentido de ser e estar no mundo. A linguagem, por meio de uma língua, sob esse ponto de vista, humaniza o homem, dando-lhe acesso à cultura, regida por costumes legados pela tradição. Compartilho, assim, do ponto de vista defendido no estudo de Silva, Cremonese e Barros (2014, p. 346): “cada indivíduo se instaura no mundo do homem a partir de um enlace simbólico como chave de integração necessária entre língua e cultura na enunciação com o outro, instância em que o tesouro linguístico-cultural emerge como efeito do processo de conversão da língua em discurso a cada nova situação de enunciação”. Ou seja, a língua, compreendida enquanto *impresa* de valores culturais, aparelha o locutor para que, implantando o outro diante de si, ele se faça sujeito de um dizer, o dizer fundante de seu lugar no mundo mediado pela língua, atravessada pelo simbólico da cultura. É por isso que, no ato de enunciação, esse tesouro linguístico-cultural emerge como efeito, atestando as relações que o homem estabelece com a sua língua e cultura nela impregnada.

O domínio semântico da língua, que, em Benveniste, não está dissociado do semiótico, é o que permite à língua *traduzir* os dados da cultura, conforme se depreende das afirmações do autor:

A apropriação da linguagem pelo homem é a apropriação da linguagem pelo conjunto de dados que se considera que ela *traduz*⁹⁰, a apropriação da língua por todas as conquistas intelectuais que o manejo da língua permite. É algo de fundamental: o processo dinâmico da língua, que permite inventar novos conceitos e por conseguinte refazer a língua, sobre ela mesma de algum modo. (...) Tudo isso é o domínio do “sentido”. (BENVENISTE, 2005d, p. 21, grifo meu)

⁹⁰ Compreendo, no contexto dessa passagem, que o termo “traduz” está em relação de sinonímia com o termo “interpretar”, no sentido que Benveniste lhe atribui na semiologia da língua.

Benveniste, como observamos na seção sobre a noção de linguagem, incorre novamente aqui em uma oscilação terminológica, visto que, na verdade, o homem se apropria é da língua, e não da linguagem. Essa apropriação da língua, definida por ele no artigo de 1970 como *enunciação*, envolve evidentemente a conversão da língua em discurso, semiótico e semântico articulados, possibilitando, desse modo, que a língua, que somente existe *na e pela* enunciação, possa traduzir, no sentido de *interpretar*, os dados oriundos da cultura. Ora, embora a noção de “interpretância” não esteja aqui nomeada, é possível notar que ela opera na reflexão de Benveniste, apresentando-se como uma decorrência do fato de a língua implicar apropriação, ou seja, envolver sistema e discurso. Assim, apropriar-se da língua envolve apropriar-se de um *conjunto de dados por ela traduzidos*; isso porque a língua interpreta a si, aos outros sistemas de signos, inclusive a cultura. Essa compreensão é ratificada em “Semiologia da língua”, quando o linguista afirma que a significância da língua funda a possibilidade da cultura.

Nesse sentido, o autor tece considerações sobre a aquisição da língua pela criança: para fazer-se homem no mundo, a criança aprende a língua, de modo que a linguagem lhe é “inculcada”, e “aprende necessariamente com a língua os rudimentos de uma cultura”, uma vez que ela é responsável por traduzir os valores culturais (BENVENISTE, 2005d, p. 23). Assim, Benveniste toma mais uma vez a questão da aquisição de formas na aprendizagem de uma língua, com a sua cultura. Por isso, não deixa de destacar que “nenhuma língua é separável de uma função cultural” (BENVENISTE, 2005d, p. 23), de modo que as realidades são definidas necessariamente como elementos de cultura, retomando o fio que mantém em uma relação de imbricação a língua, o homem, a cultura e a sociedade.

Estar na linguagem e, conseqüentemente, ser aparelhado pela língua significa, pois, manejar um conjunto de valores culturais que estão *impressos* em nosso tesouro linguístico. Está posto, desse modo, o enlace entre língua, homem e cultura: o homem está na língua e, nela estando, ele inevitavelmente se relaciona com a cultura, uma vez que, conforme lemos em Benveniste (2014, p. 12), é a distinção linguística proposta pelo sistema dos pronomes eu/tu *versus* ele que “introduz a relação de diálogo e a de alteridade” sem a qual “nenhuma sociedade é possível”. Assim sendo, a elaboração da cultura, enquanto sistema de valores perpetuados, transformados e partilhados por determinada comunidade linguística, supõe um diálogo permanente entre o indivíduo e a sociedade, mediado necessariamente pela figura do locutor através do ato de, aparelhado pela língua, convertê-la em discurso.

Destacando a natureza intersubjetiva da linguagem, cada ato de apropriação da língua parte e retorna a quem o profere, uma vez Benveniste nos ensina que falamos a partir de si e,

nesse processo, nos constituímos na relação com o outro, para quem orientamos nossa enunciação: “[...] a língua que é assim a emanação irreduzível do eu mais profundo de cada indivíduo é ao mesmo tempo uma realidade supra-individual e coextensiva a toda a coletividade” (BENVENISTE, 2006c, p. 101).

Ora, como é possível perceber, para Benveniste, há no seu conceito de língua uma porção simultaneamente individual e social, “imane a ao indivíduo e transcendente à sociedade” (BENVENISTE, 2006c, p. 97), aspectos esses que, de certo modo, ressaltarei anteriormente na teorização sobre o sentido do semiótico e o do semântico. Nesse sentido, compreender essa *dupla porção* que há na língua equivale a dizer que, por mais que cada um de nós tenha uma língua-discurso particular, resultante das experiências que adquirimos com a língua nos *aqui-agora* a que fomos expostos ao longo da vida, e que é atualizada a cada ato enunciativo, isso não significa afirmar que atribuímos às palavras da língua sentidos que não tem reconhecimento coletivo, visto que, como já trazido, não há como ignorar o semiótico da língua: o ato de se fazer *sujeito* na língua para ocupar um lugar no mundo envolve o movimento da língua para o discurso em seu duplo funcionamento: intersubjetivo e referencial. Dada a condição de intersubjetividade que assinala a condição do homem na linguagem, é possível afirmar que realizar um ato de enunciação é *intersubjetivar* o mundo, via língua, na instância de discurso em que as pessoas *eu* e *tu* participam, de modo que essa realidade (a não-pessoa) a que o locutor e interlocutor acessam é somente a que é constituída por meio da relação intersubjetiva que os une.

Entende-se, agora, o argumento enunciativo utilizado por Benveniste em “Semiologia da língua” de que “a língua é a atualização da comunicação intersubjetiva”, uma vez que, embora a língua comporte espaço para a inventividade, a singularidade, ela também é semiótico, uma vez que contém formas e sentidos que são e precisam ser reconhecidos pela coletividade. E qual a necessidade desse *reconhecimento* por parte dos interlocutores? Instaurar aquilo que o linguista chama de “comunicação intersubjetiva”, que é (re)atualizada a cada processo de conversão da língua em discurso.

Todos esses aspectos discutidos nesta seção procuraram retomar, sumariamente, o trajeto argumentativo percorrido por Benveniste para sustentar sua tese da interpretância da língua, e que envolvem aquelas duas proposições centrais sobre a língua: 1º) ela é manifestada pela enunciação e 2º) é a atualização da comunicação intersubjetiva.

É importante chamar a atenção para o fato de Benveniste recorrer à noção de enunciação em um contexto teórico que serviu – sabemos enquanto estudiosos da teoria de Benveniste – para ele defender sua tese de que a língua é o sistema semiológico interpretante por excelência.

Assim, ele faz uso, entre outros, do argumento da enunciação, ligado não à estrutura mas ao funcionamento da língua, para produzir o conceito de interpretância, justificando a principalidade da língua em relação aos demais sistemas semiológicos. No artigo “Semiologia da língua”, ao falar do privilégio da significância da língua, Benveniste insere a enunciação nesse processo:

O privilégio da língua é de comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância. É nesta faculdade metalinguística que encontramos a origem da relação de interpretância pela qual a língua engloba os outros sistemas. (BENVENISTE, 2006d, p. 66).

Novamente, presenciamos *o conceito de enunciação como necessário em sua reflexão semiológica*, uma vez que ela (a enunciação) *produz significância*, que, junto à significância dos signos, atesta o *privilégio da língua*, a sua propriedade da interpretância. Sobre essa reflexão, Monteiro, em sua tese de doutorado, afirma que “o pensamento de Benveniste sobre a questão da significância da língua envolve tanto uma reflexão linguístico-enunciativa a respeito da língua (do modo como a língua significa) quanto uma reflexão semiológica – sua semiologia da língua – a respeito da relação da língua com os outros sistemas semiológicos [...]” (2018, p. 125). Concordo com a posição da autora, mas acrescentaria que a reflexão linguístico-enunciativa – o modo como a língua significa – é *base* para Benveniste pensar no modo como a língua significa os outros sistemas (sua reflexão semiológica). É somente porque a língua significa de um modo *privilegiado*, em que, junto aos signos, se instaura o universo inventivo da enunciação, que ela se torna capaz de se relacionar com os outros sistemas de signos, significando-os e interpretando-os. A reflexão linguístico-enunciativa e a semiológica estão, logo, absolutamente imbricadas na teorização de Benveniste, afinal é a propriedade de significância da língua e de interpretância dela derivada, conceitos-chave na semiologia benvenistiana, a condição para se pensar nas diferentes formas de presença do homem na língua, “presença inventiva que não poderia ser desvinculada da constitutiva condição do homem na linguagem” (FLORES, 2017, p. 16).

Desse modo, pode-se questionar: a ideia de uma semiologia da língua, discutida no artigo de mesmo nome, não está dissociada, então, da reflexão sobre enunciação construída pelo linguista ao longo de 40 anos? Argumento que não, aliás procurei defender, e penso que Benveniste me autoriza a formular essa hipótese, que a noção de enunciação, enquanto *lugar em que a língua se manifesta em discurso*, constitui *condição* para ele pensar semiologicamente a língua, a partir da noção de interpretância. Dito de outro modo, é o conceito operatório de

enunciação, que vincula semiótico e semântico, que viabiliza a possibilidade de Benveniste chegar à interpretância da língua, de modo que, ao falarmos de semiologia da língua, não é possível dissociá-la de uma reflexão sobre enunciação, uma vez que ela está incontornavelmente incluída na reflexão semiológica, constituindo a base teórica a partir da qual Benveniste funda uma nova disciplina, conforme nos evidencia o raciocínio do autor.

Para endossar essa minha posição – a de que a enunciação é uma das condições para a Semiologia da língua -, é preciso considerar que, no artigo “Semiologia da língua”, o próprio autor emprega o sintagma “semântica da enunciação”, além, é claro, de inserir a enunciação, como vimos, como um argumento para propor sua reflexão semiológica sobre a língua. Acrescente-se a isso o fato de Benveniste, em “O aparelho formal da enunciação”, artigo célebre de sua reflexão enunciativa, vincular o segundo aspecto da enunciação – a conversão da língua em discurso (a semantização da língua) – à discussão de natureza semiológica desenvolvida pelo linguista no artigo de 1969. Assim, na semiologia da língua proposta por Benveniste, teria abrigo tudo aquilo que envolve a conversão da língua em discurso – noções como *semiótico*, *semântico*, *signo*, *frase*, *discurso*, *sintagmatização-semantização* etc.

Dessa maneira, *a semiologia da língua produzida por Benveniste decorre da concepção enunciativa que Benveniste lança para o sistema linguístico*: é devido ao fato de o linguista conceber a língua como sistema de signos que prevê e possibilita a passagem de locutor a sujeito por meio de atos enunciativos singulares que lhe permitiu instaurar sua semiologia da língua, que retoma a noção de signo saussuriana para articular, a ela, o modo de significância *engendrado* pelo discurso, que supõe sempre e necessariamente as figuras dos interlocutores e a situação de discurso criadora de referência.

Compreendo, aqui, o termo “engendrado”, que fora efetivamente empregado por Benveniste no artigo de 1969, em um sentido essencialmente enunciativo: algo que é criado, gerado, produzido. E penso que é justamente isso que o linguista quer nos dizer: o discurso, enquanto resultado de um ato de enunciação, *produz significância*, e esta nunca é igual de um ato enunciativo para o outro. Os sentidos se renovam *no* e *pelo* discurso, e a língua incorpora (ou não) essas atualizações, e é por isso que Benveniste afirma que a língua, quando convertida em discurso através da enunciação, faz emergir “a variação da referência na estabilidade da significação” (BENVENISTE, 2006c, p. 100). A estabilidade da significação é assegurada através do semiótico da língua, que envolve o valor dos signos no sistema e o seu reconhecimento pelos falantes, e a variação da referência, através do emprego da língua no discurso para atualizar a comunicação intersubjetiva. Eis o poder significante da língua, poder que não encontramos em outros sistemas de signos e que, por isso, constitui requisito para a

vida dos homens em sociedade, assinalando o elo de significação que intermedeia a relação homem-mundo e homem-homem.

Considerando que “manifestar-se pela linguagem é instaurar um lugar para significar” (SILVA, 2016, p. 16), esse ato de se fazer *sujeito* na língua envolve em Benveniste, conforme foi dito, a passagem da língua ao discurso que, por sua vez, coloca em jogo a dupla significância inerente ao sistema da língua. Esse duplo modo de a língua significar, que não se encontra em nenhum outro sistema de signos, norteia Benveniste na proposta de compreender a língua como sistema que carrega a propriedade da interpretância. É sobre esse conceito que a seção seguinte tratará.

2.4 A ESPECIFICIDADE DA LÍNGUA EM RELAÇÃO AOS DEMAIS SISTEMAS DE SIGNOS: A NOÇÃO DE INTERPRETÂNCIA

Nesta seção, pontuarei a concepção de língua de Benveniste, atrelada à ideia de língua como sistema interpretante, pois a discussão semiológica em si para pensar a língua como condição para a escrita será tratada no item 3.2 desta tese. Neste item, busco amarrar a noção de língua do texto “Semiologia da língua” com os demais textos teóricos deste capítulo, principalmente “Os níveis da análise linguística” e “A forma e sentido na linguagem”. Como alertam Flores (2013a) e Rosário (2018), o ponto de vista de Benveniste no artigo de 1969 já não é mais linguístico como nos demais, mas sim semiológico. No entanto, percebo que, para o linguista argumentar ser a língua o sistema interpretante de outros sistemas, da sociedade e de si mesma, em “Semiologia da língua”, a concepção de língua, principalmente atrelada à dupla significância, comparece como condição de sua propriedade interpretante.

Vimos nas seções anteriores que a problemática do modo de significância linguística ocupa o linguista especialmente nos textos publicados na década de 60, nos quais ele elabora a dupla gêmea semiótico-semântico para descrever as unidades da língua (o signo, no domínio semiótico; a palavra, no semântico) e para explicar *a natureza do sentido* produzido por essas unidades – o signo significa através da *distintividade* de suas unidades e do *reconhecimento* delas no uso nativo, enquanto a palavra significa pela *compreensão* do emprego dela na frase. Na última aula que o linguista profere no Collège de France, em dezembro de 1969, ele ratifica a preocupação com o sentido na/da língua, especialmente sobre o modo como cada elemento da língua produz sentido:

Na realidade, o problema do sentido é o problema da própria língua, e, como a língua aparece para mim como um paisagem que se move (ela é o lugar de *transformações*) e como se compõe de elementos diferentes (verbos, nomes etc.), o sentido se reduz a procurar o modo de significar próprio a cada um dos elementos em questão. (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.194, grifo do autor).

Semiótico e semântico, conforme apresentado nas seções anteriores, compõem os modos de ser língua. O primeiro desempenha uma função organizacional, centrada no signo e na sua significação; o segundo possibilita firmar um novo fundamento, a língua-discurso, a qual “constrói uma semântica própria, uma significação intencionada, produzida pela sintagmatização das palavras em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo” (BENVENISTE, 2006b, p.233-234). Dessa forma, a *cabeça de Medusa* está sempre no centro da composição do seu aparato teórico e constitui o caminho para Benveniste elaborar sua proposta semiológica.

Como, para Benveniste, o homem está na língua, ele está presente tanto no modo semiótico quanto no modo semântico de a língua significar: ele partilha formas e sentidos que são reconhecidos por determinada comunidade linguística, ao mesmo tempo que produz formas e sentidos que dizem respeito à sua atitude de locutor e à situação de discurso. Esse duplo modo de produzir sentido, comportando, em seu interior, a significância inerente dos signos (partilhada pela comunidade de falantes) e a significância engendrada pela enunciação, confere à língua o caráter de principalidade em relação aos demais sistemas semiológicos.

Neste momento, é pertinente registrar que estou a par da diferença de estatuto atribuída ao par semiótico/semântico nos textos “A forma e o sentido na linguagem” e “Semiologia da língua”, conforme já pontuei no alerta de Flores (2013a) e Rosário (2018). No primeiro artigo, se a intenção de Benveniste é abordar os dois modos de significar da língua no semiótico e no semântico, ambos em forma e sentido, dentro do campo disciplinar da linguística, no segundo, seu propósito é certamente diferente, uma vez que a discussão sobre a dupla significância linguística não se restringe mais ao campo da linguística, mas abarca uma reflexão semiológica, uma vez que aponta para a instauração de uma nova disciplina – *a Semiologia da Língua*. No contexto do aparecimento da distinção semiótico/semântico no texto de 1969, o que está em foco é justamente o *funcionamento singular da língua* ao qual me referia anteriormente, que imprime a ela o caráter de centralidade em relação aos demais sistemas semiológicos, pelo fato de ser o único sistema a comportar, em seu interior, a significância do domínio semiótico (signos) e a significância do domínio semântico (do discurso). Tal singularidade em relação ao modo de significar, no entendimento de Benveniste, justifica a *propriedade da interpretância* que é atribuída ao sistema da língua. Assim, nesse artigo, as noções de semiótico e semântico

são mobilizadas em um contexto específico do texto, que é o momento em que o linguista discute sobre as relações de interpretância entre os sistemas semiológicos e o porquê de a língua se destacar entre esses sistemas, ao mediar necessariamente todas as relações de interpretância.

Nesse caso, no domínio do signo, a questão está no fato de as unidades serem reconhecidas como distintivas/opositivas pelos falantes nativos. A língua preenche essa condição, diferente de outros sistemas. Nesse caso, a delimitação de unidades (sua forma) está atrelada à sua identificação/reconhecimento (sentido), questões já concebidas em textos anteriores, principalmente em “A forma e o sentido na linguagem”. Já o semântico envolve o modo específico de significância, engendrado pelo discurso e, nesse caso, o sentido advém não de “adição de signos” (BENVENISTE, 2006d, p.65), mas globalmente (o “intencionado”) a partir do emprego das palavras no discurso. De fato, para o linguista, a “ordem semântica se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso” (BENVENISTE, 2006d, p.66).

Por a língua ser o único sistema em que a significação se articula nessas duas dimensões tem o poder de criar um segundo nível de enunciação, que envolve sustentar propósitos significantes sobre a significância, poder ligado à faculdade metalinguística, na qual Benveniste argumenta (2006d, p.66) estar a origem da relação de interpretância.

Em relação aos textos anteriores, Benveniste acrescenta em “Semiologia da língua” a propriedade de interpretância da língua e seu poder metalinguístico, origem da relação de interpretância. Nesse caso, a língua é sistema interpretante por ter uma dupla dimensão de significância, semiótico (mundo partilhado dos signos) e semântico (mundo do discurso como lugar da atualização da comunicação intersubjetiva e da criação de referência).

Em “Semiologia da língua”, no que toca à língua, Benveniste pontua a relação de interpretância como aquela que se estabelece entre sistema interpretante e sistema interpretado, entre sistemas que articulam – “porque manifestam sua própria semiótica” – e os sistemas que são articulados – “cuja semiótica não aparece senão através de um modo de expressão” (BENVENISTE, 2006d, p. 62). É a partir dessa relação que Benveniste tece o fundamento do sistema da língua.

Com isso, Benveniste (2006d, p. 62, grifos meus) introduz e justifica o princípio de que

A língua é o interpretante de todos os sistemas semióticos. Nenhum outro sistema dispõe de uma “língua” na qual possa se categorizar e se interpretar segundo suas distinções semióticas, enquanto que a língua pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive ela mesma.

Assim, a partir do exame do som, da cor e da imagem, Benveniste conclui que “Toda semiologia de um sistema não linguístico deve pedir emprestada a interpretação da língua, não

pode existir senão pela e na semiologia da língua” (BENVENISTE, 2006d, p.61). Ao formular esse princípio, o linguista pontua a condição da língua de sistema interpretante de todos os sistemas e de si mesma, anunciando que a semiologia, sob sua perspectiva, é *da língua*.

Para Benveniste, não há nada que possa ser dito, pensado ou sentido que não tenha passado pela língua. É fundamental esclarecer que o termo “interpretação”, empregado na frase acima por Benveniste, não equivale ao sentido (de natureza hermenêutica) corriqueiro de atribuir sentido a alguma coisa (um texto, um filme, um sonho etc.). “Interpretação”, ao que tudo indica, serve de sinônimo para o termo “interpretância”, este, sim, utilizado mais vezes pelo linguista.

Essa reflexão sobre a propriedade de interpretância⁹¹ da língua e, mais especificamente, sobre a relação de interpretância da língua em relação à sociedade é fortemente tematizada no artigo “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (2006c), texto que se liga, portanto, diretamente com o texto “Semiologia da língua” na discussão a respeito do lugar da língua em relação aos demais sistemas semiológicos. Nele, Benveniste se questiona, em uma evidente analogia com o artigo de 1969, “o que é que atribui à língua esta posição de interpretante?” (BENVENISTE, 2006c, p.99), isto é, quais propriedades lhe são inerentes que a tornam interpretante de si e dos outros? Na sequência, responde que a língua é “instrumento de comunicação que é e deve ser comum a todos os membros da sociedade”, o que, de certo modo, retoma a caracterização do domínio semiótico de significância, no qual a língua é compreendida como sistema de signos (unidades de forma e sentido, passíveis de dissociar e integrar) reconhecidos por determinada comunidade. Aqui destaco novamente o fato de que essa posição da língua como sistema interpretante tem como uma das condições o semiótico partilhado. Em seguida, Benveniste afirma que ela consiste como “uma máquina de produzir sentido”, em virtude de seu próprio modo de funcionamento, ou seja, devido à articulação de sua *propriedade* semiótica com sua *atividade* semântica:

Se a língua é um instrumento de comunicação ou o instrumento da comunicação, é porque ela está investida de propriedades semânticas e porque ela funciona como uma máquina de produzir sentido em virtude de sua própria estrutura. E aqui estamos no âmago do problema. A língua permite a produção indefinida de mensagens em variedades ilimitadas. Esta propriedade única deve-se à estrutura da língua que é composta de signos, de unidades de sentido, numerosas mas sempre em número finito, que entram em combinações regidas por um código e que *permitem um número de enunciações que ultrapassa qualquer cálculo*, e que o ultrapassa necessariamente

⁹¹ Em sua tese de doutorado, Rosario (2018) defende que a noção de interpretância engloba, de um lado, a relação de interpretância, e, de outro, a propriedade da língua de interpretar, sua interpretância. Essas duas ideias de interpretância – como relação e como propriedade – estão absolutamente imbricadas, pois é, por conter a propriedade de interpretância, que a língua pode estabelecer relações de interpretância.

cada vez mais, uma vez que o efetivo dos signos vai sempre aumentando e que as possibilidades de utilização dos signos e de combinação destes signos aumentam em consequência. (BENVENISTE, 2006c, p. 99, grifos meus).

A língua, desse modo, consiste em uma espécie de “mecanismo” (metáfora da “máquina”) de produzir sentido, pela via do signo e pela via do discurso. Os signos, unidades do modo semiótico da língua, *unidades em número finito*, são atualizados pelo locutor em palavras, *na e pela* enunciação, processo que resulta na atualização da *referência* e na formação infinita de frases, *formação que ultrapassa qualquer cálculo*, visto que, com a frase, adentramos no domínio semântico da língua, o da *produção indefinida de mensagens em variedades ilimitadas*. Como afirma Benveniste na citação acima trazida, a estrutura da língua de ser composta por unidades significantes *permite um número de enunciações que ultrapassa qualquer cálculo*, o que me possibilita dizer que está contida no sistema da língua a possibilidade da enunciação ou, em outras palavras, a singularidade do locutor que, *na e pela* enunciação, converte-se em *sujeito*, está prevista no interior do sistema da língua. Dessarte, o ato enunciativo, junto com a organização da língua em unidades significantes – os signos -, compõe a noção de língua benvenistiana, e é essa noção, orquestrada pelo operador da *significância*⁹² (FLORES, 2017a), que possibilita a Benveniste produzir sua reflexão sobre a semiologia da língua e, eu acrescentaria, pensar, de forma amplamente inovadora, o fenômeno da escrita sob uma perspectiva semiológica, e não mais estritamente linguístico-enunciativa, conforme discussão a ser empreendida no capítulo 3.

Kristeva, no prefácio que escreve para as *Últimas aulas*, afirma algo que vai ao encontro do que estou falando: “[...] o *aparelho formal* da língua a torna capaz não somente de ‘denominar’ objetos e situações, mas sobretudo de ‘gerar’ *discursos* com significações originais, tanto individuais quanto compartilháveis na interlocução com outrem” (KRISTEVA, *Últimas aulas*, 2014, p. 37, grifos da autora). Ora, com a língua, em virtude do modo de funcionamento de seu aparelho formal, é possível *gerar discursos*, de modo contínuo e infinito, discursos que, *uma vez que são gerados a partir da língua*, comportam, como vimos no capítulo, sentidos e referências, de certo modo, *compartilhados* pela comunicação de falantes e aqueles que são *individuais*, relativos à situação única do locutor no discurso. Na continuação, o linguista descreve três propriedades inerentes ao funcionamento da língua, que reenviam, de

⁹² No artigo “Atualidade de Benveniste no Brasil: os aspectos antropológicos de uma teoria da enunciação” (2017a), Flores argumenta a favor da ideia de que é pela noção de significância de Benveniste que se pode passar do axioma geral “o homem na linguagem” para o axioma específico “o homem na língua”.

certo modo, aos domínios semiótico e semântico, e que justificam o caráter de interpretante por excelência que é atribuído a ela:

Há portanto duas propriedades inerentes à língua, em seu nível mais profundo. Há a propriedade que é constitutiva de sua natureza de ser formada de unidades significantes, e há a propriedade que é constitutiva de seu emprego de poder arranjar estes signos de maneira significativa. Estão aí duas propriedades que é preciso manter distintas, que comandam duas análises diferentes e que se organizam em duas estruturas particulares. Entre estas duas propriedades o elo é estabelecido por uma terceira propriedade. Nós dissemos que existem de um lado unidades significantes, em segundo lugar a capacidade de arranjar estes signos de maneira significativa, e em terceiro lugar, diríamos, existe a propriedade *sintagmática*, ou seja, a de combiná-los em certas regras de consecução e somente de certa maneira (BENVENISTE, 2006c, p.99, grifo do autor).

Ora, nessa passagem, há muito a ser explorado. Em primeiro lugar, é válido observar que, embora o linguista escreva no início que a língua apresenta duas propriedades, ao final do trecho ele revela uma terceira, de modo que trata-se de três propriedades inerentes à língua e que explicam a alcunha que Benveniste lhe atribui – “*mecanismo*” de produzir sentido. A primeira delas caracteriza a língua como sistema formado de unidades significantes, que são os signos. Eis a dimensão de significância ligada ao modo semiótico. A segunda propriedade comporta o emprego da língua, o semântico, uma vez que ela possibilita arranjar as unidades significantes de modo significativo. Por meio dessa propriedade, Benveniste nos mostra que a língua, além de ser um sistema de unidades, comporta o seu próprio emprego, a sua realização. E, por último, existe aquela que estabelece o *elo* entre as duas propriedades descritas acima - a propriedade sintagmática -, que diz respeito à capacidade de combinar essas unidades de certa maneira, segundo à organização gramatical específica de dada língua, de um modo em que forma e sentido se integrem. Compreendo que essa terceira propriedade, em certo sentido, possibilita articular o semiótico e o semântico, de acordo com o raciocínio construído por Benveniste nesse trecho.

Como consequência de estar investida dessas três propriedades, que caracterizam seu modo de funcionamento, Benveniste conclui que a língua é o único sistema semiológico capaz de se tomar como objeto, descrevendo-se em seus próprios termos:

Nada pode ser compreendido – é preciso se convencer disto – que não tenha sido reduzido à língua. Por consequência, a língua é necessariamente o instrumento próprio para descrever, para conceitualizar, para interpretar tanto a natureza quanto a experiência, portanto este composto de natureza e de experiência que se chama sociedade. É graças a *este poder de transmutação da experiência em signos* e de redução categorial que a língua pode tomar como objeto qualquer ordem de dados e até a sua própria natureza. Há uma metalinguagem, não há uma metassociedade. (BENVENISTE, 2006c, p. 99-100, grifos meus).

A proposição benvenistiana é bastante assertiva: é por meio da língua, *graças a seu poder de transmutação da experiência em signos e de redução categorial*, que descrevemos e conceituamos o mundo e a nossa experiência nele, uma vez que a sociedade e os elementos que a compõem – qualquer ordem de dados - só podem ser acessados, compreendidos e significados *na e pela* língua. Afinal de contas, *nada pode ser compreendido que não receba a intermediação da língua*: afinal, ela “pode tomar como objeto qualquer ordem de dados e até sua própria natureza”. O autor enfatiza, assim, a argumentação de que a língua é um sistema interpretante e autointerpretante, justamente pela possibilidade de categorizar ela mesma (metalinguagem).

Desse modo, conforme se lê no artigo de 1969, pela propriedade da interpretância, o papel da língua, em sua dimensão, toca a sociedade e a cultura, visto que “a significância da língua, ao contrário, é a significância mesma, fundando a possibilidade de toda troca e de toda comunicação, e também de toda cultura” (BENVENISTE, 2006d, p. 60). Eis o alcance da significância da língua: seu modo de produzir sentidos, que conjuga o partilhado e a atualização, a estabilidade provinda dos signos e a instabilidade da palavra, na produção de sentidos, permite que a língua, em virtude de suas propriedades inerentes, possa tomar como objeto qualquer ordem de dados, inclusive sua própria natureza. E isso porque, diferentemente dos outros sistemas apresentados por Benveniste (2006d), a língua se mostra semiológica tanto na estrutura formal quanto no funcionamento, facilitando a troca e, portanto, viabilizando a sociedade, uma vez que, como escreve o linguista, ela é recebida nos mesmos valores de referência (*semantismo social*) por todos os indivíduos de uma mesma comunidade, ao mesmo tempo em que, como se manifesta pela enunciação, ela possibilita um constante recriar de sentidos e referências no discurso.

A língua consagra-se como uma organização semiótica por excelência, haja vista sua estrutura e seu funcionamento: “é a língua como sistema de expressão que é o interpretante de todas as instituições e de toda a cultura” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.117). Benveniste explica que essa primazia da língua sobre os outros sistemas poderia ser explicada simplesmente por um critério pragmático, segundo o qual tratar-se-ia do sistema mais comum, mais abrangente e mais usado. No entanto, a esse respeito, esclarece que é “exatamente o oposto: essa situação privilegiada da língua na ordem pragmática é uma consequência, não uma causa, de sua preeminência como sistema significante, e *somente um princípio semiológico pode explicar esta preeminência*”. (BENVENISTE, 2006d, p. 64, grifos meus).

Ora, qual seria, então, o princípio semiológico capaz de explicar a preeminência da língua em relação aos demais sistemas significantes? Ele explica essa singularidade da língua pela questão da significância, que é a base de seu discurso sobre a língua. Segundo o linguista, portanto, a língua é o interpretante de todo sistema de significação, inclusive dela mesma, porque “[...] significa de uma maneira específica e que não está senão nela” (BENVENISTE, 2006d, p. 64). Sublinha-se que é precisamente a propriedade de articular dois modos distintos de significância o que confere destaque à língua em relação aos demais sistemas semiológicos, visto que essa característica não está em nenhum outro sistema semiológico. Na concepção de Benveniste, as ditas unidades de base da língua são os signos, unidades semióticas revestidas de significação, que passam pelo *reconhecimento* pelos falantes como unidades pertencentes à língua. Assim, no semiótico, o que, de fato, importa é “o mundo das formas de oposição e de distinção [...] que se aplica a inventários fechados, e se apoia em critérios de distintividade, mais ou menos elaborados” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, 191). No entanto, as unidades semióticas “são agrupadas”, colocadas em relação para o pleno funcionamento da língua, cujo princípio é o “segundo modo de significância”. Esse segundo modo de significar da unidade linguística e que viabiliza a abertura da relação entre o homem e o mundo é cunhado, por Benveniste, de modo semântico. Assim, conforme foi discutido, a língua é constituída por uma dupla condição de significar, nos domínios do signo e do discurso, sendo a enunciação o ato responsável por efetuar singularmente essa conversão. Portanto, conforme defendido, o ato de enunciação, que deriva da proposta da dupla significância, torna possível a Benveniste propor sua semiologia da língua, uma vez que é da significância constitutiva da língua nos domínios do signo e do discurso que decorre sua propriedade de ser o interpretante de outros sistemas e de si mesma.

Dessa maneira, a partir da discussão que inaugura sobre a noção de interpretância, Benveniste confere à língua o status de fórmula exemplar, apresentando-se como “grande matriz semiótica, a estrutura modelante da qual as outras estruturas reproduzem os traços e o modo de ação” (BENVENISTE, 2006d, p.64). A profundidade com que o linguista explica o lugar da língua permite-lhe afirmar que nenhum sistema pode reproduzir a significância da língua como ela própria. Isso porque a língua é “o sistema mais elaborado dos sistemas significantes” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.119).

Por fim, destaco que o linguista, encaminhando-se para o final de “Semiologia da língua”, diz que paradoxalmente a semiologia da língua foi bloqueada justamente pelo signo, elemento que a criou, o que faz com que seja preciso “ultrapassar a noção saussuriana de signo como princípio único, do qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da

língua” (BENVENISTE, 2006d, p. 67). Ora, esse ponto da reflexão do autor merece grande atenção: antes de suas teorizações sobre a dupla significância, tanto a estrutura quanto o funcionamento da língua dependiam da noção saussuriana de signo. Em relação à estrutura da língua, o signo parece dar conta, mas como fica o aspecto do seu funcionamento, que remete, claramente, ao uso desse sistema? A língua consistiria somente em um sistema de signos distintivos uns dos outros e reconhecidos pela coletividade? De forma a levar em consideração também o funcionamento da língua, além do princípio do signo saussuriano, Benveniste introduz as noções de palavra, de frase, de discurso e da enunciação, todas fundamentalmente ligadas ao domínio do uso da língua, para instaurar *sua* semiologia, que se funda na imbricação dos domínios semiótico e semântico.

Essa “ultrapassagem” em relação à Saussure é o que lhe permite postular que “a língua nos fornece o único modelo de um sistema que seja semiótico simultaneamente na sua estrutura formal e no seu funcionamento” (BENVENISTE, 2006d, p.63), pois, de acordo com Benveniste, com a noção de signo, apenas a estrutura formal da língua estava contemplada na discussão sobre o sentido na língua. Com o olhar também voltado para o aspecto do emprego, o linguista mostra que a língua significa simultaneamente na sua estrutura e no seu funcionamento, descrevendo as *unidades significantes* e *comunicantes* que entram em jogo nesse processo. Os quatro aspectos elencados em “Semiologia da língua” atestam explicitamente isso. Em outros termos, o signo saussuriano, na visão de Benveniste, não pode ser tomado como princípio único para explicar a significância da língua, visto que ela passa, como vimos, também pelo semântico, território por onde a conversão da língua em discurso produz não mais signos, mas palavras, cujas formas e sentidos, mais do que partilhadas, requerem ser compreendidas no discurso. Daí porque finaliza seu artigo propondo uma ultrapassagem⁹³:

Esta ultrapassagem far-se-á por duas vias:

- na análise intralinguística, pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, que denominamos semântica, de hoje em diante distinta da que está ligada ao signo, e que será semiótica;
- na análise translinguística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metasemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação. Esta será uma semiologia de “segunda geração”, cujos instrumentos e o método poderão também concorrer para o desenvolvimento das outras ramificações da semiologia geral. (BENVENISTE, 2006d, p. 67)

⁹³ Trata-se de uma ultrapassagem não em relação a Saussure, mas à noção de signo como princípio único para explicar e descrever o modo como a língua significa.

Nesse sentido, é a proposição da dupla dimensão de significância da língua que permite a Benveniste, de um lado, desenvolver sua semântica da enunciação e, de outro, propor a noção de interpretância da língua, assim como seu projeto apenas anunciado de uma semiologia da língua – a semiologia de segunda geração ou metassemântica –, que tem como base a semântica da enunciação, e não o signo saussuriano, em uma análise translinguística dos textos e das obras. Para Normand (2009), os desdobramentos do processo de pesquisa em Benveniste podem ser condensados em dois: (1) a análise do sistema de signos (semiótico) acompanhada de uma análise do discurso (semântico) e (2) o prolongamento do semântico para um programa sem limites definidos, que está próximo de uma “antropologia cultural, que Benveniste resume sob o termo *semiologia*, e precisa na ocasião pelo termo *metassemântica*” (NORMAND, 2009, p. 160, grifos no original).

Desse modo, a necessária ultrapassagem da noção saussuriana de signo se dá tanto através da via da semântica da enunciação quanto da metassemântica, no entanto “se se deseja falar em ultrapassagem, é a noção benvenistiana de língua, articulando semiótico e semântico, ou seja, ao mesmo tempo, estrutura e funcionamento linguísticos, que se configura, de fato, em um “ir além” do proposto por Saussure” (ROSÁRIO, 2018, p. 124). Isto é, segundo a pesquisadora (2018), é a concepção de língua de Benveniste, com sua dupla significância, que possibilita ao linguista prospectar as duas vias de ultrapassagem da noção saussuriana de signo. Mais do que isso, é sua inovadora noção de língua que propicia a elaboração da noção-chave de interpretância, que é a propriedade responsável por dar “à língua o lugar ‘principal’ frente os outros sistemas” (FLORES, 2017b, p.103). Nesse sentido, se na apresentação saussuriana, a semiologia é *sígnica*, em Benveniste, a semiologia é sempre da língua, porque a propriedade da interpretância decorre da articulação dos domínios semiótico e semântico da língua.

Depois desse percurso sobre o concepção de língua em Benveniste em diferentes textos dos *PLG I e II*, objetivo, no item a seguir, amarrar e destacar os pontos que a caracterizam para o linguista sírio-francês.

2.5 PONTUAÇÕES E REFLEXÕES SOBRE A NOÇÃO DE LÍNGUA EM ÉMILE BENVENISTE

Feito o percurso nas seções anteriores, penso ser importante recuperar alguns fundamentos teóricos que foram trazidos e discutidos neste capítulo e que diretamente interessam aos propósitos desta tese, considerando a questão que norteou o itinerário pela teorização de Benveniste: **Considerando o axioma específico de que a língua pode, em**

princípio, tudo interpretar, inclusive a si mesma (BENVENISTE, 2006d), quais características a língua comporta que lhe possibilita a *propriedade da interpretação*?

Vimos, na primeira seção desse capítulo, que há um vínculo indissociável entre língua e linguagem para Benveniste, uma vez que esta consiste na faculdade simbólica que possibilita ao homem se instaurar em uma língua para significar. Desse modo, não é a linguagem que significa, mas ela é a condição da significação, que é sempre função da língua, conforme Benveniste deixa claro não somente nos *PLGs* como também nas aulas no Collège de France. Como foi possível observar, o linguista pontua, em diversas passagens, *a função significante da língua*: “sistema de comunicação de significados”, “sistema de formas significantes”, “atividade significante por excelência” etc. Essa função constitui o seu *caráter primordial*, a sua verdadeira aptidão. E é justamente porque significa, que a língua serve para viver – relação de causa e consequência. Em “Da subjetividade na linguagem”, Benveniste sublinha quatro propriedades da linguagem importantes, vinculadas à língua, que valem a pena recuperar aqui: a) consiste em uma estrutura material, b) apresenta funcionamento simbólico, c) sua organização é articulada e d) tem conteúdo. Enquanto a “a”, a “b” e a “d” enfatizam, de certo modo, a capacidade de significação da língua e o seu vínculo com a linguagem, a característica “c” sublinha a natureza sistêmica da língua, que será bastante focalizada no artigo “Os níveis da análise linguística”.

Na segunda e na terceira seção, enfatizei características da língua que se relacionam diretamente com a sua estrutura e o seu funcionamento, ou seja, que envolvam sistema e discurso. Para isso, fundamentei-me nas quatro propriedades inerentes à língua que Benveniste enumera em “Semiologia da língua”: 1) ela se manifesta pela enunciação; 2) é constituída de unidades distintas que são os signos; 3) é produzida e recebida nos mesmos valores de referência por determinada comunidade linguística e 4) consiste na atualização da comunicação intersubjetiva. Conforme argumentado no capítulo, a primeira e a última afirmações envolvem a língua em seu funcionamento discursivo, para possibilitar a relação entre homem-homem e homem-mundo. Por sua vez, as outras duas asserções ressaltam o aspecto sistêmico da língua, que diz respeito ao modo semiótico da língua, ao fato de ser partilhada pela comunidade de falantes.

No artigo “Os níveis da análise linguística”, pela descrição das unidades articuladas em forma e sentido, o linguista ressalta *a propriedade articulada da língua*, no sentido de que as unidades de um nível inferior se combinam e provém as unidades do nível superior. Essa característica já havia sido apontada pelo linguista, como trouxe acima, no texto “Da subjetividade na linguagem”, o que atesta sua importância na concepção de língua para o autor.

Nesse sentido, o artigo publicado originalmente em 1962 tem o propósito de mostrar que o sistema da língua é constituído por unidades, que são distintas, pertencentes a diferentes níveis (no merismático, as unidades são os merismas; no fonológico, os fonemas; no morfológico, os morfemas; e assim por diante), e essas unidades, articuladas em forma e sentido, se distribuem no nível que se inserem e, ao mesmo tempo, integram um nível superior.

Assim, a significância relacionada ao domínio da organização da língua, que será nomeada em “A forma e o sentido na linguagem” de “semiótico”, está ligada ao fato de as unidades do semiótico (perspectiva do signo, e não da palavra) serem possíveis de dissociação e integração, sendo o locutor, que sempre “está no centro da organização da língua (SILVA, 2018, p.390), aquele que *identifica*, no uso, as unidades como distintas em relação às outras e que as *reconhece* como tendo existência na língua. Como registra Benveniste nas aulas, em nenhum outro sistema, a não ser na língua, “as unidades são suscetíveis de se compor nem de se decompor” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2019, p.119). Portanto, o semiótico da língua já é diferencial, não equivalendo ao semiótico dos outros sistemas semiológicos, por não envolverem unidades reconhecidas e partilhadas socialmente pelos interlocutores.

Dessarte, o domínio semiótico de significância traz à tona as *propriedades de distintividade* e de *reconhecimento* das unidades linguísticas. Através dessa reflexão sobre como ocorre a delimitação da unidade no domínio semiótico, Benveniste destaca a *organização sistêmica da língua* como um aspecto importante na sua teorização sobre a significância da língua e, portanto, como um argumento importante, como constatamos em “Semiologia da língua”, para postular a tese da interpretância da língua. Nesse sentido, o que está no centro da questão quando se fala da língua como semiótico é o caráter de distintividade e o de reconhecimento da unidade pelos falantes de uma sociedade, em que se exclui tudo o que é da ordem da relação da língua com o mundo; importa apenas o reconhecimento da forma (“eu (re)conheço essa unidade”). Eis, desse modo, descrito o modo como a unidade do domínio semiótico significa: pela distintividade e pelo reconhecimento da unidade no uso nativo. Quem é que realiza esse reconhecimento? Evidentemente, o locutor, que atua nos dois modos de ser língua, nos dois domínios de significância abrigados pela língua.

No entanto, Benveniste argumenta que o mundo do signo não é suficiente para explicar, em sua globalidade, a propriedade significativa da língua, já que, em sua concepção, é preciso se interrogar a respeito da frase e da sua *função comunicativa na língua*, afinal “é assim que nos comunicamos: por frases, mesmo que truncadas, embrionárias, incompletas, mas sempre por frases” (BENVENISTE, 2006b, p. 228). No âmbito da frase, a pergunta *qual é o sentido?* é central, pergunta cuja resposta põe em cena o uso e a atualização da língua pelo locutor para

o estabelecimento de uma certa relação com o outro e com o mundo, o que nos reenvia ao *domínio semântico*, no qual ingressa-se “no domínio da língua em emprego e em ação” (BENVENISTE, 2006b, p. 229). Esse outro modo de ser da língua também possui suas unidades de significação, que são as palavras, *unidade semânticas*, e elas decorrem, não mais da propriedade da língua-sistema, mas da *atividade* do locutor que mobiliza a língua por sua conta e a coloca em emprego e em ação, transformando-a em discurso. Essas unidades semânticas, assim, são *engendradas* como decorrência do processo de conversão da língua em discurso. A língua assume, aqui, uma outra perspectiva, aquela que a vê como *produção*.

Defendi, apoiado na tese da dupla significância, que a língua comporta um aspecto individual e social em sua estrutura e funcionamento, e isso explica sua significância como elemento central da sua propriedade da interpretância. Ela é capaz de articular a *estabilidade* de sentido (aquilo que é *repetível* na língua, sistema que é produzido e recebido nos mesmos valores de referência por determinada comunidade linguística) dada pelo modo semiótico à *singularidade* de sentidos viabilizada pelo modo semântico da língua. “Essa unidade existe, tem sentido?” e “qual o sentido dela no discurso?” são questionamentos que reenviam diretamente ao modo como as unidades linguísticas produzem sentido na língua, através das propriedades de reconhecimento e compreensão, nas quais o locutor se encontra sempre implicado no processo de conversão da língua em discurso.

Nesse sentido, a indissociabilidade entre o reconhecimento e a compreensão, com a figura do locutor implicada nessa relação de significação, decorre justamente da propriedade inerente à língua, de sua potencialidade significante de comportar a significância, até certo ponto, estável, genérica dos signos e aquela engendada de forma singular pela palavra na frase. Por isso que a língua, para Benveniste, é sempre *língua-discurso*, termo empregado em “A forma e o sentido na linguagem” e que assinala a superposição e a indissociabilidade dos sistemas semióticos e semânticos. Nessa perspectiva, na língua, nós reconhecemos sentidos, ao mesmo tempo em que, a todo momento, temos a possibilidade de produzir novos sentidos; *reconhecemos unidades e produzimos novas unidades*.

Foi discutido também nesse capítulo a importância capital da noção de enunciação no quadro da reflexão semiológica de Benveniste. Conforme aponte, essa importância se constata quando o linguista, em “Semiologia da língua”, menciona a enunciação como um aspecto importante em sua discussão sobre o que faz a língua ser um sistema diferenciado em relação aos outros. Ou seja, o conceito de enunciação, pelo que o artigo me permite concluir, ajuda a atribuir à língua a propriedade da interpretância de si e dos outros sistemas.

Essa reflexão sobre o lugar da enunciação na teorização semiológica conduziu-me à seguinte formulação: o conceito de língua em Benveniste, noção que lhe permite formular sua semiologia da língua, inclui o ato enunciativo, visto que este está na base da dupla significância linguística. Desse modo, a enunciação constitui uma condição para o autor defender a principalidade da língua em relação aos demais sistemas, uma vez que somente a língua se manifesta por esse ato, como o texto de 1969 afirma com todas as letras. A reflexão enunciativa é condição para a proposta semiológica de Benveniste. Ou seja, *a língua comportar a possibilidade de discurso é condição da semiologia de Benveniste* e, por isso, as relações de interpretância da língua – dentre as quais, situo a relação dela consigo mesma - deve levar a enunciação em conta, questão a ser discutida no capítulo 3 desta tese.

Por essa razão, ao falarmos de semiologia da língua em/para Benveniste, não é possível dissociá-la de sua reflexão sobre enunciação, uma vez que ela está incontornavelmente incluída na teorização semiológica, constituindo a base teórica a partir da qual Benveniste funda uma nova disciplina, conforme nos evidencia o raciocínio do autor.

Na sequência, no item sobre a noção de interpretância, chamei a atenção para três propriedades da língua destacadas por Benveniste e que, de certo modo, dizem respeito aos domínios semiótico e semântico da língua. A primeira delas trata do fato de a língua ser composta de unidades significantes, que são os signos, elementos pertencentes ao semiótico. A segunda propriedade linguística, como o próprio linguista frisa, é relativa ao seu *emprego*, o que traz à tona o domínio semântico da língua, aquele que coloca a língua no mundo, na relação entre homem-homem e homem-mundo. Por meio dessas duas propriedades, o autor nos mostra que a língua consiste em um *sistema de signos que comporta o seu próprio emprego*. Além delas, Benveniste insere uma terceira propriedade que cumpre a função de estabelecer o elo entre as duas acima: trata-se da propriedade sintagmática, que designa a capacidade de combinar essas unidades de certa maneira, segundo à organização gramatical específica de dada língua.

Essas três propriedades, as quais compõem o modo de ser da língua, remetem justamente à sua significância, desdobrada em dois níveis, possibilitando, assim, que nada possa ser compreendido que não receba a intermediação da língua, em virtude daquilo que a diferencia, sua propriedade de interpretar a si e aos demais sistemas de signos, inclusive a sociedade.

A discussão que organizou o capítulo teve, portanto, como objetivo central problematizar o lugar das noções de linguagem e principalmente de língua na teoria de Benveniste, articuladas, evidentemente, à noção de homem, a fim de compreender o que há na língua, nesse sistema semiológico, que permite a ela tudo interpretar, inclusive a si mesma. O

propósito do capítulo girou em torno da(s) resposta(s) à pergunta: **Que propriedades são essas que alçam a língua a esse estatuto de interpretante?**

Fazer essa discussão foi determinante nessa pesquisa, em virtude do fato de que é essa língua, que contém e manifesta todas essas propriedades aqui destacadas, que interpreta a si mesma, produzindo, nessa relação consigo, a escrita. Nesse sentido, toda reflexão semiológica sobre esse objeto em Benveniste deve estar ancorada naquilo que a possibilitou, a língua e sua natureza significante e interpretante.

No próximo e último capítulo, busco discutir a relação entre os projetos semiológicos de Benveniste, Saussure e Peirce, tendo em vista que esses dois últimos são considerados pioneiros na reflexão sobre o signo e autores com os quais Benveniste dialoga, tanto em “Semiologia da língua” quanto nas *Últimas aulas*. Apresento as razões segundo as quais o linguista se aproxima de Saussure e se afasta do filósofo americano. Benveniste aproxima-se de Saussure para depois se afastar ao propor uma outra visada semiológica. Por isso, apresento mais detidamente o diálogo de Benveniste com o linguista genebrino na proposição de sua semiologia da língua, enfatizando o aspecto em que eles se afastam. Feito isso, passo a expor a ruptura operada pelo linguista sírio-francês com Saussure sobre a escrita para, na última seção, abordar, do ponto de vista semiológico, de que escrita trata Benveniste nas aulas, quando procurarei responder o seguinte questionamento: como a língua produz a escrita em uma visada semiológica?

3 DA SEMIOLOGIA DA LÍNGUA À ESCRITA: A AUTOINTERPRETÂNCIA DA LÍNGUA

Sem dúvida nenhuma, o capítulo 2 desta tese foi essencial nessa jornada sobre o estudo da escrita a partir da perspectiva semiológica delineada por Benveniste em “Semiologia da língua” e retomada nas aulas no Collège de France. Conforme afirmei em alguns momentos deste trabalho, a noção benvenistiana de língua é determinante para a concepção de escrita formulada pelo linguista nas *Últimas aulas*. Essa relação constitutiva entre língua e escrita aparece de forma muito clara nas aulas de Benveniste. Por isso, para compreender em profundidade sua proposta de que a língua fornece as propriedades de base para que possa se autossemiotizar e constituir a escrita e pensar nos desdobramentos dessa reflexão, no que pode ser produzido sobre a escrita a partir dessa teorização inédita, foi necessário e incontornável, primeiramente, aprofundar a discussão sobre sua noção de língua, ou seja, investigar e descrever as propriedades inerentes a esse sistema que possibilitam, pela interpretância, que ele interprete a si mesmo. Não havia alternativa, senão retomar as propriedades da língua para pensar a sua abordagem semiológica.

Em outras palavras, se a língua, como Benveniste defende especialmente no artigo de 1969 e nas aulas, possui a capacidade de interpretar todos os sistemas e a si mesma, **que é que tem a língua que lhe confere esse estatuto de sistema interpretante de si mesma?** Estava firmada a compreensão de que era preciso, a fim de conhecer a escrita, saber o que tem a língua que a torna tão poderosa, capaz de interpretar todos os outros sistemas de signos e a si mesma.

Percebi, desse modo, que meus conhecimentos prévios sobre a noção de língua para Benveniste, adquiridos durante nove anos de estudo da teoria benvenistiana, não eram suficientes para explicar esse poder especial da língua e, por isso, estava absolutamente claro para mim de que precisava mergulhar fundo no estudo e análise de artigos dos *PLGs* para, de fato, compreender as propriedades que fazem parte da língua, desse sistema especial, e que possibilitam a Benveniste formular a noção de interpretância, conceito que funda sua semiologia da língua e o possibilita a desenvolver a ideia de autossemiotização desse sistema para a criação de um outro a sua imagem, *a escrita*.

Essa reflexão se funda na obra *Últimas Aulas*. Por isso, senti a necessidade de, no capítulo 1, verificar como a publicação dessa obra teve efeito em outras publicações, considerando o *tema da escrita* e, principalmente, a relação semiológica da língua com ela mesma para a criação da *escrita*. No mapeamento dos estudos, senti falta dessa reflexão sobre *língua e escrita*, com a consideração da *autointerpretância*. Diante disso, pontuei a importância

de minha proposta e constituí o capítulo 2, centrado na busca das propriedades de língua, conforme concepção de Benveniste, para tratar de sua capacidade de *interpretância*.

O questionamento *o que é que tem a língua que lhe confere esse estatuto de sistema interpretante de si mesma* esteve sempre no horizonte de pesquisa. Por isso, no capítulo 2, me propus a descrever as propriedades do sistema da língua, pois esse conhecimento era pré-requisito para abordar sua reflexão sobre escrita nas aulas.

Neste capítulo, a partir da leituras de “Semiologia da língua” e das *Últimas aulas*, busco inicialmente apresentar a leitura que Benveniste fez das semiologias de Saussure e Peirce, tendo em vista que esses dois últimos são considerados pioneiros na reflexão sobre o signo e a semiologia e, conseqüentemente, autores com os quais Benveniste dialoga, tanto em “Semiologia da língua” quanto nas *Últimas aulas*. O linguista parte das formulações desses dois teóricos para argumentar em prol de uma semiologia própria, que seja fundada a partir da significância da língua, desdobrada em semiótico e semântico. Essa reflexão inicial sobre as abordagens semiológicas de Peirce e Saussure a partir de Benveniste servirá para responder à questão central do capítulo: **Por que a relação da língua com ela mesma possibilita a Benveniste defender a escrita como autosemiotização da língua?**

3.1 DIÁLOGO DE BENVENISTE COM PEIRCE E SAUSSURE: UMA ESCOLHA SEMIOLÓGICA NECESSÁRIA

Embora tanto Peirce quanto Saussure tenham refletido, aproximadamente na mesma época, sobre um tema em comum – a questão do signo –, “suas formações, seus métodos, e a relação deles com o objeto de suas pesquisas diferem completamente” (BENVENISTE, 2014, p. 93). Início pelo diálogo de Benveniste com Peirce.⁹⁴

Em “Semiologia da língua”, artigo em que dialoga diretamente com as ideias de Peirce Benveniste (2006d, p. 44) diz: “No que concerne a língua, Peirce não formulou nada de preciso

⁹⁴ Conforme Santaella (2012), o filósofo Charles Peirce nasceu em 1839, na região de Massachussets, nordeste dos Estados Unidos. Peirce, desde jovem, demonstrou ser dotado de um talento excepcional para a lógica, a matemática e o método científico, bem como ter um enorme interesse para conhecer os fundamentos conceituais das ciências. Isso o levou a estudar praticamente todos os grandes filósofos, especialmente aqueles com alguma aptidão para a lógica, como Aristóteles, Kant, Hegel, Leibniz etc. Por quase 10 anos, Peirce brilhou, produzindo artigos que tiveram impacto na história da lógica – foi ele o primeiro a criar uma notação lógica que, posteriormente, seria adaptada por Giuseppe Peano e se tornaria padrão com o clássico *Principia Mathematica*, de Russell e Whitehead. Foi nessa época também que ele desenvolveu sua concepção triádica de fenomenologia, assinalando que as categorias universais podiam ser reduzidas a apenas três, que denominou de primeiridade, secundidade e terceiridade. Benveniste (*Últimas aulas*, 2014, p. 93) assim o caracteriza: “Peirce é, sobretudo, um ‘erudito’: lógico, matemático, historiador e filósofo das ciências”.

nem de específico”. A língua e seu modo de funcionamento, desse modo, não eram temas de preocupação para o semioticista, tal como se entrevê na crítica que Benveniste lhe formula nesse mesmo texto: “Não se interessou jamais pelo funcionamento da língua, nem mesmo lhe prestou atenção” (2006d, p. 44). Ora, por essa crítica, Benveniste justifica seu distanciamento de Peirce. Conforme Benveniste, o problema em Peirce reside na sua concepção de signo: para ele, “o signo é colocado na base do universo inteiro” (BENVENISTE, 2006d, p. 45).

Essa mesma crítica é encontrada nas *Últimas aulas*, mais especificamente na aula 3, dedicada a tratar das ideias sobre signo em Saussure e Benveniste: “Se tudo é signo, de onde se cria o signo? De algo que já é signo? Mas então onde estará o ponto fixo em que se pode amarrar a primeira *relação de signo*?” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.101, grifos do autor). Isso significa dizer que, para o semioticista, tudo no universo é tomado como signo, de modo que não é possível estabelecer uma diferença entre o signo e aquilo que não é signo. A respeito disso, Benveniste tece uma importante análise:

O homem inteiro é um signo, seu pensamento é um signo, sua emoção é um signo. Mas finalmente estes signos, sendo todos signos uns dos outros, de que poderão eles ser signos que NÃO SEJA signo? Acharemos o ponto fixo onde amarrar a PRIMEIRA relação de signo? (BENVENISTE, 2006d, p. 45, grifos do autor).

Ora, através desse pequeno mergulho no diálogo de Benveniste com as ideias peirceanas, fica evidente que a preocupação do filósofo nunca foi a de formular uma reflexão específica sobre o objeto linguístico, sobre o signo linguístico ou sobre a língua, mas sim de estudar *as leis gerais dos signos existentes em qualquer domínio do conhecimento*⁹⁵. Sua semiótica não pode ser lida, portanto, como pertencente à área da Linguística. Sua teoria dos signos, muito alicerçada na fenomenologia, foi concebida como uma doutrina formal de *todos* os tipos possíveis de signos. Nessa perspectiva, opostamente à proposta de Saussure, conforme Peirce, a noção de signo apresenta como base um sentido lógico, pois, conforme Benveniste, o

⁹⁵ Conforme Peirce (1995), diante de qualquer fenômeno, isto é, para conhecer e compreender qualquer coisa, a consciência produz um signo, ou seja, um pensamento como mediação incontornável entre nós e os fenômenos. Isso já ao nível do que compreendemos como percepção: “Perceber não é senão traduzir um objeto de percepção em um julgamento de percepção, ou melhor, é interpor uma camada interpretativa entre a consciência e o que é percebido” (SANTAELLA, 1983, p. 11). Nessa medida, o simples e banal ato de olhar já está carregado/investido de interpretação, uma vez que é sempre resultado de uma elaboração cognitiva, fruto de uma mediação dos signos que possibilita nossa orientação no espaço por um reconhecimento e assentimento diante das coisas que só o signo permite. De acordo com a semiótica peirceana, o homem só conhece/apreende porque, de algum modo, o representa e só interpreta essa representação por meio de outra representação, que Peirce intitula de *interpretante* da primeira. Isto é, a interpretação de um signo consiste na sua tradução em outros signos, infinitamente. Nesse sentido, a relação sgnica, para o filósofo, é interminável, uma vez que compreender é traduzir um pensamento em outro pensamento num movimento ininterrupto. Só podemos pensar um pensamento em outro pensamento, um signo em outro signo, segundo a lógica de Peirce.

signo peirciano apresenta uma tripla divisão em ícones, índices e símbolo em uma "arquitetura lógica". Por isso, Benveniste questiona qual seria a utilidade operacional de tais distinções e como poderiam ajudar "o linguista a construir a semiologia da língua como sistema". (BENVENISTE, 2006d, p. 45). Benveniste acentua aqui seu interesse e o motivo de seu desinteresse pela reflexão semiológica peirceana.

Como o signo em Peirce é colocado na base do universo inteiro, conforme argumenta Benveniste, como estabelecer relações de diferença e delimitar as unidades em signos no interior de sistemas distintos. Assim, se tudo é signo de outro signo e assim infinitamente, pertencentes todos a um *único* sistema⁹⁶, "há uma certa semelhança entre todos os signos" (FLORES, 2013, p. 148), ideia com a qual Benveniste não compartilha, visto que seu interesse é justamente explicar o caráter semiológico da língua, aquilo que a particulariza em relação aos demais sistemas de signos; essa particularidade tem a ver com o modo único como as unidades da língua significam. Dessa maneira, para resolver esse problema teórico-metodológico forjado pela teoria peirciana, Benveniste propõe que:

Para que a noção de signo não se anule nesta multiplicação ao infinito, é necessário que em alguma parte o universo admita uma DIFERENÇA entre o signo e o significado. É necessário então que todo o signo seja tomado e compreendido em um SISTEMA de signos. Esta é a condição da SIGNIFICÂNCIA. Resulta daí, ao contrário do que pensa Peirce, que todos os signos não podem funcionar identicamente nem pertencer a um sistema único. Dever-se-ão constituir inúmeros sistemas de signos, e entre esses sistemas, explicitar uma relação de diferença e de analogia. (BENVENISTE, 2006d, p. 45, grifos do autor).

É preciso reter algo essencial dessa passagem: a condição da significância é que o signo seja compreendido em um sistema de signos, ideia partilhada também na aula 3, de 16 de dezembro de 1968. Essa condição foi ignorada por Peirce. Dessarte, através desse trecho,

⁹⁶ Segundo Peirce (1995), é porque o signo está numa relação triádica que sua ação pode ser bilateral: de um lado, representa o que está fora dele, seu objeto e, de outro lado, dirige-se para alguém em cuja mente se processará sua remessa para um outro signo ou pensamento onde seu sentido se traduz. E esse sentido, para ser interpretado, tem de ser traduzido em outro signo, e assim *ad infinitum*, de modo que não acharemos o ponto fixo onde amarrar a primeira relação de signo. Nessa medida, o significado, portanto, não é algo estático, pelo contrário, é aquilo que se desloca incessantemente, traduzindo-se em outros significados. Parece bastante claro, dessa maneira, a ênfase de Peirce no aspecto ativo/autogerador do signo. A forma de ação típica do signo é o do crescimento por meio do mecanismo da autogeração: o signo, devido a sua própria constituição, está destinado a germinar, desenvolver-se num interpretante (outro signo) que se desenvolverá em outro e assim indefinidamente. Destaca-se, assim, a natureza incompleta de qualquer signo. Sua ação é a de crescer, desenvolver-se num outro signo para o qual é transferido a capacidade de representação. Nessa medida, o interpretante realiza o processo da interpretação, ao mesmo tempo que herda do signo o vínculo da representação. Ao herdar esse vínculo, o interpretante produzirá, por sua vez, um outro signo-interpretante que levará à frente, numa corrente infinita, o processo lógico de crescimento.

compreendemos o ponto em que reside a crítica de Benveniste às ideias do filósofo: para este, todos os signos apresentavam o mesmo funcionamento significante e pertenciam a um único sistema, geral, de modo que não se conseguia estabelecer uma *relação de diferença* entre os signos. Com esse raciocínio, infere-se que Peirce colocava a significância da língua em pé de igualdade com todos os outros signos, visto que todos são compreendidos em um mesmo sistema de signos, que é tido como universal; para o filósofo, o signo é universal, ele sempre funciona do mesmo modo. Na verdade, para Benveniste, a noção de signo peirceana multiplica-se ao infinito a ponto de não se poder delimitar nenhum sistema centrado na relação de diferença.

É justamente por rejeitar essa reflexão semiológica sem a possibilidade de delimitar unidade por relações de diferença em um sistema, que Benveniste se afasta de Peirce e se aproxima das ideias de Saussure, já que, ao contrário do filósofo, “em Saussure a reflexão procede da língua e toma a língua como objeto exclusivo” (BENVENISTE, 2006d, p. 45). Por isso, Benveniste, em “Semiologia da língua”, defende que Saussure está em posição oposta a Peirce tanto na metodologia quanto na prática.

É indiscutível o impacto do pensamento de Saussure para os estudos linguísticos: estabelecendo uma ruptura com o método comparatista então vigente, o linguista propôs um recorte teórico que consolidou a linguística como ciência. Como sabemos, a teoria saussuriana ancora-se em um saber negativo ou não positivo, pressupondo que o ponto de vista é que cria o objeto, isto é, parte-se da ideia de que o objeto não é algo pré-determinado. Desse modo, a natureza negativa (não empírica) da reflexão saussuriana subjaz a um dos seus princípios mais importantes: o de que a língua é um sistema de signos partilhados por dada comunidade linguística.

Ao realizar esse recorte quanto ao conceito de língua, Saussure estabelece-a como sendo o objeto da linguística, em contraposição à linguagem, cuja complexidade, no ponto de vista do linguista, faz com que não seja pertinente tomá-la como seu objeto de estudo. Por sua vez, a língua, para o teórico, é passível de delimitação e implica validação social, ou seja, é um sistema que compreende aquilo que é comum a todos os falantes de determinada comunidade; a partir disso, compreende-se o motivo pelo qual Saussure considera a língua como uma instituição social (SAUSSURE, 2012). Esse sistema linguístico cuidadosamente delimitado possui como constituintes os signos, caracterizados como estruturas mentais, uma vez que a língua é a parte psíquica da linguagem, consistindo em um

[...] tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo. (SAUSSURE, 2012, p.21).

A Linguística, assim, como anunciada no *Curso*, é a ciência edificada a partir dos fatos da língua, e sua matéria se constitui por todas as expressões da linguagem humana. A busca pela compreensão da especificidade do signo linguístico e do modo como ele encarna as propriedades da língua – bifacialidade (significante e significado), arbitrariedade e negatividade (valor das unidades no sistema) - é ponto-chave nos ensinamentos do *Curso*, culminando na sua ideia de *semiologia* como ciência universal constituída a partir do princípio do arbitrário do signo. Assim, a ideia de semiologia no escopo da teoria saussuriana da língua está diretamente atrelada à propriedade de arbitrariedade dos signos, critério fundamental para que o estudo seja reconhecidamente de natureza semiológica. Não há dúvidas: em Saussure, a semiologia se alicerça sobre o ponto de vista do signo.

É pela noção de signo e, conseqüentemente, pelo caráter semiológico do sistema da língua que Saussure vincula a Linguística à Semiologia (ciência cujo objeto será o estudo da vida dos signos no seio da vida social), uma vez que, através do seu gesto de definir o objeto da linguística e dar-lhe um método, estabelece a língua na relação com os demais sistemas semiológicos. Fica mais do que notório o motivo da preferência de Benveniste pelas teses saussurianas, em relação às de Peirce:

Para Saussure, diferentemente do que para Peirce, o signo é antes de tudo uma noção linguística, que mais largamente se estende a certas ordens de fatos humanos e sociais. Aí se circunscreve seu domínio. Mas este domínio compreende, além da língua, os sistemas homólogos ao da língua. Saussure cita alguns desses sistemas. Todos estes têm o caráter de serem sistemas de SIGNOS (BENVENISTE, 2006d, p. 49).

É na delimitação do objeto língua que Benveniste reconhece o caminho aberto por Saussure ao tratar do *princípio da unidade* como essencial para colocar a língua entre os fatos humanos "na multiplicidade de aspectos com que nos aparece a linguagem" (BENVENISTE, 2006d, p. 47), visto a noção de signo em sua natureza arbitrária constituir a base de uma visada semiológica dos fatos humanos e sociais. Por meio do estudo dos signos, pode-se pensar em uma ciência geral de natureza essencialmente voltada para os fatos semiológicos. Em última instância, voltada para os fatos humanos, visto que pensar em signos em Saussure é pensar no falante, uma vez que é este quem recorta e reconhece as unidades de sua língua. É por aí que Benveniste destaca o que lhe chama a atenção em Saussure: "Princípio da unidade, princípio da

classificação, eis introduzidos os dois conceitos que vão, por sua vez, introduzir a semiologia." (BENVENISTE, 2006d, p.47). De fato, chama a atenção em Benveniste o modo como Saussure funda a Linguística e como a liga com a Semiologia, esta considerada como o conjunto dos fatos humanos. Está aí um duplo gesto de fundação saussuriana reconhecido por Benveniste: da Linguística e da Semiologia: "A Linguística faz parte de uma ciência que não existe ainda, a qual se ocupará dos outros sistemas da mesma ordem no conjunto dos fatos humanos, a SEMIOLOGIA." (BENVENISTE, 2006d, p.48). Benveniste apresenta uma enorme citação do *Curso* que anuncia e situa esta relação entre a Linguística e a Semiologia para comprovar convenientemente a sua reflexão.

Na continuidade do diálogo com Saussure, podemos presenciar Benveniste (2006d, p. 48) pontuar que essa é a Semiologia, "tal como Saussure a concebe", evocando o fato de que não assume essa visada semiológica. Em outras palavras, aqui Benveniste anuncia que apresentará outro modo de conceber a semiologia. O diálogo de Benveniste com Saussure continua em termos de busca da unidade e do funcionamento da língua: "Onde a língua acha sua unidade e o princípio de seu funcionamento? Em seu caráter semiótico. Por este se define sua natureza, por este também ela se integra num conjunto de sistemas do mesmo tipo". (BENVENISTE, 2006d, p. 49). Novamente, Benveniste pontua a diferença entre Saussure e Peirce: "Para Saussure, diferentemente do que para Peirce, o signo é antes de tudo uma noção linguística, que mais largamente se estende a certas ordens de fatos humanos e sociais." (BENVENISTE, 2006d, p. 49).

Da comparação, percebe-se Benveniste aproximar-se de Saussure e distanciar-se de Peirce, justamente por Saussure olhar para a língua – para seu princípio de classificação e seu funcionamento por meio de unidades relacionadas pela diferença. Tanto o linguista genebrino quanto Benveniste acreditam que os signos, que formam sistemas, “são, portanto, articulados por um princípio interno e não por sua estrutura lógica, como em Peirce” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.101). No entanto, quando Saussure coloca a língua em relação a outros sistemas homólogos e a coloca como o mais importante desses sistemas, Benveniste levanta interrogações e aponta seu distanciamento do mestre genebrino: "O mais importante sob qual aspecto? Será simplesmente por que a língua tem um lugar maior na vida social do que qualquer outro sistema? Nada permite chegar a uma decisão." (BENVENISTE, 2006d, p.49). Por isso, Benveniste continua mostrando a sua inquietação: "O pensamento de Saussure, muito afirmativo sobre a relação da língua com os sistemas de signos, é menos claro sobre a relação da linguística com a semiologia, ciência dos sistemas de signos" (BENVENISTE, 2006d, p. 49). Nesse diálogo Benveniste-Saussure, chamou-me a atenção o fato de Benveniste destacar

uma questão importante na reflexão de Saussure: "ele elabora para a linguística o instrumento de *sua* semiologia própria, o signo linguístico." (BENVENISTE, 2006d, p. 49, grifo meu). Vejo novamente Benveniste separar-se de Saussure ao colocar o pronome *sua*, delimitando a semiologia saussuriana, fundada no signo, diferente da que o próprio Benveniste formulará. Por isso, aponta o princípio de ligação entre a linguística e a semiologia em Saussure: *o arbitrário do signo*.

A Linguística é definida por Saussure, e a Semiologia, como ciência dos signos, permanece aberta em Saussure, pois, conforme pontua Benveniste, é uma ciência projetada para o futuro, ou seja, em "uma visão prospectiva". (BENVENISTE, 2006d, p. 50).

Quanto aos outros sistemas, "Saussure limita-se a citar rapidamente alguns" (BENVENISTE, 2006d, p. 50). Com efeito, na última seção do capítulo sobre o objeto da linguística, no *Curso*, Saussure, além de firmar a ideia de que a língua é uma instituição social, afirma ser também ela um sistema semiológico: "A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc. Ela é apenas o *principal* desses sistemas" (*Curso*, 2012, p. 47, grifo meu). Benveniste, célebre leitor de seu mestre, toma essas reflexões saussurianas como ponto de partida e interroga-se a respeito, procurando, especialmente no artigo "Semiologia da língua" e nas *Últimas aulas*, determinar o que faz da língua um sistema especial (o *principal*, segundo o genebrino) no conjunto dos demais sistemas de signos.

É na "falta" assinalada na proposta semiológica de Saussure que Benveniste situa seu interesse em consolidar as bases da semiologia, como destaque na passagem seguinte: "Retomando este grande problema no ponto em que Saussure o deixou, queríamos insistir inicialmente sobre a necessidade de um esforço prévio de classificação, *se se quer promover a análise e consolidar as bases da semiologia*." (BENVENISTE, 2006d, p. 50, grifos do autor).

A partir disso, Benveniste pontua ser a escrita um difícil problema a ser reservado para um exame particular, que suponho estar nas *Últimas aulas*, e questiona Saussure acerca dos ritos simbólicos e das formas de polidez serem considerados sistemas autônomos e problematiza se poderiam ser colocados no mesmo plano da língua. E precisamente neste momento da reflexão Benveniste lança a tese de *sua* Semiologia, a da língua.

Estes signos [dos outros sistemas] para nascerem e se estabelecerem como sistema, supõem a língua, que os produz e os interpreta. Eles são então e uma outra ordem, em uma hierarquia a definir. Entrevê-se assim que, não menos que os sistemas de signos, as **RELAÇÕES**, entre estes sistemas constituirão o objeto da semiologia. (BENVENISTE, 2006d, p. 51).

Benveniste insiste no fato de ser tempo de deixar a generalidade e abordar enfim o problema da Semiologia, o estatuto da língua em meio aos sistemas de signos, questão não tratada por Saussure: “Saussure não formulou nenhuma dessas questões. Ele se contentou em remeter à semiologia futura a tarefa de definir o signo e seu lugar etc.” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.103). Assim, Benveniste parte para a fundação de uma nova Semiologia, não mais centrada no signo, mas na língua. Nessa visada semiológica, interessa as relações da língua com outros sistemas, sociedade e com ela mesma. No caso da tese aqui proposta, interessa-me *a relação da língua com ela mesma para a criação da escrita*.

Em sua argumentação ao encontro das teses de Saussure, na comparação com as de Peirce, Benveniste destaca, na aula 3, que, em Saussure, “a língua é vista, ao mesmo tempo, como conjunto de signos e como um dos sistemas semiológicos” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.100). Prossegue o linguista: “assim é definida a estrutura e o pertencimento da língua” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.100): ela é feita de signos (seu modo de significar) e se torna um dos sistemas de signos, em relação com os demais sistemas. Dessa maneira, é pela noção de signo linguístico que Saussure insere a linguística no estudo semiológico, que foi apenas prospectado por ele. No entanto, ao considerar a língua apenas como um dos sistemas semiológicos, o linguista genebrino não trata da sua especificidade, daquilo que faz a língua figurar como o principal dos sistemas de signos. Como se nota, são claras as afinidades teóricas entre Saussure e Benveniste, sem ignorar o fato de que também há diferenças que podem ser explicadas pelo percurso intelectual de cada um.

É importante assinalar, portanto, que a concepção de semiologia não é a mesma em Saussure e em Benveniste. Enquanto para o primeiro, a semiologia, de caráter mais geral, caracterizava o estudo dos signos na sociedade, para o segundo, importa apontar o que faz a língua ser um sistema especial em relação aos demais sistemas de signos; em Benveniste, trata-se da semiologia da língua. Seu objetivo é mostrar o motivo pelo qual “a língua é passagem obrigatória para se compreender os outros sistemas de signos” (NORMAND, 2009, p.179-180). Segundo Benveniste, esse motivo é situado na relação de interpretância, estabelecida pela língua: “trata-se de determinar se o sistema semiológico considerado pode se interpretar por si mesmo ou se ele deve receber sua interpretação de outro sistema semiológico” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.109).

A tese de Benveniste, formulada em “Semiologia da língua”, presentifica-se aqui, o que ratifica o forte diálogo entre o artigo e as aulas: somente a língua desempenha o papel de “interpretante semiológico”, no sentido de que todos os sistemas estão necessariamente em

relação com ela. Essa formulação teórica configura o ponto de afastamento entre as ideias de Benveniste e Saussure, na medida em que, através dessa posição, o linguista sírio-francês consegue tratar das relações – elas mesmas, segundo o linguista, semiológicas - entre os sistemas semiológicos. Nessa perspectiva, para Benveniste (*Últimas aulas*, 2014, p.115),

Não basta, a partir de Saussure, propor a existência de vários sistemas semiológicos. É preciso perguntar se eles coexistem livremente; se é possível criá-los à vontade; se eles subsistem indefinidamente; ou se eles de alguma maneira formam um conjunto; se eles têm relações e quais; se eles se comandam um ao outro; em resumo, se devemos reconhecer essa noção de sistema semiológico como um dado de fato ou como um princípio gerador.

Como a passagem esclarece, são várias as questões formuladas por Benveniste para a proposição de sua semiologia, que se edifica, à diferença da saussuriana, a partir da busca do linguista de investigar as relações que podem ser estabelecidas entre os sistemas de signos. Nessa mesma aula 6, o linguista firma a ideia de que a sua semiologia da língua deve se estabelecer a partir do *primado da relação*: “Parece-nos que os sistemas semiológicos, que representam algo por meio de signos específicos, têm sempre *alguma relação* entre eles” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.116, grifos meus). Nesse mesmo parágrafo, ele postula que é preciso encontrar o critério – cuja natureza é semiológica – que permita o reconhecimento da relação. O linguista encontra esse critério na resposta à pergunta-chave do artigo “Semiologia da língua”: “qual é o lugar da língua entre os sistemas de signos?” (BENVENISTE, 2006d, p.43). A resposta, como sabemos, se refere à *propriedade da interpretância da língua*, noção que possibilita a Benveniste elevar a língua “a uma situação particular no universo dos sistemas de signos” (BENVENISTE, 2006d, p.61).

Nesse sentido, é a propriedade da interpretância pensada pelo linguista que funda a possibilidade da relação entre sistemas, sempre mediados pela língua, como confirma Benveniste na frase que encerra essa aula 6: “É a língua como sistema de expressão que é o interpretante de todas as instituições e de toda a cultura” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.117).

No final do texto “Semiologia da língua”, em uma passagem que se tornou célebre entre os leitores de Benveniste, o linguista afirma que “é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeriam simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua” (BENVENISTE, 2006d, p. 67). Ora, fica claro aqui que não se trata de ultrapassar Saussure, mas sim ultrapassar (no sentido de “ir além”) a noção de signo saussuriano como princípio único para explicar e descrever a significância da língua, visto que,

para Benveniste, aliada à dimensão do signo, há o universo do discurso (cuja unidade é a palavra), por onde também a língua significa. Instaure-se, portanto, a semiologia da língua, alicerçada na propriedade da dupla significância.

A título de síntese, é conhecimento comum entre os estudiosos dos dois teóricos aqui postos em diálogo de que Saussure se revela como uma das principais fontes para Benveniste, sendo facilmente percebida e comprovada a forte influência que exerce na teoria benvenistiana. Benveniste, inclusive, em um texto de homenagem a seu mestre, afirma que “Saussure é em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos” (BENVENISTE, 2005e, p. 35). Porém, como espero ter mostrado nesta seção, as contribuições saussurianas são tomadas por Benveniste como um ponto de partida, mas não de chegada de sua reflexão. Conforme foi visto, Saussure define a língua como um *sistema de signos, cujos valores estão mutuamente relacionados* e, por meio dessa definição do objeto e da criação de um método para estudá-lo, ele vincula linguística e semiologia.

Aqui encerro esta seção do diálogo de Benveniste com as reflexões semiológicas de Peirce e Saussure, na qual aponte o distanciamento de Benveniste a Peirce e sua primeira aproximação a Saussure pelo princípio da diferença da relação de unidades no funcionamento do sistema linguístico partilhado pelos falantes e finalizei com os pontos de distanciamento de Benveniste à proposta semiológica de Saussure, numa suposta *ultrapassagem* e numa proposta de Semiologia da língua, em que a língua ocupa posição central em relação aos outros sistemas e centrada na ideia de relação da língua com outros sistemas e com ela mesma. É dessa semiologia benvenistiana, centrada na língua, que tratarei na próxima seção quando pontuarei como a proposta semiológica de Benveniste se configura para ser condição de existência da concepção de escrita presente nas *Últimas aulas*, para, na última seção, refletir sobre como a relação da língua com ela mesma possibilita a criação da escrita.

3.2 A SEMIOLOGIA DA LÍNGUA DE BENVENISTE: CONDIÇÃO DE EXISTÊNCIA DA ESCRITA

A reflexão sobre a Semiologia da Língua em Benveniste é recente e foi, brilhantemente, desenvolvida por Rosário (2018) ao desvendar o mistério (ou o implícito) ligado a um programa de pesquisa apenas anunciado pelo linguista no artigo “Semiologia da língua”. A estudiosa apresenta respostas importantes à temática semiológica em Benveniste, renascida a partir da publicação da obra *Últimas aulas*. Para desvendar o implícito, a estudiosa segue, no detalhe, um fio condutor, que nomeia como o fio de Ariadne, para propor seu entendimento do que seria

o universo semiológico de Benveniste, em que a língua é um sistema especial e figura como sistema interpretante em relação a outros sistemas, à sociedade e a ela mesma. Na argumentação, Rosário (2018) pontua que, conforme o interpretado, a relação muda, é outra. Na seção 2.4 do capítulo 2, que envolvia a concepção de língua em Benveniste nos *PLGs*, tratei das propriedades da língua no texto "Semiologia da Língua", presente no *PLG II*, que a fazem um sistema especial em relação a outros, à sociedade e permitem a ela estabelecer relação consigo mesma. Naquele capítulo, interessou-me verificar como a noção de língua foi se constituindo em textos dos *PLGs*. Já nesta seção, apesar da semelhança com a seção mencionada do segundo capítulo, interessa-me pensar a língua em "Semiologia da língua" em relação com aulas do capítulo 1 da obra *Últimas aulas para pensar que relação a língua estabelece com ela mesma para produzir a escrita?*

Por essa razão, procuro pensar aqui por que a língua, na reflexão semiológica benvenistiana, é considerada o sistema interpretante por excelência a ponto de produzir outro sistema a sua imagem, a escrita.

Na parte II do artigo "Semiologia da língua", Benveniste, após mostrar que utilizamos na vida social simultaneamente vários sistemas de signos, se questiona a respeito da possibilidade de os sistemas semiológicos se relacionarem: "Nas numerosas e bastante diversas maneiras que têm os signos de se configurar, que princípio introduzir que possa ordenar as relações e delimitar os conjuntos?" (BENVENISTE, 2006d, p.52). Semelhante raciocínio se apresenta nas aulas, mais precisamente na 1ª aula⁹⁷, na qual, após reafirmar a ideia de vivermos em universo de signos, o linguista postula:

- 1) que há, no mundo, na natureza, no comportamento humano, nas obras do homem, uma quantidade de signos de espécies muito diversas (vocais, gestuais, naturais), *coisas que significam, que têm um sentido*;
- 2) por consequência, que há lugar para pensar que esses signos se assemelham de alguma maneira, que constituem conjuntos;
- 3) que é possível estabelecer relações entre esses conjuntos de signos;
- 4) que o estudo dos signos resulta na criação de uma disciplina particular: a *semiologia*. (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.92, grifos do autor).

⁹⁷ É importante ressaltar que, já na primeira aula, Benveniste menciona a questão da escrita, colocando-a em relação com a fala, movimento teórico que ele repete nas aulas dedicadas à escrita. De forma a exemplificar o fato de utilizarmos, ainda que inconscientemente, variados sistemas de signos, o autor destaca que "antes de mais nada, nós falamos: esse é o primeiro sistema. Lemos e escrevemos: é um sistema distinto, gráfico." (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.91). A relação fala-escrita, nesse sentido, está posta já na primeira aula do capítulo 1, dedicado à Semiologia. Isso, aliás, só endossa a argumentação de que a abordagem da escrita, nas aulas, é feita à luz da reflexão semiológica de Benveniste, que envolve, evidentemente a língua mas também a fala, uma vez que esta é o sistema primeiro, no sentido de ser o primeiro modo de realização do linguístico.

Desse modo, o interesse do linguista consistia em ir além de buscar enumerar os diferentes sistemas de signos e de ligá-los a uma ciência futura, como fizera Saussure; era possível estabelecer relações entre esses sistemas. Benveniste defende que o critério de pertencimento dos sistemas à semiologia consiste na propriedade da significância – *signos que significam, que têm um sentido*. Todos devem manifestar, de um modo ou de outro, essa propriedade, absolutamente central em uma reflexão semiológica a partir da abordagem benvenistiana. Por outro lado, o linguista sírio-francês não tem por objetivo apenas identificar o traço comum a todos os sistemas semiológicos; também é necessário, em um estudo semiológico, descrever o modo como eles se distinguem entre si, afinal é importante “ordenar as relações e delimitar os conjuntos”. Nas *Últimas aulas*, mais precisamente na aula 6, o linguista apresenta claramente seu foco de interesse, em contraste com Saussure: “Não basta, a partir de Saussure, propor a existência de vários sistemas semiológicos. É preciso perguntar se eles coexistem livremente; se é possível criá-los à vontade; se eles subsistem indefinidamente; ou se eles de alguma maneira formam um conjunto; *se eles têm relações* e quais; se eles se comandam um ao outro” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.115, grifos meus). Essa busca em estabelecer as possíveis diferenças entre os sistemas semiológicos já havia sido sublinhada por Benveniste na aula 4, por meio de uma série de questionamentos que, aliás, estão ausentes da reflexão saussuriana, como mostra, a propósito, o linguista:

Como é possível que haja sistemas semiológicos? Quantos eles são? Seriam sempre os mesmos sistemas ou sistemas diferentes? E se eles são diferentes, no que se diferenciam? Haveria uma relação entre eles, e se há, qual seria essa relação? Saussure não formulou nenhuma dessas questões. (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.103).

Na verdade, a primeira grande questão que se coloca para Benveniste é que o critério de ligação dos diferentes sistemas de signos à semiologia, aquilo que os aproxima, envolve a propriedade de significar, propriedade que o linguista chama de *significância*. É por aí que, no texto "Semiologia da língua", define um sistema semiológico, como envolvendo condições externas (modo operatório e domínio de validade) e condições internas (natureza, número de signos e tipo de funcionamento). Vemos aqui já operar duas condições importantes: uma empírica, que parece aproximar-se ao uso e outra de relação interna entre signos, que chama, inclusive, de condições “semióticas”. Depreendo disso que Benveniste está constituindo sua argumentação da necessidade de um sistema ter *essa dupla dimensão* (externa e interna) para ser um sistema interpretante de outros sistemas e de si mesmo.

Dessas condições de existências dos sistemas semiológicos, Benveniste extrai dois princípios: o da não-redundância (não se pode dizer ou significar a mesma coisa por dois sistemas de base distintas). Portanto, um sistema não se converte em outro. Desse princípio decorre outro: o valor de um signo se define somente no sistema que o integra. "Não há signo trans-sistemático." (BENVENISTE, 2006d, p. 54). A partir disso, Benveniste insere uma exigência de método: que a relação entre sistemas semiológicos seja ela própria de natureza semiológica.⁹⁸ E a relação que define entre sistemas é a seguinte: sistema interpretante e sistema interpretado. Com isso, passa a delimitar os sistemas semiológicos a partir da unidade e a analisar se tais unidades se configuram como signos. A partir de sua análise, conclui que a língua é composta de unidades, e suas unidades são signos. Nessa perspectiva, Benveniste afirma que a língua, em seu domínio semiótico, apresenta um repertório de signos reconhecidos como tais, característica não encontrada nos demais sistemas semiológicos. Encontro nisso um grande delimitador do semiótico da língua que a faz interpretante para Benveniste: o fato de ser um repertório de signos partilhados e reconhecidos como tais. Disso resulta a argumentação de Benveniste de que "a língua é o interpretante de todos os outros sistemas, linguísticos e não-linguísticos." (BENVENISTE, 2006d, p. 61). Todos os sistemas não podem existir senão "pela e na semiologia da língua". Eis aqui a questão defendida pelo linguista no texto. Disso decorre também meu argumento: é também *na e pela* semiologia da língua que esta pode dar existência a um sistema a sua imagem, a escrita.

Ao trazer os tipos de relação entre sistemas – *engendramento, homologia e interpretância* –, Benveniste defende que, do ponto de vista da língua, a relação de interpretância é a relação fundamental. É a capacidade de semiotização da língua, que está no centro da problemática, e que possibilita o seu próprio funcionamento. Assim, entre todos os sistemas, a língua satisfaz condições de organização (internas) e condições de emprego (externas), condições essas que retomo aqui: 1) ela se manifesta pela enunciação e contém referência a uma situação; 2) ela consiste em unidades consideradas signos; 3) ela é produzida e reconhecida pelos membros de uma comunidade; 4) ela é a única atualização da comunicação intersubjetiva.

Desse modo, Benveniste responde a questão de Saussure de porque a língua é um sistema especial em relação aos outros ou porque é "uma organização semiótica por excelência"

⁹⁸ No texto "Semiologia da língua", aparece que a relação entre sistemas semióticos seja ela própria de natureza semiótica. No entanto, acredito ser "sistemas semiológicos" e "natureza semiológica", visto Benveniste estar tratando nessa parte da questão semiológica sem ter entrado ainda na questão semiótico e semântico como propriedades dos sistemas semiológicos.

(BENVENISTE, 2006d, p. 63). De fato, para Benveniste, o fato de a língua significar de uma maneira específica em sua dupla significância (semiótico e semântico) faz dela o sistema interpretante por excelência, que possibilita, inclusive, interpretar a si mesma. No semiótico, está em jogo o signo linguístico como unidade reconhecida como significante pelo conjunto de membros da comunidade e evoca, em cada um, as mesmas associações e oposições. Trata-se do partilhado da língua e está aí a base necessária da enunciação, segundo o linguista. No semântico, entramos na significância engendrada pelo discurso. Aqui entra a língua como produtora de mensagens em que o sentido é concebido globalmente. Como enfatiza Benveniste, "A ordem semântica se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso." (BENVENISTE, 2006d, p. 66). Nesse caso, o semiótico deve ser *reconhecido*, e o semântico, *compreendido*. Assim, *reconhecimento* e *compreensão* são capacidades integradas e necessárias à própria presença do humano na língua; afinal, "é nesse jogo entre *distintividade*, *reconhecimento* e *compreensão* que o falante está imerso sempre para significar *com* e *para* o outro no engendramento constante dos domínios semiótico e semântico" (SILVA, 2016, p.19, grifos do autor).

O privilégio da língua, destaca Benveniste, é o de comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação. Dessa simultaneidade é que decorre um segundo nível de enunciação, "em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância" (BENVENISTE, 2006d, p. 66). Aqui Benveniste situa a "faculdade metalinguística", origem da relação de interpretância pela qual a língua pode ser interpretante inclusive de si mesma.

A grande preocupação de sua semiologia da língua é a de definir o que é a língua, ou melhor, de como a língua se organiza em suas unidades para produzir sentido, uma vez que essa concepção é a chave para Benveniste atribuir um estatuto especial à língua em relação aos demais sistemas, que é a sua grande questão em "Semiologia da língua". No início de sua reflexão no Collège de France, na aula 1, o linguista sublinha essa importância da língua: "Falar da 'linguística' é falar da língua" (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.90). De posse da informação de que essa aula inaugura o conjunto de aulas sobre a semiologia de Benveniste, não seria um contrassenso, em relação ao pensamento do linguista, destacar que *falar da semiologia é também falar da língua*⁹⁹. Logo na sequência, Benveniste expõe sua posição em relação à *natureza essencial da língua*:

⁹⁹ Isso, de certo modo, justifica a presença, nesta tese, de todo um capítulo dedicado à reflexão sobre a língua, em Benveniste. É incontornável, nesse sentido, refletir sobre língua em uma tese produzida com base na semiologia de Benveniste.

Nós propomos que a natureza essencial da língua, que comanda todas as funções que ela pode assumir, é sua natureza *significante*. Ela é *informada de significância*, mesmo considerada fora de qualquer emprego, de qualquer utilização particular ou geral. Essa propriedade, se ela nos parece – e ela nos parece de fato – transcender todas as outras, comandará nosso discurso sobre a língua: será um discurso sobre a característica que colocamos em primeiro plano: a língua *significa*. (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.90, grifos do autor).

Ora, o que Benveniste defende, aqui, é, de fato, muito relevante e é preciso destacar bem essa proposição: se a natureza essencial da língua é significar, isso quer dizer que a significância não é uma característica que se acresce à língua; ao contrário, ela é *a razão da língua existir*, é *sua propriedade essencial*. É válido frisar que essa consideração da natureza significante da língua, aspecto que é colocado em primeiro plano na semiologia benvenistiana, foi intensamente destacada no capítulo anterior. Desse modo, a explicação para ser atribuído à língua o estatuto de sistema principal não se deve a um critério pragmático, como o senso comum costuma pensar. Esse critério dá conta da face mais óbvia da língua, a característica mais evidente de qualquer língua, pelo menos para seus usuários: o fato de estar em toda parte (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.103, [nota de ouvinte]), dotada de uma função social na vida cotidiana. Benveniste defende, especialmente em “Semiologia da língua, que essa é uma característica eminentemente externa de uma língua, a face pela qual ela se manifesta, o que não significa dizer que essa seja sua propriedade essencial. Esta, como o autor insiste tanto nesse artigo quanto nas aulas, consiste na significância.

Além disso, quanto à propriedade da significância da língua, chamou-me a atenção a formulação “mesmo considerada fora de qualquer emprego”, que, de certo modo, parece se aproximar da discussão relativa ao modo semiótico da língua, domínio concernente ao mundo fechado dos signos da língua, cujo valor é sempre genérico e conceitual, ou seja, *fora de qualquer emprego*. De acordo com essa linha de pensamento, a língua significa dentro e fora de qualquer emprego: o *fora* compete ao modo semiótico, cujo signo linguístico constitui a unidade; e o *dentro* compete ao modo semântico, cuja unidade, a palavra, porta valor particular, específico e circunstancial, na dependência da situação de discurso e da atitude do locutor. Desse modo, nessa Primeira aula, datada de 2 de dezembro de 1968, a despeito de não remeter diretamente às noções de semiótico e semântico, Benveniste já introduz o ponto de vista, em sintonia com os *PLGs*, de que *a língua toda é articulada pela significação*.

Esse lugar central conferido ao problema da significação linguística é retomado na última aula, em que o linguista sustenta: “Na realidade, sem a significação, a língua não é mais nada [...], pois por que o homem abriria sua boca a não ser para formar sons que tenham um sentido?” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.136). Nesse sentido, é importante insistir:

tratar de semiologia é tratar de língua, e falar de língua é pôr a significação como aspecto essencial desse sistema, *sua razão de existir*. Por conseguinte, a propriedade da significância da língua é peça-chave na teorização semiológica e, conseqüentemente, na reflexão sobre o tema da escrita.

Assim, nessa perspectiva de ir atrás daquilo que distingue os sistemas, a fim de descrever o tipo de relação que existe entre eles, o linguista estabelece que o lugar da língua é especial entre os demais sistemas de signos, o que é justificado pelo papel que exerce entre eles: através de sua modelagem semiótica (sua estrutura e seu funcionamento particulares, semiótico e semântico), a língua significa os outros sistemas – sistemas interpretados – e a si mesma, o que ele mostra através da escrita. Dessarte, o modo de significação do sistema da língua explica o estatuto que lhe é atribuído na semiologia; o critério, portanto, é *semiológico*, e não pragmático.

É no modo de significação, assim, que reside o diferencial do sistema da língua e que possibilita a Benveniste fundar sua semiologia, alicerçada na propriedade da interpretância. A língua significa pelo signo mas também pelo discurso, consistindo, sim, em um sistema de signos, como nos ensina Saussure, mas também em um *sistema* (seria mesmo um sistema?, faço minha a pergunta do linguista) de frases, no qual a ideia de *produção* é basilar. Benveniste, desse modo, propõe, para os estudos da linguagem, uma linguística diferente daquela formulada por Saussure, uma linguística que não se restrinja mais ao mundo opositivo e diferencial do signo, mas que a esse seja articulado o mundo infinito e singular do discurso (aquele no qual podemos não só reconhecer sentidos socialmente estabilizados e partilhados pelos falantes, mas também formar frases e produzir sentidos novos nas instâncias enunciativas), sendo justamente a *combinação dos valores do signo e do discurso* o que constitui o modo de significância linguística e o que justifica a propriedade de interpretância atribuída à língua e que lhe é constitutiva, propriedade esta que a torna autointerpretante e a possibilita existir de outro modo, como escrita.

Para o linguista sírio-francês, desse modo, a relação de interpretância, que é produzida pela língua, está no centro de toda relação entre os diferentes sistemas. Nesse sentido, o conceito que faz operar sua reflexão semiológica e, portanto, está na base de uma teorização sobre a escritas nas *Últimas aulas* é claramente o da *interpretância*, noção formulada a partir da reflexão sobre a significância e a distinção semiótico/semântico da língua. Desse modo, a

semiologia da língua abriga termos e noções¹⁰⁰ que, de algum modo, reenviam à significância linguística – semiótico, semântico, signo, frase, sintagmatização, semantização etc.

Nesse sentido, é a língua, em virtude de sua característica exclusiva, que estabelece relação com a semiologia, e não a linguística. Essa relação entre língua e semiologia se fundamenta “no que denomino noção de interpretância (noção na qual a relação e a propriedade de interpretância da língua estão imbricadas)” (ROSÁRIO, 2018, p.152). A noção de interpretância envolve, segundo a autora, tanto a relação de interpretância da língua com os demais sistemas quanto a propriedade constitutiva da língua – a de interpretar. Essa propriedade está na base do princípio norteador da abordagem semiológica de Benveniste: somente a língua “pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, *inclusive a si mesma*” (BENVENISTE, 2006d, p.62, grifos meus). A noção de interpretância, mais especialmente o fato de a língua poder interpretar a si mesma, fundamenta a reflexão que o linguista produz sobre a escrita nas aulas. Trata-se, desse modo, de uma noção de escrita formulada, não com base no estatuto enunciativo da língua, mas sim semiológico¹⁰¹, pelo fato de ela ser um sistema que tem a possibilidade de se interpretar, tomando-se como objeto.

Antes de encaminhar para a próxima seção, vale expor um apontamento importante, que está presente na aula 7, a última antes de o linguista introduzir as aulas concernentes à escrita. Após trazer a ideia de a língua ser o sistema mais elaborado e justificar essa asserção por meio de quatro propriedades, Benveniste se questiona: “a língua seria ainda um sistema semiótico, no sentido em que são os outros sistemas? Ela não seria outra coisa?” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.120). Para além de colocar em questão o rótulo da língua como sistema semiológico, o que se destaca nessas duas perguntas é a *diferença* da língua em relação aos outros sistemas, diferença que o autor situa na *propriedade metalinguística*, exclusiva tão somente da língua: “nenhum sistema semiótico é capaz de se tomar, ele próprio, como objeto, nem de se descrever em seus próprios termos” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.120,

¹⁰⁰ Esses termos, que colocam em cena a significação da língua e que são, portanto, fundamentais na compreensão da semiologia de Benveniste, apontam para o segundo aspecto da enunciação proposto em “O aparelho formal da enunciação”, a conversão da língua em discurso. Sobre esse aspecto, o linguista afirma que “é a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação, e ela conduz à teoria do signo e à análise da significância” (BENVENISTE, 2006a, p.83). Interessante é que, ao final dessa passagem, o teórico insere uma nota de rodapé, que sublinha: “tratamos disso particularmente num estudo publicado pela revista *Semiotica*, I, 1969 (p.43-66)” (BENVENISTE, 2006a, p.83). Trata-se do artigo “Semiologia da língua”, o que comprova a intersecção entre os estudos enunciativos do linguista e sua reflexão semiológica. Ao que parece, elas caminhavam juntas para Benveniste.

¹⁰¹ Vale destacar novamente que não tomo as reflexões enunciativa e semiológica de Benveniste como opostas, inconciliáveis; pelo contrário, como argumentei no segundo capítulo, acredito que haja uma complementaridade entre elas, de modo que, como o linguista apresenta em “Semiologia da língua”, o fato de a língua se manifestar pela enunciação comparece como um aspecto importante de sua semiologia da língua.

grifos do autor). Ora, nenhum outro sistema, somente a língua apresenta essa capacidade de se tomar, ela mesma, como objeto; penso que a escrita, tematizada a partir da aula 8, constitui a prova de Benveniste para demonstrar essa capacidade inerente à língua. Conforme discutirei no último item deste capítulo, através da escrita, a língua se constitui em objeto de observação, de reflexão e análise. Por essa razão, *a propriedade metalinguística, decorrente da propriedade da dupla significância da língua, é o que possibilita o surgimento da escrita enquanto autossemiotização da língua.*

Isso porque é dessa dupla dimensão de significância da língua que, nas palavras de Benveniste (2006d, p. 66), “provém seu poder maior, o de criar um segundo nível de enunciação, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância”. E o linguista acrescenta: “É nesta faculdade metalinguística que encontramos a origem da relação de interpretância pela qual a língua engloba os outros sistemas” (BENVENISTE, 2006d, p. 66). Parafraseando, se compreendi bem, a faculdade metalinguística advém da propriedade da dupla significância da língua e é o que permite à língua – via *relações de interpretância* – englobar os outros sistemas, inclusive a si mesma. Desse modo, ambas – a capacidade metalinguística e, conseqüentemente, a propriedade de interpretância – parecem fundamentar a concepção de escrita em sua relação com a língua em Benveniste, uma vez que compreendo que é justamente pela propriedade metalinguística que é possível a língua - via *relação de autointerpretância* - reaparecer em um sistema à sua imagem, a escrita. E a escrita torna-se, assim, a prova da autossemiotização da língua.

Desse modo, é a partir da propriedade de arranjar/combinar as unidades significantes da língua, os signos, de modo signifiante e de constituir referência pela enunciação que a língua torna-se capaz de semiotizar a si mesma, cujo produto e instrumento dessa *autossemiotização* revela-se na escrita. Dito de outra maneira, a língua, graças a sua estrutura formal e seu funcionamento, pode tomar-se a si própria como objeto, interpretando-se a si mesma, sendo a escrita o resultado, justamente, dessa capacidade, exclusiva da língua, de promover uma relação de interpretância em si mesma. Em outros termos, a relação de interpretância da língua com ela mesma produz a escrita, um sistema que justamente é forjado a partir das propriedades inerentes à língua que lhe atribuem o estatuto de sistema (auto)interpretante.

No final desta seção, destaco os pontos, delineados desde o capítulo 2, que considero essenciais para Benveniste defender a língua como um sistema semiológico interpretante e autointerpretante: a língua é formada de unidades, que são signos; a língua é dotada de uma dupla significância (modo semiótico relacionado ao signo linguístico e modo semântico relacionado ao discurso); a língua é produzida e recebida pelos membros de uma comunidade

que partilham o reconhecimento das unidades e os modos de combinação dessas unidades; a língua pode atualizar-se em discurso, produzir referência a uma situação dada e realizar a comunicação intersubjetiva e a língua tem o poder de criar um segundo nível de enunciação, devido à sua capacidade metalinguística, criadora da propriedade de interpretância. Eis os princípios presentes na língua que a tornam um sistema com capacidade de semiotização de outros e de si própria. Interessa-me a propriedade de autointerpretância da língua, questão a ser discutida na continuidade desta tese.

Na sequência, objetivo colocar em contraponto as ideias de Saussure e Benveniste, agora com o foco na concepção de escrita que é possível depreender de suas teorias. Dito de outro modo, pretendo, no item a seguir, responder à seguinte questão: como a noção de escrita relaciona-se com a de língua nos dois linguistas?

3.3 AINDA O DIÁLOGO DE BENVENISTE COM SAUSSURE: A QUESTÃO DA ESCRITA

Conforme foi trazido anteriormente, Benveniste, em sua reflexão sobre a língua, encontrou Saussure, e não Peirce. No entanto, vimos que ele apenas tomou o mestre genebrino como ponto de partida e não como ponto de chegada, visto que o linguista sírio-francês propõe de modo original o princípio da dupla significância da língua. E, ao formular a ideia da língua comportando a significância semiótica e semântica, Benveniste produz sua semiologia da língua, que lhe permitirá falar, sob o viés semiológico, da escrita, que também foi alvo de reflexão de Saussure no *Curso*, mas que, à diferença de Benveniste, não foi tomada como um *fato semiológico* pelo linguista de Genebra. É por isso que, nesta seção, abordarei o modo como Benveniste leu a noção de escrita presente em Saussure e como propôs (Benveniste) estudar a escrita como *fato semiológico*.

Como o próprio título já antecipa, esta seção busca continuar o diálogo iniciado na seção anterior entre dois dos maiores linguistas do século XX, que, não raro, são postos em estreita relação na história da Linguística, a saber, Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste. Diferentemente de muitos linguistas ou pesquisadores de áreas do conhecimento que se aproximaram da linguística após o movimento estruturalista, para Benveniste, Saussure não foi apenas um marco temporal e institucional – um nome que permitiu fazer ciência Linguística –, mas um colega pesquisador, com quem os conceitos fundamentais da jovem linguística podem e devem, por meio de sua obra, ser alvo de debate e discussão. Nesse sentido, é possível afirmar que a posição de Benveniste em relação à linguística saussuriana desafia, conforme vimos

anteriormente, a distinção entre ruptura e continuidade, uma vez que o linguista francês não rompe em absoluto com Saussure mas também não o continua, no sentido de concordar integralmente com suas formulações.

Essa posição *criativa* de produzir conhecimentos a partir do debate com as ideias do linguista genebrino é certificada no estudo dessa seção que ora empreendo, cujo objetivo é revisitar, pelo lado de Saussure, o *Curso* (2012) e, pelo de Benveniste, as *Últimas aulas* (2014) e o artigo “Semiologia da Língua” (2006d), com o objetivo de compreender a reflexão que se encontra sobre o objeto *escrita* nessas obras e desvelar, tal como o título da seção antecipa, os possíveis encontros e desencontros no que se refere à concepção desse objeto presente nos textos dos dois linguistas aqui considerados. Em suma, o objetivo geral aqui é estabelecer uma análise contrastiva entre Saussure e Benveniste pelo viés da escrita, objeto desta tese. Esclarecido isso, é necessário justificar a escolha do meu *corpus* de pesquisa, considerando o heterogêneo *corpus* saussuriano e benvenistianiano. Começo por Saussure¹⁰².

Considerando o objetivo deste item, restringir-me-ei ao *Curso*, um texto estruturado, redigido com a finalidade de configurar uma obra acabada, destituída de lacunas, por um único e simples motivo: ele constitui a fonte de referência de Benveniste em suas aulas no Collège de France, o que, em minha opinião, é argumento suficiente que explica e valida a seleção dessa obra. É ela que é abordada por Benveniste quando da crítica em torno da abordagem da escrita feita por Saussure e não as demais fontes saussurianas, logo isso justifica a escolha desse livro.

A releitura dessa obra, passados mais de 100 anos de sua publicação pelos editores Charles Bally e Albert Sechehaye em 1916, ainda merece a atenção dos estudiosos da linguagem, uma vez que o seu legado se mostra, a cada nova leitura, uma rica e produtiva fonte de reflexões e inspirações acerca do objeto de estudo das ciências da linguagem, e é justamente por isso que regresso a esse texto, com a finalidade de *ler*, ou melhor, *ouvir*¹⁰³ a reflexão do mestre sobre a escrita. Nesse sentido, filio-me à Fiorin, Flores e Barbisan (2013, p. 10) quando

¹⁰² Em meio a publicações tão variadas, o que atesta a heterogeneidade do *corpus* saussuriano – que compreende desde textos produzidos e publicados pelo próprio Saussure, até suas correspondências com seus pares, suas notas preparatórias de aulas, seus manuscritos e o *Curso* (2012) –, é importante reiterar meu *corpus* de pesquisa para este estudo que ora proponho. Trabalharei também neste item, especificamente, a partir de uma única fonte saussuriana – o *Curso* (2012) - obra, cuja autoria embora seja atribuída a Ferdinand de Saussure, é, como bem destacam os compiladores e editores da obra no prefácio à primeira edição, um “trabalho de assimilação e reconstituição” (*Curso*, 2012, p. 25) do pensamento saussuriano, que se originou de três cursos¹⁰² por ele ministrados na Universidade de Genebra entre os anos de 1907 e 1911.

¹⁰³ Fenoglio e Coquet (2014, p. 85, grifo dos autores), na introdução às *Últimas aulas*, afirmam: “O interesse é *ouvir* Benveniste para além de suas próprias notas preparatórias e, no que tange a essa última aula, ir em direção às aulas seguintes que jamais aconteceram, graças às notas presentes nos arquivos, mas não pronunciadas, em razão da suspensão da presença e da voz”. O objetivo, portanto, na leitura do *Curso*, é *ouvir* Saussure.

estes afirmam que “o texto saussuriano ainda aponta caminhos, abre sendas e veredas, permite descortinar horizontes”.

Por sua vez, no que se refere ao *corpus* benvenistiano, ciente da amplitude e da heterogeneidade que marca a reflexão de Benveniste (que não se restringe, como sabemos, à Teoria da Enunciação), também se faz necessário a constituição de um ponto de vista de leitura, que direcione a investigação nesse *corpus*, tendo em vista o objetivo desta seção. Por isso, levando em consideração isso e os propósitos que me movem aqui, defino meu *corpus textual* de pesquisa na obra de Benveniste, circunscrevendo-me à reflexão semiológica do linguista, e escolho, com a finalidade de resgatar os fundamentos dessa reflexão, dois textos do linguista: o primeiro refere-se ao artigo “Semiologia da Língua” (2006d), texto publicado no *PLGII* e que trata da problemática da significância da língua no quadro da semiologia, e o segundo refere-se ao texto das *Últimas aulas*, publicação póstuma editada a partir de seus manuscritos e de seus alunos, na qual presenciamos a tematização de questões de semiologia, de língua e de escrita, subsumidas na reflexão sobre a dupla significância da língua. Nesse sentido, acredito que, haja vista que estão inseridos em uma mesma problemática, esses textos devam ser estudados em conjunto, com a finalidade de alcançar uma interpretação mais profunda das ideias ali destacadas.

Assim, esta seção propõe-se a responder às seguintes questões: *como Saussure propõe uma noção de escrita no Curso e como Benveniste dialoga com essa noção nas Últimas aulas? Há pontos de aproximação? Há rupturas? Como a relação língua e escrita se constitui na reflexão dos dois linguistas? Qual o papel da semiologia na reflexão sobre escrita para os dois linguistas?* Deriva desses interrogantes o objetivo geral desta seção, que é o de explicitar as aproximações e/ou os distanciamentos entre a concepção de escrita proposta por Saussure e a formulada por Benveniste.

Para responder à questão e atingir o objetivo apresentado, organizo o item da seguinte maneira: primeiramente, apresento a reflexão proposta por Saussure no *Curso* no que se refere à noção de escrita ali formulada, investigando que noção(ões) de escrita pode(m) ser derivadas(s) a partir da leitura dessa obra seminal; em seguida, apresento o diálogo de Benveniste com Saussure para apresentar a concepção de escrita presente nas *Últimas aulas*, texto tributado a Émile Benveniste por conter as suas ideias em textos manuscritos transcritos e em anotações de seus alunos. O trabalho com essa obra ocorrerá, conforme antecipei acima, em paralelo com a discussão do artigo “Semiologia da língua” (2006d), uma vez que, nesse texto, o linguista formula diferentes critérios para a língua ser um sistema interpretante e (auto)interpretante, de onde deriva sua reflexão sobre a relação semiológica entre língua e

escrita; por fim, finalizo a seção retomando sucintamente as ideias de Saussure e Benveniste em relação ao objeto *escrita*, verificando suas possíveis aproximações e/ou distanciamentos.

3.3.1 A perspectiva saussuriana: a representação da língua pela escrita

Uma das realizações mais duradoras de Saussure foi o estabelecimento da ciência dos sons da fala, que, aliás, constituiu o alicerce da fundação da linguística estrutural produzida no século XX. Apesar de o *Curso* dedicar um capítulo e um apêndice exclusivamente à fonologia e à fonética – o que atualmente conhecemos e estudamos como fonética e fonologia não estava estabelecido na época de Saussure –, isso não significa que essas questões não apareçam em outras partes, nem que sejam de menor importância para o construto teórico por ele empreendido. Como afirmam Stawinski e Milano (2017, p. 1173), “o aspecto fônico da língua foi organizador da construção de um ponto de vista epistemológico importante”. Por isso, retomo algumas passagens do *Curso*, que se relacionam com a discussão aqui proposta.

A respeito da Fonética, na obra lê-se que ela caracteriza “o estudo da evolução dos sons” (SAUSSURE, 2012, p. 67). Esse estudo é diferente daquele promovido pela Fonologia da época, que “se coloca fora do tempo” (SAUSSURE, 2012, p. 67), uma vez que está associado ao mecanismo articulatório. É importante perceber que o estudo proposto por Saussure não pertence nem a essa fonética, nem a essa fonologia definidas por ele. O linguista, coerente com a sua concepção sistêmica de língua, propunha um estudo da fonologia que se desse com base no jogo de oposições que constitui o sistema linguístico, opondo-se, portanto, à análise estritamente fisiológica-motora dos sons. Em outras palavras, para ele, havia uma *distinção* clara entre o estudo do som como valor linguístico e o estudo do som como fenômeno puramente físico, e o que, de fato, importava para a sua linguística e, conseqüentemente, para o linguista era o papel/a *função* que o som desempenha no sistema de uma língua, na sua condição de *porção significativa* do signo linguístico que produz, por isso, diferença e oposição dentro do sistema, ou seja, produz *valor*.

O capítulo VII da Introdução do *Curso*, intitulado “A Fonologia”, se abre com uma metáfora bem eloquente a respeito da escrita: “Quando se substitui a escrita pelo pensamento, aqueles que são privados dessa *imagem sensível* correm o risco de não perceber mais que uma massa informe com a qual não sabem o que fazer. É como se se tirassem os flutuadores de cortiça ao aprendiz de natação” (SAUSSURE, 2012, p. 66, grifo meu). No entanto, contrariamente ao que essa passagem pode fazer-nos pensar, era precisamente isso – *afastar a escrita do estudo linguístico* – que Saussure julgava necessário para alcançar seu objetivo de

apreender o sistema que ele sabia inerente àquela “massa informe”, visto que, para ele, a escrita enquanto *transposição gráfica imperfeita dos sons da fala* comprometeria a eficácia de seu estudo. Assim, Saussure distancia a escrita da noção de língua e, portanto, de fato semiológico constituído por elementos em relação de diferença. Tratando da diferença entre som e representação, Saussure defendia a tese de que os linguistas precisavam mergulhar nas profundezas, sem os flutuadores de cortiça da escrita, uma vez que se desapegar da escrita era, para o linguista (SAUSSURE, 2012, p. 66), “o primeiro passo rumo à verdade, pois é o estudo dos sons através dos próprios sons que buscamos”. Em seguida, destaca que os linguistas de sua época compreenderam a importância desse estudo e “dotaram a Linguística de uma ciência auxiliar que a libertou da palavra escrita” (SAUSSURE, 2012, p. 66).

No capítulo anterior, intitulado “Representação da língua pela escrita”, recorrendo ao exemplo, entre outros, do emprego da grafia *mais* (“mas”) e *fait* (“fato”) quando se pronuncia, respectivamente, *mè* e *fè*, Saussure denuncia o que ele denomina de “tirania da escrita”, afirmando que, para descrever o funcionamento da *langue*, “a ortografia não importa” (SAUSSURE, 2012, p. 65). Nesse contexto teórico é que o linguista lamentou o fato de a grafia influenciar e modificar a língua, obscurecendo-a, conforme podemos depreender na seguinte passagem: “o resultado evidente de tudo isso é que a escrita obscurece a visão da língua; não é um traje, mas um **disfarce**. Percebe-se bem isso pela ortografia da palavra francesa *oiseau*, em que nenhum dos sons da palavra falada (*wazo*) é representado pelo seu signo próprio; nada resta da imagem da língua” (SAUSSURE, 2012, p. 65, *itálico do autor, negrito meu*). Segundo essa concepção, a escrita compreenderia, portanto, um *mascamamento* da língua, na medida em que Saussure lhe atribui um “caráter falaz” (SAUSSURE, 2012, p. 68). Desse modo, era preciso, de acordo com as ideias do linguista, divorciar o estudo da língua da questão da escrita, de modo que esta não devesse ser incluída como possível objeto de pesquisa na Linguística.

Saussure percebia, em seu tempo, – e isso, infelizmente, ainda continua valendo para os nossos dias atuais – que a maior parte das pessoas tende a atribuir mais importância e prestígio à palavra escrita, permanente e estável, do que àquilo que Anthony Burgess (1992) chamou de “uma bocada do ar”, e a definir a língua em termos de imagens visuais de suas unidades ou, de forma equivocada, confundir a língua com a sua ortografia. É por meio de livros, dicionários e gramáticas que a língua – geralmente a modalidade culta escrita – é ensinada e trazida ao nível da reflexão consciente: “a língua aparece regulamentada por um código; ora, tal código é ele próprio uma regra escrita, submetida a um uso rigoroso: a ortografia, e eis o que confere à escrita uma importância primordial” (SAUSSURE, 2012, p. 59).

Nesse sentido, no intuito de lançar uma explicação para o prestígio da escrita em relação à forma falada, Saussure lança mão de quatro argumentos, quais sejam: 1) a imagem gráfica das palavras configura “um objeto permanente e sólido, mais adequado do que o som para constituir a unidade da língua através dos tempos” (SAUSSURE, 2012, p. 59); 2) as impressões visuais, ao contrário das acústicas, “são mais nítidas e mais duradoras” (SAUSSURE, 2012, p. 59), de modo que “a imagem gráfica acaba por impor-se à custa do som” (SAUSSURE, 2012, p. 59); 3) o papel importante da língua literária na elevação do *status* da escrita; e, por último, 4) a partir do momento em que ocorre falta de acordo entre a língua e a ortografia, “o debate é sempre difícil de resolver por alguém que não seja o linguista; e como este não tem voz em capítulo, a forma escrita tem, quase fatalmente, superioridade; a escrita se arroga, nesse ponto, uma importância a que não tem direito” (SAUSSURE, 2012, p. 60).

Com muita clareza, o teórico viu que a percepção da língua pelos falantes e, inclusive, pelos linguistas, é pesadamente influenciada pela escrita, difundindo-se a crença ingênua de que o alfabeto latino é um sistema de escrita (idealmente) baseado em uma correspondência um-a-um entre letras e sons, o que reforça a tendência a apagar a distinção entre as duas coisas. Saussure, preocupado em estabelecer a natureza de seu objeto de estudo, mapeando os elementos que constituem a língua e compreendendo seu mecanismo de funcionamento, se incomodava com o fato de que a escrita obscureceria nossa visão da língua, uma sistema de valores abstratos, de modo que o linguista devesse excluí-la da análise linguística, uma vez que ela – a escrita –, na concepção saussuriana, é “estranha ao sistema interno”. Desse modo, na sequência de sua reflexão, ele formula uma crítica contundente à escrita:

Língua e escrita são dois sistemas distintos de signos: a única razão de ser do segundo é *representar* o primeiro; o objeto linguístico não é definido pela combinação da palavra escrita e da palavra falada; somente esta última constitui tal objeto. Mas a palavra escrita se mistura tão intimamente com a palavra falada, da qual é a *imagem*, que acaba por usurpar-lhe o papel principal; terminamos por dar maior importância à *representação do signo vocal* do que ao próprio signo. É como se acreditássemos que, para conhecer uma pessoa, melhor fosse contemplar-lhe a fotografia do que o rosto (SAUSSURE, 2012, p. 58, grifos meus).

Essa passagem é emblemática no que se refere à concepção de Saussure acerca da escrita e aos argumentos de que ele se vale para excluí-la do rol de objeto possível para a ciência que estava fundando. Após explicitar que a escrita, assim como a língua, é um sistema de signos, posição concordante com a de Benveniste, o linguista afirma que a função daquela é meramente *representativa*, no sentido de que a palavra escrita configura uma *imagem* da palavra falada, esta, sim, digna de receber a alcunha de *objeto linguístico*. Assim, a linguística saussuriana,

mais especificamente aquilo que lemos no *Curso*, definiu a escrita em relação à unidade falada, reservando-lhe um lugar exterior, secundário e meramente técnico em relação à fala, cumprindo-lhe apenas representar a fala. No final do excerto, criticando o maior prestígio conferido à escrita, Saussure refere-se a esta como *representação do signo vocal*, distinto, portanto, do *signo vocal*, definido pelo autor como o legítimo signo linguístico. Logo, a título de síntese, nesse trecho, a escrita é definida como a) *representação da língua*, b) *imagem da palavra falada* e c) *representação do signo vocal*. Comum a essas definições, é a noção de escrita, bastante comum no contexto da pesquisa linguística da época, como *simples representação visual dos sons que compõem a cadeia sonora da fala*.

Em Benveniste, conforme veremos, ocorre um importante deslocamento conceitual: de uma faceta linguística e, acrescentaria, técnica, de compreensão do fenômeno da escrita, passa-se à tese de uma *faceta semiológica da escrita*, abandonando-se, portanto, a ideia de representação em favor da noção de *autossemiotização* na relação entre língua e escrita. Dessarte, se a concepção representacionista da escrita, que lemos no *Curso*, favorecia uma separação entre esta e a língua, o mérito da proposta de Benveniste foi o de vincular esses dois objetos através da semiologia da língua, de modo que *sua noção de escrita é indissociável de sua noção de língua*.

Também na segunda seção do capítulo relativo ao objeto da linguística, Saussure reafirma essa ideia de língua escrita enquanto *imagem da língua falada*. Nessa seção, o genebrino sublinha que não somente a fala, mas também a língua apresenta natureza concreta. O aspecto concreto da língua fundamenta-se, por um lado, no fato de que, a despeito de serem psíquicos, os signos linguísticos não são abstrações, na medida em que consistem em associações entre significantes e significados “ratificadas pelo consentimento coletivo” (SAUSSURE, 2012, p. 46). Por outro, na *tangibilidade dos signos linguísticos*, visto que a *escrita fixa os signos linguísticos em imagens convencionais*. Neste contexto teórico, a escrita comparece para elucidar a natureza concreta atribuída à língua por Saussure.

Assim, na língua, “não existe senão a imagem acústica, e esta pode traduzir-se numa *imagem visual constante*” (SAUSSURE, 2012, p. 47, grifo meu), uma vez que cada imagem acústica não passa de um número limitado de fonemas, os quais, por sua vez, podem ser *representados* pelos signos da escrita. Dessarte, para o linguista genebrino, a escrita tem por finalidade representar os sons mínimos da fala, os fonemas, tornando visíveis – *ideia de imagem* – palavras sonoras. Nesse sentido, *a língua torna-se visível graças à escrita*, justificando, desse modo, a concretude da língua de que fala Saussure.

Sob todas essas considerações, a ênfase de Saussure na fala como a manifestação primária e autêntica da língua e sua insistência em que a análise linguística deve se interessar por unidades e relações abstratas advindas da *concretude* dos fatos de fala (associação abstrato e concreto no estudo linguístico), e não em manifestações físicas somente, se revelaram influentíssimas na formação teórica da Linguística do século XX e de outras áreas, lançando, conforme destaquei anteriormente, as bases do movimento conhecido como estruturalismo. No entanto, seu argumento sobre a escrita apresenta, ao meu ver, uma importante falha. Ela diz respeito a sua afirmação, citada acima, de que a escrita é estranha ao sistema interno da língua. Sem precisar entrar nos detalhes sobre o que é esse sistema interno, posso afirmar que a escrita alfabética¹⁰⁴, a menos que fosse um código gráfico totalmente independente, necessariamente tem de estar relacionada (articulada) com o sistema interno da língua de um modo ou de outro; do contrário, ela não poderia ser interpretada em termos linguísticos, o que, todavia, parece ser exatamente o caso. A escrita tem de ter uma *organização*, e isso significa ser *interpretável* com base em relações mais ou menos sistemáticas entre som e significado para chegar ao signo gráfico como representação dentro do quadro de cada língua natural, sendo que, para que aconteça uma comunicação minimamente eficaz por meio da escrita, essas relações, que são de natureza *linguística*, devem ser partilhadas pelos membros de uma comunidade linguística. Desse modo, não há como fugir ao fato: a escrita se relaciona, sim, com o sistema interno da língua e, portanto, estudar e compreender a lógica de funcionamento da escrita significa estudar e compreender a lógica de funcionamento da língua, uma vez que língua e escrita são noções indissociáveis, no sistema de pensamento de Benveniste.

Na seção seguinte, veremos que Benveniste introduz essa relação primordial entre língua e escrita, tomando-a pela perspectiva da *(auto)interpretância*.

3.3.2 A visada benvenistiana sobre língua e escrita: um debate com Saussure

A proposição de uma abordagem semiológica da escrita, produzida na relação da língua com ela mesma, reenvia à leitura empreendida do texto das *Últimas aulas* (2014), obra póstuma publicada originalmente em 2012 por Coquet e Fenoglio.

É justamente no contexto teórico-metodológico de questionar as evidências e produzir uma reflexão sobre o modo como a língua significa os outros sistemas, a sociedade e a si mesma que Benveniste se interroga sobre o fenômeno da escrita em sua relação com a língua, tomando

¹⁰⁴ O que está em questão na discussão proposta por Saussure é o sistema de escrita alfabética, e não outros tipos de escrita.

o cuidado de tomar a escrita, diferentemente de Saussure, não mais como um sistema subordinado à fala, em uma relação de espelhamento (representação), mas como um *sistema semiológico* que revela a capacidade de *autossemiotização da língua*, ou seja, a capacidade de esta, via propriedade metalinguística, autointerpretar-se, revelando-se em um outro sistema, a escrita. Desse modo, é importante verificar como Benveniste concebe a relação da escrita com a língua, o modo como se *engendra* essa relação e o porquê de a língua poder ser interpretante dela mesma. O que está em discussão, portanto, para Benveniste é o fato de a semiologia da língua produzir, via relação de interpretância, a escrita enquanto sistema semiológico constituído *na e pela* semiologia da língua. Se é assim, podemos pensar que as propriedades da língua também comparecem na escrita. Discussão que está completamente ausente das reflexões saussurianas.

Desse modo, ao contrário de Saussure que dissocia língua e escrita, atribuindo a esta um “caráter falaz”, Benveniste, em sua “Aula 8”, toma essa relação como “primordial”, visto que “toda reflexão sobre a língua, em particular, faz surgir em nosso pensamento a forma escrita, na qual os signos linguísticos adquirem realidade visível” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p. 127). Se os signos da língua, conforme o linguista, adquirem *visibilidade pela escrita*, torna-se incontornável pensar a escrita associada à língua e vice-versa. E a escrita, para Benveniste, ao contrário de Saussure, é o que, inclusive, dá condições para a Linguística se constituir, por dar visibilidade à língua, questão que abordarei mais detalhadamente na seção 3.4.

Benveniste quer, assim, abordar a escrita enquanto sistema semiológico, concepção que a vincula necessariamente com a língua. Essa reflexão, segundo seu ponto de vista, “Saussure não faz” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p. 128), na medida em que a relação da escrita com a língua não é objeto de preocupação para o linguista genebrino, que “confunde a escrita com o alfabeto e a língua com uma língua moderna” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p. 128). Com base na argumentação desenvolvida por Benveniste no artigo “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, para o linguista, a língua, em sua acepção teórica, não se confunde com idioma empírico, assim como a escrita, em uma acepção teórica, não se confunde com o alfabeto, escrita empírica. De fato, Benveniste interessa-se pela língua como “condição primeira da comunicação” e “como sistema”, no seu nível fundamental. (BENVENISTE, 2006d, p. 96). É nesse nível também que ele compreende a escrita em sua abordagem semiológica.

Há, portanto, uma mudança *conceitual* entre os dois estudiosos no que se refere à relação entre língua-escrita: passa-se de uma *relação de representação* em Saussure para uma *relação semiológica de interpretância pela autossemiotização da língua* em Benveniste. Tal mudança

designa uma diferença bem relevante no que se refere ao entendimento da relação língua-escrita por parte dos autores, visto que, a título de retomada, enquanto para o linguista genebrino, o par língua-escrita é articulado pelo *princípio da representação*, segundo o qual os elementos da língua escrita (letras ou grafemas) representam os sons da fala (fonemas), para Benveniste esse par é compreendido a partir do *princípio da interpretância da língua*, segundo o qual a língua pode interpretar todos os demais sistemas de signos, inclusive a si mesma para projetar a escrita. A língua, desse modo, em virtude de sua significação, produz um sistema a sua imagem, a escrita, em seu nível fundamental.

Essa reflexão sobre o par língua-escrita em Benveniste é significativa na medida em que ela esclarece uma das problemáticas centrais da linguística formulada por autor: o investimento na *relação de interpretância entre sistemas semiológicos*, reflexão que está ausente em Saussure, (pre)ocupado com a delimitação do objeto científico *língua* para a constituição da Linguística como ciência autônoma.

Esse investimento no estudo da relação semiológica entre os distintos sistemas de signos relança a discussão aberta em “Semiologia da língua” (2006d), artigo que, na perspectiva de Flores (2017), adquire nova interpretação se for relido à luz das *Últimas aulas*¹⁰⁵. No texto presente no *PLG II*, encomendado por Julia Kristeva para o primeiro número da revista *Semiotica* em 1969, Benveniste se dedica claramente, conforme o próprio título evidencia, à problemática da semiologia, refletindo a respeito dos diferentes sistemas semiológicos, das relações existentes entre eles e, sobretudo, a respeito do papel da língua entre esses sistemas, que os significa e os interpreta. Nesse artigo, o linguista apresenta, prospectivamente, as grandes linhas de um novo campo disciplinar – a *semiologia da língua*.

Diferentemente do artigo “A forma e o sentido na linguagem” (2006a), aqui a preocupação é menos de estabelecer as diferenças entre uma linguística do signo e uma do discurso, mobilizando a dupla conceitual semiótico/semântico de uma perspectiva linguística, e mais de examinar a teoria saussuriana e o projeto semiológico enunciado no *Curso* (conforme vimos no item anterior), motivo pelo qual há várias menções ao linguista genebrino no artigo, para anunciar uma nova proposta semiológica, aquela que opera um *deslocamento* de uma semiologia do signo para uma semiologia da língua, fundada a partir daquilo que particulariza a língua, *sua dupla significância* (como organização de signos e como discurso).

¹⁰⁵ É importante pontuar que, a despeito de tanto as *Últimas aulas* quanto “Semiologia da língua” do *PLG II* abordarem a problemática da semiologia da língua, o contexto de publicação não é semelhante nesses textos: o primeiro texto, como sabemos, não foi publicado por Benveniste, mas contém ideias e algumas palavras dele nos manuscritos transcritos, enquanto o segundo texto foi escrito e publicado pelo autor. Essa diferença, relativa à natureza editorial, não pode ser desconsiderada quando o objetivo é estabelecer o diálogo entre eles.

Concordo integralmente com o posicionamento de Monteiro, quando afirma que, enquanto em “A forma e o sentido na linguagem”, “interessa pensar linguisticamente como a língua significa. Em *Semiologia da língua*, por sua vez, interessa pensar semiologicamente como a língua significa os outros sistemas, o que se dá *a partir do modo como ela mesma significa*” (2018, p. 13, grifos meus). Isto é, a própria autora, mesmo sem afirmar explicitamente, permite-me postular a *indissociabilidade do pensar linguisticamente e semiologicamente* em Benveniste, uma vez que o modo como a língua significa é base a partir da qual se pode pensar no modo como a língua significa os demais sistemas, inclusive a si mesma. A dupla significância, que envolve pensar a língua em emprego na produção de sentidos, é condição para o desenvolvimento da noção da língua como sistema interpretante.

No texto das *Últimas aulas*, cuja reflexão, como sabemos, se articula diretamente àquela empreendida no artigo de 1969, e onde Benveniste dedica-se especialmente a tratar do problema da escrita, fica clara a preocupação do linguista de problematizar a relação semiológica entre língua e escrita a partir da noção de *interpretância da língua*, formulada por ele no artigo “Semiologia da língua” (2006d). Na primeira parte do *Curso*, que trata da semiologia em geral, Benveniste persegue dois objetivos que estão correlacionados: apresentar, a título de reconhecimento, as figuras de Charles Peirce e Ferdinand de Saussure como os autores antecessores responsáveis por introduzir a reflexão sobre a noção de *signo* e de *ciência dos signos*, posicionando-se, como trazido anteriormente, mais a favor das ideias do linguista genebrino, e o de estabelecer os limites desse mesmo projeto semiológico enunciado no *Curso*, sugerindo avanços em relação à teoria saussuriana do signo linguístico:

Saussure, pelo contrário, dedicou sua reflexão ao funcionamento da língua. Ele fundamentou toda a linguística sobre uma teoria do signo linguístico. Ele também formulou esta noção fundamental de uma teoria geral dos signos, a semiologia, da qual a linguística seria um dos ramos. Porém, ele não foi mais longe na reflexão sobre a noção geral de signo (Benveniste, *Últimas aulas*, 2014, p. 93).

Em sua última aula (a Primeira aula do terceiro capítulo), Benveniste nomeia as noções de semiótico e semântico. Inicialmente, ele retoma a reflexão desenvolvida no ano anterior, recuperando a concepção saussuriana de língua – “um sistema de signos” - e a ideia, projetada no *Curso*, de que, além da língua, existem diversos sistemas de signos e que esse estudo deveria ser confiado à semiologia. Mas, como em outros momentos, afirma: “É preciso partir daqui para ir mais longe” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p. 189).

Benveniste destaca que “é impossível passar do ‘signo’ à ‘frase’”, já que “a enunciação não é uma acumulação de signos: a frase pertence a uma outra ordem de sentido”

(BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p. 189).¹⁰⁶ A frase, enquanto pertencente ao domínio semântico, produzida pela enunciação, *cria* uma outra ordem de sentido, diferente daquela relativa ao mundo do signo. E ele acrescenta:

Podemos distinguir duas noções, onde, até agora, havia uma, quando falávamos em semiótico.

1) A de estrutura formal semiótica dada pelas noções de “signo” e de “sistema de signos”;

2) A de funcionamento semiótico, ausente da concepção saussuriana de língua. Se a língua pode ser um interpretante geral, é porque não é apenas um sistema no qual manejamos signos. Trata-se do único sistema no qual podemos formar frases. (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p. 191 [nota de ouvinte]).

Ora, conforme tratei na seção anterior, a novidade trazida por Benveniste, em debate direto com Saussure, é de que falar em língua envolve falar de *estrutura* e de *funcionamento*. A partir do signo saussuriano, se explica a significância relacionada à estrutura da língua. No entanto, Benveniste observa que Saussure nada diz a respeito da significância relacionada ao funcionamento da língua, significância essa que o linguista sírio explica pela noção de frase e de palavra. Ora, com a língua, de acordo com o que se lê na passagem acima, *manejamos signos e formamos frases*, possibilitados que somos, enquanto falantes inscritos no sistema da língua, pelo duplo modo de articular a significância, o semiótico – que envolve a estrutura da língua – e o semântico, que envolve o seu funcionamento.

Dessarte, Benveniste inclui a reflexão de Saussure na formulação dessa nova semiologia, ao mesmo tempo que propõe algo de singular, ao criar a noção de *(auto)interpretância* como *propriedade exclusiva* do sistema da língua, dada a propriedade metalinguística que lhe é inerente. A partir desse ponto, é que posso afirmar que a possibilidade de pensar a relação entre língua e escrita e os desdobramentos dessa relação é condicionada pela abertura promovida pelo linguista sírio-francês ao formular o princípio da dupla significância da língua (domínio do signo e da discurso, em conjunto) e, por, consequência, sua propriedade de interpretância – de si e dos outros sistemas. Em resumo, o linguista projeta sua reflexão sobre o par língua-escrita no quadro de sua reflexão sobre a significância da língua e a sua propriedade de interpretância, perspectiva ausente em Saussure, que está atrelada a concepção representacionista de escrita.

Benveniste inaugura um modo de pensar a escrita que não mais a reduz à enunciação escrita, noção que está presente em “O aparelho formal da enunciação”, muito menos a vê como

¹⁰⁶ Valho-me dessas duas passagens para registrar uma observação importante. Penso que essas passagens demonstram como a reflexão de Benveniste se sobrepõe em seus textos que datam da segunda metade da década de 60. Nesse momento, por exemplo, é retomada a ideia do hiato, formulada no artigo “Semiologia da língua”.

representação dos sons da fala, como se pode antever na reflexão saussuriana. Ele formula uma concepção que a toma sob uma perspectiva de sistema semiológico constituído a partir *da e pela* semiologia da língua, como sistema que contém a língua, *revelando e provando* a propriedade da língua de interpretar a si própria, uma propriedade *autointerpretante* que viabiliza a capacidade *metalinguística* de poder ser pensada e nomeada com seus próprios termos. Desse modo, em Benveniste, o funcionamento semiológico da língua, constituída pela propriedade da dupla significância, constitui a condição para o linguista formular uma concepção de escrita sob uma perspectiva semiológica, que esteja, por sua vez, diretamente atrelada ao mecanismo de interpretância da língua sobre si mesma.

Dessa maneira, opostamente ao posicionamento saussuriano de que a escrita constitui um fenômeno estranho ao sistema linguístico, nas *Últimas aulas*, encontramos a tese benvenistiana de que o sistema de escrita coloca necessariamente em cena a materialidade da língua, visto que esse sistema atesta a capacidade de a língua tomar como objeto a si mesma, descobrindo-se *significante* em seus modos semiótico e semântico, fato que a torna *interpretante* e possibilita que a própria forma, do domínio semiótico, seja reconhecida (tenha sentido). Diferentemente de outros sistemas significantes, conforme compreendo, com a escrita é inaugurado um novo modo de o homem significar a sua relação com o mundo e com o outro. Trata-se, assim, conforme busco sustentar no próximo item desta tese, de *um modo diferente de constituição de um sistema linguístico*. Afinal, sendo a escrita um outro modo de ser língua, como defende Rosário (2018), o homem, que está na língua, nela encontrando sua condição de locutor, tem a possibilidade de se instaurar em um outro modo de funcionamento da língua. Esse outro modo de ser língua de que fala Rosário (2018) procurarei desdobrar ou explicar na sequência do estudo. Por enquanto, ficam as questões: *como a língua passa a existir de outro modo com a escrita? Como se dá esse movimento?*

Essa relação direta da escrita com a materialidade da língua, que, volto a frisar, é ignorada por Saussure, comparece nas *Últimas aulas* na questão da *abstração* como inerente à concepção de escrita presente nesta obra, conforme podemos constatar na seguinte passagem: “A escrita é uma sistema que supõe *uma abstração de alto grau*: abstrai-se do aspecto sonoro – fônico – da linguagem, com toda sua gama de entonação, de expressão, de modulação” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p. 128, grifos meus), como vemos na argumentação a seguir:

Uma limitação do fenômeno da escrita não deve ser tomada como uma totalidade. É um nível particular. De nada serve propor um paralelo entre /kar/ e “car” ou entre /o/ e “eau”. A língua enquanto representada pela escrita e esta própria representação

restar a considerar. Devemos considerar a escrita em si. (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p. 128 [nota de ouvinte]).

Ao propor que a escrita é um sistema semiológico *em si e por si*, articulado, evidentemente, à língua, mas não um decalque dela, uma vez que é um outro modo de realização do linguístico, Benveniste se afasta da interpretação saussuriana sobre a escrita e projeta uma interpretação original para esse objeto, conceituando-a, por um lado, como um sistema semiológico que tem sua gênese na propriedade metalinguística, exclusiva do sistema da língua e, por outro, como uma outra faceta da presença do homem na linguagem, sendo a escrita um outro modo de o homem atualizar a sua relação com a linguagem, ou seja, com o universo da significação. A escrita, desse modo, como a leio, representa outro modo de significar a experiência humana no mundo, sendo um sistema semiológico que funciona como uma *imagem da língua* (leia-se não no sentido de espelhamento, mas de *tomar a língua como modelo*, numa relação de autosemiotização), pois se constrói a partir dela.

A reflexão apresentada nesta seção, portanto, objetivou discutir as concepções de escrita que podem ser depreendidas do diálogo entre Saussure e Benveniste, verificando em que medida elas se tocam ou se distanciam. Após o trajeto percorrido, a afirmação de Christian Puech sobre uma utilização criativa da memória saussuriana na disciplina linguística por parte de Benveniste se preenche de sentido:

Se for necessário retomar o gesto saussuriano, não é para repeti-lo nem para corrigi-lo, mas sim para reinvesti-lo e para encontrar uma carga conceitual potencial parcialmente coberta pela herança que, paradoxalmente, foi legada. O estilo propriamente <<problematizante>> de Benveniste consistirá, portanto, em reconstruir princípios ao invés de inventar resultados que já podem ser avaliados em 1969 nos trabalhos de semiologia ou de semiótica da época. Será menos importante considerar as proposições de Saussure no Curso como o problema, a causa primeira das teorizações subsequentes comensuráveis entre si, comparáveis em suas respectivas abordagens e provavelmente relacionadas ao seu ponto de origem, do que encontrar a dimensão prospectiva e projetiva através da concepção do conceito de língua. (PUECH, 1997, parágrafo 13, tradução minha).

A passagem acima resume os esforços de Benveniste de, imbuído do *estilo problematizante* que lhe é inerente, desenvolver sua semiologia em relação à leitura que faz do projeto semiológico que Saussure prospecta para a linguística: no propósito de consolidar as bases da semiologia que estava em vias de erigir, Benveniste retoma a visada semiológica no ponto em que o linguista genebrino o deixou e, a partir da concepção saussuriana de língua como sistema de signos, *reinveste* em uma noção de língua não mais alicerçada unicamente no modo de significância do signo linguístico, uma vez que, para ele, a língua implica também seu

emprego, materializado nos atos de enunciação, reflexão que lhe permitirá formular a noção de interpretância da língua, que está no centro de toda relação semiológica entre sistemas de signos.

Conforme foi possível perceber ao longo dessas páginas, embora tanto Saussure quanto Benveniste tenham se interessado pela problemática da significação na língua e pela abertura da Linguística em direção ao estudo dos diferentes sistemas significantes que constituem a vida do homem em sociedade, afirmando a posição de preminência do sistema da língua em relação aos demais sistemas simbólicos, aspectos que os aproximam, o modo como cada um concebe o objeto *língua* e, conseqüentemente, considera a relação entre língua e escrita é notoriamente distinto: enquanto Saussure, no contexto de sua busca por uma definição de língua que a insira como objeto legítimo da ciência que estava fundando, concebia a relação entre língua e escrita como equivalente àquela entre *representado-representante*, na qual a palavra escrita constitui uma simples *imagem distorcida* (um espelho, um desenho) da palavra falada, figurando apenas como uma *representação* (função representativa) do signo vocal, Benveniste, em uma alta demonstração de sua capacidade criativa e revendo/relendo as reflexões saussurianas, *inventa*, na definição de língua, a dupla significância semiótico/semântico, articulação que o possibilita falar da *propriedade da interpretância* como específica do sistema da língua e, através dessa propriedade, trata a *propriedade metalinguística* para pensar a relação entre língua e escrita, uma relação, conforme suas palavras, de *autossemiotização*, questão a ser desdobrada no item 3.4.

A natureza dessa relação está intimamente ligada à dupla significância da língua nos domínios semiótico (sentido relacionado à relação das unidades) e semântico (sentido relacionado à enunciação). Esse último domínio permite a abertura para o mundo e a inserção do locutor no discurso. Pensar *a escrita como sistema de autossemiotização da língua e a escrita como discurso escrito* envolve refletir sobre universos diferentes, com caminhos que, a meu ver, se cruzam. A complexidade envolvida nesse cruzamento talvez possa ser vista no modo como o homem “inventou” a escrita e que possibilita novas entradas do falante nesse sistema escrito de sua língua.

Como a escrita envolve a autossemiotização da língua, a questão a ser estudada na continuidade da tese envolve refletir sobre o estatuto semiológico da escrita, se esta é a imagem da língua - um outro modo de ser língua – e sobre como a escrita possibilita, em sua organização semiótica, seu emprego.

Nesse sentido, de acordo com o que lemos nas *Últimas aulas*, para Benveniste (*Últimas aulas*, 2014, p. 128), Saussure, no terreno da reflexão sobre essa relação, confundia a escrita

com o alfabeto e a língua como uma língua moderna, passando, assim, “completamente ao largo do problema que é a relação da escrita com a língua” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, p. 128), uma relação que, para o linguista francês, deve buscar o(s) fundamento(s) dessa relação, fundamento que passa por uma visada semiológica entre sistemas de signos. A propriedade representativa, assim, não tem mais sentido de se manter nesse raciocínio de Benveniste, cedendo lugar para a *propriedade da interpretação*, que se justifica pelo fato de a língua ser o único sistema capaz de interpretar a si mesmo e aos outros sistemas, formulação ausente em Saussure.

Em síntese, distanciando-se da semiologia saussuriana e de sua reflexão sobre a escrita, Benveniste propõe não somente uma reflexão semiológica própria como também uma reflexão particular sobre escrita, a partir de sua visada semiológica.

Assim como Meschonnic (2005), no término do seu artigo intitulado “Saussure ou la poétique interrompue”, afirma, vislumbrando um fazer poético em Saussure, que ler esse linguista é também ler o que ele não escreveu, penso que essa afirmativa também possa se estender na relação que estabeleço com as ideias de Benveniste: lê-lo é também ler o que ele não escreveu. Foi esse justamente o método de leitura que me orientou pela reflexão do linguista sobre a escrita em sua relação com a língua, na busca de *ouvir o que ele também não falou*.

3.4 DO PONTO DE VISTA SEMIOLÓGICO: DE QUE ESCRITA TRATA BENVENISTE?

Neste item, procuro responder à questão de pesquisa acerca da *escrita* em Benveniste, resposta que vem sendo construída no percurso desta tese. Já no texto “Semiologia da língua”, como já pontuado, o linguista deixa uma pista: “Da escrita não diremos nada aqui, reservando para um exame particular esse difícil problema” (BENVENISTE, 2006d, p. 51). Por que Benveniste pontua justamente nesse texto a questão da escrita? Com a publicação das *Últimas aulas*, o problema da escrita vem à tona. Vejo nisso já um ponto que enlaça *a escrita à abordagem semiológica*.

Para pensar a escrita de um ponto de vista semiológico nas *Últimas aulas*, tornou-se necessário, neste capítulo, passar pelo diálogo de Benveniste com as semiologias de Peirce e de Saussure e pelo diálogo de Benveniste com Saussure acerca da escrita, justamente por Peirce e Saussure serem mencionados pelo linguista sírio-francês, tanto em relação à semiologia quanto em relação à escrita. Defender que há em Benveniste uma noção de escrita, vinculada à Semiologia da Língua, requereu verificar os pontos de sustentação da semiologia de Benveniste, que se caracteriza como uma Semiologia da língua (item 3.2). Tal percurso me encaminhou

levantar, nesta seção, os seguintes questionamentos: 1) há apenas uma noção de escrita na obra *Últimas aulas*? 2) se há uma escrita pensada de um ponto de vista semiológico nas *Últimas aulas*, lugar reservado por Benveniste para "esse difícil problema", como se coloca a relação entre língua e escrita?

Para responder a essas questões, sustento esta seção nas seguintes posições: 1^a) ainda que a obra *Últimas aulas* tenha sido resultado não da publicação de Benveniste e apresente muitas notas de alunos, os editores seguiram a ordem das aulas, fato que, penso, reflete um pensamento em construção sobre a escrita reveladora da relação da língua com ela mesma. A inserção de aulas em ordem cronológica, com a apresentação, num primeiro momento, da reflexão semiológica e, num segundo momento, da relação língua e escrita – ordem que se mostra nas duas divisões propostas pelos editores - me leva a crer que Benveniste estava buscando a relação da língua com ela mesma para pensar a escrita, que é uma relação semiológica de (auto)interpretância. 2^a) ainda que Benveniste apresente distintos modos de abordagem da escrita na obra *Últimas aulas*, essas comparecem antes de sua proposta de relacionar língua e escrita e, em cada uma dessas abordagens, o linguista problematiza o lugar da língua. Nesse percurso, é possível vislumbrar a constante problematização, marca registrada de seu pensamento, e a busca de Benveniste pela língua, fato que me encaminha a pensar que as aulas mostram um pensamento em construção para o "difícil problema" da escrita, anunciado em "Semiologia da língua".

Por isso, neste item, seguirei a ordem das aulas do capítulo 2, intitulado "A língua e a escrita", para verificar *como a escrita se apresenta, como essas presenças são problematizadas e como são relacionadas à língua*. Com isso, busco, na seção, apresentar *qual escrita tem o estatuto teórico como o de língua e como se amarra a relação entre língua e escrita, de um ponto de vista semiológico*. No final, pretendo responder à questão central desta tese.

Sabemos que o meio de expressão de todas as línguas humanas é o som produzido pelo aparelho fonador. Há, inclusive, algumas sociedades em que ele é a forma única de expressão. A maioria delas, contudo, utilizam também o registro escrito, que parece ligar-se ao grau de complexidade das culturas humanas. Nosso atual estágio civilizacional seria impossível sem o registro e a ampliação do conhecimento permitidos pela escrita.

No capítulo 2, intitulado sugestivamente “A língua e a escrita”, mais precisamente na aula 8¹⁰⁷ (3 de fevereiro de 1969), Benveniste afirma a *necessidade* e a *presença* da escrita: “Vivemos na civilização do livro, do livro lido, do livro escrito, da escrita e da leitura. Nosso pensamento está, em qualquer nível, constantemente informado pela escrita.” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.127). O autor vincula, assim, escrita e pensamento, e isso é confirmado no parágrafo seguinte: “Isso relaciona de maneira cada vez mais íntima, extremamente íntima, a escrita com a língua toda, a fala e o próprio pensamento [...]” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.127). Ora, além de ressaltar o vínculo da escrita com o pensamento, o linguista a relaciona com a língua e com a fala, associação que será reforçada no andamento das aulas. Em outras palavras, pelas ideias de Benveniste, não é possível dissociar a língua da escrita ou a escrita da língua, argumentação que tenho defendido desde o início deste trabalho.

Neste mesmo parágrafo, ele ratifica essa posição: “Toda reflexão sobre a língua, em particular, faz surgir em nosso pensamento a forma escrita, na qual os signos linguísticos adquirem realidade visível” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.127). Nessa formulação, vem à tona mais uma vez o brilhantismo da exposição de Benveniste: uma única frase, simples em sua construção sintática, condensa um posicionamento altamente complexo, que é a *indissociabilidade entre língua e escrita*. Desse modo, o estudo ou a pesquisa sobre a língua não pode ser divorciado da escrita, uma vez que os signos da língua adquirem visibilidade por esse novo sistema. Benveniste defende que a escrita é o que propicia a ciência Linguística. Faço uma breve pausa aqui para lançar o seguinte questionamento, que orienta todo o percurso nesta seção: se, conforme propõe o autor, é pela escrita que os signos linguísticos adquirem “realidade visível”, ou seja, se é a escrita que materializa os signos da língua, como ocorre a significação na escrita? É igual ou diferente ao processo de significação da língua?

Logo na continuação de seu raciocínio, o linguista retoma a noção de escrita formulada por Saussure, para se questionar “de qual escrita se fala?” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.127, grifos do autor). Esse questionamento, de certo modo, é a pergunta-chave que Benveniste busca responder ao longo de suas aulas, através de problematizações (marca registrada de seu pensamento) que apontam distintas concepções de escrita nas aulas. Há muitas dúvidas nesse percurso investigativo, mas ele tem certeza de que essa resposta, como discuti na seção anterior, não será encontrada pela via saussuriana. Isso porque “Saussure decide falar de

¹⁰⁷ É importante dizer que é nessa aula que a questão da “linguagem interior” é exposta por Benveniste. Porém, não irei me ater a ela, pois parece envolver a relação da língua com a escrita enquanto realização, ou seja, enquanto enunciação escrita. Nesse sentido, penso que não envolve a relação semiológica da língua com ela mesma, que constitui o foco desta pesquisa sobre a escrita, a partir da semiologia da língua.

escrita remontando ao alfabeto grego” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.127). O linguista genebrino ignora, portanto, uma importante distinção elaborada por Benveniste: “Não confundamos a *escrita* com a *língua escrita*” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.128, grifos do autor). O linguista sírio-francês especifica em que consistiria essa última expressão: “língua sob forma escrita” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.128). Considerando que o autor traça essa distinção no contexto de diálogo com a concepção saussuriana de escrita, parece-me que essa “língua escrita” são os diferentes tipos de escrita ligados às diferentes línguas, idiomas empíricos. No entanto, com essa concepção de escrita, de acordo com Benveniste, “passamos completamente ao largo do problema que é a relação da escrita com a língua” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.128).

Com efeito, por meio dessa diferenciação, o autor se distancia da noção saussuriana de “língua escrita” para se aproximar do seu verdadeiro objeto de interesse, o estudo da escrita que está em relação com a língua, sistema interpretante que é. Sua principal questão é compreender de que modo a semiologia da língua, através da propriedade da interpretância, pôde produzir um sistema a sua imagem, a escrita.

Na sequência, a ideia de escrita como *sistema* é trazida pelo linguista, na questão da abstração suposta por ela: “A escrita é um sistema que supõe uma abstração de alto grau: abstrai-se do aspecto sonoro – fônico – da linguagem, com toda sua gama de entonação, de expressão, de modulação”. (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.128). Nessa passagem, dois apontamentos são importantes: 1) aqui a relação entre a escrita e a fala é notadamente estabelecida; 2) na verdade, a escrita implica uma *abstração* do aspecto fônico da língua, e não da linguagem. Nesse sentido, no estudo da relação entre língua, escrita e fala, Benveniste nos mostra que é preciso levar em consideração a questão da abstração.

Ocorre que, neste momento, o linguista busca frisar, embora estejam relacionadas, a diferença entre fala e escrita: a escrita implica um conjunto de princípios que não coincide com os da fala em muitos pontos essenciais. Parece-me que muitas dessas diferenças decorrem do fato de que, na fala, sobretudo em uma conversa face a face, nosso interlocutor está presente e, na escrita, ele está ausente. Essa ausência do interlocutor, somada à ausência do “aspecto fônico” (com todos os elementos que o envolvem), constituem a abstração inerente a esse sistema aludida pelo linguista.

Na continuação, Benveniste introduz o “primeiro princípio da análise da escrita” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.128). Trata-se da consideração da escrita enquanto sistema semiótico, “o que Saussure não faz” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.128). Enquanto o mestre genebrino se ocupa em vincular a escrita com o alfabeto grego, em uma

concepção representacionista de escrita, Benveniste a toma como intimamente associada à semiologia da língua; por isso, a ideia de escrita enquanto *sistema semiótico*, constituído a partir da relação da língua com ela mesma. *O que significa compreender a escrita sob esse ponto de vista?* É preciso, de acordo com palavras do autor, avaliar as consequências dessa compreensão da relação semiológica da língua com ela mesma para pensar a escrita como sistema semiótico.

Como consequência dessa tomada de posição, ressaltando a abstração que a escrita implica, o autor explica que “com a escrita, o locutor deve se desprender da representação que tem instintivamente do falar enquanto atividade, enquanto exteriorização de seus pensamentos, enquanto comunicação viva” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.129). Ora, novamente presenciamos o destaque dado ao *abstrair* que esse sistema requer. Mas aqui é importante perceber que o linguista inclui em sua explicação a categoria do locutor: a escrita implica, por parte do locutor, um desprendimento da fala. O recurso à categoria do locutor poderia produzir um falseamento do que o linguista busca frisar: não se está falando do uso, de enunciação escrita aqui; antes disso, o propósito é discutir as especificidades desse novo modo de realizar o linguístico, em relação à fala. Uma delas, insistentemente mencionada na aula 8, é a abstração. Essa reflexão sobre abstração encaminha-me a deduzir que a abstração da fala envolve pensar a língua, ou seja, considerar os elementos e organização de língua contidos na fala e desconsiderar questões contextuais ligadas à “comunicação viva”.

Com essa explicação, o autor atesta que a escrita nas aulas não consiste em um sistema inacessível, apenas objeto de teorização do linguista semiólogo. Para comprovar sua face empírica, ele exemplifica com o fenômeno da aquisição da escrita pela criança, “operação muito trabalhosa” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.129). Essa complexidade, para o autor, está ligada à abstração envolvida na escrita: o locutor “deve tomar consciência da língua como realidade distinta do uso que dela faz” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.129). Mais um aspecto importante da concepção de escrita para Benveniste comparece aqui: há uma tomada de consciência da língua que a escrita possibilita, endossando a associação entre língua e escrita. *A escrita nos oportuniza, enquanto locutores, de tomar consciência da língua.* O locutor, nessa perspectiva, é ponto-chave para a compreensão da relação semiológica entre língua e escrita, conforme Benveniste. Isso significa que não é possível estudar essa relação de modo desvinculado do locutor, daquele sobre o qual, de certo modo, recaem os efeitos dessa relação.

O sistema de escrita supõe a conversão da língua em uma *imagem da língua* (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.129). Imagem não no sentido de “espelhamento”, mas sim de materializar a língua, dar visibilidade às suas formas. Isso porque ocorre uma absoluta abstração do uso que o locutor está habituado a fazer da língua: “A atividade completa na qual

o locutor está engajado, esse comportamento tanto gestual quanto fonoacústico, essa participação do outro, de todos os outros, da totalidade dos parceiros possíveis nessa manifestação individual e coletiva, tudo isso é substituído por *signos* traçados a mão” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.129-130). Talvez esse trecho ajude a compreender a ideia de “fala secundária” para se referir à escrita em aula posterior.

Como se pode perceber, as perdas nesse processo são significativas, já que os “*signos* traçados a mão” substituem o exercício da fala, com tudo aquilo que a constitui – gestos, entonação, expressões faciais etc. O centro da reflexão está, pois, nas peculiaridades da fala, enquanto realização vocal, e da escrita: a primeira, como sabemos, se beneficia de elementos suprasegmentais, como a entonação dada à frase, o tom de voz, as pausas; além disso, serve-se da expressão facial, dos gestos, do conhecimento maior ou menor dos interlocutores, da situação contextual etc. Todos esses elementos compõem aquilo que, nas aulas, é nomeada de “riqueza contextual” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.131, [nota de ouvinte]), cujo desprendimento constitui a abstração requerida pela escrita.

Percebam que não está em jogo na discussão de Benveniste especificamente o ato enunciativo de escrever, a situação criadora de referência em que ocorre esse ato, os recursos linguísticos peculiares à escrita que são empregados etc., mas algo anterior a isso: trata-se da consideração do sistema de escrita, em relação à fala, e da série de abstrações que ela implica, abstrações que inevitavelmente o locutor irá se deparar ao acessar esse sistema, no momento da aquisição. É disso que Benveniste fala nessa aula 8. Parece-me, assim, que, em sua busca por uma escrita que tenha relação com a língua, objetivo de sua reflexão nas aulas sobre a escrita, o linguista descobre a relação entre escrita e fala.

Em uma nota de ouvinte registrada nessa aula, encontra-se a formulação de que “toda aquisição da escrita supõe uma série de abstrações” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014 p.130, [nota de ouvinte]), como decorrência desse processo de conversão da língua em imagem de língua. A primeira abstração assinalada reside no “fato de que a língua se torna uma realidade distinta”; “o locutor deve se desprender dessa representação da língua falada enquanto exteriorização e comunicação” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.130, [nota de ouvinte]). Afinal, antes da escrita, a realidade conhecida da língua era a fala, que, de acordo com o linguista, se encontra intimamente associada à *situação*: “É a esse caráter específico da situação em que se encontra, e da necessidade particular que quer expressar, que o locutor – e particularmente a criança – liga instintivamente o exercício da fala” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.130). Em outras palavras, o locutor liga de forma muito natural o exercício da fala à situação em que ele o exerce. E é a abstração desse vínculo com a situação que está

envolvida no sistema de escrita: “Eis uma abstração que ele deve – ainda que com dificuldade – realizar” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.130). A aquisição comparece aqui para *ilustrar* justamente o caráter de abstração envolvido na escrita, que envolve pensar a sua relação com a língua.

Assim, diferentemente da fala em seu aspecto vocal, na escrita, “o locutor deve tomar consciência de que, quando fala, coloca em ação uma ‘língua’ que o outro também possui e maneja; que cada um fala, mas que cada um, ao falar e ao falar diferentemente com uma voz diferente, entonações diferentes, em circunstâncias diferentes, usa a *mesma* ‘língua’” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.130). Nessa passagem, é endossada a distinção que Benveniste opera entre escrita e fala como vocalização, destacando que a escrita, além de possibilitar uma tomada de consciência da língua, possibilita, por contraste, que o locutor tome consciência da fala, do emprego da voz, da entonação usada etc. Vemos comparecer, nessa parte das *Últimas aulas*, a importância de se tomar consciência da língua como sistema partilhado de unidades (signos) e deixar de lado as particularidades da fala, enquanto realização vocal da língua. Se pensar a língua como sistema semiótico é levar em conta que esse sistema é partilhado, de modo similar ocorre com a escrita pensada como sistema semiótico resultado da abstração: trata-se de uma *mesma* escrita (elementos e organização partilhados), porque relacionada à língua. A abstração, assim, relaciona-se à capacidade metalinguística. Por isso, nessa aula 8, o professor-linguista chama a atenção para o fato de que um sistema semiótico só pode funcionar baseado no signo, enquanto unidade dotada de *um* significante/*um* significado. E isso o encaminha a pensar na escrita alfabética, que se sujeita “cada vez mais à *phone* e por isso à língua.” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, p. 129). Nesse caso, a língua é convertida em uma imagem da língua. Ainda nessa aula, comparece, em nota de ouvinte, que “o desenho da palavra” envolve “uma imagem simbólica do falar”. Aqui está, segundo meu ponto de vista, o germe da ideia desenvolvida em aulas finais de que é, na interdependência da língua-fala, que a escrita se projeta como sistema semiótico. A escrita, especialmente a alfabética (conforme veremos mais a seguir na reflexão) coloca em jogo o funcionamento da língua, uma vez que serve de instrumento da capacidade própria à língua de, pela interpretância, deixar-se *visível*.

A primeira e a segunda abstrações têm a ver com aquilo que já citei acima, a questão da abstração da riqueza contextual pelo falante. Por isso, ilustra com a aquisição: “A criança deve se abstrair da necessidade que a faz falar, ir brincar com um amigo ou comer uma maçã, para ‘objetivar’ o dado linguístico /brincar/ ou /maçã/” (BENVENISTE, 2014, *Últimas aulas*, p.131). Por meio dessa ilustração oriunda da aquisição da escrita pela criança, outro aspecto da escrita é apontado aqui: ela consiste na *objetivação do dado linguístico*, o que, de certa maneira,

está muito ligada à tomada de consciência da língua aludida anteriormente e à capacidade metalinguística, cara à reflexão semiológica do autor. A língua sofre uma objetivação, o que tem relação intrínseca com a capacidade única dela de se tomar como objeto, de se descrever em seus próprios termos. A escrita é a *prova* dessa propriedade da língua e também o *lugar* onde esse processo se materializa. De certo modo, essa reflexão do autor antecipa a discussão feita por ele na aula 12, na qual retorna essa questão da objetivação da língua. Por esse motivo, a reflexão sobre a língua – a qual me debrucei detidamente no capítulo 2 - é constitutiva da concepção de escrita que busca Benveniste; afinal, a questão do autor é articular a língua à escrita, semiologicamente.

Embora Benveniste traga a aquisição da escrita nas aulas, é importante destacar que esse processo entra como pano de fundo ou como ilustração para pensar a relação língua-escrita e chegar em sua reflexão semiológica sobre escrita. Sua preocupação é discutir a escrita a partir da semiologia da língua, constituindo a aquisição uma oportunidade para o linguista argumentar a favor da presença da língua em sua visada sobre a escrita.

No final da aula 8, Benveniste critica a ideia banal de Saussure de colocar a escrita como sistema subordinado à língua. Na discussão comparece a relação entre pensamento e representação gráfica como paralelamente vinculados ao "signo linguístico". Haveria, assim, em Saussure a associação do pensamento à verbalização idiomática e, conseqüentemente, a representação gráfica seria icônica e paralela à representação linguística e não subordinada à forma linguística. Benveniste, nessa crítica, parece apontar para a necessidade da relação entre língua e escrita, com a atenção para a forma linguística. Dessa aula, saliento que Benveniste está preocupado com a relação língua e escrita via *abstração*.

Se, na aula 8, Benveniste recorre ao processo de aquisição para mostrar a característica de abstração da escrita tomada na interdependência língua-fala, na aula 9, Benveniste desloca-se para a escrita nas sociedades primitivas. Nesse passeio pela história da escrita, Benveniste chega ao homem primitivo e conclui que essa escrita primitiva envolvia a representação gráfica de um objeto, ou seja, de um referente. Essa é a tendência, que chama de "natural": "comunicar por um meio gráfico as *coisas* de que se fala e não o discurso que fala das coisas" (BENVENISTE, *Últimas aulas*, grifos do original). Não se pode dizer, nesse caso, como complementa o linguista, que a escrita seja signo de signo. Percebe-se Benveniste atrás de uma escrita que seja signo de signo, ou seja, que revele o semiótico da língua e não seja apenas uma "transcrição da fala" e nem seja uma representação de coisas ou objetos. Procura, sim, uma escrita que revele a língua.

Nessa perspectiva, em seus estudos, Benveniste constata que, nessas primeiras “escritas” por ele observadas, o que está em jogo é *a escrita do referente*, da coisa representada: “Quando o homem primitivo ‘representa’ desenhando um animal ou uma cena, ele a escreve. Sua ‘escrita’ reproduz então a própria cena, ele escreve a realidade, ele não escreve a língua, porque para ele a língua não existe enquanto ‘signo’” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.137). Desse modo, o linguista nos aponta que aquilo que se descreve, por meio desses registros, são os eventos, a cena propriamente dita. Essas “escritas” não colocam em cena a língua, e o próprio estatuto de “escrita” é questionado por Benveniste pelo uso tipográfico das aspas: “Pode-se, então, dizer que a ‘escrita’ começa a ser ‘signo da realidade’ ou da ‘ideia’, sendo *paralela* à língua, mas não o seu *decalque*” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.137, grifos do autor). O autor permite-me concluir que essa noção de escrita, enquanto ligada ao referente, não pode ser estudada à luz da semiologia da língua, na medida em que tal noção não reenvia às formas da língua, passíveis de reconhecimento, e possíveis de uso, a exemplo da dupla significância da língua. Portanto, a escrita do referente não mostra a relação de interpretância da língua consigo mesma, possível em sua capacidade metalinguística.

Na aula 17 de fevereiro de 1969, aula 10, Benveniste busca, por meio do resgate às diferentes espécimes de escrita existentes no mundo, responder, de certo modo, à seguinte questão-chave: *onde se encontra a língua nas diferentes escritas?* Nessa aula, busca o modo como a escrita reproduz, ou produz novamente, a forma linguística. E defende o seguinte axioma: a escrita tomará a língua como modelo. Por isso, nessa aula, procura analisar a relação entre os tipos de línguas e os tipos de escritas em um movimento que lhe é peculiar em sua discussão sobre os problemas da linguagem, conforme anuncia no prefácio da obra *Problemas de Linguística Geral I*:

a reflexão sobre a linguagem só produz frutos quando se apóia, primeiro, sobre as línguas reais. O estudo desses organismos empíricos, históricos que são as línguas permanece o único acesso possível à compreensão dos mecanismos gerais e do funcionamento da linguagem. (BENVENISTE, Prefácio *PLG I*, 2005)

Ora, esse mesmo movimento dos *PLGs* de ir para as línguas, como organismos históricos, para pensar a língua em seu nível fundamental ou em seus mecanismos gerais comparece nas *Últimas aulas*, quando Benveniste analisa os tipos de línguas empíricas e os tipos de escritas empíricas para, então, poder pensar sobre a relação entre língua e escrita, concebidas como contendo mecanismos gerais em que a escrita é a imagem da língua. É essa

compreensão dos mecanismos gerais da escrita que parece Benveniste estar buscando para revelar a escrita como sistema que advém da autointerpretação da língua.

Em minha opinião, esse é o seu mote no conjunto de aulas sobre a escrita; a todo momento, o linguista busca dar uma resposta a esse *problema*. Do contrário, como justificar o fato de o autor haver dedicado todo um conjunto de aulas que antecede à reflexão sobre escrita nas aulas à questão da semiologia da língua? No registro das diferentes soluções encontradas pelo homem para solucionar o problema da representação gráfica, o interesse de Benveniste repousa na escrita que esteja em relação com a língua, constatando que inicialmente “tanto na antiguidade mais distante que possamos alcançar quanto nos tempos modernos, o homem começa sempre representando graficamente o objeto do discurso [...]” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.139). Como o próprio linguista observa, resolver essa problemática não é tarefa fácil.

Dessa maneira, para buscar condições de responder a essa pergunta, o linguista, de certo modo, adota um ponto de vista histórico, observando que “historicamente, há diferenças fundamentais entre os sistemas de escrita.” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.135, [nota de ouvinte]). De modo a registrar esses diferentes sistemas de escrita, “é preciso remontar à metade do 3º milênio e provavelmente ainda mais longe, ao 4º milênio antes de nossa Era. Trata-se das escritas constituídas no Egito (o protoegípcio) e na Suméria.” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.135, [nota de ouvinte]). No entanto, nesse resgate, o linguista observa que não é possível ver nesses registros o início da escrita, o que me faz pensar que ele estaria remetendo à escrita enquanto ligada à língua; é a escrita relacionada à língua que Benveniste não encontra nesses sistemas. Assim, logo na sequência, à pergunta “Seriam começos de representação da língua?” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.135, [nota de ouvinte]), a resposta é emblemática: “[...] mas nunca teremos a face linguística que pudesse ser ligada a esses signos” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.135, [nota de ouvinte]). Assim, a resposta a seu problema-chave – onde se encontra a língua nessas diferentes escritas? – não será encontrada na escrita que não se associa à face linguística.

De forma a ilustrar em que consistiria essa primeira forma de “escrita”, é citada a pictografia, na qual, conforme se sabe, o desenho simula, de modo bastante simplificado, o objeto representado. Trata-se, assim, de um sistema primitivo de “escrita”, de uma primeira forma primitiva de escrita. Nela, não há nada de específico da língua: “O que descrevemos por meio dessas imagens são eventos; não é uma língua.” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.138, [nota de ouvinte]). Essas “escritas” descrevem somente o referente: “Não estamos lidando com um signo linguístico. A escrita não é aqui signo da língua, mas signo do referente.

A particularidade da língua não é posta em questão. Não vemos correspondência direta entre a língua e a escrita.” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.139, [nota de ouvinte]). Assim, Benveniste constata que não será com essas formas de escrita que encontrará o vínculo, a correspondência direta, entre língua e escrita; vínculo esse que o autor sustenta a partir de uma visada semiológica.

No final dessa aula, o autor formula um importante esclarecimento, a fim de desfazer o possível entendimento de que estaria adotando um ponto de vista histórico, genético da escrita: “Não estou fazendo genética das escritas, nem procurando a origem da escrita. Quero apenas ver quais soluções o homem deu ao problema da ‘representação gráfica’” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.139). Constatou, desse modo, que inicialmente “o homem começa sempre representando graficamente o objeto do discurso ou do pensamento, ou seja, o referente.” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.139). Noutras palavras, essas “escritas” não guardam relação com a língua, de modo que “não é, portanto, exato, para quem abraça o conjunto de manifestações da escrita, que a escrita seja signo da língua [...]” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.139). Nesse sentido, na medida em que Benveniste está interessado em estudar língua e escrita à luz da semiologia da língua, essas formas primeiras da escrita não constituem foco de atenção do linguista.

Nessa aula de 17 de fevereiro de 1969, Benveniste, ao introduzi-la com uma questão eloquente: “O que é preciso para que esta representação gráfica se torne escrita?” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.141), trata da diferença entre “representação gráfica” e *escrita*. Ou seja, de certo modo, o autor estabelece uma separação entre o que seria apenas uma representação gráfica e aquilo que constitui uma escrita. Perseguindo esse raciocínio, parece-me que as escritas pictográficas tratadas na aula anterior pertencem ao domínio da representação gráfica, mas *o que separa esta da escrita?* O ponto delimitador parece estar na língua. Na sequência, formula uma resposta emblemática, a qual está ligada a uma *descoberta* por parte do locutor: é preciso que “o locutor-scriptor descubra que a mensagem é expressa em uma forma linguística e que é a *forma linguística que a escrita deve reproduzir.*” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, 141, grifos meus). Disso, o linguista conclui que “a escrita tomará a língua como modelo” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.141), o que consiste em “verdadeira revolução”. Diferentemente das representações gráficas, que reproduzem o referente, a escrita, ou melhor, a noção de escrita que o linguista persegue coloca em cena a língua, a forma da língua. Nisso reside o cerne de sua reflexão semiológica sobre a escrita, fundada a partir de um olhar semiológico sobre a língua. Essa asserção de Benveniste citada acima destaca a inter-relação entre língua e escrita, a tal ponto de uma tomar a outra

como *modelo*. Enfim, Benveniste encontra a escrita que estava procurando, qual seja, aquela que traz a língua como modelo, como objeto.

A distinção que o autor estabelece entre a “escrita” do referente e a *escrita*, que coloca em cena a língua, atesta que, nas aulas, não há uma única noção de escrita presente, mas em todas as noções o professor-linguista procura a língua. No registro de diferentes tipos de escrita, Benveniste lança-se à problematização, questionando-se sobre o lugar da língua nelas; estudando-as, o linguista constata que não é uma obviedade defender o vínculo entre língua e escrita, na medida em que há noções de escrita, em que o que importa não é a língua, mas sim o referente, a coisa representada. Benveniste afirma isso com todas as letras nas aulas: abraçando o conjunto de manifestações de escrita, percebeu que não necessariamente a escrita se relaciona com a língua, embora seja justamente essa noção a que lhe interessa, a que interessa a sua semiologia da língua, cujo princípio básico, conforme discutido, repousa na propriedade de (auto)interpretância. A escrita que o autor persegue é aquela que, de certo modo, prova sua tese da relação de autointerpretância da língua, uma escrita criada a partir do retorno sobre a língua, considerando suas próprias unidades e mecanismos de organização e funcionamento.

Nesse sentido, fundamentado pela reflexão de Benveniste, é válido afirmar que a escrita perseguida pelo linguista, uma vez que tem a língua como seu modelo, coloca em cena a materialidade da língua; essa escrita, sim, é *signo da língua*. Tomando a língua como modelo, a escrita oportuniza essa tomada de consciência sobre o modo de funcionamento linguístico. Como já aponteí, o humano, para o linguista, é figura-chave em sua teoria sobre a linguagem e, como tal, sobre a relação da escrita com a língua. Esse humano ora é locutor, ora é scriptor, ora é inventor da escrita. Seja como for, é ele quem está na língua e está, conseqüentemente, no centro da relação da língua com ela mesma para sustentar a invenção da *escrita*.

Na aula 11, o linguista volta a insistir na relação entre os tipos de escritas, os tipos de línguas e os tipos de cultura, destacando que as invenções da escrita não são etapas de um desenvolvimento linear. Novamente, nessa aula, Benveniste procura a língua na escrita, pois a passagem de uma nota de aluno é reveladora: "A escrita revela uma semiótica da língua" (*Últimas aulas*, p. 150, [nota de ouvinte]). E observa o seguinte: "os inventores projetam em sua escrita o tipo de representação que fazem de sua língua". Representação não no sentido de "espelhamento", mas sim na ideia de que apresentam novamente, de outro modo, a língua: essa nova apresentação da língua é a *escrita*.

Torna-se interessante, nessa aula, revelar a argumentação presente em uma nota de aluno que mostra a preocupação de Benveniste na separação da língua como formalização e

como utilização, preocupação também ligada a pensar a escrita como sistema formal (reconhecer nela unidades limitadas).

Benveniste ressaltava novamente, nessa aula, essa característica de a escrita demandar uma tomada de consciência por parte do locutor: “é preciso, primeiro, tomar consciência do enunciado enquanto tal: talvez seja esse, para nós, o ponto mais difícil, o menos reconhecido ainda” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.148). Como seres falantes e escreventes que somos, sabemos que a escrita guarda essa particularidade: ela requer, por parte do locutor, um pensar sobre a língua de uma nova maneira, que envolve, de certo modo, o desenvolvimento de uma *capacidade metalinguística*, relacionada a uma reflexão sobre os signos linguísticos e sobre o modo como se estruturam e se organizam na escrita. Assim, embora Benveniste não tematize explicitamente a consciência metalinguística implicada na escrita, parece-me que sua reiterada retomada da ideia de tomada de consciência por parte do locutor e a própria tese da autossemiotização da língua sinalize justamente para isso: para essa necessidade de se tomar a língua como objeto de reflexão e análise, decorrente do fato de a escrita ser produzida a partir da relação de interpretância da língua com ela mesma, conforme observaremos com mais precisão na aula 12. É por isso que afirmo que a escrita, para Benveniste, é o que possibilitou a própria constituição e desenvolvimento da Linguística enquanto ciência que analisa a língua, questão vislumbrada por Fenoglio (2017), conforme capítulo 1. Sem esse sistema visível da língua, não seria possível qualquer reflexão linguística, o que me permite pensar como implicadas a escrita e a consciência metalinguística.

Nesse sentido, a capacidade metalinguística, que é mencionada por Benveniste na aula 12, está na origem da emergência da escrita enquanto outro modo de realizar o linguístico. A escrita “nasce” em virtude da capacidade da língua de tomar ela própria como objeto.

Na continuidade da explicação, o autor endossa minha argumentação: “O locutor deve ter consciência de que formou uma frase, de que ele a objetiva, de que a destaca da mensagem que ela carrega, e de que toma a iniciativa de reconhecer e isolar suas palavras” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.148). Esse trecho, além de realçar o vínculo da escrita com a língua, atesta a reflexão incontornável sobre a língua que a escrita implica, o que novamente enfatiza a consciência metalinguística. Para além de focar a atenção na mensagem que a escrita apresenta, Benveniste sustenta que esta envolve especialmente essa tomada de consciência da *forma da frase*, do modo como ela foi construída, formulada. Isso me permite pensar que, embora na fala os locutores também formem frases, nela a preocupação principal é muito mais com a mensagem; o conteúdo importa mais do que a forma. Na escrita, ocorre uma inversão: queremos produzir mensagens, evidentemente, mas *a capacidade de tomar a língua*

como objeto de reflexão e análise, detendo-se inicialmente na forma, ganha papel absolutamente importante.¹⁰⁸ Aqui Benveniste evoca o semiótico da escrita, como envolvendo a forma e o reconhecimento (sentido) da forma. É a relação da língua com ela mesma que permite a invenção da *escrita*, em seu nível fundamental, como sistema semiótico que possibilita uma realização. Nessa relação da língua com ela mesma, encontra-se a propriedade metalinguística em que a língua reproduz unidades significantes a partir de sua dupla significância. As unidades e mecanismos da língua reaparecem em outro modo de a língua se apresentar.

Isso não significa afirmar que a fala não comporte a propriedade metalinguística; evidentemente que comporta, na medida em que ela é o modo primário de realizar o linguístico, ou seja, a fala é língua também; conforme diz Benveniste, é o “sistema primário”, em contraste com a escrita, definida como “sistema secundário”. No entanto, o que objetivo destacar aqui, inspirado pela reflexão proposta por Benveniste, é de que a propriedade metalinguística fica mais saliente na relação da língua com ela mesma para produzir escrita, modalidade que, como Benveniste, de certo modo, encaminha a concluir, requer a habilidade de refletir sobre e manipular os aspectos organizacionais da língua. Na fala¹⁰⁹, ao contrário, os falantes prestam atenção na mensagem que está sendo transmitida, não tanto nos elementos linguísticos que a transmitem.

Em um contexto de discussão sobre como os diferentes sistemas de escrita passaram de representar a sílaba para representar o fonema, Benveniste coloca em cena outro aspecto da escrita em sua relação com a língua. Diz ele: “Para compreender a criação das escritas, não se deve simplesmente considerar – do exterior – a relação com o tipo de língua, mas tentar representar, no seu próprio movimento, *a invenção que prolonga a língua*” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.151, grifos meus). Pode-se afirmar que a escrita, segundo o linguista, prolonga a língua, no sentido de ampliar, expandir seus recursos, na medida em que ela (a escrita) constitui um outro modo de realizar o linguístico, como estou defendendo a partir da leitura do legado benvenistiano.

Essa afirmação vai de encontro ao ponto de vista saussuriano de que a escrita representa (no sentido de reproduzir) os sons da fala; o linguista sírio-francês busca justamente tirar a

¹⁰⁸ Para comprovar isso, basta pensar no próprio processo de escrita que, ao contrário do que se passa na fala enquanto vocalização, impõe a nós, enquanto locutores, uma atenção em relação às unidades linguísticas e ao modo de combiná-las na frase. Esse processo, longe de ser natural, requer idas e voltas no texto por parte do escritor, a fim de encontrar, ilusoriamente, a palavra e a construção “certas” para dizer o que pretende dizer.

¹⁰⁹ É necessário dizer que essa afirmação de que a propriedade metalinguística fica mais saliente na escrita, em contraste com a fala, não pode ser tributada a Benveniste. Trata-se, sim, de uma interpretação minha, com esteio, evidentemente, nas reflexões do autor presentes nas *Últimas aulas*.

escrita do lugar comum de representação subordinada da língua. Benveniste mostra, por meio de sua reflexão nas aulas, que, além de oportunizar uma tomada de consciência da língua por parte do locutor, visto que é a materialidade das unidades - signos presentes na fala - que está em cena, a escrita amplia/alarga essa língua-fala, no sentido de que a invenção da escrita representa um novo modo de a língua se mostrar, existir, diferente daquele visto pelo aspecto vocal. A língua, *na e pela* escrita, toma forma, torna-se visível, e é nesse sentido que ela se *prolonga*.

Nessa perspectiva, expresso minha concordância com o ponto de vista de Rosário, segundo o qual “com a questão da escrita, Benveniste esteja sobretudo interessado em mostrar a escrita como um outro modo de ser língua, além de mostrar sua relação com a fala (dois modos paralelos de ser língua)” (ROSÁRIO, 2018, p.153). A escrita, assim, se relaciona tanto com a língua quanto com a fala, sendo, junto com esta, um outro modo de realização do linguístico. Por conseguinte, a língua, esse sistema semiológico (auto)interpretante, possibilita a criação da *escrita* por envolver justamente a relação da língua com ela mesma, ou seja, a *escrita* necessariamente envolve um movimento de retorno para a língua, possível por meio da fala, caso contrário não conteria uma dupla significância à imagem da língua. No resumo que produz de suas aulas no *Annuaire du Collège de France 1968-1969*, o próprio Benveniste autoriza esse posicionamento:

Enfim, examinamos as relações entre a língua e o sistema semiótico constituído pela escrita. Ao final de um exame detalhado que nos fez percorrer os diferentes modelos de escrita atestados na história, pareceu-nos que, contrariamente à ideia admitida por todo lado, *a escrita não constitui um sistema distinto. É o prolongamento ou a projeção da própria língua*, e, portanto, a mesma situação no que concerne aos sistemas extralinguísticos. Vemos na escrita o instrumento e a manifestação do processo de autosemiotização da língua (BENVENISTE apud LAPLANTINE, 2013, p.3, grifos meus, tradução minha).

Ao contrário da posição de Saussure que tomava a escrita como sistema independente da língua, Benveniste justamente sustenta o contrário: a escrita não é um sistema distinto, um sistema interpretado em relação ao sistema interpretante que é a língua; *a escrita é a própria língua*, um outro modo de realizar o linguístico. Como o próprio linguista observa, ela *projeta* a língua em um meio gráfico. Ganha clareza, desse modo, o princípio formulado por Benveniste em sua primeira aula sobre a escrita – *tomá-la como sistema semiológico, o que Saussure não faz*. Trata-se de um sistema que projeta a língua e, assim sendo, não é distinta dela.

Ao final da aula 11, o teórico formula uma importante distinção entre *fala primária* e *fala secundária*, identificando esta última com a escrita:

A fala primária é um fluxo de palavras, um contínuo. A fala secundária (a escrita) também é, em muitos casos, um contínuo (os textos epigráficos se apresentam sem separação de palavras). Ela também pode ser afetada por separações. A pontuação é a expressão em linguagem secundária das divisões e entonações sintáticas da linguagem primária: fim de enunciado. (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.152).

Essa reflexão do autor, que envolve a dupla fala-escrita, relação incontornável para Benveniste em sua concepção de escrita nas aulas, é retomada na aula 12, conforme apresentarei adiante, quando o autor define explicitamente a escrita como *uma forma secundária da fala*. O que significa essa definição? Ela se relaciona com a questão da autossemiotização da língua mencionada pelo linguista na aula 12? Ademais, aqui poderia haver espaço para mais um questionamento importante: não há contradição em compreender e afirmar a escrita como um outro modo de ser língua e também como uma forma secundária de fala? *A relação dela é com a língua, com a fala ou com ambas?*

É importante ressaltar que o uso do termo “secundária” para remeter à escrita não implica nenhum julgamento de valor, não apresentando conotação de algo de menor importância. Benveniste não estava preocupado em estabelecer uma apreciação valorativa entre fala e escrita, destacando a primeira em detrimento da segunda. A discussão de “primário” e “secundário”, na relação entre fala e escrita, não passa por essa perspectiva avaliativa, portanto. Parece-me que, de certo modo, por meio dessa relação, o autor vê uma espécie de *continuidade* entre as duas modalidades de realização do linguístico, de maneira que a escrita, embora comporte suas especificidades, ainda assim é fala, só que realizada graficamente; e as duas, seguindo a argumentação de Rosário (2018), constituem modos paralelos de ser língua. No entanto, vale ressaltar que esses modos paralelos de realizar a língua – fala e escrita – envolvem modos diferentes de relação com a língua. A fala, considerada como uso vocal, seria o modo de deixar as unidades e a organização da língua (seu semiótico) passíveis de identificação. A língua, ao deixar de ser *possibilidade*, ao se tornar fala, permite a análise (retorno) sobre as suas unidades e sobre a sua organização e, desse modo, viabiliza um novo modo de existir: esse novo modo de a língua comparecer é a *escrita*. É nessa linha que lemos *a escrita como sistema secundário*, porque nasce justamente da interdependência de língua e fala, como *sistema primário*. Dito de outro modo, entendo que a fala é o que permite a língua tornar-se autointerpretante na produção da *escrita*. A fala, por possibilitar a identificação e o reconhecimento de unidades, portanto, está na origem da autossemiotização da língua, ou seja, é no retorno sobre seu próprio semiótico (reconhecimento de formas), via realização da fala, que a escrita revela essa autossemiotização da língua e a própria “formalização” da língua.

Nessa perspectiva, a escrita, ao contrário da fala que é o primeiro modo de realizar o linguístico, é o modo secundário, sendo a fala o elemento intermediário entre a escrita e a língua. Essa reflexão encaminha a pensar que, para Benveniste, *a escrita é língua, sim, na medida em que é uma forma da fala*. Ela materializa as unidades-signos presentes na fala e, ao fazê-lo, materializa necessariamente a língua, visto que a fala é o modo primário de ser língua. Nesse sentido, a questão da autosemiotização da língua que o linguista formula na aula 12 passa, de meu ponto de vista, pela ideia de *materialização da língua*, que ocorre na interdependência língua-fala como possibilidade de a língua relacionar-se com ela mesma (se autointerpretar) para produzir *escrita*. Essa discussão sobre a relação entre língua, fala e escrita será retomada com mais detalhes pelo autor na aula 13.

Toda essa reflexão sobre a escrita, desde a aula 8 até a 11, serve (essa é minha interpretação) de fundamentação para o ponto de vista formulado por Benveniste na aula 12, que ousou avaliar como o mais significativo (e o mais célebre) no conjunto da discussão sobre esse objeto em termos de reflexão semiológica. O início dessa aula é emblemático: “A escrita foi sempre e por toda parte o instrumento que permitiu à língua semiotizar a si mesma” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.155, [nota de ouvinte]). Em uma única frase, simples do ponto de vista de sua organização sintática, se esconde uma complexidade considerável. Alguns aspectos devem ser pontuados aqui: 1º) a língua é capaz de semiotizar a si mesma, o que retoma a argumentação de “Semiologia da língua” e do primeiro capítulo das *Últimas aulas* de que a língua pode interpretar os outros sistemas e a si mesma; nesse sentido, penso que os termos “semiotizar” e “interpretar”, embora estejam estreitamente relacionados, não se recobrem teoricamente, na medida em que, penso, “autosemiotizar” envolve a língua produzir um novo semiótico (a sua imagem, que é a escrita), enquanto “interpretar” envolve a relação da língua com ela mesma; e 2º) a escrita, mais especificamente a alfabética, está diretamente envolvida nesse aspecto da autointerpretância da língua, servindo como instrumento desse processo, que será denominado, linhas abaixo, de “autosemiotização da língua”. Em outros termos, a língua, ao contrário dos demais sistemas, é capaz de semiotizar a si mesma, e esse processo – a autosemiotização da língua – apresenta-se *na e pela* escrita, compreendida, portanto, como o lugar onde se materializa o processo de a língua interpretar/semiotizar a si mesma. Disso decorre minha convicção de que, para Benveniste, a escrita revela o sistema da língua.

Após essa definição assinalada como nota de ouvinte, mas que não contradiz o posicionamento de Benveniste, uma vez que ele retoma essa formulação na mesma página, Benveniste insere o locutor, como o fez desde o início das aulas sobre escrita, na discussão,

pois é ele quem *toma consciência* dessa relação de autossemiotização, ainda que de forma intuitiva:

Isso quer dizer que o falante se detém sobre a língua em vez de se deter sobre as coisas enunciadas; ele leva em consideração a língua e a descobre significante; ele observa recorrências, identidades, diferenças parciais, e essas observações se fixam em representações gráficas que objetivam a língua e que *suscitam, enquanto imagens, a própria materialidade da língua*. (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.155, grifos meus).

Ora, se a língua semiotiza a si mesma e se torna escrita, sendo essa, portanto, constituída pela língua, isso significa que o falante, aquele que está na língua, ao se deparar com a escrita, na verdade se depara com a língua: como Benveniste mostra desde a aula 8, a escrita oportuniza ao locutor olhar essa língua, refletir sobre e a partir dela, observar como se constitui, como se organiza; afinal, é a *forma da língua*¹¹⁰ que está em cena.

No entanto, é sempre importante sublinhar: não se trata de uma relação direta essa entre língua e escrita; o linguista nos mostra, mesmo sem formular textualmente, que a fala vocalizada constitui *o intermediário dessa relação*. Na verdade, a fala está na origem da relação de autossemiotização da língua. Explico melhor: a fala, na sua dupla significância, constitui o modo primário que realiza a língua e, por realizá-la, possibilita à língua semiotizar a si mesma – processo de autossemiotização – que produz a escrita. A fala, portanto, é condição para a constituição da escrita, em Benveniste; por isso, o emprego dos termos “primário” e “secundário” pelo autor para remeter, respectivamente, à fala e à escrita. A primeira possibilita que a língua, pela propriedade metalinguística que lhe é inerente, interprete a si mesma, cujo instrumento e produto desse processo semiológico constitui a escrita. O que está em foco, portanto, é a autointerpretância e a autossemiotização da língua, que vincula a interdependência língua-fala à escrita. O retorno à língua para a constituição da escrita envolve a fala, como realização que possibilita a apreensão de unidades e a verificação de sua organização. Aqui parece residir a autointerpretância da língua em que o retorno à própria língua revela sua capacidade metalinguística responsável pela projeção da *escrita*.

¹¹⁰ Quando me refiro à forma da língua, de nenhuma maneira desconsidero o sentido, visto que, como bem sabemos, forma e sentido estão articulados no sistema semiológico da língua, tanto no domínio semiótico como no semântico. Nesse sentido, “forma da língua”, nesse contexto, envolve o retorno sobre a língua, retorno este que envolve o reconhecimento (sentido) de suas formas, movimento metalinguístico necessário para a formalização da escrita e revelação do próprio semiótico da língua. Por isso, a escrita ser a prova da autossemiotização da língua. Esse novo semiótico, como língua, possibilita o semântico. Nesse caso, a dupla significância da língua se transfere para a escrita.

Esse é o movimento, conforme Benveniste, realizado pelo locutor que descobre, com a escrita, a própria materialidade da língua, um outro modo possível de significar, de produzir mensagens, visto que aquela que lhe deu origem tem, por essência, a propriedade da significação na organização das unidades e na possibilidade de emprego. Nessa perspectiva, se a língua, em virtude da propriedade significante, serve para *viver*, a escrita, produzida à luz da semiologia da língua, também serve para *viver*.

Nessa aula, dois aspectos da escrita são retomados pelo linguista já formulados nas aulas anteriores, atestando, assim, um diálogo visível entre elas, o que assegura uma certa unidade da reflexão: a questão da *objetivação da língua pela escrita* e, intensamente relacionado ao primeiro, o fato de que a escrita evoca a materialidade da língua, traz essa materialidade na própria constituição. Essas duas observações comprovam que a noção de escrita de Benveniste é indissociável de sua noção de língua. A língua, além de poder interpretar os outros sistemas semiológicos e a sociedade, é capaz de se autossemitizar, sendo a escrita, simultaneamente, instrumento e produto desse processo produzido pela língua.

Na continuação dessa aula, o linguista define a escrita, particularmente a alfabética, como “instrumento da autossemitização da língua” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.155). E, na sequência, explicita como esse processo se dá:

- 1) A língua é o único sistema interpretante que pode descrever a si mesmo em seus próprios termos. A propriedade metalinguística é própria à língua, pelo fato de ela ser o interpretante dos outros sistemas.
- 2) Porém, para que a língua se semiotize, ela deve *proceder a uma objetivação de sua própria substância*. A escrita *torna-se* progressivamente o instrumento dessa objetivação formal. (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.156).

Com a primeira asserção, o linguista resgata a propriedade da interpretância da língua como característica central para se pensar a escrita no contexto semiológico, não a escrita do referente. Somente a língua, mais nenhum outro sistema, tem a capacidade de se autointerpretar. Arelada à propriedade da interpretância, está a *propriedade metalinguística* que, conforme palavras de Benveniste, “é própria à língua”, e que está, como é possível observar ao longo da discussão no capítulo, na base da noção de escrita para Benveniste. Nesse sentido, como argumentei acima, a propriedade metalinguística inerente à língua constitui condição para o surgimento da escrita, que se sustenta a partir dessa propriedade; é porque a língua tem essa possibilidade, em virtude da propriedade da interpretância, de se descrever em seus próprios termos e de se tomar como objeto que emergiu a escrita como aquela que constitui a prova cabal de que a língua é dotada dessa propriedade. A partir disso, pode-se imaginar o tamanho da

importância atribuída a essa escrita, enquanto intimamente associada à língua, para a possibilidade de se fazer pesquisa linguística.

Por outro lado, a segunda asserção, de certo modo, complementa a primeira, retomando, aliás, a ideia já apresentada anteriormente da objetivação do dado linguístico, ou seja, a língua é tomada como objeto. Ela responde a uma questão que o leitor atento poderia formular: *como acontece essa autossemiotização da língua? Em virtude de que operação?* A resposta é formulada de modo irretocável: o processo de autossemiotização se instala porque a língua *se objetiva e se materializa*; a autossemiotização da língua se expressa nessa objetivação e materialização, que é feita pela escrita, a qual revela, portanto, a língua em sua materialização. O vínculo entre autossemiotização e materialização é reafirmado. É por essa razão que Benveniste define, nas *Últimas aulas*, a escrita como “linguagem visível”.

Na continuação dessa aula, na seção que na edição das aulas foi intitulada de “Princípio fundamental da escrita”, o linguista assinala a primeira função que atribuímos à escrita: “No princípio, queremos transmitir ou conservar uma *mensagem*” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.156). Essa é a intenção do locutor – *quer dizer algo*. Para cumprir com êxito essa função, é preciso “realizar graficamente o semiótico” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.156). Nesse contexto em que está inserido, parece-me que o autor, ao falar de “semiótico”, está remetendo ao domínio semiótico, aquele cuja unidade é o signo, que é partilhado por dada comunidade. No entanto, não podemos pensar que Benveniste ignora a outra face da língua, o domínio semântico; antes disso, insiste na impossibilidade de conceber um sem o outro: “nada mostra melhor a impossibilidade de atingir o semântico em língua sem passar pelo semiótico” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.156). É muito sintomático, justamente no parágrafo que inicia a seção sobre o princípio fundamental da escrita, Benveniste remeter às noções de semiótico e semântico na reflexão sobre a *escrita*. Assim, vemos o autor fundamentar essa discussão à luz de sua semiologia da língua necessariamente vinculada à sua dupla significância (domínio do signo e do discurso) e a considerar, também, uma teorização de base enunciativa – *com a escrita, a princípio queremos transmitir uma mensagem* -, o que, mais uma vez, endossa meu ponto de vista de que a escrita, pensada a partir da semiologia da língua, tem uma organização e supõe um funcionamento. Nesse caso, a *escrita* contém um semiótico (unidades organizadas e partilhadas) à imagem da língua que possibilita um emprego. Assim, todas as propriedades constitutivas da língua são também constitutivas da *escrita* nessa visada semiológica.

Na sequência, o linguista reforça a relação entre língua, fala e escrita: “Pode-se dizer que a escrita foi e que ela é, em princípio, *um meio paralelo à fala de contar as coisas* ou de

dizê-las à distância e que, progressivamente, a escrita se literalizou conformando-se a uma imagem cada vez mais formal da língua” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.156, grifos meus). Por meio dessa passagem, acredito que seja possível formular uma interpretação para o termo “secundária”, presente na expressão “forma secundária da fala”. Esse termo, ao contrário de apresentar uma conotação depreciativa, parece, em Benveniste, assumir este sentido de ser algo que se produz a partir da fala em relação com a língua (sistema primário) como possibilidade de apreensão desse semiótico em um novo sistema, *a escrita* (sistema secundário). O sistema primário envolve a relação língua-fala vocalizada, e o segundo, a relação língua-escrita. O primeiro é condição de existência do segundo, que se sustenta em um movimento autointerpretante da língua por meio da fala para produzir-se novamente como *escrita*. Afinal, como o linguista sustenta especialmente na aula 15, a escrita é uma forma de fala, *um modo de ser fala*, na medida em que é esta que permite que a língua volte-se sobre si mesma, interpretando-se e autossemiotizando-se.

Benveniste cita, nessa mesma aula, dois princípios da escrita, que colocam em cena a propriedade da (auto)interpretância da língua: “1. A língua semiotiza tudo” e “2. A língua semiotiza a si mesma” – proposições que retomam a tese de sua semiologia da língua; porém, diferentemente do artigo “Semiologia da língua”, cujo objetivo era delimitar o estatuto semiológico da língua em relação aos demais sistemas de signos, especialmente os não-linguísticos, nas aulas o linguista recupera a propriedade privativa à língua para pensar sobre a escrita semiológica, que se produz a partir da língua, de uma língua que é interpretante, capaz de semiotizar tudo e a si mesma. “Todo comportamento social, toda relação humana, toda relação econômica supõe ‘valores’ enunciados e ordenados pela língua” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.157).

O segundo princípio enfatiza a questão da autossemiotização da língua; a escrita, mais precisamente a alfabética, mostra, comprova, materializa esse processo semiológico. “De sua função instrumental desprende-se sua função representativa, cujo instrumento é a escrita. Ora, a escrita muda de função: de instrumento para iconizar o real, ou seja, o *referente*, a partir do discurso, ele se torna, pouco a pouco, o meio de representar o próprio discurso, logo os elementos do discurso, logo os elementos desses elementos (sons/letras)” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.157, grifo do autor). É importante assinalar que não leio a expressão “função representativa” como sinônimo de espelhamento ou imagem fiel, visto que assumir essa concepção de escrita significaria entrar em contradição com tudo o que Benveniste nos deixou de pistas para compreender essa noção a partir da semiologia da língua. Nesse trecho, em outras palavras, ele retoma a ideia da escrita dar visibilidade à materialidade da língua na

sua constituição. É por isso que a propriedade metalinguística é tão cara a sua noção de escrita, aquela que, em vez de “iconizar o referente”, “representa”, no sentido de materializar, a própria língua. Ou seja, envolve o discretizar de unidades para se *representar*, apresentar novamente de outro modo, como *escrita*.

Olhar a escrita a partir dessa perspectiva semiológica implica, assim, tomar a língua a partir dessa visada, não concebendo-a para fins meramente utilitários. Benveniste, ao seu modo, valida meu raciocínio: “Desde então, podia tratar-se da língua [...] como um organismo significante, em vez de considerá-la simplesmente como um meio, um instrumento” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.158). A significância da língua que possibilita a esta interpretar a tudo e a si mesma é o cerne da semiologia de Benveniste; a escrita, dessarte, releva desse olhar a língua como sistema composto pela dupla significância, na organização das unidades e na possibilidade de seu emprego no discurso. Como diz o autor, a comunicação, a troca de informações é uma consequência somente pragmática, que mascara a propriedade essencial da língua, que é a de significar. A escrita, a partir desse ponto de vista semiológico, tem a ver com isso, com essa perspectiva semiológica lançada para a língua.

Em 10 de março de 1969, na aula 13, Benveniste volta a “reconhecer a estreita ligação que existe entre o tipo de escrita e o tipo de língua” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.161), o que realça o vínculo entre língua e escrita. No entanto, o mais interessante, sob meu ponto de vista, é o que o autor diz na sequência, ao trazer a fala como elemento importante dessa relação: “[...] entre a maneira de dissociar os elementos da fala e a maneira de escrever esses elementos” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.161). Essa afirmação do linguista confirma meu ponto de vista defendido linhas acima, segundo o qual a *escrita* se produz a partir da fala em relação com a língua (sistema primário) como possibilidade de apreensão desse semiótico em um novo sistema. A autosemiotização da língua surge, portanto, a partir da relação língua-fala – sistema primário.

Ademais, ao final dessa aula, Benveniste apresenta, a partir de uma reflexão oriunda de Platão, a noção de *limite* para pensar a relação entre língua e escrita: “Essa noção de *limite* é capital: ela constitui a análise da língua do ponto de vista formal e condiciona o método das primeiras invenções da escrita propriamente dita” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.164, grifo do autor). Assim, pensar a língua do ponto de vista formal, o que envolve refletir sobre o seu semiótico (unidades reconhecidas e partilhadas, embora finitas), requer também pensar a escrita a partir desse ponto de vista, como sistema formal (reconhecendo nela, portanto, unidades limitadas).

Em 17 de março de 1969, a aula 14, Benveniste estabelece uma distinção importante entre a escrita como *fenômeno* e a escrita como *operação*: “[...] estudamos a escrita enquanto *fenômeno* e na perspectiva da língua para analisar o seu funcionamento. Hoje, gostaria de considerar a escrita enquanto *operação* e em suas denominações” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.167, grifos do autor)¹¹¹. Ora, novamente aqui o autor mostra que seu objetivo é o estudo da relação da escrita a partir da perspectiva da língua, estudo que, segundo meu ponto de vista, foi perseguido nas aulas anteriores. Desse modo, refletir sobre a escrita enquanto *fenômeno* envolve necessariamente pensar na autointerpretância e na autossemiotização da língua. Por sua vez, estudar a escrita enquanto *operação* envolve, ao que parece, pensar a questão da designação da língua, afinal “a operação só existe se denominada. Há, portanto, aqui, um processo linguístico: como uma língua nomeia o ato que lhe dá expressão escrita?” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.167). Assim, o professor-linguista expõe, no início dessa aula, que seu objetivo nela é considerar a escrita enquanto operação e em suas denominações, debruçando-se, pois, no modo como as diferentes línguas nomearam/designaram o ato de escrever. Nesse sentido, a escrita pode ser estudada como fenômeno e como operação, e somente a primeira é semiológica, na medida em que está ligada à perspectiva da língua. Para os propósitos desta tese, não interessa a noção de escrita enquanto operação.

Nessa aula 14, a noção de escrita enquanto fenômeno semiológico é compreendida a partir da perspectiva da língua, na medida em que o funcionamento da escrita está associado ao funcionamento da língua, por intermédio da fala, sistema primário de realização do linguístico. Nesse sentido, compreender a escrita como um outro modo de ser língua ou como um outro modo de fala/uma forma de fala é afirmar a mesma coisa, na medida em que a fala consiste nesse modo primário da língua, que permite a autointerpretância da língua para que se torne também *escrita*, em um sistema secundário que apresenta todas as propriedades linguísticas ligadas à dupla significância. Em outras palavras, a fala permite o retorno à língua, nessa relação primeira com a língua, para possibilitar a escrita, relação segunda com a língua.

Por fim, na última aula, datada de 24 de março de 1969, Benveniste explicita o propósito de suas reflexões nas aulas, justificando a ordem das aulas: “Nosso propósito era o de estudar a língua, depois sua relação com a escrita, para ver como uma e outra *significavam*”

¹¹¹ Benveniste expõe, no início dessa aula, que seu objetivo nela é considerar a escrita enquanto *operação* e em suas *denominações*, debruçando-se, pois, no modo como as diferentes línguas nomearam/designaram o ato de escrever. Nesse sentido, a escrita pode ser estudada como *fenômeno* e como *operação*, e somente a primeira é semiológica, na medida em que está ligada à perspectiva da língua.

(BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.173, grifo do autor). O estudo da língua, da semiologia da língua foi empreendido especialmente no capítulo 1, intitulado sintomaticamente de “Semiologia”, e as aulas sobre a escrita foram organizadas no capítulo 2, “A língua e a escrita”, o que confirma a intenção do linguista de estudar esse vínculo e de que modo ele se dá. A aula 12 informa que essa relação entre língua e escrita é de *autossemiotização*, o que aponta para o fato de que essa relação não envolve um sistema interpretante – a língua – e um sistema interpretado – a escrita. A escrita não é um outro sistema, distinto da língua, como, por exemplo, é a relação entre a língua e a pintura. A língua, em virtude de suas propriedades significantes¹¹², pode interpretar a si própria, e a escrita é o lugar onde se materializa (se revela) essa interpretância sobre si mesma. Por isso, a escrita é uma modalidade de realizar o linguístico, cuja especificidade é salientar a propriedade metalinguística privativa à língua. Em decorrência de seu modo de constituição, a escrita possibilitou esse dar-se conta da língua enquanto sistema composto de unidades articuladas em forma e sentido. É a língua-fala em sua integralidade, na dupla significância, que a escrita materializa.

Nessa última aula sobre escrita, Benveniste parece fazer um movimento de retorno às aulas: "Ponto atual de minhas reflexões, corrigindo parcialmente aquelas que precedem" (BENVENISTE, *Últimas aulas*, p. 177). Na verdade, nessa aula, o professor-linguista insiste na relação entre a língua e a escrita e retoma o princípio de a escrita ainda ser fala, sob uma forma secundária.

Como consequência desse modo de pensar a relação língua-escrita, sempre intermediada pela fala, o linguista formula a seguinte constatação plena de simplicidade e, ao mesmo tempo, de genialidade: “a língua e a escrita significam exatamente da mesma maneira” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.173). Ora, se a escrita não é um sistema distinto da língua, mas sim o instrumento da autossemiotização da língua e, portanto, o lugar onde se materializa a língua interpretando-se a si mesma, não é possível que o modo de significação da escrita seja distinto daquele da língua. A fala e a escrita significam do mesmo modo, ambas comportam a dupla significância, uma vez que são manifestações do linguístico, do sistema semiológico da língua. A diferença entre elas, conforme já observado, é que a escrita constitui-se a partir da relação entre língua-fala, na medida em que a língua retorna-se sobre si mesma para produzir um sistema a sua imagem.

¹¹² Essas propriedades que apontam para o modo como a língua funciona e significa foram estudadas extensivamente no capítulo 2 desta tese e retomadas no item sobre a semiologia da língua de Benveniste neste capítulo.

De acordo com Benveniste, não há dois sistemas, independentes um do outro, como pensava Saussure; há somente o sistema da língua (interpretante por excelência, de acordo com o linguista sírio-francês), e esse sistema pode se realizar, conforme vimos, em fala como em escrita. No entanto, a relação entre língua e escrita, como sustenta Benveniste, *não é direta*, mas intermediada pela fala, compreendida como “sistema primário” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.179). É esse sistema primário que permite o retorno à língua, ao reconhecimento de suas formas (propriedade metalinguística), para projetar a *escrita* (sistema secundário) nos próprios termos e funcionamento da língua. Por isso, a escrita é uma espécie de *revezamento* da fala, sendo "a própria fala fixada em um sistema secundário de signos" (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p. 179). E esse modo secundário de discurso "permitiu tomar consciência do discurso em seus elementos formais e analisar todos os seus aspectos". (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p. 179). A escrita, como forma de fala, "é um dispositivo que retoma e retransmite o conjunto de signos recebidos." (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p. 181). Está nesse enunciado do mestre a questão do retorno à língua, via fala, que resulta em escrita. Está, novamente marcado, nas expressões *retomar* e *retransmitir*, o lugar secundário conferido à escrita em relação à língua-fala, visto a fala ocupar essa posição primeira de transmissão dos signos da língua. No entanto, ainda que secundário, a escrita é o que permite distinguir "os signos da língua que o falar confunde, mostrando quais são seus discriminadores". (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p. 182).

No final dessa aula, vemos Benveniste retornar à semiologia da língua e à sua dupla significância, o que novamente comprova o papel da semiologia da língua para a sua concepção de escrita como sistema semiológico constituído a partir da relação de interpretância da língua com ela mesma. Assim, o percurso pelas aulas de Benveniste no Collège de France sobre a escrita permite-me defender que o sistema primário (língua-fala) possibilita a relação língua-escrita (sistema secundário).

3.5 PONTUAÇÕES E REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA A PARTIR DA AUTOINTERPRETÂNCIA DA LÍNGUA

Finalizado o percurso das aulas, quando fui tecendo pontos importantes sobre as noções de escrita nas *Últimas aulas* e problematizações importantes lançadas pelo professor-linguista na procura da relação língua e escrita em cada noção de escrita, centro-me nesta seção em aspectos da seção 3.4. do capítulo para finalizar o capítulo e pontuar as respostas procuradas nesta tese.

Considero que o conjunto semiológico entre *língua-fala* ↔ *língua-escrita* é bem colocado por Benveniste, após contrapor-se à concepção saussuriana da independência da escrita em relação à língua: “todos os problemas das relações entre a língua e a escrita são renovados se colocamos o seguinte princípio fundamental: *a escrita é uma forma secundária da fala*” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.177). Assim, não é possível, para o linguista, estudar a relação entre língua e escrita de forma divorciada da fala, uma vez que esta é o primeiro modo de realização da língua; desse modo, como argumentado ao longo dessa seção, a escrita se relaciona com a língua e com a fala, ou melhor, se relaciona com a língua na medida em que *é uma forma de fala, é uma materialização da fala*. Ao materializar a fala, ela materializa necessariamente a língua, constituindo o lugar de visualização dos signos linguísticos. É importante lembrar: Benveniste a define como “linguagem visível”. Trocando em miúdos, a escrita é um modo de ser língua porque antes é um modo de ser fala.

Eis o princípio fundamental: “a escrita ainda é fala, sob uma forma secundária” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.177). Secundária não no sentido de ser menos importante ou acessória, mas sim porque a fala, em sua *forma primária*, possibilita um retorno à língua a partir do aspecto vocal; a língua, pela fala, não pode ser *visualizada*, olhada como um objeto. Por sua vez, a escrita materializa essa fala (por isso, o uso do termo “secundária”) e, nessa materialização de formas reconhecidas (com sentido), *encontra-se a língua*, não mais o referente, uma vez que é esta enquanto sistema semiológico interpretante que possibilita sua realização em fala e em escrita. A relação da escrita com a língua é feita, portanto, indiretamente, via fala, e é nisso que repousa o seu estatuto semiológico de *forma secundária da fala*.

A importância da fala, assim, é fundamental para Benveniste propor uma noção de escrita nas *Últimas aulas* em que a língua, ou melhor, a semiologia da língua lhe seja constitutiva. É através do fato de o linguista observar que a escrita alfabética materializa as unidades da fala vocalizada, que Benveniste encontrou a língua, constatação essa que o leva a nomear esse processo de autossemiotização da língua. A fala, assim, atravessa essa relação de autossemiotização, que informa o vínculo entre língua e escrita.

É por isso que Benveniste afirma que “a escrita não poderia curto-circuitar a fala (a saber, expressar por meios inteiramente distintos, não homólogos à fala)” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.178). Apresentando o mesmo modo de significância, a escrita não é um sistema distinto da fala, como, por exemplo, é a fala e a música, conforme defende Benveniste na aula 4: “Pode-se ‘dizer a mesma coisa’ pela fala e pela escrita, que são dois sistemas conversíveis um no outro, porque são do mesmo tipo. Não se pode ‘dizer a mesma coisa’ pela

fala e pela música” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.110-111). Fala e escrita pertencem, assim, à língua, são modos de realização do linguístico. Conforme argumenta o linguista, se a escrita é fala ainda, os meios de que aquela dispõe devem, de alguma forma, ser homólogos – não idênticos – aos da fala; afinal, a escrita “deve ‘seguir’ a fala” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.178). Ela é a fala, só que disposta graficamente, constituída a partir do retorno da língua sobre ela mesma possível pela sua realização em fala. Esse retorno, com a consequente discriminação das unidades, torna-se possível pela capacidade metalinguística da língua, que possibilita esse processo de autointerpretância para a criação da escrita.

Nessa perspectiva, com base na compreensão de que a escrita constitui-se como uma forma secundária da fala e, por isso, como um outro modo de realizar o linguístico, preenche-se de clareza o seguinte princípio formulado na aula 15, que, de certo modo, ganha contornos enunciativos: “A escrita se manifesta como uma forma secundária da fala, na medida em que comporta as duas propriedades, semiótica e semântica, características do discurso, e apenas do discurso, ou só da expressão linguística, em face dos outros sistemas semiológicos” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.178, [nota de ouvinte]). Ora, como discutido a partir de Benveniste, se a escrita é uma forma secundária da fala, constituindo, junto com esta, modos de realizar o linguístico, e se língua e escrita significam da mesma maneira, a característica da dupla significância da língua está necessariamente presente na escrita, de modo que esta, como um outro modo de realizar o linguístico, comporta as propriedades que Benveniste apresentou em relação à língua para sustentá-la como sistema (auto)interpretante, em “Semiologia da língua”. É importante retomá-las:

- 1.º ela se manifesta pela enunciação, que contém referência a uma situação dada; falar, é sempre falar-de;
- 2.º ela consiste formalmente de unidades distintas, sendo que cada uma é um signo;
- 3.º ela é produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma comunidade;
- 4.º ela é a única atualização da comunicação intersubjetiva. (BENVENISTE, 2006d, p. 63).

Com efeito, estudamos que esses quatro aspectos caracterizadores do sistema da língua envolvem o seu modo de significância, que remete às noções de semiótico e semântico. No primeiro, o que está no centro da questão é o caráter de distintividade e o de reconhecimento da unidade – o signo. Trata-se do domínio da organização das unidades no sistema linguístico, o que ressalta o aspecto da língua como sistema de unidades partilhadas, no qual os seus falantes compartilham de um universo de sentidos e referências no interior de uma dada coletividade. As propriedades 2º e 3º tratam exatamente disso, enfatizando a língua enquanto repertório de

formas e sentidos partilhados e reconhecidos como tais. Eis o semiótico da língua, que reaparece na escrita.

Por sua vez, o semântico remete ao domínio da língua em uso, pelo locutor, para o estabelecimento de uma certa relação com o mundo e com o outro. As propriedades 1º e 4º remetem justamente à significância da língua relacionada ao seu funcionamento discursivo. Dessa maneira, a língua, enquanto sistema semiológico, implica não só reconhecimento dos signos empregados pela sociedade, mas também compreensão das ideias particulares expressas no discurso, como resultado da sintagmatização das formas pelo locutor. A língua, para Benveniste, é sempre *língua-discurso*, termo empregado em “A forma e o sentido na linguagem” e que assinala a superposição e a indissociabilidade dos sistemas semióticos e semânticos e pressupõe a constituição de uma “semântica própria”, como decorrente dessa inseparabilidade. É esse conceito de língua-discurso que está na base da proposição da reflexão semiológica sobre a língua.

Nessa perspectiva, a língua, como dito anteriormente, é um sistema que atende a duas condições – externa (relativa ao seu emprego) e interna (relativa à sua organização). Essa constatação apontada no artigo de 1969 ressalta, assim, sua natureza essencial, a *propriedade de significar*. A definição formulada em “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, sublinhada por mim no final do capítulo 1, destaca justamente essa sua natureza – *a língua é um sistema de formas significantes*. E justamente por ser um sistema de formas que significam de um modo exclusivo, não encontrado nos demais sistemas semiológicos, que ela apresenta a propriedade intimamente ligada à de significar – *a propriedade da (auto)interpretância*.

Nesse sentido, essas propriedades – a dupla significância e a interpretância – caracterizam o sistema semiológico da língua e, portanto, comparecem no sistema a sua imagem – a escrita. Assim, conforme proposta de Benveniste, se a escrita constitui uma forma de fala, ou seja, um outro modo de ser fala e, por isso, um outro modo de realizar o linguístico, todas as propriedades inscritas na língua, que a tornam “organização semiótica por excelência”, comparecem nas modalidades que realizam o linguístico; afinal, a língua, não sendo uma entidade etérea, encontra na fala e na escrita os modos de sua realização. Na medida em que, segundo a concepção semiológica de Benveniste, língua e escrita não constituem sistemas distintos e independentes, a segunda assume os quatro aspectos essenciais da semiologia da língua para Benveniste defendê-la como sistema interpretante e autointerpretante. Retomo-as aqui: a língua é formada de unidades, que são signos; a língua é dotada de uma dupla significância (modo semiótico relacionado ao signo linguístico e modo semântico relacionado ao discurso); a língua é produzida e recebida pelos membros de uma comunidade que partilham

o reconhecimento das unidades e os modos de combinação dessas unidades; a língua pode atualizar-se em discurso, produzir referência a uma situação dada e realizar a comunicação intersubjetiva; e a língua tem o poder de criar um segundo nível de enunciação, a propriedade metalinguística.

Como um sistema feito à imagem da língua, que justamente *mostra* a língua, deixa-a visível no meio gráfico, os pontos de sua semiologia se estendem na escrita, necessariamente. Isso me encaminha a pensar, portanto, nos *desdobramentos* semiológicos de assumir o princípio segundo o qual a noção de escrita em Benveniste é indissociável de sua noção de língua, uma escrita compreendida nos próprios termos e funcionamento da língua:

- a) a escrita é formada também de unidades, que são os signos gráficos;
- b) é dotada da dupla significância (modo semiótico relacionado ao signo gráfico, e modo semântico relacionado ao discurso, que se produz a partir de uma enunciação escrita);
- c) é produzida e recebida pelos membros de uma comunidade que partilham o reconhecimento das unidades gráficas, as letras, e os modos de combinação dessas unidades;
- d) a escrita pode atualizar-se em discurso (produto da enunciação escrita), produzir referência a uma situação dada (relação tempo-espço diferente para autor e leitor) e realizar a comunicação intersubjetiva à distância entre autor e leitor;
- e) ela é justamente efeito da capacidade metalinguística, específica da língua em seu poder autointerpretante.

Observa-se que as mesmas características que Benveniste listou de argumentos para propor sua semiologia da língua podem ser deslocadas para a noção de escrita proposta pelo linguista, de modo que, embora não tenha afirmado textualmente, deixou pistas suficientes que possibilitam argumentar no sentido de compreender a escrita, em virtude de ser constituída por essas características acima arroladas, como sistema interpretante por excelência, na medida em que, como uma forma de fala (*sistema primário de realização do linguístico*), suscita a materialidade da língua, que traz à cena todas as propriedades que a caracterizam. É por essa razão que o linguista argumenta que a escrita enquanto sistema semiológico linguístico comporta a dupla significância, na medida em que, como modalidade do linguístico, abriga as propriedades próprias à língua. A escrita materializa as unidades-signos da língua presentes na fala e, por isso, dá visibilidade à materialidade da língua. A relação língua-fala, conforme

pontuado, permite que a língua, pela propriedade metalinguística, tome-se como objeto, autossemiotizando-se. A escrita revela esse movimento (auto) de retorno à língua.

A língua exerce, assim, sua capacidade de interpretar os outros sistemas tanto pela fala como pela escrita. Qual seria a especificidade da escrita, se ambas possuem a propriedade da interpretância? A diferença é que a escrita, por dar visibilidade às formas da língua, prova a capacidade desta de interpretar a si própria – a autossemiotização da língua. É nela que essa capacidade se mostra. Como consequência dessa condição metalinguística, “só essa realização de uma forma secundária do discurso permitiu tomar consciência do discurso em seus elementos formais e analisar todos os seus aspectos” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.179); como apontado anteriormente, escrita e capacidade metalinguística estão absolutamente implicadas, como decorrência da relação de autossemiotização produzida pela língua. Como o linguista deixa claro, a análise da língua só é possível por conta dessa “forma secundária do discurso”, que possibilitou, como o próprio linguista reitera ao longo das aulas, tomar consciência da existência da língua, das suas unidades, do modo como elas se organizam na frase; enfim, essa nova forma, materializando a fala-língua, permitiu ao locutor voltar-se sobre essa língua, olhá-la, analisá-la, conhecer seus recursos expressivos. Tudo isso para quê? Para fazer análise linguística, como procede o linguista? Evidentemente que não, mas para que o locutor possa conhecer esse novo modo de significar para, assim, encontrar a sua forma de estar nesse “sistema secundário”, o seu modo de singularizá-lo.

Assim, se o grande princípio da linguística de Benveniste é a de que o homem está na língua, na dupla significância que lhe é inerente, é possível afirmar que o homem também está na escrita, nessa forma secundária da fala que dá visibilidade, pelo processo de autossemiotização, às unidades constitutivas da fala reveladoras dos signos da língua, enquanto modo primário de ser língua. Isso justifica as passagens em que Benveniste faz referência à figura do locutor para tratar do funcionamento da escrita, visto que, assim como não é possível pensar a língua separada do homem, o mesmo vale para a escrita, *esse sistema de formas significantes*, constituído pela dupla significância, que, portanto, revela a língua em sua totalidade, quer enquanto *conjunto de formas partilhadas e reconhecidas como tais* pela comunidade linguística, quer enquanto *discurso* que remete a uma relação intersubjetiva constituída na enunciação escrita entre autor e leitor.

Assim, conforme discuti nesta seção, Benveniste, em sua problematização para o “difícil problema” da escrita, busca por uma noção de escrita que tenha o estatuto teórico de língua. Encontra isso, após enumerar diferentes tipos de escrita existentes no mundo, na *escrita alfabética*, aquela que serve de instrumento e de lugar da autossemiotização e da materialização

da língua. O interesse de Benveniste nas aulas, como comprova a própria ordem das aulas que foi seguida pelos editores, é claramente semiológico: o linguista, em franco diálogo com “Semiologia da língua”, busca discutir a propriedade da (auto)interpretância da língua no capítulo 1 para, no capítulo 2, pensar um aspecto específico da interpretância da língua, a relação dela consigo mesma. Teorizar sobre essa relação semiológica, a de autosemiotização, possibilitou ao autor tratar a escrita, chamada aqui não a partir de uma perspectiva enunciativa (a escrita como texto escrito ou como enunciação escrita), mas sim semiológica – como sistema semiológico onde ocorre a autointerpretância, que dá provas de a escrita ser a autosemiotização da língua. Disso decorre minha argumentação de que as propriedades da língua, referidas no texto de 1969, se deslocam para o sistema da escrita, que, não sendo distinto da língua, é constituída por ela.

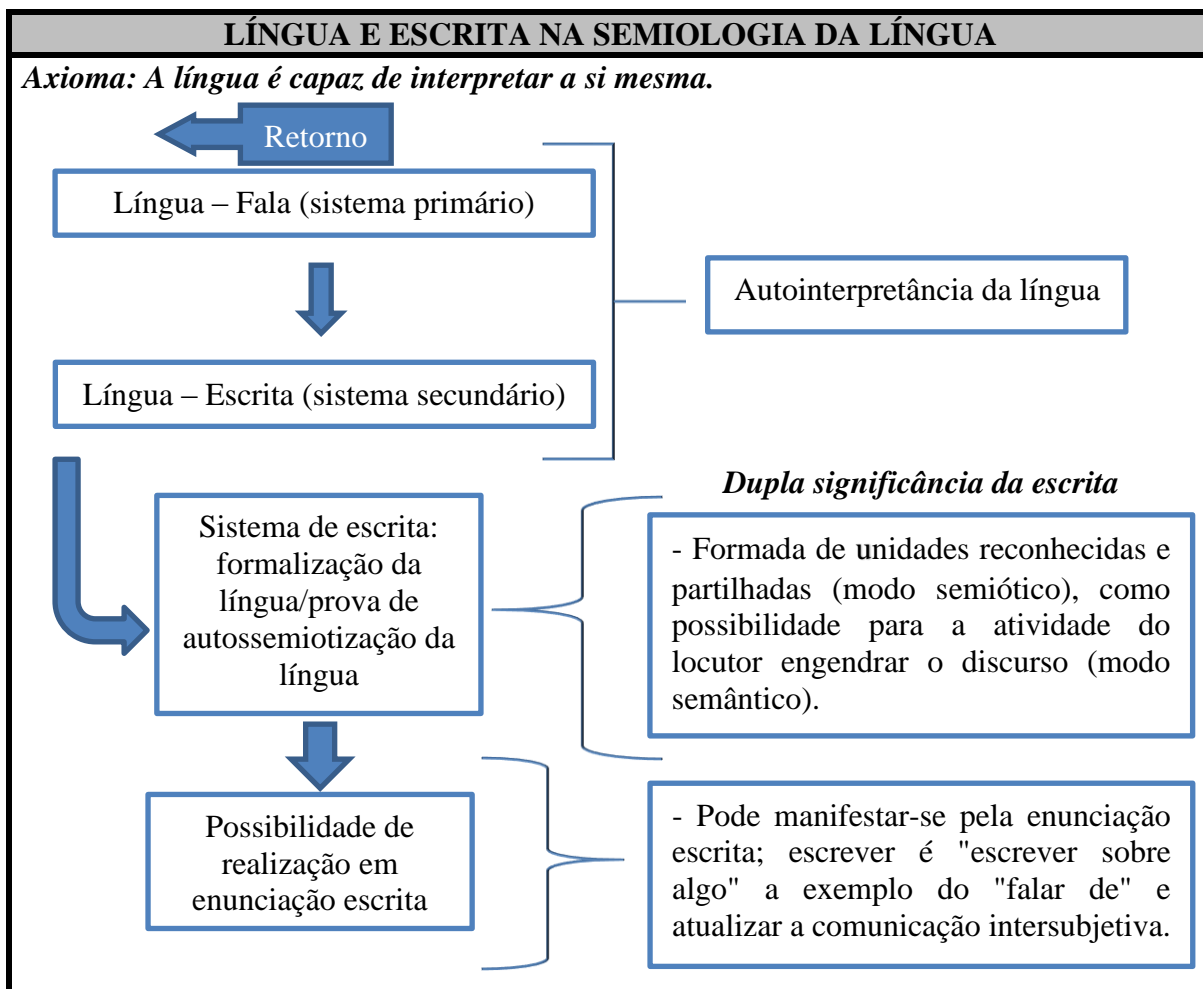
Por isso, antes de ser compreendida como enunciação escrita, como se vê em “O aparelho formal da enunciação”, a escrita é definida como sistema semiológico que materializa as unidades-signos presentes na fala e, conseqüentemente, a língua, na medida em que ela constitui o instrumento da autosemiotização da língua. Ela prova essa capacidade metalinguística da língua, o fato de as unidades linguísticas terem um lugar de materialização, de visualização. A escrita é esse lugar! Por essa razão, todas as características que listei no capítulo 2 para descrever a língua e que foram retomadas neste item se presentificam na escrita, de maneira que, embora ela não recubra teoricamente a noção de enunciação escrita, a contém, visto que, assim como a língua possibilita a enunciação, a escrita, como revelando o semiótico da língua, também contém a possibilidade de realização

Assim entendida, a escrita supõe seu emprego, sua realização, que, à diferença da fala, exige do locutor uma maior atenção à forma linguística, seu reconhecimento, que é, obviamente, seu sentido. Se, como nos ensina Benveniste, forma e sentido se articulam no funcionamento da língua, na escrita esse par também se articula, com um foco maior no primeiro elemento do par, já que há a descoberta, ou melhor, a *consciência* de que a mensagem é expressa em uma forma linguística.

Concluo, assim, reafirmando o vínculo profícuo entre a reflexão semiológica e a enunciativa de Benveniste para pensar a escrita nas *Últimas aulas* enquanto um sistema semiológico à imagem da língua, um outro modo de realizar o linguístico, constituída a partir da interdependência língua-fala. Compreendida assim, a enunciação escrita, citada em “O aparelho formal da enunciação”, é condição para pensar a escrita, fundada *na e pela* semiologia da língua.

A título de síntese, penso que a figura abaixo ilustra a discussão que procurei estabelecer entre escrita, fala e língua, a partir da semiologia da língua de Benveniste:

Quadro 2: Língua e Escrita na Semiologia da Língua



Fonte: elaborado pelo autor.

Retomando brevemente a discussão desenvolvida no item, de forma a responder às perguntas nele formuladas, é importante lembrar que a noção de *escrita* desenvolvida não é homogênea, como busquei pontuar seguindo rigorosamente a ordem das aulas. Nesse percurso, é possível vislumbrar a constante problematização de Benveniste, marca registrada de seu pensamento, e sua busca pela língua, fato que me encaminhou a pensar que as aulas mostram um pensamento em construção para o "difícil problema" da escrita, anunciado em "Semiologia da língua". Nesse sentido, o linguista busca, em suas aulas, por uma noção de escrita que coloque a relação com a língua como um determinante.

De modo a cumprir seu objetivo, conforme vimos na seção, após, na primeira aula, Benveniste pensar, em linhas gerais, a relação entre língua e escrita pelo ponto de vista da *abstração* envolvida nessa relação, o linguista desloca-se para o estudo da escrita nas sociedades primitivas. Nessa *vista d'olhos* pela história da escrita, o linguista chega ao homem

primitivo e conclui que essa escrita não envolve a relação com a língua, pois remete à representação gráfica de um objeto, ou seja, de um referente. Essa é a tendência, intitulada por ele de “natural”: “comunicar por um meio gráfico as coisas de que se fala e não o discurso que fala das coisas” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.139, grifo do autor). Como seu objetivo é encontrar o lugar da língua na sua reflexão sobre a escrita, percebe-se que o linguista sírio-francês busca uma escrita que seja signo de signo, ou seja, que revele o semiótico da língua, deixando de ser vista, portanto, como “transcrição da fala” ou como representação de objetos do mundo. É a escrita que revela a língua que Benveniste persegue, associando, nesse sentido, esse estudo à semiologia da língua, ao fato de a língua ser o único sistema, dada sua dupla significância, de interpretar os outros sistemas e a si mesma.

Essas “escritas” descritas por Benveniste não colocam em cena a língua, e o próprio estatuto de “escrita” é questionado por Benveniste pelo uso tipográfico das aspas: “Pode-se, então, dizer que a ‘escrita’ começa a ser ‘signo da realidade’ ou da ‘ideia’, sendo *paralela* à língua, mas não o seu *decalque*” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.137, grifos do autor). Diante disso, o linguista me encaminhou a concluir que essa noção de escrita, enquanto ligada ao referente, não pode ser estudada à luz da semiologia da língua, na medida em que ela não coloca em cena as unidades-signos da língua relacionada à sua propriedade autointerpretante e, portanto, metalinguística. Não é possível, portanto, estudar essa escrita do referente a partir do ponto de vista semiológico de Benveniste.

Nessa perspectiva, conforme pontuei, o autor busca responder à questão-chave que orienta todo o seu percurso nas aulas sobre a escrita: *onde se encontra a língua nas diferentes escritas?* É essa a sua questão de pesquisa. Dessa maneira, passa a analisar a relação entre tipos de línguas e tipos de escritas em um movimento teórico-metodológico que lhe é característico em sua reflexão sobre as problemas da linguagem: partir das línguas para pensar a língua, em seu nível fundamental. Esse mesmo movimento, assim, reaparece nas *Últimas aulas*, para, por meio da análise empírica das línguas e de suas respectivas escritas, o linguista pensar a relação entre língua e escrita, a partir de mecanismos gerais em que a escrita revela-se como a imagem da língua. É esses mecanismos gerais da escrita, em sua relação com a língua, que Benveniste busca para revelar a escrita como sistema semiótico que advém da autointerpretância, possibilitada pela interdependência língua-fala.

Por isso, no registro das diferentes soluções encontradas pelo homem para solucionar o problema da representação gráfica, o interesse de Benveniste repousa na noção de escrita que esteja em relação com a língua, traçando uma importante distinção entre *representação gráfica* e *escrita*. O linguista situa a diferença na língua, que é constitutiva da *escrita*: “a escrita tomará

a língua como modelo” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.141). Está aí a noção de escrita adotada por Benveniste, aquela que coloca em cena a língua, a forma da língua. A escrita buscada pelo autor é aquela criada a partir do retorno sobre a língua, considerando suas próprias unidades e mecanismos de organização e funcionamento. Esse retorno sobre a língua, conforme defendi no item, é possibilitado pela interdependência língua-fala – sistema primário de materialização da língua. Assim, nesse voltar-se sobre si mesma, que envolve a autointerpretância e a autossemiotização da língua, esta torna-se *escrita*. Por isso a afirmação de Benveniste de que “[...] é a forma linguística que a escrita deve reproduzir” (BENVENISTE, *Últimas aulas*, 2014, p.141). Como pontuei em mais de um momento na seção, Benveniste coloca como implicadas a propriedade metalinguística e a escrita, isso porque nessa relação da língua com ela mesma, encontra-se a propriedade metalinguística em que a língua *reproduz* unidades significantes a partir de sua dupla significância. As unidades e mecanismos da língua, na sua dupla significância, reaparecem em outro modo de a língua se apresentar – a *escrita*.

Essa ideia remete à primeira parte da resposta à questão de pesquisa desta tese – **como a questão da escrita se configura e se descobre na reflexão semiológica de Benveniste a partir da relação de interpretância da língua com ela mesma?** Como defendido especialmente da aula 12 em diante, a língua, esse sistema semiológico (auto)interpretante, possibilita a criação da *escrita* por envolver justamente a relação da língua com ela mesma, ou seja, a *escrita* necessariamente é efeito de um movimento de retorno para a língua, caso contrário não conteria uma dupla significância à imagem da língua.

Como observado, o autor opera uma distinção caríssima aos seus propósitos entre “fala primária” e “fala secundária”, identificando esta última com a *escrita*. Ora, essa concepção, que dialoga diretamente com a definição dada na aula 12 de “forma secundária da fala”, atesta a relação intrínseca entre língua-fala-escrita, na reflexão semiológica de Benveniste sobre a escrita. Conforme destaque em diversos momentos da seção, a relação da escrita com a língua não é direta. A fala constitui o modo primário que realiza a língua através do aspecto vocal e, por realizá-la, possibilita à língua semiotizar a si mesma – processo de autossemiotização – processo esse que produz a escrita. A fala, portanto, figura como *condição* para a constituição da escrita, em Benveniste; por isso, justifica-se o emprego dos termos “primário” e “secundário” pelo autor para remeter, respectivamente, à fala e à escrita. A primeira possibilita que a língua, pela propriedade metalinguística que lhe é inerente, interprete a si mesma, cujo instrumento e produto desse processo semiológico constitui a escrita. O que está em foco, portanto, é a *autointerpretância*, que revela a escrita como a *autossemiotização* da língua, fenômeno que vincula a *interdependência língua-fala à língua-escrita*. O retorno à língua (pela

propriedade metalinguística) para a constituição da escrita envolve a fala, como realização que possibilita a apreensão de unidades e a verificação de sua organização. Aqui parece residir a autointerpretação da língua em que o retorno à própria língua revela sua capacidade metalinguística responsável pela projeção da *escrita*. A relação da língua com ela mesma promove uma discretização das unidades-signos presentes na fala que possibilita à língua se representar (apresentar novamente) de outro modo, como *escrita*. Trata-se, assim, de um ponto de vista pessoal que construo sobre o modo como Benveniste pensa a escrita, no quadro de sua semiologia da língua.

Penso, desse modo, por meio dessa reflexão, ter dado resposta à primeira parte da questão central da tese - **como a escrita se configura na reflexão semiológica de Benveniste?** Resta, de meu ponto de vista, responder à segunda parte da questão, qual seja, **como a questão da escrita se desdobra na reflexão semiológica de Benveniste?**

Como se observa, o axioma central da reflexão semiológica entre língua e escrita em Benveniste é este – *a língua é capaz de semiotizar a si mesma*, princípio formulado na aula 12 e que envolve, ao mesmo tempo, a autointerpretação da língua, que resulta na ideia de escrita como língua porque revela o seu semiótico (formas reconhecidas como tendo sentido) e a escrita como dando mostras de autossemiotização da língua. Esses processos constituem o pilar do conjunto semiológico língua-fala ↔ língua-escrita, interdependentes entre si; esse conjunto revela um dos modos de relação da língua como ela mesma, modo este ligado à invenção/criação da escrita, problema que procurei desdobrar nesta tese. Conforme busquei explicitar, a relação da escrita com a língua, para o linguista, não é direta, pois a fala figura como elemento que intermedeia essa relação semiológica. Conforme pontuado, a relação língua-fala (sistema primário) possibilita a relação da língua com ela mesma, por meio da propriedade metalinguística, produzindo, assim, a escrita enquanto sistema secundário; é por isso que Benveniste define a escrita como uma forma de fala, pois a fala realiza, via aspecto vocal, a língua em sua organização e em seu funcionamento e, por realizá-la, permite que a língua semiotize a si mesma – processo de autossemiotização -, produzindo a escrita. Nesse sentido, a escrita, como afirma Benveniste, constitui o lugar e o instrumento do processo de autossemiotização da língua, a partir da interdependência língua-fala. Ela é a *língua-fala visível* e, compreendida assim, incorpora as características destacadas por Benveniste para propor sua semiologia da língua. Com enfatizei em minha argumentação, as propriedades da língua, referidas no texto de 1969, se deslocam para o sistema da escrita, que, não sendo distinto da língua, é constituída por ela, revelando-a em sua organização e funcionamento. Isso mostra que a escrita, a partir da semiologia da língua, pode ser pensada como um sistema semiótico que,

justamente por isso, contém unidades, que são reconhecidas e partilhadas e, ao mesmo tempo, que podem se combinar de modo a produzir discurso. Na língua, como pontuei no capítulo 2, há a dupla significância e, por isso, a escrita como um outro modo de a língua se apresentar comporta todas as propriedades linguísticas ligadas à dupla significância. Por essa razão, é possível afirmar que a escrita, vista à luz da semiologia da língua, supõe sua realização, a qual ocorre pela enunciação escrita. Eis o *desdobramento* da reflexão semiológica sobre escrita em Benveniste. A fala, modo primário de materializar a língua e, portanto, comportando a dupla significância, propicia que a língua se autossemiotize, isto é, que as unidades da língua-fala sejam realocadas, dada a propriedade metalinguística, para outro modo de funcionamento. A escrita constitui esse modo secundário e, por isso, apresenta a língua como organização de signos e como possibilidade de funcionamento discursivo. A *enunciação escrita*, desse modo, embora não constitua tema central da teorização benvenistiana nas *Últimas aulas*, aparece como desdobramento da reflexão do linguista sobre a escrita à luz da semiologia da língua.

Nesse sentido, isso me encaminha a postular a ideia de que uma escrita, a partir da Semiologia da língua, envolveria uma escrita-sistema e uma escrita-discurso aos moldes da língua-discurso, ideia esta sustentada a partir do axioma da autointerpretância da língua e, por consequência, de sua autossemiotização em um sistema a sua imagem constituído nos moldes da língua, ou melhor, da língua-fala, a *escrita*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda pesquisa que inicia precisa necessariamente terminar e é chegada a hora de colocar um “ponto final” no texto. No entanto, como afirma Gallo (1994), o ponto final apenas produz o efeito-fecho, sem o qual não é possível produzir a ilusão, necessária para o sujeito-autor, de fechamento, que funciona como um “efeito de conclusão”. No entanto, para que este efeito-fecho se produza, é preciso esboçar algumas considerações sobre este texto, algumas palavras ditas “finais”.

Com o objetivo de retomar, juntamente com o leitor, o percurso percorrido até aqui e de pontuar os aprendizados até então construídos, inicio estas considerações “finais”. Como pesquisador, dentre as (re)leituras por meio das quais o pensamento de Émile Benveniste se redimensionou para mim nos últimos anos, as *Últimas aulas* foram as que mais desacomodaram. Retomando a reflexão sobre a atualidade da obra de Benveniste, pontuada por Flores (2013a), no último capítulo de sua *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste* (2013a), no qual faz um chamado aos linguistas: “É tempo de reler Benveniste” (2013, p. 191), visto que, segundo o autor, “muito há para ser entendido [...] a partir do que os manuscritos trazem se tomados em relação com o que se conhece dos *Problemas...*” (FLORES, 2013a, p. 192, grifo do autor). Foi justamente o que procurei empreender neste trabalho ao articular a discussão sobre semiologia e escrita presente nas *Últimas aulas*, com alguns textos selecionados dos *PLGs*, principalmente o artigo “Semiologia da língua”, no qual o linguista aprofunda a discussão sobre a dupla significância da língua que culmina no conceito-chave de sua semiologia, a noção de interpretância, que é condição para tratar das diferentes relações de interpretância que a língua estabelece com os outros sistemas semiológicos, inclusive com si mesma. O interesse deste estudo repousou na relação de interpretância da língua com ela mesma para a constituição do sistema à imagem da língua, a escrita. Minha inquietação residia efetivamente em compreender sua concepção de escrita, que explicasse o que significa tomá-la como autossemiotização da língua. Para mim, os termos não eram óbvios e, mesmo se fossem, era preciso, seguindo a lição de Benveniste, pedir à evidência que se justificasse.

Desse modo, a partir da reflexão semiológica apresentada pelo linguista em relação à relação entre língua e escrita, passei a me interrogar sobre como, afinal, se configura e se desdobra a noção de escrita nas *Últimas aulas* que avance em relação ao que costumeiramente se afirma em relação à escrita nessa obra, qual seja, o fato de ela não se equiparar à noção de enunciação escrita, servindo ao propósito de uma reflexão semiológica de Benveniste. Ademais, os estudos apresentam a formulação presente nas *Últimas aulas* da escrita como

autossemiotização da língua, mas não refletem as implicações dessa formulação para a constituição de uma *noção de escrita* em que a língua com suas propriedades ligadas à dupla significância se apresenta como determinante.

Nesse sentido, considerando o objeto de pesquisa – *a escrita em sua relação com a reflexão sobre a semiologia da língua de Benveniste* –, o objetivo geral deste trabalho consistiu em **verificar como a questão da escrita se configura e se desdobra na reflexão semiológica de Émile Benveniste a partir da relação de interpretância da língua com ela mesma**. De modo a alcançar meu objetivo e responder às questões de pesquisa, o trabalho foi desenvolvido em três capítulos.

No primeiro capítulo, busquei verificar como a publicação das *Últimas aulas* teve efeito em outras publicações, considerando o tema da escrita e, principalmente, a relação semiológica da língua com ela mesma para a criação da *escrita*. No mapeamento dos estudos, senti falta da reflexão sobre língua e escrita, com a consideração da *autointerpretância*. Diante disso, pontuei a importância de minha proposta e constituí o capítulo 2, centrado essencialmente na busca das propriedades de língua, conforme concepção de Benveniste, para tratar de sua capacidade de *interpretância*.

O questionamento *o que é que tem a língua que lhe confere esse estatuto de sistema interpretante de si mesma* esteve sempre no horizonte de pesquisa, pois era preciso compreender em profundidade a noção de língua para Benveniste para estudar a escrita. Por isso, no capítulo 2, me propus a descrever as propriedades do sistema da língua, já que esse conhecimento era pré-requisito para se inserir na discussão nas aulas, especialmente o capítulo 2, que versa sobre a relação entre língua e escrita.

O terceiro e último capítulo, intitulado “Da semiologia da língua à escrita: a autointerpretância da língua”, teve como objetivo apresentar a leitura que Benveniste fez das semiologias de Saussure e Peirce, autores com os quais Benveniste dialoga, tanto em “Semiologia da língua” quanto nas *Últimas aulas*. O linguista, conforme pontuado, parte das formulações desses dois teóricos para argumentar em prol de uma semiologia própria, que seja fundada a partir da significância da língua, desdobrada em semiótico e semântico. Em um segundo momento, tratei do diálogo que Benveniste estabelece com Saussure sobre a temática da escrita, a partir de pontos de aproximação e distanciamento entre os dois. Essa discussão orientou e organizou minha discussão no último item do capítulo, cujo objetivo foi verificar como a escrita se apresenta nas *Últimas aulas*, como essas presenças são problematizadas e como são relacionadas à língua. Com isso, busquei, na seção, apresentar qual escrita tem o estatuto teórico intimamente associado à língua, como se amarra a relação entre língua e escrita,

de um ponto de vista semiológico, e o que pode ser produzido de desdobramento a partir da reflexão sobre essa relação.

Partindo sempre de uma leitura minuciosa do artigo “Semiologia da língua” em contraponto os demais textos selecionados como corpus desta pesquisa, em especial a obra *Últimas aulas*, formulei algumas considerações, a partir um gesto interpretativo.

De meu ponto de vista, Benveniste orienta todo o seu percurso nas aulas sobre a escrita sob o seguinte questionamento central: **onde se encontra a língua nas diferentes escritas?** Dessa maneira, passa a analisar a relação entre tipos de línguas e tipos de escritas em um movimento teórico-metodológico que lhe é característico em sua reflexão sobre as problemas da linguagem: partir das línguas para pensar a língua, em seu nível fundamental. Esse mesmo movimento, assim, reaparece nas *Últimas aulas*, para, por meio da análise empírica das línguas e de suas respectivas escritas, o linguista pensar a relação entre língua e escrita, a partir de mecanismos gerais em que a escrita revela-se como o sistema à imagem da língua. É esses mecanismos gerais da escrita, em sua relação com a língua, que Benveniste busca para revelar a escrita como sistema semiótico que advém da autointerpretância, possibilitada pela interdependência língua-fala.

A noção de escrita que lhe interessa é aquela, conforme ele pontua, que toma a língua como modelo, que coloca em cena a língua, e não o referente. À luz da semiologia da língua, a escrita constitui-se a partir do retorno sobre a língua, considerando suas próprias unidades e mecanismos de organização e funcionamento. Esse retorno sobre a língua, conforme defendi no último item do capítulo 3, é possibilitado pela interdependência língua-fala – sistema primário de realização da língua. Assim, nesse voltar-se sobre si mesma, que envolve a autointerpretância e a autossemiotização da língua, esta torna-se *escrita*, forma secundária da fala. Por isso, estão implicadas a propriedade metalinguística e a escrita: nessa relação da língua com ela mesma, possibilitada pela interdependência língua-fala, encontra-se a propriedade metalinguística em que a língua *reproduz* unidades significantes a partir de sua dupla significância. As unidades e mecanismos da língua, na sua dupla significância (semiótico e semântico), reaparecem em outro modo de a língua se apresentar – a *escrita*. É por essa razão que se afirma que a escrita revela-se como a imagem da língua.

Assim, a fala constitui o modo primário que realiza a língua através do aspecto vocal e, por realizá-la, possibilita à língua voltar-se sobre si mesma, semiotizando-se – a autossemiotização – processo esse que produz a escrita. Sustentei, portanto, a ideia de que a interdependência língua-fala figura como *condição* para a constituição da escrita, em Benveniste. Eis, desse modo, minha interpretação para o uso dos adjetivos “primário” e

“secundário” para Benveniste remeter, respectivamente, à fala e à escrita. O retorno à língua (pela propriedade metalinguística) para a constituição da escrita envolve a fala, como realização que possibilita a apreensão de unidades e a verificação de sua organização. A relação da língua com ela mesma promove uma discretização das unidades-signos presentes na fala que possibilita à língua, na sua dupla significância, se *representar* (apresentar novamente) de outro modo, como *escrita*.

Por outro lado, defendi que as propriedades da língua, estudadas exhaustivamente no capítulo 2, se deslocam para o sistema da escrita, que, não sendo distinto da língua, é constituída por ela, revelando-a em sua organização e funcionamento. Atesta-se, assim, que a escrita, produzida a partir da propriedade metalinguística da língua, pode ser pensada como um sistema semiótico à imagem da língua e, justamente por isso, contém unidades, que são reconhecidas e partilhadas e, ao mesmo tempo, que elas podem se combinar de modo a produzir referência a uma situação dada, ou seja, constituir discurso. Se na língua há a dupla significância, a escrita, como um outro modo de a língua se apresentar, comporta todas as propriedades linguísticas ligadas à dupla significância.

Por essa razão, é possível afirmar que a escrita, vista à luz da semiologia da língua, supõe sua realização, a qual ocorre pela enunciação escrita. Eis o *desdobramento* da reflexão semiológica sobre escrita em Benveniste. A fala, modo primário de realizar a língua e, portanto, comportando a dupla significância, propicia que a língua se autossemitize, isto é, que as unidades da língua-fala seja *realocadas*, dada a propriedade metalinguística, para outro modo de funcionamento linguístico. Nesse sentido, a escrita constitui esse modo secundário e, por isso, apresenta a língua como sistema de signos e como emprego. A *enunciação escrita*, desse modo, embora não constitua tema central da teorização benvenistiana nas *Últimas aulas*, aparece como desdobramento da reflexão do linguista sobre a escrita à luz da semiologia da língua; O ato enunciativo de escrever está previsto no modo como compreendo a teorização de Benveniste sobre a escrita, produzida a partir da relação da língua com ela mesma.

Parafraseando Freud¹¹³, embora esta tese verse sobre o tema da escrita na reflexão semiológica de Benveniste, a leitura e as questões por mim formuladas dizem mais a meu respeito e, especialmente, a respeito de minha trajetória de pesquisa em Benveniste do que do próprio autor. Trata-se, conforme pontuei, de um ponto de vista pessoal que resultou de minhas dúvidas e inquietações em relação à leituras das *Últimas aulas*.

¹¹³ “Quando Pedro fala de João, sei mais de Pedro que de João”.

Por fim, resta dizer que ainda há, certamente, muito a ser estudado e aprofundado no caminho pela qual trilhei. Outros estudos podem abordar aspectos das aulas dos quais, porventura, não me dei conta. É necessário, assim, “finalizar” a pesquisa, no entanto a inquietação e a pesquisa em relação à temática da escrita em Benveniste não se encerram aqui, nesta reflexão que, por ora, se encerra.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

AUGUSTINI, Cármen; ARAÚJO, Érica Daniela de; LEITE, João de Deus. **Émile Benveniste: uma letra que encarna a linguagem**. Entremeios: revista de estudos do discurso, v.10, jan.-jun., 2015.

BARTHES, Roland. **Aula**. Cultrix: São Paulo, 1978.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BASÍLIO, R. **Saussure: uma filosofia da linguística?** ReVEL, vol. 8, n. 14, 2010. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/c772bf37d602e359720072f413942fb2.pdf>>.

BENVENISTE, Émile. A linguagem e a experiência humana. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. 2.ed. Campinas: Pontes, 2006e.

BENVENISTE, Émile. A Natureza dos pronomes. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 5.ed. Campinas: Pontes, 2005f.

BENVENISTE, Émile. Comunicação animal e linguagem humana. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 5. Ed. Campinas: Pontes, 2005h.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 5.ed. Campinas: Pontes, 2005a.

BENVENISTE, Émile. **Dernières Leçons**. Paris: Editora Gallimard, 2012.

BENVENISTE, Émile. Essa linguagem que faz a história. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006g.

BENVENISTE, Émile. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006c.

BENVENISTE, Émile. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005b.

BENVENISTE, Émile. Estruturalismo e linguística. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. 2.ed. Campinas: Pontes, 2006f.

BENVENISTE, Émile. Forma e sentido na linguagem. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006b.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006a.

BENVENISTE, Émile. Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005g.

BENVENISTE, Émile. Os níveis da análise linguística. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005c.

BENVENISTE, Émile. Saussure após meio século. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005e.

BENVENISTE, Émile. Semiologia da língua. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006d.

BENVENISTE, Émile. Tendências recentes em linguística geral. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 5.Ed. Campinas: Pontes, 2005i.

BENVENISTE, Émile. **Últimas aulas no Collège de France**. São Paulo: ed. da UNESP, 2014.

BENVENISTE, Émile. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005d.

BÉDOURET-LARRABURU; Sandrine; LAPLANTINE, Chloé. **Avant-propos: vers une poétique générale**. In: BÉDOURET-LARRABURU, Sandrine; LAPLANTINE, Chloé. (Org.) Émile Benveniste: vers une poétique générale. Presses de l'Université de Pau et des Pays de l'Adour: 2015.

BRUNET, Émilie; MAHRER, Rudolf (Orgs.). **Relire Benveniste: réceptions actuelles des Problèmes de linguistique générale**. Bruxelles: Academia (Sciences du langage: carrefours et points de vue), 2011.

CATACH, Nina. **Para uma teoria da língua escrita**. Tradução Fulvia Moretto, Guacira Marcondes Machado. São Paulo: Ática, 1996.

COLLINS, J.; BLOT, R.K. **Literacy and literacies: text, power and identity**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003.

COQUET, Jean Claude. O poder da fenomenologia. In: COQUET, Jean Claude. **A busca do Sentido: a linguagem em questão**. Trad. Dilson Cruz. São Paulo: Martins Fontes, 2013, p. 1-28.

COQUET, Jean Claude. À propos de l'écriture dans la phénoménologie du langage: Benveniste, Merleau-Ponty et quelques autres. In: FENOGLIO, I., et al. **Autour d'Émile Benveniste: sur l'écriture**. Paris: Seuil, 2016.

DESSONS, Gérard. **Émile Benveniste, l'invention du discours**. Paris: Éditions in Press, 2006.

DESSONS, Gérard. La place du poème dans la théorie du discours. In : MARTIN, Serge (Org.). **Émile Benveniste – Pour Vivre langage**. Mont-de-Laval : L'Atelier du Grand Tétrás, 2009, p.71-81.

D'OTTAVI, Giuseppe. Pour une théorie benvenistienne de l'écriture. Petite enquête philologicohistorique. In: D'OTTAVI, Giuseppe; FENOGLIO, Irène. **Émile Benveniste. 50 ans après les *Problèmes de linguistique générale***. Paris: Ed. Rue d'Ulm, 2019.

DUFOUR. Dany-Robert. **Os mistérios da trindade**. Rio de Janeiro : Companhia de Freud, 2000.

FENOGLIO, Irène. **Les Dernières leçons d'Émile Benveniste au Collège de France. Nouveau regard sur l'écriture**. Le français aujourd'hui, n°181, Paris A. Colin, 2013, p.131-142.

FENOGLIO, Irène et al. **Autour d'Émile Benveniste – sur l'écriture**. Paris: Edition du Seuil, 2016.

FENOGLIO, Irène. '**A língua e a escrita**': distanciamento teórico entre Saussure e Benveniste. Revista do GELNE, v.19, n.Especial, 2017.

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. **Saussure : a invenção da linguística**. São Paulo : Contexto, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. **Enunciação e gramática**. São Paulo: Contexto, 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Atualidade de Benveniste no Brasil**: os aspectos antropológicos de uma teoria da enunciação. Desenredo. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v.13, n.1, p. 9-18, jan./abr. 2017a.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Saussure e Benveniste no Brasil**: quatro aulas na École Normale Supérieure. São Paulo: Parábola Editorial, 2017b.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013a.

FLORES, Valdir do Nascimento. Notas para uma (re)leitura da teoria enunciativa de Émile Benveniste. In: FLORES, Valdir; TEIXEIRA, Marlene. **O sentido na linguagem**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

FLORES, Valdir do Nascimento. **O falante como etnógrafo da própria língua**: uma antropologia da enunciação. Letras de Hoje, Porto Alegre, v.50, n.esp. , p. 90-95, dez.2015.

FLORES, Valdir do Nascimento. Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação: uma introdução (primeira parte). **Letras de hoje**, Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 126, 2001.

FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges; FINATTO, Maria José Bocorny; TEIXEIRA, Marlene. **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **As perspectivas para o estudo das formas complexas do discurso**: atualidades de Émile Benveniste. ReVEL, edição especial, n. 7, 2013b. 32.

GALLO, S. **Texto: como apre(e)nder esta matéria?** 1994. 214f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 1994.

HAINZENREDER, Larissa Schmitz. **O fenômeno tradutório à luz da distinção semiótico/semântico na relação entre línguas:** proposta de uma semiologia da tradução. 2016. 121f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2016.

JUCHEM, Aline. **Por um saber sobre a escrita na interdependência entre atos enunciativos na Universidade: a (re)escrita em voz alta.** 207f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2017.

KLAFKE, Sandra. **Da (re)criação enunciativa da experiência humana: a fotografia como testemunho.** 2016. 155f. Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2016.

KNACK, Carolina. **Os efeitos das reflexões de Ferdinand de Saussure nos estudos da linguagem:** uma entrevista com Valdir do Nascimento Flores e Carmem Luci da Costa Silva. Revista Entrelinhas, vol.10, n.2 (jul./dez. 2016).

LAPLANTINE, CHLOÉ. **Faire entendre Benveniste.** Acta Fabula (Dossier critique – Ce qui a fait signe & ce qui fait sens), Paris, v.14, n.7, p.1-10, 2013.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As Estruturas elementares do parentesco.** Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1982.

MALAMOUD, Charles. L'anthropologie d'Émile Benveniste. Remarques d'un indianiste. In: FENOGLIO, I., et al. **Autour d'Émile Benveniste:** sur l'écriture. Paris: Seuil, 2016.

MARINHO, M. **A escrita nas práticas de letramento acadêmico.** Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v.10, n.2, p. 363-386, 2010.

ROSARIO, Heloisa. **A questão da significância da língua em Benveniste:** o modo semiótico e o modo semântico. ReVEL, [s.1], edição especial n.11, p.50-68, 2016.

ROSARIO, Heloisa. **Um périplo benvenistiano:** o semiólogo e a semiologia da língua. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2018.

NORMAND, Claudine. **Convite à Linguística.** Organização de Valdir Flores e Leci Barbisan. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck et al. São Paulo: Contexto, 2009.
ONO, Aya. **La notion d'énonciation chez Émile Benveniste.** Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2007.

PAVEAU, M.-A; SARFATI, G-E. **As Grandes Teorias da Linguística:** da Gramática Comparada à Pragmática. São Carlos: Claraluz, 2006.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica.** 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

PUECH, Christian. **Benveniste et la representation de la discipline linguistique**. Linx, 1997, n° 9, Paris, université Paris-Ouest, p. 387-388.

PINAULT, Georges-Jean. **Benveniste et l'invention du discours**. Fabula LHT (Dossier 1966, annus mirabilis), Paris, n.11, p.1-13, dez.2013.

RIBEIRO, Darcy. **Sobre o óbvio/Ensaio insólitos**. Porto Alegre: editora LPM, 1979.

ROCHA, Aline Wiczikowski. **Émile Benveniste em suas últimas aulas no Collège de France: a escrita em questão**. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, 2019.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos).

SANTAELLA, Lúcia. **Teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 27.ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de Linguística Geral**. BOUQUET, Simon; ENGLER, Rudolf (orgs.) e WEIL, Antoinette (Col.). Tradução Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2012. 296p.

SCHNEIDER, Vítor Jochims. **Notas sobre a acentuação lituana: uma ciência em construção**. 199f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2016.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **A conversão da língua em discurso: enunciar para significar**. Antares, v.8, n.15, jan./jun., 2016.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **A criança na linguagem: enunciação e aquisição**. Campinas: Pontes Editores, 2009.

SILVA, Carmem Luci da Costa; CREMONESE, Lia Emília; BARROS, Simone de Lima. **Enunciação e trabalho: a integração do homem à sua cultura profissional**. Letras de Hoje, v.49, n.3, p. 345-355, 2014.

SILVA, Carmem Luci da Costa; KNACK, Carolina; JUCHEM, Aline. **A linguagem e a experiência humana em sala de aula**. Letras & Letras, v.29, p. 1-18, 2013. (UFU. Impresso).

SILVA, Carmem Luci da Costa. **A questão da unidade na forma e no sentido: implicações para os estudos textuais e gramaticais**. Revista Desenredo. Programa de Pós-Graduação em Letras, v.14, n.3, 2018, p.380-393.

SILVA, Silvana. **O homem na língua: uma visão antropológica da enunciação para o ensino de escrita**. 2013. 222f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2013.

- SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos.** São Paulo: Contexto, 2016.
- STAWINSKI, A; MILANO, L. **Sobre objeto e método:** do CLG ao manuscrito Phonétique. Gragoatá, Niterói, v.22, n.44, p.1172-118, set./dez., 2017.
- STROMQUIST, N. P. **Convergência e divergência na conexão entre gênero e letramento:** Novos avanços, **Educação e Pesquisa**, vol.27. São Paulo, jul./dez, 2001, pp. 301-319.
- TEIXEIRA, Marlene. **Benveniste: um talvez terceiro gesto?** Letras de Hoje, v.39, n.4, dezembro, 2004.
- TEIXEIRA, Marlene. **O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem.** Desenredo. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v.8, n.1, jan./jun. 2012, p. 71-83.
- TEIXEIRA, M; MESSA, R.M. **Émile Benveniste: uma semântica do homem que fala.** In: *Estudos da (Língua)gem.* Vitória da Conquista, v.13, n.1, jun./dez., 2015.
- TOLDO, Cláudia. **O aparelho formal da enunciação: que aparelho é este?** Desenredo. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v.14, n.3, 2018, p.424-434.